





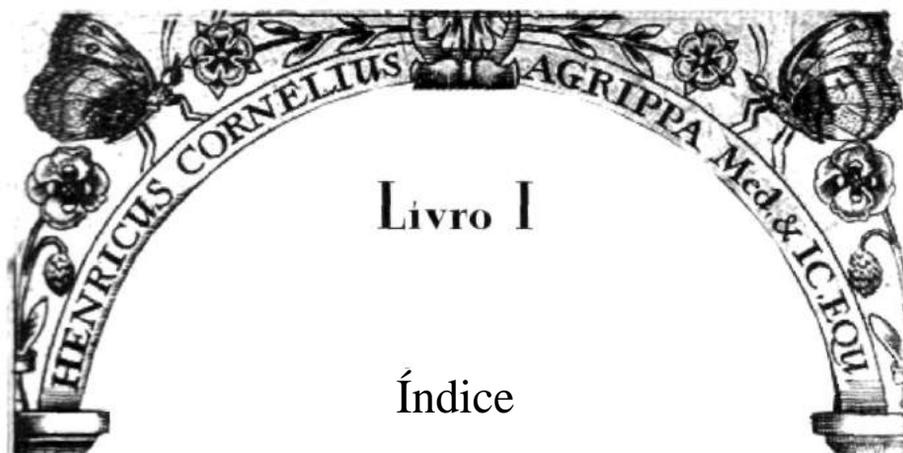
**Três Livros de
Filosofia Oculta
ou de Magia**





*Escrito por aquele famoso homem,
Henrique Cornélio Agrippa, Cavaleiro
e Doutor em Direito, Conselheiro
da Sagrada Majestade de César e Juiz
da Corte Primeira*

LIVRO I



Capítulo I

Como os magos coletam virtudes do mundo triplo, é declarado nestes três livros..... 78

Capítulo II

O que é magia, quais são suas partes e como os professores devem ser qualificados 80

Capítulo III

Dos quatro elementos, suas qualidades e misturas múltiplas 83

Capítulo IV

De uma tripla consideração dos elementos..... 85

Capítulo V

Da maravilhosa natureza do Fogo e da Terra 88

Capítulo VI

Da maravilhosa natureza da Água, do Ar e dos ventos 91

Capítulo VII

Dos tipos de compostos, sua relação com os elementos, e a relação entre os elementos em si e a alma, os sentidos e as disposições dos homens 99

Capítulo VIII

Como os elementos se encontram nos céus, nas estrelas, nos demônios, nos anjos e, por fim, no próprio Deus 103

Capítulo IX

Das virtudes das coisas naturais, dependendo imediatamente dos elementos 106

Capítulo X

Das virtudes ocultas das coisas 109

Capítulo XI

Como as virtudes ocultas são infundidas nas várias espécies de coisas pelas ideias, com a ajuda da Alma do Mundo e dos raios das estrelas; e em quais coisas essa virtude prolifera mais..... 112

Capítulo XII

Como as virtudes específicas são infundidas em indivíduos específicos, mesmo da mesma espécie 114

Capítulo XIII

De onde procedem as virtudes ocultas das coisas 116

Capítulo XIV

Do Espírito do Mundo, o que é, como é e por qual meio ele une as virtudes ocultas aos seus sujeitos..... 123

Capítulo XV

Como devemos descobrir e examinar as virtudes das coisas por meio da semelhança 126

Capítulo XVI

Como as operações de várias virtudes passam de uma coisa para outra e são comunicadas uma à outra..... 130

Capítulo XVII

Como por inimizade e amizade as virtudes das coisas devem ser tentadas e descobertas 132

Capítulo XVIII

Das inclinações das inimizades..... 139

Capítulo XIX

Como as virtudes das coisas devem ser tentadas e descobertas, que existem nelas de maneira específica ou, em qualquer indivíduo, por meio de um dom especial..... 146

Capítulo XX

As virtudes naturais existem em algumas coisas durante toda a sua substância, e em outras em certas partes e membros 148

Capítulo XXI

Das virtudes das coisas que só existem nelas em seu tempo de vida, e de outras que permanecem depois da morte 153

Capítulo XXII

Como as coisas inferiores se sujeitam a corpos superiores e como os corpos, as ações e as disposições dos homens são atribuídos aos astros e signos 156

Capítulo XXIII

Como saberemos quais astros regem as coisas naturais e quais coisas são regidas pelo Sol, que são chamadas solares 160

Capítulo XXIV

Quais coisas são lunares ou regidas pela Lua 166

Capítulo XXV

Quais coisas são saturninas ou regidas por Saturno..... 169

Capítulo XXVI

Quais coisas são regidas por Júpiter, sendo chamadas jovianas 172

Capítulo XXVII

Quais coisas são regidas por Marte, sendo chamadas marciais 175

Capítulo XXVIII

Quais coisas são regidas por Vênus, sendo chamadas venéreas 177

Capítulo XXVIII

Quais coisas são regidas por Mercúrio, sendo chamadas mercuriais 180

Capítulo XXX

Como todo o mundo sublunar e aquelas coisas que se encontram nele são distribuídos aos planetas 182

Capítulo XXXI

Como as províncias e os reinos são distribuídos aos planetas 184

Capítulo XXXII

Quais coisas são regidas pelos signos, pelas estrelas fixas e suas imagens 186

Capítulo XXXIII

Dos selos e do carácter das coisas naturais 191

Capítulo XXXIV

Como, pelas coisas naturais e suas virtudes, nós podemos invocar e atrair influências e virtudes dos corpos celestes 195

Capítulo XXXV

Das misturas das coisas naturais entre si e seu benefício 197

Capítulo XXXVI

Da união das coisas misturadas e a introdução de uma forma mais nobre e os sentidos da vida 199

Capítulo XXXVII

Como por certas preparações naturais e artificiais, nós podemos atrair dons celestiais e vitais 202

Capítulo XXXVIII

Como, podemos atrair não só dons celestiais e vitais, mas também certos dons intelectuais e divinos do alto 204

Capítulo XXXIX

Que podemos, por meio de certas matérias do mundo, agitar os deuses do mundo e seus espíritos ministrantes 207

Capítulo XL

De amarrações, de que tipo são elas e como são feitas 212

Capítulo XLI

De feitiçarias e seu poder 214

Capítulo XLII

Das maravilhosas virtudes de algumas espécies de feitiçarias 217

Capítulo XLIII

De perfumes, ou sufumigações, seu modo de agir e seu poder 224

Capítulo XLIV

A composição de algumas fumigações apropriadas aos planetas 228

Capítulo XLV

De colírios, unções, remédios de amor e suas virtudes 231

Capítulo XLVI

De alijamentos naturais e suspensões 235

Capítulo XLVII

De anéis e suas composições 237

Capítulo XLVIII

Da virtude dos lugares, e que lugares são apropriados a cada estrela 240

Capítulo XLIX

De luz, cores, velas e lâmpadas, e a quais estrelas, casas e elementos
várias cores são atribuídas243

Capítulo L

Da fascinação e sua arte247

Capítulo LI

De certas observações, produzindo virtudes maravilhosas.....249

Capítulo LII

Da expressão, e gesto, e hábito, e figura do corpo, e a quais estrelas
cada um responde; onde se originam a fisionomia, a metoposcopia
e a quiromancia254

Capítulo LIII

Da adivinhação e suas espécies258

Capítulo LIV

De diversos animais e outras coisas que têm um significado
em *augurias*262

Capítulo LV

Como *auspícios* são verificados à luz do instinto natural, e algumas regras
para descobri-los272

Capítulo LVI

Das previsões por raios e relâmpagos, e como as coisas monstruosas e
prodigiosas devem ser interpretadas279

Capítulo LVII

De Geomancia, Hidromancia, Aeromancia, Piromancia, quatro
adivinhações de elementos.....282

Capítulo LVIII

De como reviver os mortos, do sono e da falta de víveres por
muitos anos285

Capítulo LIX

Da adivinhação dos sonhos291

Capítulo LX

Da loucura, e de adivinhação feita quando os homens estão acordados, e
do poder de um humor melancólico, por meio do qual os espíritos
às vezes são induzidos ao corpo do homem.....293

Capítulo LXI

Da formação do homem, dos sentidos externos, e também dos internos e
da mente; do apetite triplo da alma e paixões da vontade300

Capítulo LXII

Das paixões da mente, seus originais, sua diferença e suas espécies304

Capítulo LXIII

Como as paixões da mente mudam o corpo em si, mudando os acidentes e
movendo o espírito.....306

Capítulo LXIV

Como as paixões da mente mudam o corpo por meio de imitação de alguma semelhança; também da transformação e translação do homem, e que força o poder imaginativo tem não só sobre o corpo, mas também sobre a alma 309

Capítulo LXV

Como as paixões da mente podem influir por si sós o corpo de outra pessoa..... 313

Capítulo LXVI

Que as paixões da mente são auxiliadas por uma estação celestial, e como a constância da mente é necessária em toda obra..... 315

Capítulo LXXVII

Como a mente do homem pode se juntar à mente e à inteligência dos celestiais e com eles imbuir certas virtudes maravilhosas em coisas inferiores..... 317

Capítulo LXXVIII

Como nossa mente pode mudar e amarrar coisas inferiores ao que ela deseja..... 320

Capítulo LXIX

Da fala e da virtude das palavras 322

Capítulo LXX

Da virtude dos nomes próprios 324

Capítulo LXXI

De muitas palavras ajuntadas, como em orações e versos, e das virtudes e usos dos encantamentos..... 327

Capítulo LXXII

Do fantástico poder dos encantamentos 330

Capítulo LXXIII

Da virtude de escrever e de fazer imprecações e inscrições 334

Capítulo LXXIV

Da proporção, correspondência, redução de letras aos signos celestiais e planetas, de acordo com várias línguas, com uma tabela ilustrativa..... 336



Como os magos coletam virtudes do mundo triplo, é declarado nestes três livros



endo que existe um mundo triplo,¹ elementar, celestial e intelectual, e que todo inferior é governado por seu superior e recebe a influência das virtudes dele, de modo que o original e principal Trabalhador de todos, por meio de anjos, dos céus, das estrelas, elementos, animais, plantas, metais e pedras, transmite de si as virtudes de sua onipotência sobre nós, para cujo serviço ele fez, criou todas essas coisas, os sábios não consideram de modo algum irracional que nos seria possível ascender pelos mesmos graus, através de cada mundo, até o mesmo velho mundo original, o Criador de todas as coisas e Primeira Causa, de onde todas coisas são e procedem; e também não apenas desfrutar essas virtudes, que já se encontram entre a mais excelente espécie de coisas, mas ainda atrair novas virtudes do alto.

Por isso, buscam as virtudes do mundo elementar, com a ajuda da Física e da Filosofia natural nas várias

misturas de coisas naturais, em seguida do mundo celestial nos raios e suas influências, de acordo com as regras dos astrólogos e as doutrinas dos matemáticos, adicionando as virtudes celestiais às anteriores; além disso, eles ratificam e confirmam todas elas com os poderes de diversas inteligências, por meio de cerimônias sagradas de religião.

A ordem e o processo de tudo isso, eu me esforçarei para expressar nestes livros. O primeiro contém magia natural; o segundo, celestial; e o terceiro, cerimonial. Mas não sei se seria uma presunção imperdoável em mim, homem de tão pouco julgamento e conhecimento, em minha juventude, dedicar-me a um empreendimento tão difícil, tão duro e intrincado quanto esse. Portanto, quaisquer coisas já ditas ou que venham a ser ditas aqui por mim, não desejo que sejam aprovadas por quem quer que seja, exceto pela Igreja universal, a congregação dos fiéis.²

Notas - Capítulo I

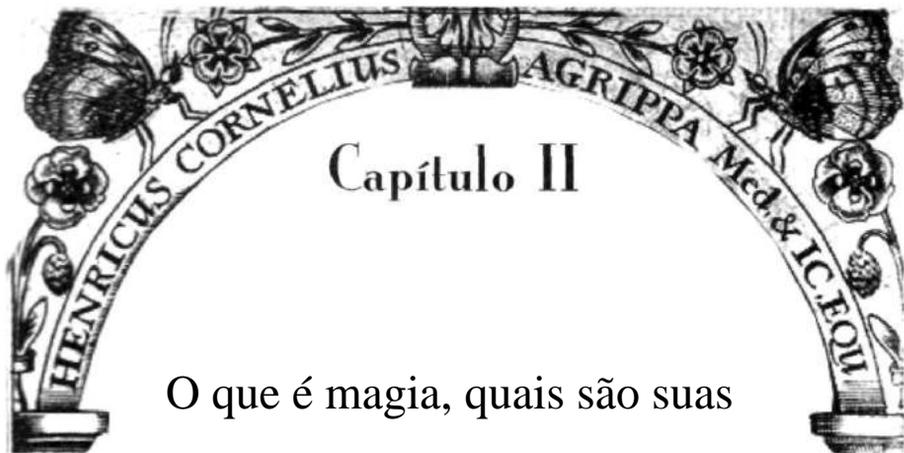
1. Agrippa divide o Universo nas regiões terrestre, astrológica e espiritual, cada uma dando origem ao seu tipo próprio de magia. Essa divisão reflete a divisão trina de Platão;

Eles [os espíritos] são os enviados e intérpretes que tramitam entre céu e terra, voando para o alto com nossa adoração e nossas orações, descendo com as respostas e mandamentos; e como se encontram entre os dois estados, fundem os dois lados e os mesclam em um grande todo. Eles formam o meio das artes proféticas, dos ritos sacerdotais de sacrifício, iniciação e encantação, ou adivinhação e feitiçaria, pois o divino não se mistura diretamente com o humano, e é só pela mediação do mundo espiritual que o homem pode ter alguma interação, em vigília ou sono, com os deuses. E do homem versado nessas questões se diz que tem poder espiritual, ao contrário dos poderes mecânicos do homem que é especialista nas artes mais mundanas [*Symposium*, trad. para o inglês de M. Joyce. Em *Collected Dialogues*, ed. Edith Hamilton and Huntington [Princeton University Press, 1973], 555].

Hermes Trismegisto divide a região mais alta e separa os espíritos em deuses e almas, chegando assim a um Universo de quatro partes;

Há no Universo quatro regiões sujeitas a uma lei que não pode ser transgredida e a um governo monárquico; a saber, o céu, o éter, o ar e a terra. Acima, meu filho, no céu, vivem os deuses, sobre os quais - assim como sobre tudo - rege o Criador do Universo; no éter vivem as estrelas, sobre as quais rege a grande luminária, o Sol; no ar vivem as almas, sobre as quais rege a Lua; e na terra vivem os homens, sobre os quais rege aquele que é rei por ora; pois os deuses, meu filho, fazem nascer no momento certo um homem que seja digno de governar a terra (“Aphrodite”, excerto 24. Em *Hermetica*, traduzido para o inglês por W. Scott [Boston: Shambhala, 1985, 1:495, 497].

2. Agrippa sabia que estava cruzando uma linha muito tênue entre Filosofia e bruxaria, segundo as opiniões da época, sujeita aos caprichos da Igreja. Ver a advertência, nesse sentido, no fim da carta de Trithemius a Agrippa, p. Ivii.



O que é magia, quais são suas partes e como os professores devem ser qualificados



Magia é uma faculdade de maravilhosa virtude, cheia dos mais nobres mistérios, contendo a mais profunda contemplação das coisas mais secretas junto à natureza, ao poder, à qualidade, à substância e às virtudes delas, bem como o conhecimento de toda a natureza, e ela nos instrui acerca da diferença e da concordância das coisas entre si, produzindo assim maravilhosos efeitos, unindo as virtudes das coisas pela da aplicação delas uma em relação a outra, unindo-as e tecendo-as bem próximas por meio dos poderes e das virtudes dos corpos superiores.

Essa é a mais perfeita e principal ciência, a mais sagrada e sublime espécie de filosofia e, por fim, a mais absoluta perfeição de toda a excelentíssima Filosofia. Pois, vendo que a filosofia reguladora é dividida em natural, matemática e teológica — a filosofia natural, aliás, ensina a natureza das coisas que estão no mundo, explorando e investigando suas cau-

sas, efeitos, tempos, lugares, maneiras, eventos, o todo e as partes, e também:

O número e a natureza dessas coisas, Chamadas elementos, o que o Fogo, a Terra, o Ar geram:

De onde se originaram os Armamentos;

De onde vem a maré, de onde vem o arco-íris vestido de cores alegres.

O que faz as nuvens reunidas ficarem negras,

Para enviar relâmpagos e produzir trovões;

O que gera as chamas da noite e cria os cometas;

O que faz a Terra tão firme, e de repente tão trêmula;

Qual é a semente dos metais e do ouro

Que virtudes, riqueza, se guardam no cofre da natureza.¹

De todas essas coisas trata a filosofia natural, ensinando-nos, segundo a musa de *Virgílio*:

... de onde emanam todas as coisas,
 A humanidade, os animais, o fogo, a
 chuva e a neve.
 De onde emanam os terremotos, por
 todo o oceano se agita.
 Sobre suas ribeiras, para de novo
 retroceder:
 De onde vem a força das ervas, a
 coragem, a ira dos brutos,
 De onde vêm todos os tipos de
 pedras, coisas rastejantes e
 frutas.²

Mas a filosofia matemática nos
 ensina a conhecer a quantidade dos
 corpos naturais, que se estendem em três
 dimensões, bem como a conceber o
 movimento e o curso dos corpos
 celestiais:

... como em grande pressa.
 O que faz as estrelas douradas
 marcharem tão rápido; O que faz
 a Lua às vezes esconder
 o rosto, Também o Sol, como que
 por alguma desgraça.³

E como entoa *Virgílio*:

Como o Sol rege com doze signos do
 zodíaco,
 O orbe, cuja circunferência é medida
 com linhas,
 Faz o céu estrelado se tornar
 conhecido,
 E estranhos eclipses do Sol, e a Lua,
 Arturo também, e as Estrelas de
 Chuva,
 As Sete Estrelas igualmente,
 Por que o Sol de inverno se volta
 para o oeste tão rápido;
 O que torna as noites tão longas antes
 de acabarem?⁴

Tudo o que é compreendido pela
 filosofia matemática.

E assim, contemplando os céus,
 podemos prever
 todas as estações; o tempo de colher
 e o tempo de semear,
 e o momento de às profundezas se
 lançar;
 e na guerra proceder, e de, na paz,
 adormecer;
 e o momento de, às árvores, fazer
 ruir;
 para depois, de novo, plantar e de
 seus bens fruir.⁵

Ora, a filosofia teológica, ou
 divindade, ensina o que é Deus, o que é a
 mente, uma inteligência, um anjo, um
 demônio, a alma, a religião, o que são as
 sagradas instituições, os ritos, templos,
 observações e santos mistérios: ela nos
 instrui também acerca da fé, dos
 milagres, das virtudes das palavras e
 números, as operações secretas e os
 mistérios dos selos, e ,como dizia
Apuleio, ensina-nos a compreender
 devidamente e nos habilitarmos nas leis
 cerimoniais, na equidade das coisas
 sagradas e nas regras das religiões. Mas
 deixe-me voltar a essas três principais
 faculdades que a Magia abrange, une e
 opera. Não à toa, portanto, que os
 antigos a estimavam como a mais
 sagrada e nobre filosofia.

Como podemos verificar, ela foi
 trazida à luz pelos mais sábios autores, e
 mais famosos escritores, entre os quais
 particularmente *Zamolxis* e *Zoroastro*,
 que eram tão famosos que muitos
 acreditavam terem sido eles os
 inventores dessa ciência. Seguiram o
 caminho deles *Abbaris*, o Hiperbóreo,
Charmondas, *Damigeron*, *Eudóxio*,
Hermippus. Houve ainda outros nomes
 eminentes, homens de primeira linha,
 como *Mercúrio Trismegisto*,

Porfírio, Jamblichus, Plotino, Proclo, Dardano, Orfeu, o Trácio, Gog, o Grego, Germa, o Babilônio, Apolônio de Tiana. Ostanes também escreveu obras excelentes nessa arte, as quais se perderam e foram depois recuperadas por Demócrito de Abdera,⁶ que as apresentou com seus comentários. Pitágoras, Empédocles, Demócrito, Platão e muitos outros renomados filósofos fizeram longas viagens marítimas para aprender essa arte: e, ao retornar, divulgaram-na com magnífica devoção, considerando-a um grande segredo. Também é fato bem conhecido que Pitágoras e Platão procuraram os profetas de Mênfis⁷ para aprendê-la, e viajaram por quase toda a Síria, Egito, Judeia e escolas dos caldeus, para que não permanecessem

ignorantes dos mais sagrados memoriais e registros de Magia e também para se suprirem de coisas divinas.

Assim, quem desejar se primar nessa faculdade, se não for versado em Filosofia natural, pela qual se descobre a qualidade das coisas e na qual se encontram as propriedades ocultas de todo ser, e se não for versado em Matemática e nos aspectos e cifras das estrelas, sobre as quais depende a sublime virtude e a propriedade de tudo; e se não for versado em Teologia, na qual se manifestam as substâncias imateriais⁸ que dispensam e ministram todas as coisas, não será capaz de entender a racionalidade da Magia. Pois nenhuma obra é feita por mera magia, tampouco é meramente mágica, sem abranger essas três faculdades.

Notas - Capítulo II

1. Essa citação não é de Virgílio, mas não fui capaz de localizar a fonte.

2. A segunda e terceira linhas dessa citação são de Georgics 2, linhas 479-80. As outras, eu não consegui identificar.

3. Não são de Virgílio, mas, novamente, não consegui encontrar a fonte.

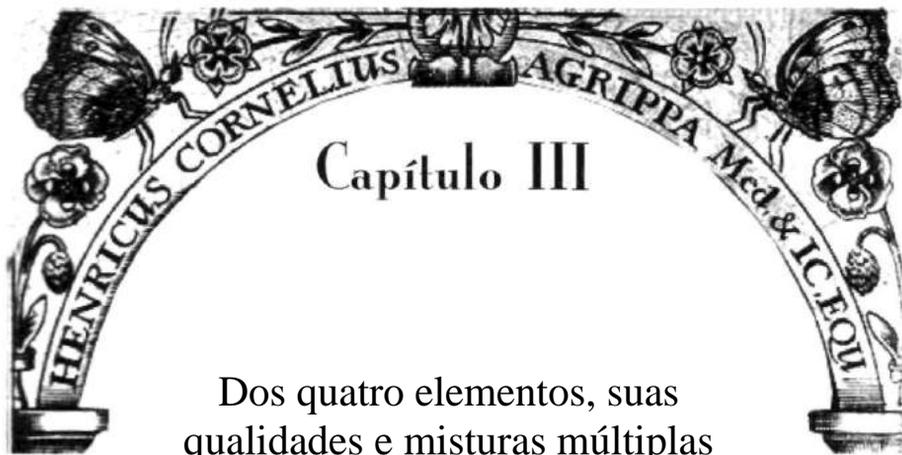
4. Uma mescla de Georgics 1, linhas 231-2, Georgics 2, linhas 477-8, e as linhas 744-6 da *Eneida*.

5. Georgics 1, linhas 252-6.

6. Isto é, pseudo-Demócrito, O alquimista. Ver nota bibliográfica de Ostanes.

7. Isso também é confirmado pelos mais doutos dentre os gregos (como Sólon, Tales, Platão, Eudócio, Pitágoras e, alguns dizem, Licurgo), que foram ao Egito e conversaram com os sacerdotes; dos quais dizem que Eudócio foi ouvinte de Chonuphus de Mênfis, Sólon de Sonchis de Sais e Pitágoras de Oenuphis de Heliópolis. O último (como é provável), que era admirado com fervor pelos homens, e eles por ele, imitava o modo simbólico e misterioso dos egípcios, obscurecendo seus sentimentos com intrincados enigmas. (*Plutarco, Isis and Osiris 10*, traduzido para o inglês por William Baxter. Em *Plutarch's Essays and Miscellanies*, ed. William W. Goodwin [London: Simpkin, Marshall, Hamilton, Kent and Co., 1874-8], 4:72).

8. Especificamente, os espíritos do ar mencionados por Hermes, Agostinho, Platão e outros.



Dos quatro elementos, suas qualidades e misturas múltiplas

Existem quatro elementos¹ e bases originais de todas as coisas corpóreas — fogo, terra, água, ar — dos quais todos os corpos inferiores são compostos; não por meio de um acúmulo de todos eles, mas pela transmutação e união. E quando são destruídos, decompõem-se nos elementos; pois nenhum dos elementos sensíveis é puro, mas todos são mais ou menos mistos e passíveis de se transformar uns nos outros. A terra, por exemplo, fica mole, dissolve-se e vira água, para depois endurecer e espessar, tornando-se terra novamente; se, no entanto, como água, ela evaporar por ação do calor, passa para o ar, que, sendo alimentado, passa para o fogo. Este, ao se extinguir, retorna mais uma vez ao ar, mas, esfriando após o retorno, torna-se terra, ou pedra, ou enxofre, e isso se manifesta pelo relâmpago.²

Platão também tinha essa opinião de que a Terra era totalmente mutável e que o resto dos elementos são transformados uns nos outros, sucessivamente.³

Parece que Agrippa não leu Platão com a devida atenção:

Mas na opinião dos mais sutis filósofos, a Terra não é mudada, mas abrandada e misturada com outros elementos que não a dissolvem, e retorna ao que era.

Ora, cada um dos elementos tem duas qualidades especiais, a primeira sendo a de reter a própria identidade; a segunda, como um meio, de aceitar o que vem depois de si. Pois o fogo é quente e seco, a terra seca e fria, a água fria e úmida, o ar úmido e quente. E assim, nesse sentido, os elementos, de acordo com duas qualidades contrárias, são contrários um ao outro, como fogo e água, terra e ar. Além disso, os elementos são contrários em outro sentido, pois alguns são pesados, como terra e água, e outros são leves, como ar e fogo. Os estoicos chamavam os primeiros de passivos e os últimos, de ativos.

Entretanto, *Platão* faz mais uma distinção⁴ e atribui a cada um três qualidades — ao fogo: brilho, finura e movimento; à terra: escuridão, espessura e quietude. E de acordo com essas qualidades, os elementos fogo e

terra são contrários. Mas os outros elementos tomam emprestadas as qualidades destas, de modo que o ar recebe duas qualidades do fogo — finura e movimento — e uma da terra, escuridão. Da mesma maneira, a água recebe duas qualidades da terra — escuridão e espessura — e uma do fogo — movimento. Mas o fogo é duas vezes mais fino que o ar, três vezes mais móvel que a água. A água, por sua vez, é duas vezes mais brilhante que a terra, três vezes mais espessa e quatro

vezes mais móvel. Assim como o fogo está para a água e a água para a terra, novamente a terra está para a água, a água para o ar e o ar para a terra.

E essa é a raiz e a fundação de todos os corpos, naturezas, virtudes e obras maravilhosas; e aquele que souber essas qualidades dos elementos e suas misturas terá facilidade para fazer coisas maravilhosas e surpreendentes, perfeitas na Magia.

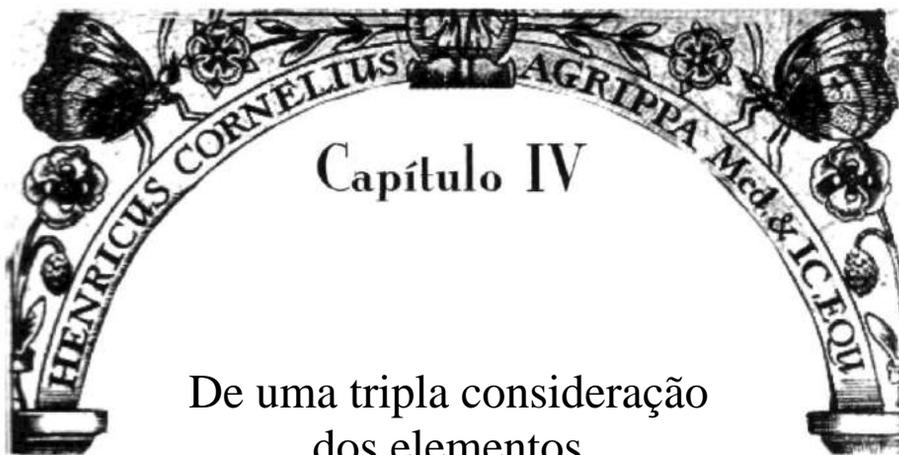
Notas - Capítulo

1. Ver apêndice III.

2. “O relâmpago e o trovão são acompanhados de um forte cheiro de enxofre, e a luz por eles produzida é de uma aparência sulfúrea” (Plínio, *Natural History* 35:50, traduzido para o inglês por John Bostock e H.T. Riley [London: Henry G. Bohn, 1857], 6:293).

3. Em primeiro lugar, vemos o que chamamos apenas de água por condensação, eu suponho, torna-se pedra e terra, e esse mesmo elemento, quando derretido e disperso, vira vapor e passa para o ar. O ar, por sua vez, quando inflamado, torna-se fogo, e este, quando condensado e extinto, produz nuvem e névoa - e destas, quando ainda mais comprimidas, flui a água e da água vêm terra e pedras mais uma vez - e assim as gerações parecem ser transmitidas de uma para outra, em um ciclo. (*Timaeus* 49c, traduzido para o inglês por B. Jowett [Hamilton and Cairns]) Mas Platão diz, ainda: Agora é o momento de explicar o que antes foi dito de maneira obscura. Houve um erro ao se imaginar que todos os quatro elementos podiam ser gerados pelos outros e uns nos outros. Digo que essa foi uma suposição errônea, pois são gerados a partir dos triângulos de que selecionamos quatro espécies - três [fogo, ar e água] do que tem os lados desiguais, e só o quarto [terra] se estrutura a partir do triângulo isósceles. Assim, não pode se resolver uns nos outros, um grande número de corpos menores sendo combinados em alguns maiores, ou o inverso. Mas três dos elementos podem ser assim resolvidos e compostos, pois têm a mesma origem (*Ibid.* 54c). E, mais adiante, ele é mais específico: A terra, ao se encontrar com o fogo e ser dissolvida por sua agudez, quer a dissolução ocorra no fogo em si, quer talvez em alguma massa de ar ou de água, é transportada de um lado para outro até que suas partes, encontrando-se e entrando em harmonia novamente se tornem terra, pois nunca podem assumir nenhuma outra forma (*Ibid.* 56d).

4. Ver apêndice III.



De uma tripla consideração dos elementos



á, então, como dissemos, quatro elementos, sem o conhecimento dos quais nada podemos realizar na Magia. Ora, cada um deles tem uma tripla natureza,¹ de modo que o número de quatro pode compor o número de doze; e passando o número de sete para dez, pode ocorrer um progresso à suprema Unidade, da qual toda virtude e operação maravilhosa dependem.²

Da primeira ordem³ são os elementos puros, que não são compostos nem mudados, tampouco admitem mistura, mas são incorruptíveis, e por meio dos quais as virtudes de todas as coisas naturais são postas em efeito. Nenhum homem é capaz de declarar as virtudes desses elementos, porque eles podem fazer de tudo, sobre tudo. Aquele que ignorar isso nunca conseguirá concretizar nenhuma matéria maravilhosa.

Da segunda ordem⁴ são elementos compostos, mutáveis e impuros, mas que podem por meio da Arte ser reduzidos à sua simplicidade pura, cuja virtude, quando se encontram assim reduzidos, está, acima de todas as

coisas perfeitas, em todas as operações ocultas e comuns da natureza: e essas são as bases de toda a magia natural.

Da terceira ordem⁵ são aqueles elementos que por si sós não são elementos, e sim duas vezes compostos, variados e mutáveis uns em outros. Eles são o meio infalível, por isso chamado de natureza do meio ou alma da natureza do meio: poucos são os indivíduos que entendem os profundos mistérios desses elementos. Neles, por meio de certos números, graus e ordens, existe a perfeição de todo efeito em todas as coisas, naturais, celestiais ou supercelestiais; eles estão cheios de maravilhas, mistérios, e são operativos, naturais na magia, tão divinos: pois, a partir deles, emanam as uniões, dissociações e transmutações de todas as coisas, o saber e o pré-saber das coisas futuras, bem como o afastamento do mal e a obtenção de bons espíritos.

Sem esses três elementos, ou o conhecimento deles, que nenhum homem acredite que é capaz de produzir coisa alguma nas ciências ocultas da magia e da natureza. Mas aquele que souber reduzir os elementos de

uma ordem em elementos de outra, substância, terá facilidade para alcançar impuro em puro, composto em simples, e o conhecimento e a perfeita operação de entender de modo distinto a natureza, todas as coisas naturais e dos segredos virtude e poder deles em números, graus celestiais.⁶ e ordem, sem dividir a

Notas - Capítulo IV

1. Talvez seja uma referência às qualidades cardeais, fixas e mutáveis, mostradas nos signos do zodíaco.
2. Esses números parecem se referir aos sete planetas, doze signos do zodíaco e dez Sefirot. Podem ser manipulados desta forma: $7 + 12 = 19 = 1+9=10 = 1+0 = 1$.
3. Talvez os números primos de um dígito, ou seja, 2, 3, 5 e 7.
4. Talvez os números de um dígito compostos, ou seja, 4, 6, 8 e 9.
5. Talvez números de mais de um dígito, que podem ser reduzidos a um único dígito por adição mágica ou cabalística. Por exemplo, $12 = 1+2 = 3$. Desse modo, eles são reduzíveis a um ou outro dos primeiros dois grupos, ou em unidade. É na manipulação de letras hebraicas mediante seus valores numéricos que boa parte da magia se baseia.
6. Este capítulo tem a distinção de ser o mais obscuro em todo o livro. Thomas Vaughan, que praticamente venerava Agrippa (“ouça o oráculo de magia, o grande, o solene Agrippa”), cita *verbatim* a partir da edição inglesa, ainda que com alguns erros menores, em sua obra *Anima Magica Abscondita*. Vaughan cita ainda uma passagem paralela dos escritos do abade Trithemius, que, embora longa, me sinto inclinado a reproduzir aqui por causa da obscuridade da questão:

“O primeiro princípio consiste naquela substância por meio da qual (mais importante que de quem) toda potencialidade das maravilhas naturais se desenvolve no concreto. Dissemos ‘por meio da qual’ porque o Absoluto que procede da unidade não é composto nem tem a menor vicissitude. Da Tríade e da Tétrade há uma progressão arcana para a Mônada, para a completude da Década, porque assim se dá a regressão do número para a unidade e, de modo semelhante, a descida à Tétrade e a ascensão à Mônada. Só assim pode a Díade ser completada. Com alegria e triunfo é Mônada convertida em Tríade. Ninguém que ignore esse princípio, que segue o princípio da Mônada, pode alcançar a Tríade nem se aproximar da mais sagrada Tétrade. Se conhecessem todos os livros dos sábios; se estivessem perfeitamente familiarizados com o curso das estrelas, suas virtudes, poderes, operações e propriedades; e entendessem com clareza seus tipos, sinetes, sigilos e os maiores segredos, ainda assim nenhuma maravilha tais homens poderiam realizar a partir dessas operações sem o conhecimento desse princípio que vem de um princípio e retorna a um princípio; de fato, todos, sem exceção, que descobri experimentando em magia natural nada alcançaram ou, após longas e improdutivas operações, se desviaram para buscas fúteis, frívolas e supersticiosas. Agora, o segundo princípio, que é separado do primeiro em ordem, e não em dignidade, que por sua existência cria a Tríade, é aquele que realiza maravilhas pela Díade. Simples, porém na Tríade é composto, pois, sendo purificado pelo fogo, gera água pura, e reduzido à sua simplicidade revelará ao realizador dos mistérios arcanos a completude de seus trabalhos. Aí se encontra o centro de toda magia natural, cuja circunferência unida em si mesma exhibe um círculo, uma vasta linha no infinito. Sua virtude está acima de todas as coisas purificadas, e é menos simples que todas as coisas, composto na escala da Tríade. Essa é a Tétrade, em cuja capacidade a Tríade se juntou à Díade, fazendo de todas as coisas uma e funcionando de modo magnífico. A Tríade reduzida à Unidade contém todas as coisas, *per aspectum*, em si e faz o que quiser. O terceiro princípio é, por si, princípio nenhum, mas entre este e a Díade está o fim de toda a ciência e arte mística,

e o centro infalível do princípio meditativo. Não é mais fácil errar em um que em outro, pois são poucos os que progredem na terra que compreendem o fundamento de seus mistérios, seja progredindo por meio de uma multiplicação por 8 através do setenário na Tríade ou permanecendo fixo. Aí está a consumação da escala e série do Número. Foi assim que todo filósofo e todo verdadeiro escrutador dos segredos naturais alcançou resultados admiráveis; foi por esse meio, reduzido na Tríade a um elemento simples, que eles subitamente operaram curas milagrosas de doenças e todos os tipos de males, de maneira pura e natural, e as operações de magia natural e sobrenatural obtiveram resultados sob a direção da Tétrade. Por esse meio, a previsão de eventos futuros era realizada de verdade, e não há outra maneira possível de arrancar da natureza coisas mantidas em segredo. Só por esse meio o segredo da natureza se abriu para os alquimistas; sem ele, não se atinge a menor compreensão da Arte nem se descobre o fim do experimento. Acredite-me, erram todos aqueles que, destituídos desses três princípios, sonham que conseguirão realizar alguma coisa nos serviços secretos da natureza.” Até aqui, Trithemius, para a melhor compreensão do leitor, informou que há um Binário duplo, de luz e confusão; mas ele observa com atenção Agrippa, “Das escalas dos números”, e o leitor entenderá tudo, pois nosso abade emprestou dele a linguagem, tendo examinado seus escritos antes de publicar qualquer coisa da própria autoria (Vaughan *Anima Magica Abscondita*. Em *The Magical Writings of Thomas Vaughan*, ed. A. E. Waite [London: George Redway, 1888], 58-60).



Da maravilhosa natureza do Fogo e da Terra

Há duas coisas (dizia *Hermes*) - ¹ fogo e terra - que bastam para a operação de todas as coisas maravilhosas: o primeiro é ativo; a segunda, passiva.

O fogo (como dizia *Dionísio*),² em todas as coisas, e por meio de todas as coisas, vem e vai sempre brilhante, é brilhante em todas as coisas e ao mesmo tempo oculto e desconhecido; quando está sozinho (sem outra matéria se aproximando, sobre a qual ele deveria manifestar sua devida ação), ele é ilimitado e invisível, autossuficiente para toda ação que lhe é própria, móvel, entregando-se de certa maneira a todas as coisas que a ele se achegam, renovando, respeitando a natureza, iluminando, não compreendido por luzes que são veladas, claro, saltitante em retrocesso, curvando-se para a frente, rápido de movimento, algo sempre em ascensão, compreendendo os outros, e não sendo compreendido, não precisando de outro, secretamente crescendo sozinho e manifestando sua grandeza às coisas que o recebem. Ativo, poderoso, de presença invisível em todas as

coisas, ele não aceita afrontas nem oposição e, como por vingança, reduz tudo à obediência a si, incompreensível, impalpável, não diminuído, muito rico em todas as formas de si. O fogo (como dizia *Plínio*) é a parte ilimitada e malvada da natureza das coisas, podendo destruir ou produzir a maioria delas.

O fogo em si é um e penetra todas as coisas (como dizem os pitagóricos). Também se espalha pelo firmamento e brilha: mas no lugar infernal, estreito, escuro e atormentador, participando assim dos dois extremos. Portanto, o fogo em si é um, mas naquilo que o recebe é múltiplo e, em diferentes sujeitos, distribuído de maneira diferente, como *Cleantes* testemunha em *Cícero*. Aquele fogo que usamos é, portanto, oriundo de outras coisas. Ele está nas pedras e é gerado pelo golpe do aço; está na terra e, após escavação, gera fumaça; está na água, e aquece as termas e os poços; está no fundo do mar e, espalhado pelos ventos, deixa-o quente; está no ar e o faz queimar (como vemos, às vezes). E todos os animais, todos os seres vivos e também todos os vegetais são preservados pelo calor: e tudo o que vive, vive graças ao fogo inerente.

As propriedades do fogo que está acima são o calor, que torna as coisas férteis, e a luz, que dá vida às coisas. As propriedades do fogo infernal são um calor de estorricar, que consome todas as coisas, e a escuridão, que torna todas as coisas estéreis. O fogo celestial, brilhante, afasta espíritos das trevas; também esse nosso fogo feito com madeira tem o mesmo efeito, tendo uma analogia com o *veículo* - e sendo o veículo - daquela luz superior; com Aquele que disse “Eu sou a luz do mundo”,³ que é o verdadeiro fogo de quem provêm todas as coisas boas; Ele, enviando a luz de Seu fogo, comunicando-o em primeiro lugar ao Sol, e ao resto dos corpos celestes, e por meio destes, como instrumentos mediadores, transmitindo essa luz ao nosso fogo.

Portanto, assim como os espíritos das trevas são mais fortes no escuro, também os bons espíritos, anjos de luz, são fortalecidos não só pela luz do Sol, que é divina e celestial, mas também pela luz de nosso fogo comum. Não foi à toa que os primeiros e mais sábios instituidores das religiões e cerimônias determinaram que as orações, cantorias e toda espécie de adoração divina não fossem realizadas sem velas ou tochas acesas. (Daí também advém a frase significativa de *Pitágoras*: não fale de Deus sem uma luz).⁴ E eles ordenavam que, para afastar espíritos ímpios, luzes e fogos deveriam ser acesos ao lado dos corpos dos mortos, para que eles não fossem removidos até as expiações terem

sido realizadas de uma maneira sagrada, para depois serem enterrados. E o próprio grande *Jeová*, na velha lei, ordenou que todos os seus sacrifícios fossem oferecidos com fogo e que o fogo deveria sempre ficar aceso sobre o altar,⁵ costume que os sacerdotes do altar sempre observavam e mantiveram entre os romanos.

Ora, a base, a fundação de todos os elementos, é a terra, pois ela é o objeto, sujeito e receptáculo de todos os raios e influências celestiais; nela estão contidas as sementes e as virtudes seminais de todas as coisas; e por isso se diz que ela é animal, vegetal e mineral. Frutificada pelos outros elementos e pelos céus, ela gera tudo de si; recebe a abundância de todas as coisas e, sendo a primeira fonte, é dela que brotam todas as coisas. Ela é o centro, a fundação e a mãe de todas as coisas. Pegue dela quanto você quiser - separada, lavada, depurada, utilizada -, se a deixar exposta ao ar livre por algum tempo, sendo plena e abundante de virtudes celestes, ela gerará plantas, minhocas e outros seres vivos, além de pedras e brilhantes fagulhas de metais.⁶

Nela se encerram grandes segredos, se em algum momento ela for purificada com a ajuda do fogo e reduzida à sua simplicidade por uma lavagem conveniente. Ela é a primeira matéria de nossa criação e o remédio mais verdadeiro capaz de nos restaurar e preservar.⁷

Notas - Capítulo V

1. Disse Hermes:

Separe a terra do fogo, o sutil do grosseiro, com delicadeza e cuidado. Ascenda da terra ao céu e desça de novo à terra para unir o poder das coisas superiores e inferiores; assim, você obterá a glória do mundo inteiro e as sombras o deixarão (*Tábua de esmeralda*, de Hermes Trismegisto).
Ver Apêndice I.

2. Dionísio, o Areopagita, no capítulo 15 de seu livro *Concerning the Celestial Hierarchy*, em que o fogo é discutido em detalhe.

3. João 8:12.

4. “Não fale de interesses pitagóricos sem uma luz” (*Jamblichus Life of Pythagoras*, cap. 18, traduzido para o inglês por Thomas Taylor [1818] [London: John M. Watkins, 1926], 45). A mesma expressão também aparece no cap. 23, p. 57. É incluída em uma lista de coisas, que deveriam ou não deveriam ser feitas, que era recitada aos iniciados na escola de Pitágoras. Taylor menciona em uma nota que ele interpolou as palavras “interesses pitagóricos”, que não aparecem no original.

5. Levítico 6,12-3.

6. A crença de que algumas plantas e animais, principalmente insetos, nasciam por geração espontânea na terra, sem união sexual, era universal na Antiguidade:

Destes, todos os quais produzidas pela união de animais da mesma espécie, geram prole à sua semelhança; mas todos os que não são produzidos por animais, mas sim a partir da decomposição da matéria, geram, ou melhor, produzem, outra espécie, e a cria não é feminina nem masculina; é o caso de alguns insetos. (*Aristóteles, On the Generation of Animals* 1.1.715b, traduzido para o inglês por A. Platt. Em *The Basic Works*, ed. Richard McKeon [New York: Random House, 1941], 666).

Plínio repete boa parte do que diz Aristóteles:

Muitos insetos, porém, são gerados de uma maneira diferente; e alguns, de modo particular, do orvalho... Do mesmo modo, também alguns animais são gerados na terra a partir da chuva, e alguns, da madeira... Também da carne putrefata há certos animais produzido e até no cabelo de homens vivos...

Outros insetos são ainda gerados da sujeira, produzidos por efeitos dos raios do Sol - essas pulgas são chamadas “petauristas”, por causa do que fazem com as pernas traseiras. E outros ainda são produzidos com asas da poeira úmida que é encontrada em buracos e cantos (Plínio 11.37-9 [Bostock e Riley, 3:39-40]).

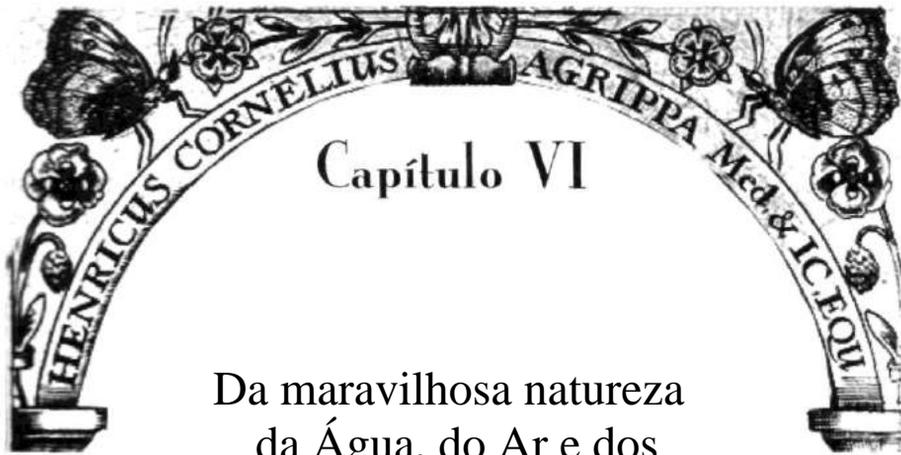
A crença na geração espontânea persistiu com obstinação. Embora Redi tivesse provado em 1668 que as larvas não surgiam da carne podre, a questão ainda era levantada quando Goldsmith escreveu *Animated Nature* (1774):

Mas descobertas posteriores nos ensinaram a ser mais cuidadosos antes de chegar a conclusões gerais, e induzem muitos a duvidar de que a vida animal possa ser produzida da putrefação (London: Thomas Nelson, 1849, 97).

Claro que ele não era autoridade no assunto. O dr. Johnson disse certa vez, acerca de Goldsmith: “Se ele sabe distinguir um cavalo de uma vaca, é por aí que cessa seu conhecimento de zoologia”.

Além de plantas e animais, supunha-se que os metais também cresciam no solo, exatamente como os cristais de fato crescem. O cristal de rocha, por outro lado, era considerado gelo formado sob temperaturas muito frias que o tinham levado à se petrificar.

7. A primeira matéria, ou matéria-prima, é um conceito alquímico. Só quando metais básicos são reduzidos ao seu estado original, puro, anterior à corrupção de impressões e paixões, é que eles são aptos a receber o padrão do divino espírito, que os infunde - ou melhor, como só existe um material primo - com virtude de cura.



Da maravilhosa natureza da Água, do Ar e dos ventos



s outros dois elementos, água e ar, não são menos eficazes que os primeiros; tampouco deixa a natureza de trabalhar com eles coisas maravilhosas.

A necessidade de água é tão grande que, sem ela, nada que tenha vida pode viver. Nenhuma erva ou planta pode se desenvolver sem a umidade da água. Nela se encontra a virtude seminal de todas as coisas, principalmente dos animais, cuja semente é aquosa. Também as sementes das árvores e plantas, embora da terra, precisam estar enraizadas na água antes de ser frutíferas, sejam elas embebidas na umidade da terra ou com orvalho, chuva ou qualquer outra fonte de água que lhes sirva a esse propósito.

Pois *Moisés* escreve que só a terra e a água formam um ser vivente.¹ Mas ele atribui uma produção dupla das coisas à água, ou seja, de coisas que nadam nas águas e de coisas que voam no ar sobre a terra.² E essas produções que são feitas na terra e sobre a terra são em parte atribuídas à própria água, afirmam as Escrituras, em que

se diz que as plantas e ervas não tinham crescido porque Deus ainda não fizera chover sobre a terra.³

Tal é a eficácia desse elemento da água, que a regeneração espiritual não pode subsistir sem ele, como o próprio Cristo afirmou a *Nicodemos*.⁴ Muito grande também é a virtude dela na adoração religiosa a Deus, em expiações e purificações; sim, a necessidade de água não é menor que a do fogo. Os benefícios são infinitos e seu uso, diverso, pois graças a ela todas as coisas subsistem, são geradas, alimentadas e aumentadas.

Nesse sentido, *Tales* de Mileto e *Hesíodo* concluíram que a água era o princípio de todas as coisas, e disseram que ela era o primeiro de todos os elementos e o mais potente, e por isso mesmo tinha o domínio sobre todos os demais.⁵ Pois, como dizia *Plínio*, as águas engolem a terra, apagam o fogo, ascendem ao alto e, com a formação de nuvens, desafiam o céu; e sua queda se torna a causa de todas as coisas que crescem na terra.⁶ Numerosas são as maravilhas feitas pelas águas, segundo os escritos de

Plínio, Solino e muitos outros historiadores, e de cuja virtude também *Ovídio* faz menção nestes versos:⁷

Ammon está frio, mas aquece durante a manhã e a tarde.

Os atamanianos conseguiram queimar uma floresta jogando sua água nela, na escuridão da noite.

E o povo de Ciconia tem um rio do qual nunca bebe, porque se transformaria em pedra mármore.

Cratis e Sibarís, em nosso próprio país, mudam a cor do cabelo para prata ou ouro.

E há outros rios, mais maravilhosos ainda,

Cujas águas afetam tanto a mente quanto o corpo.

Vocês já ouviram falar da Salmácia; há lagos na Etiópia em que um gole de água

Basta para deixar alguém louco ou rígido e imóvel, em estado catatônico.

Nenhum homem que goste de seu vinho deverá beber do Clitor,

Ou então passaria a odiá-lo; alguma coisa naquela água

Reage contra o calor do vinho.

Dizem os nativos que Melampo, quando curou as irmãs loucas

De Proeto com suas ervas e feitiços,

Jogou naquele rio, Heléboro, que clareia a mente,

Por isso a rejeição ao vinho permanece naquelas águas.

O Rio Linestis é exatamente o oposto;

Quem dele beber à vontade ficará cambaleante

Como se tivesse tomado vinho puro.

Em Feneo, na Arcádia, há rios inofensivos durante o dia e perigosos à noite.

Josephus também se refere à maravilhosa natureza de um determinado rio entre Arcea e Rafanea, cidades da Síria, o qual flui como um canal durante todo o dia do Sabá e, de repente, para, como se as fontes secassem, e, nos outros seis dias, pode-se passar por ele com o leito seco: mas novamente no sétimo dia (sem que ninguém saiba por quê), as águas retornam em abundância, como antes. É por isso que os habitantes da localidade o chamam de Rio do Dia do Sabá, por causa do sétimo dia, que era sagrado para os judeus.⁸

O Evangelho também faz referência a um tanque em que as ovelhas bebiam, no qual quem entrasse, após a água ter sido mexida por um anjo, era curado de qualquer doença.⁹ A mesma virtude e eficácia encontramos em uma fonte das ninfas jônicas, que ficava nos territórios pertencentes à cidade de Elis, em um vilarejo chamado Heráclia, perto do Rio Citeron, no qual quem entrasse, se estivesse doente, saía são e curado de seus males.¹⁰

Pausânias também narra que em Liceu, uma montanha de Arcádia, havia uma terma chamada Ágria, para onde o sacerdote de Liceu ia sempre que as frutas da região eram ameaçadas de destruição pela seca, e lá ele fazia sacrifícios, rezando com devoção para as águas da terma, segurando nas mãos um ramo de carvalho que colocaria no fundo da fonte sagrada; as águas sendo perturbadas, um vapor subia delas até o ar e era soprado para as nuvens, que se espalhavam por todo o céu e, dissolvendo-se em chuva, regavam toda a

região fartamente.¹¹ Além disso, *Rufo*, o médico de *Éfeso*, escreveu coisas estranhas a respeito das maravilhas das águas, as quais - pelo que eu saiba - nunca foram mencionadas por nenhum outro autor.

Resta-me falar do ar. Esse é um espírito vital, que passa por todos os seres, dando vida e subsistência a todas as coisas, unindo, movendo e preenchendo todas as coisas. Daí os médicos judeus não o considerarem entre os elementos, mas sim um meio ou uma cola, juntando as coisas, o espírito ressonante do instrumento do mundo.¹² Ele recebe em si de modo direto as influências de todos os corpos celestiais e as comunica aos outros elementos, bem como a todos os corpos mistos. Além disso, o ar recebe em si - como se fosse um espelho divino - as espécies de todas as coisas, naturais ou artificiais, de toda forma de discurso, e as retém; e levando-as consigo, entrando no corpo dos homens e de outros animais pelos poros, deixa neles uma impressão, estejam eles adormecidos ou acordados, proporcionando matéria para diversos sonhos estranhos e adivinhações.

Por isso dizem que, quando um homem passa por um lugar onde outro foi morto ou a carcaça escondida há pouco tempo ele sente medo e pavor; pois o ar no local, cheio da temível espécie do assassinato, ao ser inalado perturba e mexe com o espírito do homem, sendo este de espécie semelhante, provocando assim o medo. Pois tudo o que causa uma impressão súbita assusta a natureza.

Pelo mesmo motivo, muitos filósofos eram da opinião de que o ar é a verdadeira causa dos sonhos e muitas outras impressões da mente, por meio

do prolongamento das imagens ou semelhanças ou espécies (que caem das coisas e discursos, multiplicando-se no próprio ar) até chegarem aos sentidos, depois à fantasia e à alma daquele que as recebe, o qual, estando livre de preocupações e sem um obstáculo para impedi-las, estando apto para receber esse tipo de espécie, é por elas informado. Pois as espécies das coisas, embora por sua própria natureza, são levadas aos sentidos dos homens e outros animais em geral; podem, no entanto, receber alguma impressão do céu, enquanto estiverem no ar, pois junto à aptidão e disposição daquele que as recebe, elas podem ser levadas aos sentidos deste, e não daquele, indivíduo específico.

É possível, portanto, sem a menor superstição, e se nenhum outro espírito entrar no caminho, que um homem possa, em pouquíssimo tempo, transmitir seu pensamento a outro que se encontre a uma distância muito grande dele, embora não possa dar uma estimativa precisa do tempo, não passando porém de 24 horas. Eu mesmo sei fazer isso, e já fiz muitas vezes. No passado, também o abade *Trithemius* sabia disso e o fazia.¹³

Além disso, quando certas aparições, não só espirituais, mas também naturais, emanam das coisas, isto é, por um determinado tipo de emanção de corpos, a partir de corpos, e ganham força no ar, elas nos oferecem e a nós se mostram através da luz, como movimento, tanto à visão quanto aos outros sentidos, e às vezes operam em nós coisas maravilhosas, como prova e ensina *Plotino*. E vemos como o ar é condensado pelo vento sul em nuvens finas, nas quais, como em um espelho, são refletidas representações distantes de castelos,

montanhas, cavalos e homens, e outras coisas que, quando as nuvens se dissipam, logo também desaparecem.

E *Aristóteles*, em seus *Meteoros*,¹⁴ mostra que um arco-íris é concebido em uma nuvem do ar, como se fosse um espelho. E *Alberto* diz que as efígies dos corpos podem pela força da natureza ser facilmente representadas por um ar úmido, do mesmo modo como as representações das coisas estão nas coisas. E *Aristóteles* fala de um homem que, por ter a visão fraca, o ar perto dele se tornava como um espelho para ele e o raio óptico se refletia sobre si mesmo, não podendo penetrar o ar, de forma que, aonde quer que o homem fosse, ele achava ver sua própria imagem, com o rosto voltado para ele, ir à sua frente.

De modo semelhante, pela artificialidade de certos espelhos, pode ser produzida a uma distância no ar, ao lado do espelho, qualquer imagem que quisermos, e que os homens ignorantes julgarão ser aparições de espíritos ou almas; quando na verdade nada mais são que projeções sem vida. E é fato bem conhecido que, se em um lugar escuro no qual a única luz é um fino raio de Sol passando por um minúsculo orifício, uma folha de papel ou um espelho simples for colocado contra a luz, serão vistas sobre eles quaisquer coisas que se encontrarem do lado de fora, iluminadas pelo Sol.

E há outro artifício, ou truque, ainda mais magnífico. Se alguém pegar imagens pintadas por meios artificiais, ou letras escritas, e em uma noite clara as colocar contra os raios da Lua cheia, as imagens se multiplicarão no ar, sendo levadas para o alto e refletidas junto com os raios da Lua,

de maneira que qualquer outro homem que saiba do artifício prestará atenção, vendo, lendo e descobrindo as imagens no próprio compasso e círculo da Lua. Essa arte de declarar segredos é muito lucrativa para cidades e vilarejos sitiados, sendo algo que *Pitágoras* já fazia, muito tempo atrás, e da qual não me absterei.

E tudo isso, e muito mais, e coisas ainda muito maiores se fundamentam na própria natureza do ar, e têm suas razões e causas declaradas na Matemática e na Óptica. E assim como essas imagens são às vezes refletidas de volta ao sentido da visão, também às vezes acontece com a audição, como se manifesta no eco. Mas há artes ainda mais secretas que essas, como, por exemplo, o fato de qualquer pessoa poder ouvir e entender o que outra pessoa diz ou sussurra a uma distância muito remota.

Do elemento aéreo também vêm os ventos. Pois nada mais são eles que ar em movimento e agitação. Há quatro tipos principais, soprando dos quatro cantos do céu, ou seja, Noto, do sul; Bóreas, do norte; Zéfiro, do oeste; Euro, do leste; dos quais *Pontano*, citando-os nestes versos, diz:

O frio Bóreas do alto do Olimpo sopra,
E do fundo, flui o enevoadado Noto. Do
ocaso de Febo voa o fértil Zéfiro, E o
estéril Euro do Sol se levanta.¹⁵

Noto é o vento sul, enevoadado, úmido, quente e doentio, que *Hierônimo* chama de arauto das chuvas. *Ovídio* assim o descreve:¹⁶

O vento sul veio zunindo, Com suas
asas gotejantes, e seus véus negros
como breu

E seu terrível semblante. Sua barba
 pesava Como as nuvens
 carregadas de chuva
 e o cinza, que Aprisiona uma
 torrente Nevoenta, é da cor de sua
 coroa, e suas
 asas e trajes
 Correm como a chuva.

Mas Bóreas é contrário a Noto, é o
 vento norte, feroz e rugidor, e dissipando
 as nuvens torna o ar sereno, e impregna a
 água de geada. Dele *Ovídio* fala,
 descrevendo a si mesmo:¹⁷

A força me é própria: com estas
 espessas nuvens, eu me movo;

E formo os vagalhões de azul, e
 sopro entre os carvalhos nodosos às
 margens dos rios;

A neve macia congelo e fustigo a
 Terra com granizo:

Quando abordo meus irmãos no ar,
 (pois no ar convivemos), é com
 estrépito que nos encontramos,

Abalam-se os céus com o som de
 trovão,

E do alto reluz o relâmpago das
 nuvens carregadas,

Quando entre as gretas da Terra eu
 voo,

E a pressiono nas cavernas de seu
 interior, faço

Os fantasmas estremecerem e o
 chão tremer.

E Zéfiro, que é o vento do ocidente, é
 o mais delicado, soprando do oeste com
 lufadas agradáveis; é frio e úmido,
 removendo os efeitos do inverno,
 trazendo consigo ramos e flores. Seu
 contrário é Euro, que é o vento do
 oriente, também chamado de Apeliotes, é
 aquoso, nevoento e devorador. Desses
 dois, canta *Ovídio*:¹⁸

Euro é o monarca

Da Pérsia, de Sábia, das terras da
 madrugada, Enquanto Zéfiro domina o
 oeste, que

fulgura ao pôr-do-sol, Quando Febo
 se vai: Bóreas, que faz os homens
 tremerem

de frio, domina o norte, E
 a Cítia;

Já o caloroso Auster¹⁹ governa as terras
 nebulosas do sul, Com suas férteis
 correntes, e suas nuvens em choro
 incessante.

Notas - Capítulo VI

1. Gênesis 1: 21- 24.

2. Gênesis 1: 20.

3. Gênesis 2: 5.

4. João 3: 5.

5. Eles [os sacerdotes egípcios] acreditam também que o Sol e a Lua não andam em charretes, mas velem pelo mundo perpetuamente em certos barcos; há indícios de que se alimentam e se originam da umidade. Também são da opinião de que Homero (assim como Tales) fora instruído pelos egípcios, o que o levava a afirmar que a água era a fonte e a origem prima das coisas; pois Oceano é o mesmo que Osíris, e Tétis é Ísis, assim chamada a partir de τίτην, uma ama, pois ela é a mãe e ama de todas as coisas (Plutarco, Ísis e Osíris 34 [Goodwin, 4:94-5]).

6. É a água que engole a terra seca, extingue o fogo, sobe para o alto e desafia os domínios dos próprios céus; é a água que, espalhando as nuvens, como faz por toda a amplidão do céu, intercepta o ar vital que respiramos; e, pela colisão das nuvens, provoca trovões e relâmpagos, à medida que os elementos do Universo entram em conflito. O que pode ser mais maravilhoso

que as águas suspensas nos céus? E, no entanto, como se não bastasse tão grande elevação, elas levam consigo cardumes inteiros de peixes, e muitas vezes pedras também, carregando-se de pesadas massas que pertencem a outros elementos e levando-as a grandes alturas. Caindo sobre a terra, essas águas se tornam a causa prima de tudo o que lá é produzido... (Plínio 31.1 [Bostock e Riley, 5.471]).

Para a discussão de Plínio acerca das propriedades e usos da água, ver sua *História Natural* 2,65-7, 99-106 e 31.1-30.

7. *Metamorfoses* 15, p. 312-313 © Madras Editora Ltda.

8. Ele [Tito César] viu então um rio em seu caminho, de tal natureza que merece ser registrado na história; corre entre Arcea, pertencente ao reino de Agrippa e Rafanea. Esse rio tem algo de muito peculiar; pois em seu curso, sua corrente é forte e tem bastante água; entretanto, sua fonte seca por seis dias, deixando o canal seco, como qualquer um pode ver. Após esse período, o rio volta a encher no sétimo dia, como antes, e como se não tivesse sofrido nenhuma mudança: observa-se que ele mantém essa ordem desde sempre e de maneira exata, daí o chamarem de o Rio Sabático - nome oriundo do sétimo dia, que é sagrado para os judeus (Josephus Wars of the Jews 7.5.1. Em *The Works of Flavius Josephus*, traduzido para o inglês por W. Whiston [London: George Routledge and Sons, s.d.], 665).

9. João 5: 2-4.

10. O vilarejo eólico de Heráclia fica a cerca de 6 milhas de Olímpia, às margens do rio Kytheros; há uma fonte de águas que deságua no rio com um santuário das ninfas, na fonte. Essas ninfas têm os nomes de Kalliphaeia e Synallasis e Pegaia e Iasis, e o título geral delas é As Jônicas. Se alguém se lavar na fonte pode ser curado de todos os tipos de males e dores. Dizem que o título das ninfas deriva de Íon, filho de Gargetos, que migrou para lá, vindo de Atenas (*Pausânias Guide to Greece*, 6.22.7, traduzido para o inglês por P. Levi [Middlesex: Penguin, 1971] 2:354-5).

11. A fonte de águas de Hagno no monte Lykaion tem a mesma qualidade do Danúbio, sempre produzindo o mesmo volume de água no verão e no inverno. Se uma seca durar por muito tempo, e as árvores e sementes no solo começarem a murchar, o sacerdote de Zeus reza a essa água e faz sacrifícios de acordo com a lei sagrada, mergulhando um ramo de carvalho na superfície, mas não nas profundezas da fonte; quando ele mexe na água, um vapor se levanta, como uma névoa, e a uma certa distância, o nevoeiro se torna uma nuvem, junta outras nuvens e faz a chuva cair sobre a terra de Arcádia (*Ibid.* 8.38.3-4 [Levi 2:467]).

12. “A água é silenciosa, o fogo é sibilante e o ar derivado do espírito é como a língua de um equilíbrio entre esses opostos que estão em equilíbrio, reconciliando e mediando entre eles” (*Sepher Yetzirah* 2.1, traduzido para o inglês por W. Westcott [1887] [New York, 1980] 18).

E a centelha subsistiu, e esperou, até sair um ar puro que a envolvesse; e uma última extensão estando feita, Ele produziu um certo crânio duro [de microposopo] dos quatro lados. E nesse ar puro sutil a centelha foi absorvida e compreendida e incluída. Você não pensa nisso? Em verdade, nele ela se esconde. E é por isso que o crânio é expandido de todos os lados; e esse ar é o atributo mais oculto dos Antigos Dias (*Von Rosenroth Kabbalah Unveiled* cap. 27, sec. 538-41, traduzido para o inglês por MacGregor Mathers [1887] [London: Routledge and Kegan Paul, 1962], 178). Thomas Vaughan, que lera Agrippa com atenção, diz a respeito do ar:

Ele não é um elemento, mas um certo hermafrodita miraculoso, o cimento de dois mundos e uma mescla de extremos. É o lugar-comum da natureza, seu índice, onde você pode encontrar tudo o que ela fez ou pretende fazer. É o panegírico do mundo, as excursões de ambos os globos se encontram aqui, e eu posso chamar de *rendez-vous*. Nisso se encontram inumeráveis formas mágicas de homens e animais, peixes e aves, árvores, ervas e todas as coisas rastejantes (*Anthroposophia Theomagica*, Waite 18).

13. Além de várias semelhantes referências causais em outros pontos no texto, esta nos dá clara evidência de que o conhecimento de Agrippa de magia era prático, além de teórico, e que Trithemius era no mínimo seu colega estudante, se não seu mestre, na Arte.

14. A Meteorologia.

15. Uma passagem incrivelmente semelhante aparece em Ovídio:

Por um momento, Euro ganha força do Oriente fulgurante, em outro instante vem Zéfiro, enviado do Ocidente da noite. Em determinado momento, o gélido Bóreas vem furioso do norte seco; em outro, o vento sul trava batalha com a frente adversa. (Tristia 1.2.27-30, traduzido para o inglês por Henry T. Riley [London: George Bell and Sons, 1881], 253.

16. Comparar com Ovídio, *Metamorfoses* 1, p. 16 © Madras Editora Ltda.

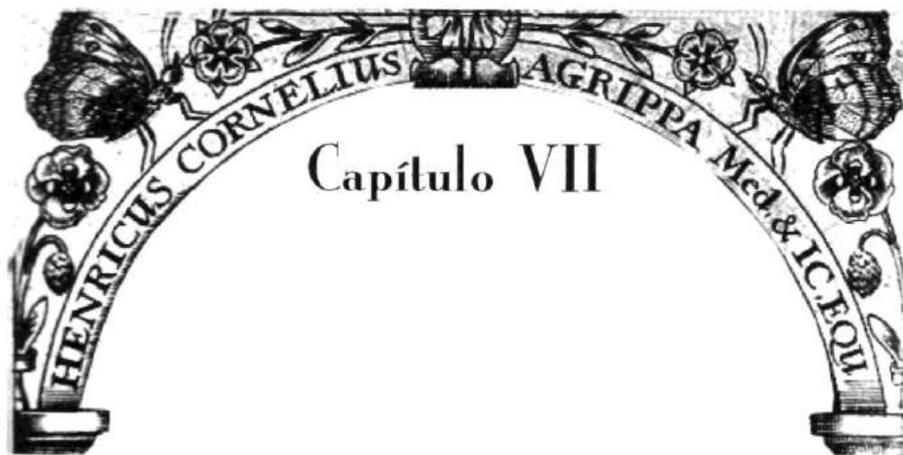
17. Comparar com Ovídio, *Metamorfoses* © Madras Editora Ltda.

18. Comparar com Ovídio, *Metamorfoses* 1, p. 10 © Madras Editora Ltda.

19. Um nome para um dos ventos do sul, que agora é chamado de Siroco.



Salamandra, de Scrutinium Chymicum (Frankfurt, 1687)



Dos tipos de compostos, sua relação com os
elementos, e a relação entre os
elementos em si e a alma,
os sentidos e as disposições dos homens



Logo após os quatro elementos simples seguem as quatro espécies deles, a saber: pedras, metais, plantas e animais; e embora na geração de cada um destes os elementos se reúnam na composição, cada espécie segue e se assemelha a um dos elementos, o qual é o predominante.

Todas as pedras, por exemplo, são terrosas, pois são naturalmente pesadas e descendentes, e tão duras pela secura que não podem ser derretidas. Mas os metais são aquosos e podem ser derretidos, o que os naturalistas confessam e os químicos consideram verdadeiro, ou seja, que são gerados de água, ou *argent vive*¹ aquoso. As plantas têm tal afinidade com o ar que, se não forem a ele expostas, não brotam nem aumentam. O mesmo se passa com os animais:

Têm em sua natureza a ferocíssima força. E também brotam de uma fonte celestial.

E o fogo é tão natural para elas que, se ele se extingue, logo morrem.

E, mais uma vez, cada uma dessas espécies se distingue em si por razão dos graus dos elementos. Pois, entre as pedras, são chamadas de um modo mais especial terrosas aquelas que são escuras e mais pesadas, e aquosas as que são transparentes, compactadas de água, tais como o cristal,² o berílio³ e as pérolas⁴ nas conchas dos animais marinhos: e são chamadas aéreas as que se movem na água e são esponjosas, como as pedras de uma esponja,⁵ a pedra-pomes⁶ e a pedra sophus;⁷ e se chamam rochas ígneas aquelas das quais o fogo é extraído, ou as que se resolvem em fogo ou são produzidas do fogo: como relâmpagos,⁸

pederneiras⁹ e asbestos.¹⁰ Também entre os metais, o chumbo e a prata são terrosos; o mercúrio é aquoso; o cobre e o estanho são aéreos e o ouro e o ferro, ígneos.

Nas plantas, as raízes se assemelham à terra, por razão de sua espessura; e as folhas, à água, por causa de seu sumo; as flores, ao ar, por causa de sua sutileza; e as sementes ao fogo, em razão de seu espírito multiplicador. Além disso, algumas são chamadas quentes, outras frias, algumas úmidas, outras secas, emprestando os nomes das qualidades dos elementos.

Também entre os animais alguns são, em comparação a outros, terrestres, e vivem nas entranhas da terra, como as minhocas, as toupeiras e muitos outros vermes rastejantes; outros são aquáticos, como os peixes; outros aéreos, não podendo viver sem ar; outros são animais do fogo, vivem no fogo, como as salamandras¹¹ e os grilos,¹² além dos que são de um calor incandescente, como os pombos,¹³ avestruzes,¹⁴ leões e aqueles que os homens sábios chamam de animais que respiram fogo.¹⁵ Além disso, nos animais, os ossos se parecem com a terra; a carne, com o ar; o espírito vital, com o fogo; e os humores, com a água. E esses humores também participam dos

elementos, pois a cólera amarela é no lugar do fogo; o sangue, no lugar do ar; o muco, no lugar da água, e a cólera negra, ou melancolia, no lugar da terra.

E, por fim, na alma em si, segundo *Agostinho*,¹⁷ a compreensão se assemelha ao fogo, a razão ao ar, a imaginação à água e os sentidos à terra. E esses sentidos também são divididos entre si de acordo com os elementos, pois a visão é do fogo, não pode perceber sem ele ou sem a luz; a audição é do ar, pois um som é feito pelo golpe do ar; o olfato e o paladar se assemelham à água, sem a umidade da qual não existiriam; e, por fim, o sentimento é totalmente da terra e toma corpos pesados com seu objeto.

As ações e as operações do homem também são governadas pelos elementos. A terra significa um movimento lento e firme; a água, a temeridade e a lentidão, e negligência no trabalho; o ar significa a animação e uma disposição amável; mas o fogo é de uma disposição feroz, vivaz e irada.

Os elementos, portanto, são as primeiras de todas as coisas, e todas as coisas são feitas deles e de acordo com eles, os quais estão em todas as coisas e difundem suas virtudes por meio delas.

Notas - Capítulo VII

1. Latim: *argentum vivum*. Mercúrio.

2. O cristal de rocha, uma variedade do quartzo, era considerado em tempos antigos como um gelo petrificado.

É uma causa diametralmente oposta a esse [calor] que produz o cristal, uma substância que assume uma forma concreta a partir da coagulação excessiva. O cristal sempre é encontrado apenas em lugares em que a neve do inverno se congela com a maior intensidade; e é graças à certeza de ser ele um tipo de gelo que recebeu o nome de [KpDCTaXXoç, que significa, em grego, tanto “cristal de rocha” quanto “gelo”] (Plínio 37.9 [Bostock e Riley, 6:394]).

3. Ver nota 3, capítulo XXIV, livro I.

4. A origem e a produção dos mexilhões não são muito diferentes da concha da ostra.

Quando a genial temporada [de acasalamento] do ano exerce sua influência sobre o animal, diz-se que, como se abrisse a boca de sono, ele recebe uma espécie de orvalho, por meio do qual engravida, e que por fim dá à luz, após muito esforço, o peso de sua concha, na forma de pérolas, que variam de acordo com a qualidade do orvalho. Se ele foi de um estado perfeitamente puro, quando caiu na concha, a pérola produzida é branca e brilha; mas, se foi turvo, a pérola também é de uma coloração embaçada... (Plínio 9,54 [Bostock e Riley, 2.431]).

5. *Lapis Spongiae*, ou pedra-esponja. Antigamente se pensava que as esponjas eram plantas com tendência à petrificação. “A pedra-esponja é feita da matéria de esponjas petrificadas.” J. Pomet, *Complete History of Drugs*, traduzido para o inglês por John Hill [London, 1712], l. 1. p. 100. *Chambers’ Cyclopaedia Supplement* de 1753 descreve a pedra-esponja como uma “incrustação tartárea”. O *Dictionary* de Elyot (edição de 1552, enriquecida por T. Cooper) se refere a “Crystiolithi, certas pedras que crescem em esponjas, olithis, saudáveis contra doenças da bexiga” (citado no *Oxford English Dictionary* [referido doravante como OED], em “sponge” [def.3]). Na verdade, as esponjas são colônias de minúsculos animais, não plantas, com esqueletos geralmente (mas não sempre) feitos em parte de material mineral - sílica ou carbonato de cal.

6. Pedra-pomes é uma forma de lava vulcânica, geralmente obsidiana, soprada como uma esponja por vapor e gases quentes. O inglês John Evelyn escalou o Vesúvio em 7 de fevereiro de 1645 e descreveu as pedras cuspidas nos lados das montanhas “...algumas como betume, outras cheias de perfeito enxofre, outras metálicas, intercaladas com inúmeras púmices (John Evelyn’s Diary [simplificado] [London: Folio Society, 1963], 64. Walter MacFarlane escreveu em 1648: “Nesta cidade há uma abundância de pedras-pomes flutuando na água” (Geographical Collections Relating to Scotland [Scottish History Society, 1906-08], citado em OED).

7. Tofo, nome geral das pedras porosas produzidas como sedimentos ou incrustações, particularmente uma substância rochosa depositada por termas calcárias. Ver Plínio 36,48.

8. O nome se aplica a várias substâncias minerais supostamente formadas ou deixadas por quedas de raios, incluindo implementos de pedra pré-históricos, nódulos de piritas de ferro encontrados em giz e meteoritos. Mas Agrippa deve estar se referindo à belemita, o osso fossilizado de um cefalópode semelhante ao siba (choco). Encontrado em leitos fósseis, é um cilindro pétreo azul, liso, com vários centímetros de comprimento, terminando em uma ponta afiada. Também chamado de pedra-trovão e relâmpago de elfo. Na verdade, um raio pode formar uma pedra cônica, quando cai, e fundir areia fina em vidro, chamado (ceraunia) (“pedra-trovão”). Ver Plínio 37,51.

9. Pedras para acender fagulhas e fazer fogo. Esse nome era aplicado a piritas de ferro e calhaus - provavelmente Agrippa se referia ao segundo.

10. Ver nota 19, cap. IX, l.I.

11. Plínio assim descreve a Salamandra:

... um animal como um lagarto na forma, com um corpo todo estrelado, nunca sai, exceto durante uma chuva pesada, e desaparece assim que ela diminui. Esse animal é tão frio que pode apagar o fogo só pelo contato, assim como o faz o gelo. Ele cospe uma matéria leitosa, e se alguma parte do corpo humano for tocado por ela, perde todos os pelos, adquirindo a aparência de lepra (Plínio 10.86 [Bostock e Riley, 2:445-6]).

Mais adiante, ele especifica os poderes venenosos da Salamandra:

Mas, de todos os animais venenosos, a Salamandra é o mais perigoso; pois enquanto outros répteis atacam apenas uma pessoa por vez e nunca várias ao mesmo tempo... a Salamandra é capaz de destruir nações inteiras de uma única vez, a menos que sejam tomadas as devidas precauções contra ela. Pois se esse réptil se esgueirar por uma árvore, afetará todas as frutas com seu veneno, matando quem delas comer por causa das propriedades resfriantes dele, que na verdade não é diferente do acônito. Pior ainda, se ela apenas tocar com a pata a madeira sobre a qual se assa pão, ou se cair em um poço, os

mesmos efeitos fatais se darão. A saliva desse réptil também, se entrar em contato com qualquer parte do corpo, até mesmo a planta do pé, fará cair pelos do corpo todo... Quanto ao que dizem os magos, que ela é à prova de fogo, por ser o único animal que apaga o fogo, se isso fosse verdade, teria sido testado em Roma já há muito tempo (Plínio 29.33 [Bostock e Riley, 5:397-8].

Em uma extensão natural da fábula desse fatal animal frio que apaga o fogo, dizia-se que a Salamandra vivia e se procriava no centro das chamas mais quentes. No folclore da Idade Média, ela é descrita como tendo uma aparência que lembrava a humana. Paracelso (1493-1541) foi provavelmente o primeiro a dar a o nome à classe dos espíritos elementais do fogo, em *Liber de nymphis, sylphis, pygmaeis, et salamandris et de caeteris spiritibus* (Livro das ninfas, silfos, pigmeus e salamandras e seres semelhantes).

12. Especificamente, *Acheta domestica*, o grilo doméstico. Nos tempos medievais, o grilo era confundido com a Salamandra, talvez por preferir lareiras e o calor dos fornos e fogões: “The Crekette hyght Salamandra: for thys beest quenchyth fyre and lyueth in brennynge fyre” (João de Trevisan, Bartholomeus [de Glanvilla] de proprietatibus rerum, traduzido em 1398, citado em OED, s.v. “cricket”).

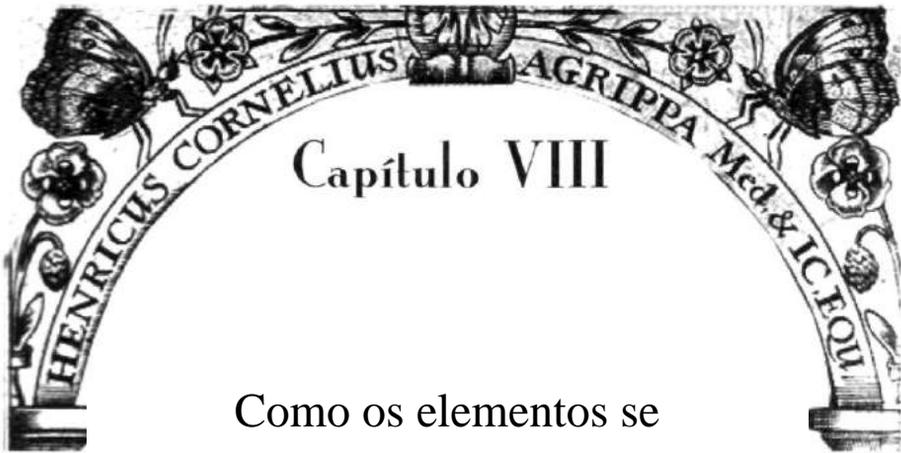
13. Era uma antiga prática medieval aplicar pombos vivos às solas dos pés daqueles gravemente doentes e febris. Samuel Pepys menciona esse tratamento dado a Catarina de Bragança, esposa de Carlos II, quando ela teve febre escarlatina: “Parece que estava tão doente que precisou ser despida e colocaram pombos em seus pés, além de ela receber a extrema unção dos padres, que se demoraram tanto a ponto de deixar os médicos zangados” (*Diary of Samuel Pepys*, 19 de outubro de 1663 (London: Everyman Library, 1906), 1:415).

14. Acreditava-se que as avestruzes podiam viver sem água e digerir ferro. Ver *Animated Nature*, de Goldsmith, History of Birds, I.I, cap. IV (London: Nelson, 1849), 369.

15. Dragões.

16. Ver apêndice IV

17. Santo Agostinho.



Como os elementos se encontram nos céus, nas estrelas, nos demônios, nos anjos e, por fim, no próprio Deus



consenso entre os platônicos que, assim como no mundo original, exemplar, todas as coisas estão presentes em tudo, também neste mundo corpóreo, todas as coisas estão em tudo:¹ os elementos, portanto, não só se encontram nesses corpos inferiores, mas também nos céus, nas estrelas, nos demônios, nos anjos e, por fim, no próprio Deus, o criador e exemplo original de todas as coisas. Ora, nesses corpos inferiores, os elementos são acompanhados de muita matéria bruta; mas nos céus eles estão com sua natureza, sua virtude, ou seja, segundo um modo celestial e mais excelente que as coisas sublunares. Pois a firmeza da terra celestial existe sem o peso da água; e a agilidade do ar, sem transbordar de seus limites; o calor do fogo, sem queimar, apenas brilhando e dando vida a todas as coisas por meio de seu calor.

Entre as estrelas, também algumas são incandescentes, como Marte

e o Sol; aéreas como Júpiter e Vênus; aquosas como Saturno e Mercúrio; e terrestres como os habitantes do oitavo orbe,² e a Lua (apesar de muitos a considerarem aquosa), vista como a Terra, atrai para si as águas celestiais, com as quais, sendo embebida e em razão de sua proximidade a nós, nos influencia e conosco se comunica. Também entre os signos há alguns de fogo, outros de terra, ar e água: os elementos os governam como nos céus, distribuindo entre eles essas quatro manifestações triplas de cada elemento: começo, meio e fim. Assim, Áries possui o começo do fogo, Leão, o progresso e aumento, e Sagitário, o fim. Touro possui o começo da terra, Virgem, o progresso, e Capricórnio, o fim. Gêmeos tem o começo do ar, Libra, o progresso, e Aquário, o fim. Câncer tem o começo da água, Escorpião, o meio, e Peixes, o fim.³ Das misturas, portanto, desses planetas e signos, juntamente com os elementos, todos os corpos são feitos.

Além disso, também os demônios se distinguem entre si segundo os mesmos padrões, de modo que alguns são do fogo, outros da terra, outros do ar e outros da água. Daí a origem daqueles quatro rios infernais, o incandescente Phlegethon, o aéreo Cocytus, o aquoso Estige e o terroso Aqueronte.⁴ Também no Evangelho, lemos a respeito do inferno de fogo,⁵ e do fogo eterno, para onde os amaldiçoados terão de ir:⁶ e no livro do Apocalipse lemos sobre um lago de fogo,⁷ e *Isaías* fala dos condenados, que o Senhor os destruirá com ar nefasto.⁸ E no livro de Jó, eles passarão das águas da neve para o extremo calor,⁹ e no mesmo lemos que a Terra é escura e coberta com a escuridão da morte e miseráveis trevas.¹⁰

Ademais, esses elementos também existem nos anjos do céu e nas abençoadas inteligências; há neles uma estabilidade de sua essência, que é uma virtude da terra, onde se encontra o firme trono de Deus; também sua misericórdia e piedade são virtudes purificadoras da água. Assim, pelo Salmista são chamados de águas, quando ele fala dos céus e diz que quem governa as águas está acima do firmamento;¹¹ também em seu sutil sopro está o ar, e seu amor é o fogo brilhante; daí a serem chamados nas escrituras de as Asas do Vento;¹²

e em outro lugar o Salmista fala deles: Fazes a teus anjos ventos, e a teus ministros, labaredas de fogo.¹³ Também de acordo com as ordens dos anjos, alguns são de fogo, como os serafins, e autoridades e potestades; de terra, como os querubins; de água, como os tronos e arcanjos; de ar, como os domínios e principados.

Acaso também não lemos do Criador original de todas as coisas que a terra se abriria e produziria a salvação?¹⁴ Da salvação, ou do Salvador, não se diz que ele será uma fonte de água viva, purificadora e regeneradora?¹⁵ O mesmo Espírito não sopra o sopro de vida: e, de acordo com o testemunho de *Moisés*¹⁶ e o de *Paulo*,¹¹ também de um fogo que tudo consome?

Que os elementos podem ser encontrados em todo lugar e em todas as coisas, à sua maneira, nenhum homem pode negar. Primeiro, nesses corpos inferiores, feculentos e grosseiros, depois nos celestiais mais puros e claros; e ainda nos supercelestiais vivos, e em todos os aspectos abençoados. No mundo exemplar, os elementos são portanto as ideias das coisas a serem produzidas, nas inteligências são poderes distribuídos, nos céus são virtudes e nos corpos inferiores são formas grosseiras.

Notas - Capítulo VIII

1. “Ora, como nada mais existe além dos outros e do um, e eles devem estar em algo, segue-se portanto que eles devem estar um em outro - os outros no um e o um nos outros - ou em nenhum outro lugar” (Platão, *Parmênides* 151a, traduzido para o inglês por F. M. Cornford [Hamilton and Cairns, 943]).

“Deus contém todas as coisas, e não há nada que não esteja em Deus, e nada em que Deus não esteja. Na verdade, eu não diria que Deus contém todas as coisas, mas em termos mais verdadeiros, que Deus é todas as coisas” (*Corpus Hermeticum* 9.9 [Scott, 1:185]).

2. Provável referência à Terra nesse contexto, que é o oitavo corpo globular, contando a partir de Saturno. Normalmente, a oitava esfera se refere à esfera do Zodíaco, oitava em ordem a contar da Lua.
3. Tal informação é um tanto imprecisa. Embora os trinos elementares do zodíaco costumem ser escritos nessa ordem, isso não mostra sua estrutura paralela. Este arranjo é mais revelador:

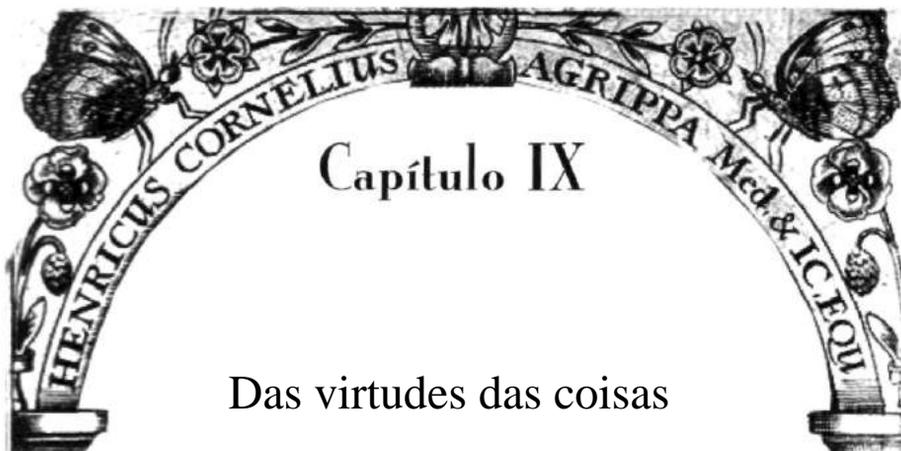
| | | | | |
|---------------------|---|---|---|---|
| | △ | ▽ | △ | ▽ |
| Começo (cardinais): | ♈ | ♉ | ♊ | ♋ |
| Meio (fixos): | ♌ | ♍ | ♎ | ♏ |
| Fim (mutáveis): | ♐ | ♑ | ♒ | ♓ |

4. Homero menciona apenas o Estige na *Iliada*, chamando-o de “temível rio do juramento” (2.755, traduzido para o inglês por Richmond Lattimore [University of Chicago Press, 1976], 96), porque era um antigo costume grego jurar pelas águas do rio, e mais adiante “a água estígia” (*Ibid.*, 8.369 [Lattimore, 192]), talvez porque o mitológico Estige era associado a um rio verdadeiro que corria na forma de uma grande cachoeira perto de Nocracis, Arcádia (ver Pausânias, *Guia da Grécia* 8.17.6). Na *Odisseia*, os quatro rios são situados definitivamente no Inferno: “Lá, o Pyriphlegethon e o Kokytos, estuário das águas do Estige, deságuam no Acheron” (*Odisseia* 10.513-4, tradução para o inglês de Richmond Lattimore [New York: Harper and Row, 1977], 165). Milton apresenta os significados dos nomes gregos dos rios nesta descrição:

Dos quatro rios infernais que despejam
 No lago incandescente suas maléficas águas;
 O abominável Estige, com sua corrente de ódio mortal,
 O triste Acheron, de pesar negro e profundo;
 Cocytus, das altas lamentações
 Ouvidas no entristecido ribeiro; feroz Phlegeton
 Cujas ondas de fogo torrencial ardem furiosas.
 (*Paradise Lost* 2.575-81. Em Milton: *Complete Poems and Major Prose* [Indianapolis: Odyssey, 1975], 245-6.

Dante menciona os quatro rios juntos (*Inferno canto 14*, c. linha 115). Spenser se refere a eles várias vezes em *Faerie Queene* (Acheron - livro 1, canto 5, verso 33; Phlegeton - l. 2, canto 6, v. 50; Cocytus - l. 2, canto 7, v. 56; Estige - l. 2, canto 8, v. 20).

5. Mateus 5:22.
6. Mateus 25:41.
7. Apocalipse 20:10.
8. Talvez Isaías 11:4.
9. Jó 6: 15-7.
10. Talvez Jó 24: 16-7.
11. Salmos 148:4.
12. Salmos 18:10. Essa ordem de anjos figura de forma proeminente na segunda das 48 evocações (conhecida também como Éteres, Ares, Chamados e Chaves) ditadas pelos espíritos enoquianos ao mago elisabetano John Dee por meio de seu vidente Edward Kelley durante uma sessão realizada na manhã de 25 de abril de 1584, em Cracóvia. Ver Meric. Causabon, *True & Faithful Relation of What passed for many Years Between Dr. John Dee... and Some Spirits* (London, 1659), p. 100.
13. Salmos 104:4.
14. Isaías 45:8.
15. João 14:14. Ver também Apocalipse 7:17.
16. Deuteronômio 4:24.
17. Hebreus 12:29.



Das virtudes das coisas naturais, dependendo imediatamente dos elementos



as virtudes naturais das coisas, algumas são elementares, tais como aquecer, esfriar, umedecer, secar; e são chamadas de operações ou primeiras qualidades, pois só essas qualidades mudam de modo total toda a substância, o que nenhuma das outras qualidades pode fazer.¹

E algumas estão nas coisas compostas de elementos, e são mais que primeiras qualidades, tais como amadurecer,² digerir,³ resolver,⁴ molificar,⁵ endurecer, restringir,⁶ absterger,⁷ corroer,⁸ queimar, abrir, evaporar, fortalecer, mitigar, conglutinar,⁹ obstruir, expelir, reter, atrair, repercutir,¹⁰ estupefazer,¹¹ guardar,¹² lubrificar,¹³ e muito mais. Qualidades elementares fazem muito mais coisas em um corpo misto, as quais não podem fazer nos elementos em si. E essas operações são chamadas de qualidades secundárias, porque seguem a natureza e a proporção da mistura das primeiras virtudes, como abordam os livros de física. Quanto à maturação,

é a operação do calor natural, de acordo com uma determinada proporção na substância da matéria. O endurecimento é a operação do frio, bem como o congelamento; e assim por diante.

E essas operações às vezes agem sob um determinado membro, como o que provoca urina, leite, mênstruo,¹⁴ e são chamadas de terceiras qualidades, que seguem as segundas, assim como as segundas seguem as primeiras. Portanto, de acordo com essas primeiras, segundas e terceiras qualidades, muitas doenças são curadas ou causadas.

Muitas coisas também são feitas de modo artificial, que estupefazem o homem; como o caso do fogo que queima a água e é chamado de Fogo Grego,¹⁵ do qual *Aristóteles* ensinava muitas composições em seu tratado específico do tema.¹⁶ De modo semelhante, existe um fogo que se extingue com óleo, e é alimentado com água fria, borrifada sobre ele;¹⁷ e um fogo que é alimentado ou com a chuva, ou o vento ou o Sol; e faz-se um fogo que é chamado de água incan-

descendente,¹⁸ cuja confecção é muito conhecida e nada consome além de si mesmo: e fazem-se também fogos, que não podem ser apagados, e óleos incombustíveis, e lâmpadas perpétuas, que não se apagam com vento nem água, nem qualquer outra coisa; o que parece absolutamente incrível, mas existia uma lâmpada desse tipo brilhando sempre no templo de *Vênus*, em que se queimava asbestos, que uma vez aceso nunca pode ser apagado.¹⁹

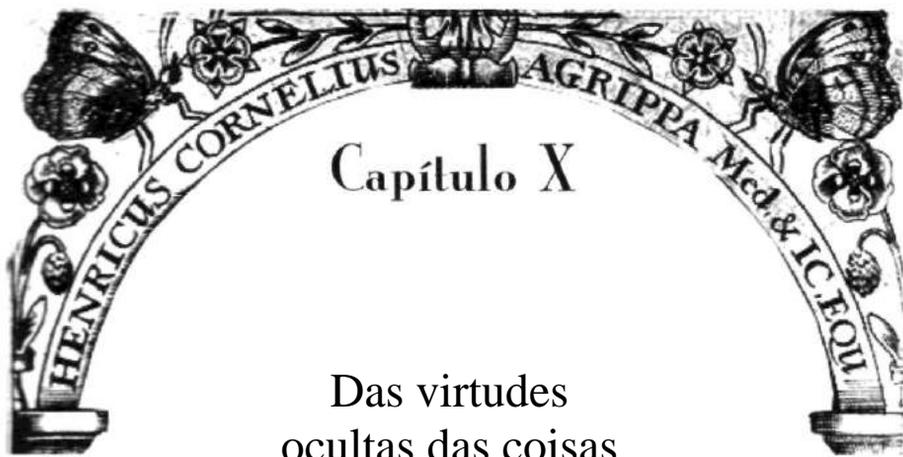
E, ao contrário, a madeira ou qualquer outra matéria combustível

pode ser ordenada de tal forma que não se deixa afetar pelo fogo; e há certas confecções com as quais, se as mãos forem unguidas, podemos segurar ferro em brasa, tocar metal derretido ou entrar com o corpo todo no fogo, desde que devidamente unguido com tais substâncias.²⁰ Existe também um tipo de linho, o²¹ os gregos ἄσβεστον, que não se deixa consumir pelo fogo, e do qual *Anaxilaus* dizia que uma árvore envolta nele podia ser cortada sem que se ouvissem os golpes.²²

Notas - Capítulo IX

1. Ver Aristóteles, *Sobre a Geração e a Corrupção* 2.2.
2. Amadurecimento natural por meio da operação de calor e movimento.
3. Amadurecer com calor suave.
4. Reduzir em elementos componentes, principalmente por decaimento.
5. Amolecer, suavizar.
6. Constipar, parar, impedir.
7. Limpar, purgar.
8. Roer tudo.
9. Coerir, principalmente curar junto.
10. Ricochetear, refletir.
11. Amortecer, entorpecer.
12. Armazenar, depositar.
13. Lubrificar.
14. Sangue menstrual.
15. O Fogo Grego era uma substância composta usada em guerras navais para queimar os navios do inimigo e em cercos. Lucano escreve: “Fogo Grego de uma catapulta usada em cercos...” (*Pharsalia* 6, c. linha 195, traduzido por Robert Graves [London: Cassell, 1961], 109), que em outra parte ele descreve como “fogo misturado a tochas, untuoso e vivo, sob uma cobertura de enxofre...” (*Pharsalia* 3, c. linha 681, tradução H. T. Riley [London: Henry G. Bohn, 1853], 123). Tinha a propriedade de só queimar com mais fervor se fosse borrifado com água, sendo difícil de extinguir. O *Livro dos Segredos* dá uma receita: Pegue enxofre vivo, borra de vinho, Sarcocollam [uma goma-resina da Pérsia], Piculam [uma pequena pitada], sal encharcado, óleo de pedra [petróleo] e óleo comum, ferva bem, e, se algo for colocado na mistura, seja árvore ou ferro, não será apagado por urina, vinagre ou areia (Alberto Magno [atribuído a], *The Book of Secrets of Albertus Magnus*, ed. Michael R. Best e Frank H. Brightman [New York: Oxford University Press, 1974], 110 [referido daqui em diante como *Livro dos Segredos*]).
16. Esse tratado é mencionado em *Problemas*, de Aristóteles: “Esse tema é tratado com mais clareza ao se lidar com o fogo” (1. 30, problema 1, sec. 954 a), tradução de E. S. Foster [Oxford: Clarendon Press, 1927], vol. 7. Essa obra perdida que trata do fogo é desconhecida. A obra mais conhecida a respeito do Fogo Grego era a *Liber ignius* (Livro dos fogos), de Marco Greco, com receitas que datavam do início do século XIII.

17. “Pegue cal não tocada pela água e coloque com igual quantidade de peso em cera e metade do óleo de bálsamo [Cemmmiphora opobalsamum] e Naphtha citrina, com igual quantidade de enxofre, e disso faça um pavio, deixando a água escorrer como orvalho por cima, que deve ser alimentado, despejado com óleo, e não se apagar” (Alberto Magno [atribuído a], “Maravilhas do mundo”, sec. 64. Em *Livro dos Segredos* [Best e Brightman, 104] [daqui em diante referido como “Maravilhas do mundo”]).
18. “Pegue vinho velho negro, escuro e forte e, em um quarto, tempere com um pouco de cal e enxofre, batido até virar pó e borras de vinho bom e sal comum, branco e bruto; em seguida, coloque tudo em um cabaço de argila boa e de super posito alembico, destile água incandescente, que deve ser guardada em um vidro” (*Ibid.*, sec. 76, 110). A partir dessa fórmula, parece que água incandescente é apenas o álcool.
19. “O asbestos de Arcádia, uma vez inflamado, nunca se extinguirá” (Agostinho, *Cidade de Deus* 21.5, traduzido para o inglês por John Healey [1610] [London: J. M. Dent and Sons, 1957], 2:324). “Se tais informações forem críveis, então acredite também, se puder (pois um homem já o relatou), que havia um templo de Vênus em que ardia uma lâmpada que nenhum vento ou água era capaz de apagar, sendo por isso chamada de a lâmpada inextinguível” (*Ibid.*, 6.325).
20. “Uma experiência maravilhosa que permite ao homem entrar no fogo sem se ferir; ou segurar fogo ou ferro em brasa na mão sem se ferir. - Pegue o suco de Bismalva [malva-rosa], uma clara de ovo, a semente de uma erva chamada *Psyllium* [*Plantago afra*], também *Pulicaria herba*, e moa até fazer pó; faça uma confecção e misture o sumo de rabanete com a clara. Unte o corpo seco ou a mão com essa confecção e deixe secar, depois aplique a unção novamente. Em seguida, pode entrar no fogo sem medo, pois não se ferirá. (“Maravilhas do mundo” 75 [Best e Brightman, 109]). Ver também *Ibid.*, sec. 72, 107: “Se segurar fogo na mão, ele não o machucará.”
21. *Asbestinon*: ἄσβεστινον. Asbesto é um mineral que se separa facilmente em fibras parecidas com cabelos, imunes aos efeitos da chama comum. Por isso, era chamado de lã da Salamandra ou cabelo de Salamandra e, quando tecido, pano de Salamandra. Dá um excelente pavio para uma “lâmpada perpétua” - constantemente reabastecido com óleo para nunca apagar -, pois tal pavio não precisa ser substituído, uma operação que exigiria que se apagasse a lâmpada.
22. Também foi inventado um tipo de linho que é incombustível pelas chamas. Cos tuma ser chamado de linho “vivo”, e eu já vi guardanapos feitos dele, atirados ao fogo na sala em que os comensais se sentavam à mesa e, após limpo de manchas, saíam das chamas mais brancos e limpos do que se poderia conseguir com água. É desse material que as mortalhas dos monarcas são feitas, para garantir a separação das cinzas do corpo da pilha. Essa substância dá nos desertos da Índia, sob os raios abrasantes do Sol; lá, onde jamais chove, e entre miríades de serpentes mortais, ela desenvolve resistência à ação do fogo. Raramente encontrada, essa matéria apresenta grandes dificuldades para ser tecida, por ser tão curta; sua cor é um vermelho natural, e só fica branca pela ação do fogo. Aqueles que a encontram, vendem-na por preços iguais aos das mais finas pérolas. Os gregos a chamam de “astestinon”, um nome que indica suas propriedades peculiares. Anaxilaus afirma que, se uma árvore for envolta com linho feito dessa substância, o som dos golpes de um machado tentando derrubá-la serão abafados e a árvore pode ser cortada sem que se ouça. Por essas qualidades, esse linho ocupa a mais alta posição entre as espécies conhecidas (Plínio 19.4 [Bostock e Riley, 4:136-7]).



á ainda outras virtudes nas coisas que não são extraídas de elemento algum, tais como expelir veneno, afastar vapores nocivos de minerais, atrair ferro ou qualquer outra coisa; e essas virtudes são uma sequela da espécie e forma dessa ou daquela coisa; de onde, embora pequenas em quantidade, são de grande eficácia; o que não se vê em nenhuma qualidade elementar. Tendo essas virtudes muita forma e pouca matéria, são capazes de realizar muito; mas uma virtude elementar, possuindo mais materialidade, exige mais matéria para agir.

E elas são chamadas de qualidades ocultas, porque suas causas se escondem e o intelecto do homem não as pode alcançar ou descobrir. Os filósofos chegaram à maior parte delas por meio de longa experiência, e não por uma busca por meio da razão: pois assim como no estômago a carne é digerida por calor, como sabemos, também é mudada por alguma virtude oculta que não conhecemos: pois, em verdade, não é o calor que a muda; do contrário, seria mudada ao lado do fogo, e não no estômago.

Assim, existem nas coisas, além das qualidades elementares que conhecemos, outras determinadas virtudes inatas criadas pela natureza, as quais não conhecemos e que raramente ou nunca foram vistas. Como lemos em *Ovídio*, a respeito da fênix, um único pássaro que se renova a si mesmo:¹

Todas essas coisas

Tiveram seu início em alguma outra criatura,

Mas há um pássaro que renova a si mesmo

Sozinho. Os assírios o chamam de fênix.

E em outro ponto:

Aegyptus viu, então, essa magnífica cena:

E esse pássaro raro é bem-vindo, e com alegria recebido.

Desde então, *Matreas* assombrou os gregos e os romanos. Ele afirmava ter criado um monstro que se devorou a si mesmo. Assim, até hoje, muitos se perguntam o que seria esse monstro de *Matreas*. Quem não se espantaria diante do fato de peixes serem cavados da terra, dos quais falam² *Aristóteles*, *Teófrasto* e *Políbio*, o historiador?

E o que escreveu *Pausânias* acerca das pedras cantantes?³ Tudo isso são os efeitos das virtudes ocultas.

Portanto, avestruz⁴ consome ouro, e quase todo ferro duro, digerindo-os como nutrientes para seu corpo, cujo estômago, dizem, não se fere com ferro em brasa. Aquele pequeno peixe chamado equeneídeo⁵ frustra a violência dos ventos e aplaca a ira do mar, de forma que nem mesmo as mais furiosas tempestades são capazes de agitar o navio, com todas as velas içadas, se a eles o peixe se apegar. Também as salamandras⁶ e os grilos⁷ vivem no fogo; embora às vezes pareçam se queimar, não se ferem. O mesmo se diz de um tipo de betume com o qual as amazonas,⁸ segundo as lendas, se ungiam, não sendo feridas com espada nem com fogo; com o qual também os Portões de Cáspio,⁹ feitos

de bronze, teriam sido impregnados por *Alexandre, o Grande*. Lemos também que a arca de *Noé* teve a utilização desse betume e perdurou por milhares de anos nas montanhas da Armênia.

Há muitos tipos de coisas maravilhosas assim, difíceis de acreditar, e no entanto comprovadas por experiência. Uma referência assim antiga é a dos sátiros,¹⁰ seres meio humanos e meio animais, porém capazes de falar e raciocinar; conta *S. Jerônimo* que um desses seres falou com o santo homem, o eremita *Antônio*, condenando o erro dos gentios em venerar tais pobres criaturas e desejando que ele adorasse o Deus verdadeiro;¹¹ ele também afirma que um deles foi encontrado vivo e enviado posteriormente a *Constantino*, o imperador.

Notas - Capítulo X

1. Comparar com Ovídio, *Metamorfoses* 15.3 © Madras Editora Ltda.

2. Ele [Teofrasto] diz também que, nas proximidades de Heráclia e Cromna e perto do Rio Lico, bem como em muitas partes do Euxine, existe uma espécie de peixe que frequenta as águas próximas às margens do rio e faz buracos para sua morada, mesmo quando a água acaba e o rio seca; motivo pelo qual esses peixes têm de ser cavados do solo e só mostram pelos movimentos do corpo que ainda estão vivos... (Plínio 9.83 [Bostock e Riley, 2:471]).
3. Perto desse forno antigo há uma pedra sobre a qual dizem que Apolo deixava sua harpa... e, se você tocar nessa pedra com um pedregulho, ela vibra com o som de uma corda de harpa. Fiquei perplexo com isso, mas mais perplexo ainda diante do colosso do Egito. Em Tebas, onde se atravessa o Nilo até os juncos, como dizem, vi uma estátua sonora de uma figura sentada. A maioria das pessoas a chama de Memnon... Cambisés o cortou ao meio; a parte superior da cabeça até o meio foi jogada fora, mas o resto ainda está entronizado e grita todos os dias ao nascer do Sol; o som é parecidíssimo com a vibração de uma corda partida de lira ou de harpa. (Pausânias 1.42. 1-2 [Levi, 1:116-7]).

4. Ver nota 14, cap. VII, 1.I.

5. Acreditava-se que a rêmora, ou peixe agarrador (*Echeneis remora*), tinha o poder de retardar e até parar o curso dos navios.

Há um peixe muito pequeno que tem o hábito de viver entre as rochas e é conhecido como equeneídeo. Acredita-se que, quando esse peixe se apegar ao casco de um navio, os movimentos deste param, e dessa circunstância é que deriva o nome. Também por esse

motivo, o peixe tem má reputação, sendo usado em poções de amor e com a finalidade de atrasar julgamentos e processos legais - propriedades malignas, que só são compensadas por um único mérito do peixe -, ele é bom para deter fluxos do ventre em mulheres grávidas e preserva o feto até o nascimento... (Plínio 9.41 [Bostock e Riley, 2:412-3]).

Lucano fala do “peixe agarrador que segura o navio no meio das ondas, enquanto a brisa do oriente estende o cordame...” (*Pharsalia* 6, linha 674 [Riley, 240]). Ovídio diz: “Existe também D pequeno peixe agarrado, de histórias fantásticas! - uma vasta obstrução aos navios” (*Halieuticon*, linha 99. Em *The Vasti, Tristia, Pontic Epistles, Íbis, and Halieuticon of Ovid*, traduzido para o inglês por Henry T. Riley [London: George Bell and Sons, 1881]).

6. Ver nota 11, cap. VII, l. I.

7. Ver nota 12, cap. VII, l. I.

S. Uma nação de mulheres guerreiras na África, que queimavam o seio direito para apoiar melhor o arco. O nome teria sido dado pelos gregos, indicando “privada de uma mama”. Não havia homens no país delas. Quando um menino nascia, era morto ou mandado para viver com o pai em um Estado vizinho. Heródoto dá uma longa e interessante descrição das amazonas transplantadas pelos gregos à Cítia (História l. 4).

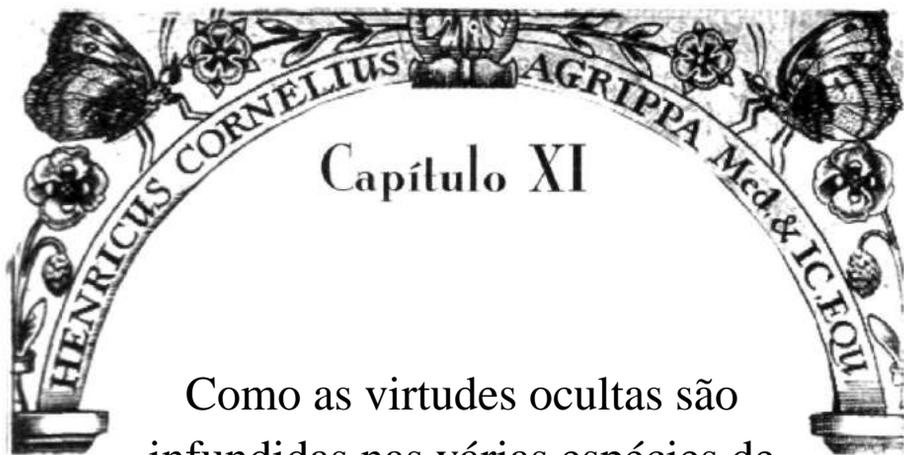
Homero as menciona duas vezes na *Ilíada*, chamando-as de “iguais aos homens” (3.189 Lattimore, 105), que “lutam contra os homens em batalha” (*Ibid.* 6.186 [Lattimore, 158]). Isso e repetido por Virgílio:

Penthesilea [rainha das amazonas], furiosa na luta, lidera as tropas de amazonas armadas com escudos em forma de crescente, brilhando com coragem no meio de milhares; seu seio exposto, ela é cingida com um cinto de ouro, uma guerreira e donzela que ousa enfrentar homens nas batalhas (*Eneida* 1, c. linha 490. Em *Works of Virgil*, tradução para o inglês de Lonsdale e Lee [London: Macmillan, 1885], 92).

9. Caspiae Pylae ou Caspiae Portae, chamados de Portões de Ferro, localizavam-se em uma linha divisória não oficial entre o oeste e o leste da Ásia, na principal passagem da Média para a Pártia e Hircânia através das montanhas caspianas. Essa passagem era tão estreita que só uma carrua gem podia passar por vez. Paredões de pedra se erguiam dos dois lados e pingavam água salgada sobre as cabeças de quem passava no meio. No ponto mais estreito, os persas construíram portões de ferro (talvez de bronze com parafusos de ferro) e uma guarita. A passagem ficava perto da antiga cidade de Rhagae (atual Teerã). Havia outra passagem famosa que costumava ser chamada de Caspiae Portae, mas mais corretamente Caucasiae Portae ou Albaniae Portae, localizada no lado oeste do Mar Cáspio, ao sul de Derbent, no extremo sul da cadeia de montanhas chamada de Cáucaso, também conhecida como Muralha de Alexandre. Ela também tinha portões de ferro e era fortificada.

10. Os sátiros são espíritos das florestas, meio animais e meio homens, da mitologia grega. Eram representados como peludos e sólidos de estrutura, com nariz chato, orelhas pontudas e pequenos chifres se projetando da testa, tinham rabo de bode ou de cavalo. Não são mencionados por Homero, mas Hesíodo os chama de “a raça dos inúteis Sátiros, inapropriados para o trabalho”. Sensuais por natureza, eles ansiavam pelas ninfas dos bosques e adoravam beber vinho, dançar e ouvir música. Os romanos identificavam os sátiros com seus faunos mitológicos indígenas, e, na versão romana, eles ganharam chifres maiores e pés de bode. As referências aos sátiros na Bíblia do rei James (Isaías 13:21 e 34:14) são traduções do termo hebraico para “os peludos”, e provavelmente se referem a um tipo de demônio árabe.

11. Referência ao encontro de Santo Antônio com um sátiro em sua jornada ao encontro de Paulo, o Eremita. O sátiro disse ao santo que fora enviado por seus companheiros sátiros para pedir suas orações e aprender com ele algo acerca do salvador do mundo. A história é relatada por São Jerônimo em sua *Vida de Paulo*, o primeiro eremita do Egito.



Como as virtudes ocultas são
infundidas nas várias espécies de
coisas pelas ideias, com a ajuda da
Alma do Mundo e dos raios das
estrelas; e em quais
coisas essa virtude prolifera mais



s platônicos dizem que todos os corpos inferiores são exemplificados pelas ideias superiores. Ora, eles definem uma ideia como uma forma, acima dos corpos, almas, mentes e como simples, pura, imutável, indivisível, incorpórea e eterna: e que a natureza de todas as ideias é a mesma.¹

Eles colocam as ideias em primeiro lugar na própria bondade, ou seja, Deus, por meio de causa;² e são distintas entre si apenas por considerações relativas, para que o que quer que exista no mundo não seja uma coisa única e sem variedade, que concordem em essência, e que Deus não seja visto como uma substância composta. Em segundo lugar, eles as colocam no próprio inteligível, isto é, na Alma do Mundo,³ diferentes uma da outra por formas absolutas; de modo que todas as ideias em Deus são de fato apenas uma forma, mas, na Alma

do Mundo, são muitas. Elas são colocadas na mente de todas as outras coisas, sejam elas unidas ao corpo ou separadas dele, por uma determinada participação, e distintas cada vez mais por graus. Elas as colocam na natureza, como certas pequenas sementes de formas infundidas pelas ideias; e, por fim, colocam-nas na matéria, como sombras.

Pode-se acrescentar ainda que na Alma do Mundo podem existir tantas formas seminais quantas são as ideias na mente de Deus, formas por meio das quais ela criou no firmamento acima das estrelas figuras, e imprimiu nelas algumas propriedades; dessas estrelas, portanto, dependem as figuras e propriedades, todas as virtudes de espécie inferior, bem como suas propriedades; e assim, cada espécie tem sua forma ou figura celeste a ela apropriada, de onde também procede um maravilhoso poder de operar, dom recebido de sua própria

ideia, por meio das formas seminais da Alma do Mundo.

Pois as ideias não são apenas causas essenciais de toda espécie, mas também as causas de toda virtude que há na espécie; e é isto que muitos filósofos dizem: que as propriedades existentes na natureza das coisas (virtudes que são de fato as operações das ideias) são movidas por certas virtudes, a saber, as que têm uma fundação certa e determinada, não fortuita nem casual, mas eficaz, poderosa e suficiente, nada fazendo em vão.

Ora, essas virtudes não erram em seus atos, mas por acidente; por razão da impureza ou desigualdade da matéria, pois é nesse sentido que são encontradas coisas da mesma espécie, menos ou mais poderosas, de acordo com a pureza ou indisposição da matéria, porque todas as influências celestiais podem ser impedidas

pela indisposição e insuficiência da matéria. Daí a origem de um provérbio dos platônicos de que as virtudes celestiais foram infundidas de acordo com o deserto da matéria, o qual também *Virgílio* menciona, quando canta:

Sua natureza é de fogo, e libertada a partir do alto,

E dos corpos brutos, move-se divinamente.

Assim, essas coisas em que há menos da ideia da matéria, ou seja, coisas que têm uma maior semelhança às coisas separadas, têm virtudes mais poderosas em operação, sendo iguais à operação de uma ideia separada. Vemos, portanto, que a situação e a figura dos celestiais é a causa de todas aquelas excelentes virtudes que se encontram nas espécies inferiores.

Notas - Capítulo XI

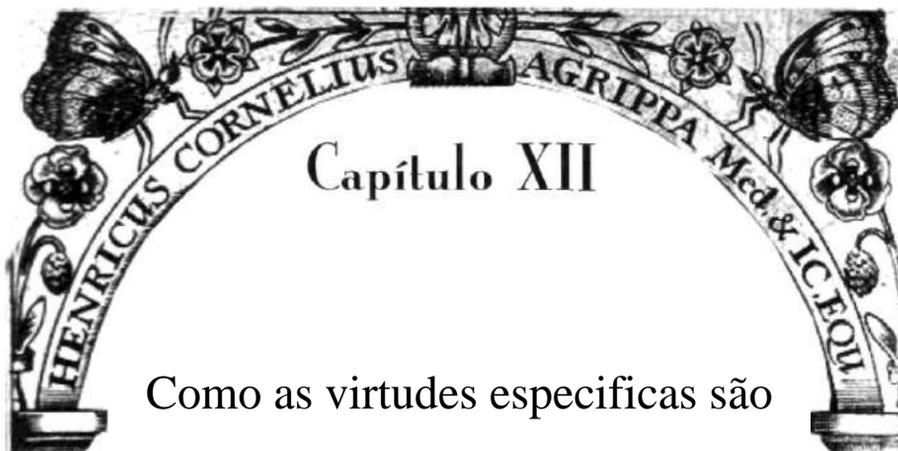
1. “Essas realidades absolutas que definimos em nossas discussões permanecem sempre constantes e invariáveis, pois não? A igualdade ou beleza absolutas, ou alguma outra entidade independente que realmente exista, admitem qualquer espécie de mudança? Ou será que qual quer uma dessas entidades uniformes e independentes permanecem constantes e invariáveis, jamais admitindo a menor alteração em nenhum aspecto ou em sentido algum?”

“Devem ser constantes e invariáveis, Sócrates”, disse Cebes.

“Bem, e quanto aos exemplos concretos de beleza - como os homens, cavalos, roupas, e assim por diante - ou de desigualdade, ou de quaisquer outros membros de uma classe correspondendo a uma entidade absoluta? Eles são constantes ou, pelo contrário, quase nunca têm relação em sentido algum consigo mesmos ou entre uns e outros?” “Com eles, Sócrates, acontece o contrário; nunca estão livres de variação.” (*Fédon* 78d-e. tradução para o inglês de H. Tredennick [Hamilton and Cairns, 61-2]. Ver também *A República* 7.514-9b.)

2. Fica sabendo que o que transmite a verdade aos objetos cognoscíveis e dá ao sujeito que a conhece esse poder é a ideia do bem. Entende que é ela a causa do saber e da verdade, na medida em que esta é conhecida, mas, sendo ambos assim belos, o saber e a verdade, terá razão em pensar que há algo de mais belo ainda do que eles. E, tal como se pode pensar corretamente que neste mundo a luz e a vista são semelhantes ao Sol, mas já não é certo tomá-las pelo Sol, da mesma maneira, no outro, é correto considerar a ciência e a verdade semelhantes ao bem, mas não está certo torná-las, a uma ou a outra, pelo bem, mas sim formar um conceito ainda mais elevado do que seja o bem (Platão, *A República* 6.508d. - traduzido para o inglês por P. Shorey [Hamilton and Cairns, 744]).

3. Ver apêndice II.



Como as virtudes específicas são
infundidas em indivíduos
específicos, mesmo da mesma
espécie



á também muitos indivíduos ou coisas específicas, dons peculiares tão maravilhosos quanto nas espécies, e estes também vêm da figura e da situação de astros celestiais.

Pois, quando começa a ficar sob a influência de determinado horóscopo e constelação celestial, todo indivíduo contrai com sua essência uma certa virtude tanto de fazer quanto de sofrer algo que é notável, mesmo além daquilo que recebe de sua espécie, e isso é feito em parte pela influência do firmamento e em parte pela obediência da matéria das coisas a ser geradas à Alma do Mundo, obediência essa como a de nosso corpo à nossa alma.

Pois percebemos que isso existe em nós, que de acordo com o nosso conceito das coisas, nosso corpo se move, e de maneira animada,¹ como quando temos medo ou fugimos de algo. Tantas vezes, quando as almas celestiais concebem várias coisas, a matéria se move obediente a elas:

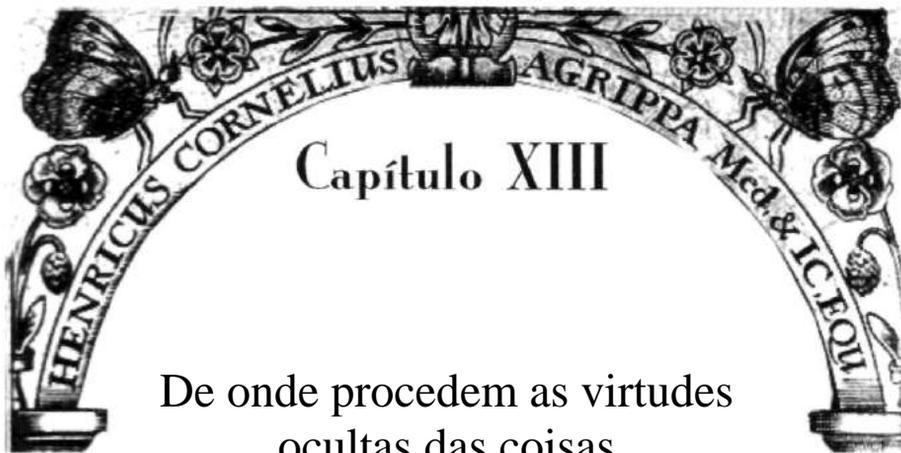
também na natureza aparecem prodígios diversos, por razão da imaginação dos movimentos superiores. Assim também elas concebem e imaginam virtudes diversas não só coisas naturais, mas também às vezes artificiais, principalmente se a alma do operador estiver inclinada na mesma direção. Por isso dizia *Avicen*² que qualquer coisa que seja feita aqui deve ter sido feita antes nos movimentos e nas concepções dos astros e orbes.

Portanto, nas coisas, vários efeitos, inclinações e disposições são ocasionados não apenas a partir da matéria disposta de variadas maneiras, como muitos supõem, mas de influência variada e forma diversa; não, de fato, com uma diferença específica, mas particular e apropriada. E os graus são distribuídos de forma variada pela primeira causa de todas as coisas, o próprio Deus, que, sendo imutável, as distribui a todos como bem lhe aprouver, e com quem as segundas causas, angelicais e celestiais, cooperam, dispondo da matéria

corpórea e outras coisas que lhes são inteligências, que as regem, e uma confiadas. Todas as virtudes, portanto, convergência de raios e aspectos dos são infundidas por Deus por meio da astros em um peculiar unísono Alma do Mundo, mas por um poder em harmonioso. particular de semelhanças e

Notas - Capítulo XII

1. De maneira rápida.
2. Avicena.



De onde procedem as virtudes ocultas das coisas

Efato sabido entre todos que há uma certa virtude na magnetita, por meio da qual ela atrai o ferro,¹ e que o diamante, por sua presença, remove² essa virtude da pedra; também o âmbar³ e o azeviche,⁴ esfregados, e uma palha aquecida a eles aplicada, e o asbesto, uma vez aceso, nunca ou raramente se extinguem;⁵ um carbúnculo brilha no escuro,⁶ a pedra aetita, colocada acima do fruto das mulheres ou plantas, fortalece-o, mas, se colocada abaixo, provoca aborto;⁷ o jaspe estanca o sangue;⁸ o pequeno peixe equeneídeo⁹ faz pararem os navios; ruibarbo dissipa cólera;¹⁰ o fígado do camaleão queimado¹¹ causa chuvas e trovoadas. A pedra heliotrópio¹² ofusca a vista e faz a quem a usa se tornar invisível; a pedra lincúrio¹³ afasta as ilusões da frente dos olhos; o perfume do liparito¹⁴ invoca todos os animais; a pedra synochitis¹⁵ chama fantasmas infernais, a anachitis¹⁶ faz aparecer imagens de deuses. A pedra ennectis, colocada sob aqueles que sonham, causa oráculos.

Existe uma erva na Etiópia com a qual, relata-se, lagoas e lagos secam, e todas as coisas fechadas se abrem; e lemos a respeito de uma erva chamada latace, que os reis persas dão aos seus embaixadores para que, aonde eles forem com ela, terão abundância de todas as coisas. Há também uma erva da Cítia,¹⁷ a qual uma vez provada ou ao menos colocada na boca, os citas aguentam 12 dias de fome e sede; e *Apuleio* dizia que tinha aprendido com um oráculo que havia muitas espécies de ervas e pedras com as quais os homens podiam prolongar a vida para sempre, mas que não era permitido ao homem ter o conhecimento dessas coisas, pois, embora tenha pouco tempo de vida, ele estuda a malignidade com toda a sua força e experimenta toda sorte de perversidade; se os homens vivessem muito mais tempo, com certeza não poupariam nem os deuses.

Mas de onde vêm essas virtudes, nenhum daqueles que escreveram enormes volumes acerca das propriedades das coisas explicou: nem *Hermes* nem *Bochus*, nem *Aarão* nem *Orfeu*, nem *Teofrasto* nem *Thebith*,

nem *Zenothemis* nem *Zoroastro*, nem *Evax* nem *Dioscorides*, nem *Isaac*, o Judeu, nem *Zacarias*, o Babilônio, nem *Alberto* nem *Arnoldo*; e, no entanto, todos esses confessaram a mesma coisa, que *Zacarias* escreveu a *Mithridites* que havia grande poder nas virtudes das pedras e ervas, e que os destinos humanos eram nelas determinados. Mas, para se saber de onde elas vêm, seria necessária uma especulação maior.

Alexandre, o Peripatético, não arriscando além de seus sentidos e qualidades, é da opinião de que tais virtudes procedem dos elementos e suas qualidades, o que poderia ser verdade, se fossem da mesma espécie; mas muitas das operações das pedras não combinam em gênero nem espécie. Por isso, *Platão* e seus estudiosos atribuem essas virtudes às ideias, as formadoras das coisas. Mas *Avicena* reduz essas espécies de operações a inteligências, *Hermes* aos astros, *Alberto* às formas superficiais das coisas.

E embora esses autores pareçam se contradizer, nenhum deles, porém, se devidamente compreendido, está muito longe da verdade, uma vez que suas palavras são, em efeito, as mesmas na maioria das coisas. Pois Deus em primeiro lugar é o fim e o começo de todas as virtudes; Ele dá o selo das ideias a seus servos, às inteligências as quais, como fiéis oficiais, assinam todas as coisas que lhes são confiadas com uma virtude ideal, os céus e as estrelas como instrumentos, dispondo a matéria nesse ínterim para receber aquelas formas que residem em Divina Majestade (como diz *Platão* em *Timaeus*)¹⁸ e ser transmitidas pelas estrelas; e o Doador de Formas as distribui por meio do

ministério de suas inteligências, que ele estabeleceu como governantes e controladores de todas as suas obras, e a quem é conferido tal poder nas coisas a elas confiadas que todas as virtudes de pedras, ervas, metais e todas as outras coisas podem de fato vir das inteligências, dos governantes.

A forma, e a virtude das coisas, portanto vêm primeiro das ideias, depois das inteligências governantes e regentes, depois dos aspectos do firmamento e por último dos temperamentos dos elementos dispostos, respondendo às influências do firmamento, pelas quais os próprios elementos são ordenados ou dispostos. Esses tipos de operação, portanto, são realizados nessas coisas inferiores por formas expressas, e, nos Armamentos, pela disposição de virtudes, em inteligências mediando regras, na causa original por ideias e formas exemplares, todas as quais devem necessariamente combinar na execução do efeito e virtude de tudo.

Há, enfim, uma maravilhosa virtude e operação em toda erva e pedra, mas maior ainda em uma estrela, além da qual, mesmo das inteligências governantes, tudo recebe, e obtém muitas coisas para si, especialmente da Causa Suprema, com a qual todas as coisas se correspondem de maneira mútua e exata, combinando com harmonia, como se fossem hinos, sempre louvando o maior Criador de todas as coisas, como se pelas três crianças na fornalha ardente todas as coisas fossem chamadas para louvar Deus com cânticos: abençoai, Senhor, todas as coisas que crescem na Terra, e todas as coisas que se movem nas águas, as aves do céu, os animais e o gado, junto com os filhos do homem.¹⁹

Não há, portanto, nenhuma outra causa da necessidade de efeitos, senão a ligação de todas as coisas à Primeira Causa, e sua correspondência com aqueles padrões divinos e eternas ideias, de onde tudo tem seu lugar determinado e particular no mundo exemplar, de onde tudo vive e recebe seu ser original; e toda virtude das ervas, pedras, metais, animais, palavras e falas, e todas as coisas que são de Deus se localizam aí.

Ora, a Primeira Causa, que é Deus, embora se utilize das inteligências e os céus trabalhem sobre essas coisas inferiores, às vezes (deixando de lado tais meios ou suspendendo seu ofício), opera essas coisas sozinha, cujas obras são então chamadas de milagres: quando as causas secundárias, que *Platão* e outros chamavam de ajudantes,²⁰ agem sob o comando

e a indicação da Primeira Causa e são necessárias para produzir seus efeitos; mas Deus, segundo sua vontade, pode desobrigá-las e suspendê-las, de modo que elas podem abdicar da necessidade de tal comando e indicação; é quando então se diz que acontecem os maiores milagres de Deus.

Assim, o fogo na fornalha dos caldeus não queimou as crianças; o Sol, sob o comando de *Josué*,²¹ se deteve por um dia inteiro; também, sob as preces de *Ezequias*,²² retrocedeu dez graus ou horas. E quando Cristo foi crucificado, o céu escureceu,²³ ainda que fosse Lua cheia: e os motivos dessas operações não podem ser encontrados por nenhum discurso racional, nenhuma magia ou ciência profunda, mas devem ser aprendidos e investigados apenas por oráculos divinos.

Notas - Capítulo XIII

1. A magnetita é naturalmente magnética.

Deixando o mármore e passando para pedras mais notáveis, quem pode por um momento duvidar de que a pedra magnética será a primeira a se sugerir? Pois, na verdade, o que pode ser dotado de propriedades mais fantásticas do que ela? Ou em quais de seus departamentos a natureza exhibe maior grau de genialidade?... A natureza agraciou, nesse caso, uma pedra com sentido e com mãos. O que é mais teimoso que o ferro duro? A natureza, nesse exemplo, deu-lhe pés e inteligência. O ferro se permite ser atraído pelo ímã e, sendo um metal que subjuga todos os outros elementos, precipita-se em direção à fonte de uma influência ao mesmo tempo misteriosa e invisível. No instante em que o metal se aproxima do ímã, salta em direção a ele e nele se gruda (*Plínio* 36.25 [Bostock e Riley, 6:355]).

Lucrécio trabalha em cima da noção de que a magnetita funciona criando um vácuo:

Em primeiro lugar, muitos átomos, ou eflúvios, devem necessariamente voar da pedra, a qual, pelo impacto, dispersa o ar que se situa entre ela e o ferro. Quando esse espaço se esvazia e um grande vácuo se forma entre eles, átomos do ferro, imediatamente se lançando para a frente, precipitam-se juntos no vácuo; e todo o anel [de ferro] formado prossegue e passa adiante com seu corpo inteiro. Pois nenhuma substância coere e combina melhor - tendo seus elementos primários intimamente envolvidos - que a fria e dura consistência do robusto ferro (*Sobre a Natureza das Coisas* 6.998, traduzido para o inglês por J. S. Watson [London: George Bell and Sons, 1901], 287)

2. “Tão grande é a antipatia dessa pedra [diamante] pelo ímã que, quando colocada perto dele, não lhe permite atrair o ferro; ou, se o ímã já o atraiu, ela agarra o metal e o arrasta do outro” (*Plínio* 37.15 [Bostock e Riley, 6:408]). “Li ainda a respeito dessa pedra [magnetita] que, se

“você colocar um diamante perto dela, ela não vai atrair o ferro, e ainda o perde assim que o diamante se aproximar” (Agostinho, *Cidade de Deus* 21.4 [Healey, 2:324]). O mesmo poder era atribuído ao alho, entre todas as coisas: “tampouco a magnetita atrairá o ferro se for esfregada com alho” (Ptolomeu, *Tetrabiblos* 1.3.13, traduzido para o inglês por F. E. Robbins [Cambridge: Harvard University Press, 1980], 27). Todos esses dados se encontram em *Moralia* de Plutarco, *Platonicae quaestiones* 7.5. Desnecessário dizer que nem o diamante nem o alho têm o menor efeito sobre a magnetita.

3. Uma resina fósfil translúcida, dourada, que queima com um odor agradável, e às vezes contém insetos. Se esfregada, atrai palha e outras hastes secas por meio de eletricidade estática. Plínio narra todo o folclore grego acerca do âmbar, dizendo que se acreditava que fora formado das lágrimas derramadas pelas árvores ou pelos pássaros, ou da urina dos linceas, que ele fluiu da terra, que é Salmostrada solidificada, que é o orvalho dos raios de Sol e que emana de lama quente, antes de dar sua opinião:

O âmbar é produzido de tutano expelido pelas árvores que pertencem ao gênero pinheiro, como goma da cereja e resina do pinheiro comum. É um líquido, a princípio, que corre em consideráveis quantidades, endurecido aos poucos pelo calor ou frio, ou ainda pela ação do mar, quando a maré alta leva embora fragmentos das praias dessas ilhas [no Oceano Norte]. De qualquer forma, é lançado sobre as costas, em uma forma tão leve e volúvel que nas águas rasas dá a impressão de estar suspenso (Plínio 37.11 [Bostock e Riley, 6:401]).

4. Também chamado gagata. Uma forma preta e dura de carvão capaz de aceitar grande polimento. Era chamado de âmbar negro e confundido com o âmbar (“Tem duas cores: preta e da cor do açafraão” (*Livro dos Segredos* [Best e Brightman, 45] porque, assim como essa substância, tem o poder de atrair pedaços de palha quando esfregado - uma propriedade mencionada por Alberto Magno. Plínio diz:

É preto, macio, leve e poroso, pouco diferente da madeira em aparência. Tem textura frágil e emite um odor desagradável, quando esfregado. Qualquer marca deixada em objetos de cerâmica com essa pedra não sai mais. Ao se queimar, ela exala um cheiro sulfuroso; e é um fato singular que a aplicação da água o acende, enquanto o óleo o apaga. As fumaças do azeviche queimado afastam as serpentes e dissipam afetações históricas: elas detectam uma tendência também à epilepsia e funcionam como um teste de virgindade. Uma decocção dessa pedra em vinho cura dor de dente; e, em combinação com cera, ela é boa para escrófula. Dizem que os magos usam gagatas na prática do que chamam de axinomancia [adivinhação em que se coloca o azeviche sobre a lâmina em brasa de um machado]; e eles nos garantem que elas não queimam se algo está para acontecer de acordo com o desejo do querelante (Plínio 36.34 [Bostock e Riley, 6:361-2]).

5. Se quiser fazer um fogo que não possa ser extinto ou apagado, pegue a pedra chamada Asbesto, ela é da cor do Ferro, e muito se encontra dela na Arábia. Se essa pedra for acesa ou inflamada, poderá nunca se apagar ou se extinguir, porque tem a natureza dos primeiros pais da Salamandra, por motivo de gordura úmida, que nutre o fogo nela aceso (*Livro dos Segredos* 2.10 [Best e Brightman, 30-1]).

Alberto Magno chama os asbestos de “pena de Salamandra” (*Meteora* 4.3.17). Ver nota 11, cap. VII, 1.

6. Os carbúnculos do mundo antigo costumavam ser rubis e granadas vermelhas. Falando dessas “gemas vermelhas incandescentes”, Plínio diz:

No primeiro nível entre essas pedras [brilhantes] está o carbúnculo, assim chamado por causa de sua semelhança ao fogo; pois, na realidade, ele é à prova da ação desse elemento: por isso algumas pessoas chamam essas pedras de “acaustoi” [incombustíveis]... Além desse fato, cada espécie é subdividida em carbúnculo macho e carbúnculo fêmea, sendo o primeiro de um brilho mais marcante, enquanto o segundo não é tão forte. Nas variedades do carbúnculo macho também vemos alguns dos quais o fogo é mais claro que nos outros; enquanto alguns, por sua vez, são de uma tonalidade mais escura, ou têm um brilho mais profundo e reluzem com um lustre mais potente do que outros, se vistos ao Sol.... Segundo

Calistrato, a refulgência dessa pedra deve ser de um tom azul esbranquiçado e, quando colocado sobre uma mesa, deve realçar com seu lustre outras pedras colocadas próximas a ele, que sejam embaçadas nas bordas (Plínio 37.25 [Bostock e Riley, 6:420-1]).

Dessas referências ao brilho, o carbúnculo se tornou proverbial como pedra que emite luz. No *Livro dos Segredos*, há instruções para se fazer carbúnculo artificial:

Se quer fazer uma pedra de carbúnculo, ou algo que brilhe à noite, pegue muitos dos pequenos insetos que se iluminam à noite [vermes brilhosos e vaga-lumes] e coloque-os, batidos, em um pequeno frasco de vidro e feche-o. Enterre-o nas fezes quentes de um cavalo e deixe lá por 15 dias. Depois, destile água deles *per alembicum*, que você depois colocará em um recipiente de cristal ou vidro. Emite tanta claridade que qualquer homem pode ler e escrever em um lugar escuro, no qual o objeto estiver (“Maravilhas do mundo” 79 [Best e Brightman, 111]).

7. A aetita, ou pedra-de-águia, é uma concreção contendo cristais, ou pedregulhos, ou pequenas pedras de terra, que chacoalham quando um geodo é balançado. Plínio diz que as águias usam essa pedra na construção de seus ninhos. “Essa pedra tem a qualidade também, de certa maneira, de engravidar, pois, quando é sacudida, outra pedra se ouve chacoalhar dentro dela, como se estivesse envolta em seu ventre; ela não tem propriedades medicinais, porém; exceto imediatamente após ser tirada do ninho” (Plínio 10.4 [Bostock e Riley, 2:484]). Em outro trecho, ele diz:

Aplicada a mulheres grávidas, ou no gado, envolta em pele de animais que foram sacrificados, essas pedras agem como preventivo contra aborto, desde que se tome o cuidado de não removê-las até o momento do parto; pois, do contrário, o resultado é um prolapso do útero. Se, por outro lado, elas não forem tiradas no momento do parto, essa operação na natureza não pode ser efetuada (Plínio 36.39 [Bostock e Riley, 6:365]).

O *Livro dos Segredos* diz o seguinte da aetita: “É útil para mulheres grávidas; impede o nascimento prematuro” (2.41, p. 46). Isso é tirado de Alberto Magno, que diz que a pedra diminui os perigos na hora do parto. Lucano se refere às “pedras que ressoam [explodem] sob o pássaro que está chocando” (*Pharsalia* 6, linha 676 [Riley, 240]). Talvez, ao ser atirada ao fogo, o ar e a umidade na pedra oca a façam se partir, como se fosse uma casca de ovo, ou como um parto.

8. O jaspe é um quartzo opaco que pode ser vermelho, amarelo, marrom ou verde. Quando aparecem manchas vermelhas de óxido de ferro no jaspe verde, ele se chama jaspe-sanguíneo. Não deve ser confundido com o heliotrópio, que é uma calcedônia verde translúcida, com manchas carmesim. É fácil distinguir entre os dois porque o jaspe é sempre completamente opaco. Na Antiguidade, as duas pedras costumavam ser confundidas. No antigo Egito, o jaspe vermelho era associado ao sangue menstrual de Isis e supostamente “aumentava o leite nas mulheres amamentando e ajudava as grávidas” (Budge 1968, 316). De acordo com as lendas medievais, o jaspe-sanguíneo foi criado na Crucificação de Cristo, quando jorrou água de seu flanco, ao ser espetado com a lança do soldado romano.

A partir daquele momento, a pedra parece ter sido agraciada com poderes mágicos e divinos para estancar hemorragias de ferimentos, e era usada pelos soldados romanos por esse motivo; entre os nativos da Índia, é costume colocar o próprio jaspe-sanguíneo nas feridas e ferimentos após mergulhá-lo em água fria (Thomas e Pavitt 1970 [1914], 138).

9. Ver nota 5, capítulo X, l. 1.

10. A raiz seca do gênero *Rheum* era amplamente usada na medicina na época de Agrippa, a melhor variedade sendo importada do Tibete e da China. Era chamada de ruibarbo turco. Gerard diz: “A purgação feita com ruibarbo é útil e apropriada para todos os que sofrem de cólera”, acrescentando: “Ela purga humores coléricos e nefastos” (John Gerard, *The Herbal* [1633], l. 2, cap. 83, sec. E, G [New York: Dover, 1975], 395).

11. O camaleão era o animal mágico do ar, assim como a Salamandra era do fogo, porque se suponha que ele vivesse no ar. “Sempre deixa a cabeça erguida e a boca aberta, e ele é o único animal que recebe seu alimento não da carne nem dos líquidos ou de qualquer outra coisa, mas apenas do ar” (Plínio 8.51 [Bostock e Riley, 2:303]). “Demócrito afirma que, se a cabeça e o pescoço do camaleão forem queimados em um fogo feito com troncos de carvalho, o resultado será uma tempestade com chuva e trovão: o mesmo que se produz ao queimar o fígado sobre as telhas de uma casa” (Plínio 28.29 [Bostock e Riley, 5:316]).

12. O heliotrópio é encontrado na Etiópia, África e Chipre: tem uma coloração esverdeada, como os porros, marcado de manchas vermelho-sangue. Tem esse nome porque, se colocado em um recipiente de água e exposto à luz plena do Sol, muda para uma cor refletida como a do sangue; essa é particularmente a propriedade da pedra originária da Etiópia. Fora da água, também, a pedra reflete a figura do Sol, como um espelho, e descobre eclipses dessa luminária mostrando a Lua passando sobre seu disco. No uso dessa pedra, também temos um flagrante exemplo da despuorada afronta dos adeptos de magia, pois eles dizem que, se a pedra heliotrópio for combinada com a planta do mesmo nome e certos encantamentos forem repetidos sobre ela, ela deixará a pessoa que a carregar consigo invisível (Plínio 37.60 [Bostock e Riley, 6:450])

13. Lyncurium, ou água de linco, uma pedra que se acreditava ser formada da urina de lincos misturada com um tipo especial de terra.

Eles afirmam também que ela é um produto da urina do linco e de uma espécie de terra, quando o animal cobre a urina logo após expeli-la, por ciúme de que o homem se apossa dela; uma combinação que endurece a pedra. Sua cor, informam-nos, assim como de alguns tipos de âmbar, é de uma tonalidade incandescente, e permite ser gravada. Afirmam também que essa substância atrai para si não só folhas ou palha, mas também placas finas de cobre ou até de ferro; uma história em que até Teofrasto acredita, tendo fé em um certo Díocles. De minha parte, considero todas essas afirmações inverídicas, e não acredito que em nossos dias exista uma pedra preciosa com esse nome. Acho que as alegações acerca de suas propriedades medicinais também são falsas: que sendo ingerida com líquido, elimina cálculos urinários e bebida com vinho, ou apenas vista, cura icterícia (Plínio 37.13 [Bostock e Riley, 6:404]).

O *Livro dos Segredos*, citando Isidoro de Sevilha, diz que é uma pedra tirada da cabeça do linco, e de cor branca: “Ela também remove manchas brancas ou peroladas [catarata] dos olhos” (*Livros dos Segredos* 2.49 [Best e Brightman, 48-9]). Já se conjecturou que o lyncurium é a turmalina marrom, com propriedades elétricas semelhantes às descritas.

14. Liparea (riólito). “... tudo o que encontramos acerca do liparito [“pedra gorda”] é que, usada na forma de uma fumigação, ela atrai todo tipo de animal selvagem” (Plínio 37.62 [Bostock e Riley, 6:453]). “Essa pedra é encontrada na Líbia, e todos os animais correm na direção dela, como sua defensora. Ele não deixa os cães nem os homens caçá-los” (*Livro dos Segredos* 2.33 [Best e Brightman, 42]). Conjetura-se que se trata de enxofre das Ilhas Lipárias, um grupo de ilhas vulcânicas ao norte da Sicília.

15. “A anacitis [“pedra da necessidade”] é usada em hidromancia, dizem, para invocar os deuses, obrigando-os a aparecer; e a synochitis [“pedra de retenção”], para deter as sombras das profundezas quando aparecem” (Plínio 37.73 [Bostock e Riley, 6:461]). As pedras são mencionadas por Santo Isidoro, bispo de Sevilha, em sua *Etimologiae* 16.15 - ver Evans 1976 [1922], 31.

16. Ver nota anterior.

17. Nações inteiras já foram as descobridoras de certas plantas. Os citas foram os primeiros a descobrir a planta conhecida como “cítica”, que cresce nas proximidades de Palus Maeotis. Entre outras propriedades, essa planta é incrivelmente doce e muito útil para a afetação conhecida como “asma”. Ela também possui outra excelente recomendação - enquanto uma pessoa a segurar na boca, nunca passará fome ou sede.

A hippace, outra planta natural da Cítia, possui propriedades semelhantes: deve seu nome ao fato de produzir efeito semelhante em cavalos. Com o auxílio dessas duas plantas, os citas, dizem, são capazes de aguentar fome e sede até 12 dias (Plínio 25.43-4 [Bostock e Riley, 5:110-1]).

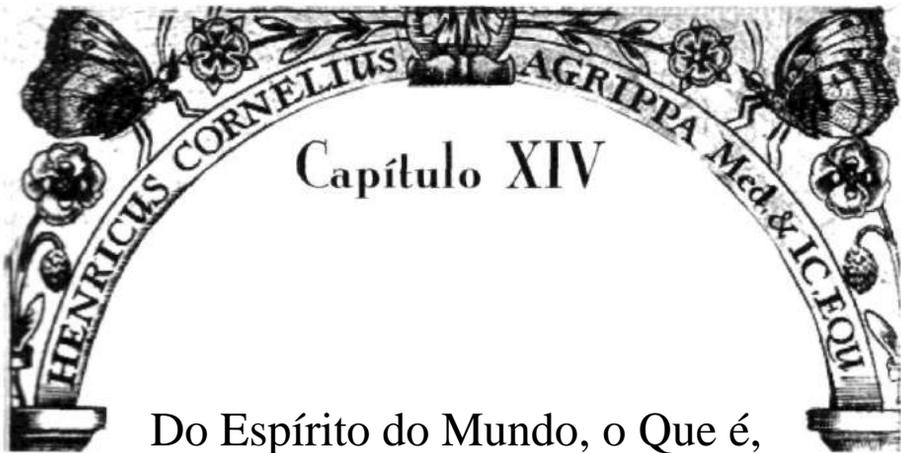
Agrippa também menciona essa erva no cap. LVIII, l. I, em que a chama de “erva de Esparta”, talvez porque os espartanos eram famosos por sua resistência. Riley conjectura que se trata de alcaçuz. Já a hippace parece ter sido um queijo feito de leite de égua, mencionado por Hipócrates (ares, águas, lugares, cap. 18), que Plínio confundiu com uma planta.

18. Após tê-la feito, ele dividiu toda a mistura [de elementos] em almas iguais em número às estrelas e atribuiu cada alma a uma estrela; e, tendo colocado-as como em uma charrete, ele lhes mostrou a natureza do Universo e declarou-lhes as leis do

destino, segundo as quais seu primeiro nascimento seria um e o mesmo para todas - ninguém deveria ficar em desvantagem em suas mãos (Platão, *Timaeus* 41d, traduzido para o inglês por B. Jowett [Hamilton and Cairns, 1170]). Aquele que viveu bem em seu tempo determinado voltaria a habitar sua estrela nativa e lá teria uma existência abençoada e congenial. Mas, caso falhasse na obtenção disso, no segundo nascimento, ele passaria a ser uma mulher, e se, quando nesse estado, não desistisse do mal, continuaria a ser mudado em algum tipo de criatura (*Ibid.*, 42b, 1171).

Ora, do divino, ele mesmo era o criador; mas a criação do mortal ele delegou à sua prole [as inteligências]. E esta, imitando-o, recebeu dele o princípio imortal da alma e, em torno desse princípio, procedeu para a criação de um corpo mortal, e fez dele veículo da alma, construindo dentro do corpo uma alma de outra natureza, que era mortal, sujeita às terríveis e irresistíveis afetações... estas foram combinadas com um sentido racional e um amor corajoso, de acordo com as leis necessárias, e assim formaram o homem (*Ibid.*, 69c,-d, 1193).

19. O apócrifo *Cântico dos Três Filhos Sagrados*, versículos 54-60.
20. Ver *Timaeus* 46c-e (Hamilton and Cairns, 1174).
21. Josué 10:12-3.
22. II Reis 20:9-11.
23. Lucas 23: 44-5. Um eclipse solar só ocorre na lua nova, e não é possível na lua cheia.



Do Espírito do Mundo, o Que é, como é e por Qual meio ele une as virtudes ocultas aos seus sujeitos



Demócrito e *Orfeu*, e muitos pitagóricos em sua diligente busca pelas virtudes das coisas celestiais e a natureza das coisas inferiores, diziam que todas as coisas estão cheias de Deus,¹ e não sem causa: pois não há nada dessas virtudes tão transcendentais que possa ser destituído de assistência divina e se contentar com sua própria natureza. Eles também chamavam esses poderes divinos que estão infundidos nas coisas de deuses: que *Zoroastro* chamava de atrações divinas, *Sinésio* de incitações divinas, outros de vidas e alguns de almas, dizendo que as virtudes das coisas dependiam delas; pois a propriedade da alma é se estender de uma matéria a diversas coisas sobre as quais ela opera. O mesmo se dá com um homem, que estende seu intelecto a coisas imagináveis; e era a isso que se referiam quando diziam que a alma de uma coisa saía e entrava em outra coisa, alterando-a e interferindo com suas operações; assim como o diamante interfere² com as operações da

magnetita, que não consegue mais atrair o ferro.

A alma é, portanto, a primeira coisa que se move e, como dizem, move-se por si; mas o corpo, ou a matéria, é imóvel sozinho e, incapaz de movimento, muito se degenera da alma. Por isso, eles dizem que há a necessidade de um meio mais excelente, a saber, que seja como se não fosse um corpo e sim uma alma, ou que não fosse uma alma e sim um corpo; ou seja, que a alma possa se unir ao corpo. Bem, esse meio eles concebem como sendo o Espírito do Mundo, isto é, aquilo que chamamos de quintessência;³ pois ela não é dos quatro elementos, mas de um quinto, cujo ser está acima e além dos outros.

Há, portanto, uma certa espécie de Espírito que deve ser o meio pelo qual as almas celestiais se juntam a corpos brutos e lhes conferem maravilhosos dons. Esse Espírito está, do mesmo modo, no corpo do mundo, como os nossos estão no corpo do homem. Pois, assim como os poderes de nossa alma são comunicados aos

membros do corpo pelo espírito, também a virtude da Alma do Mundo⁴ se difunde por meio de todas as coisas pela quintessência; pois não há nada no mundo inteiro que não tenha uma centelha de sua virtude; mas há muito mais infundido nessas coisas que receberam ou absorveram muito desse Espírito. Ora, esse Espírito é recebido ou absorvido pelos raios das estrelas a tal distância quanto essas coisas se fizerem confortáveis a elas. Por meio desse Espírito, portanto, toda propriedade oculta é transmitida às ervas e pedras, aos metais e animais, por meio do Sol, da Lua, dos planetas e das estrelas mais altas que os planetas.

Ora, esse Espírito pode nos ser mais vantajoso se alguém souber como separá-lo dos elementos ou ao menos usar principalmente aquelas coisas abundantes desse Espírito.

Pois tais coisas, quando o Espírito é menos sufocado em um corpo e menos restrito pela matéria, agem com mais poder e perfeição, e também geram seus iguais com mais prontidão, pois no Espírito se encontram todas as virtudes gerativas e seminais. Causa pela qual os alquimistas se empenham em separar esse Espírito do ouro e da prata; e que, se devidamente separado e extraído, é projetado depois sobre qualquer matéria da mesma espécie, ou seja, qualquer metal, logo este se converterá em ouro ou prata. E nós sabemos como fazer isso e já vimos ser feito; mas não pudemos fazer mais ouro que o peso do qual extraímos o Espírito. Pois, sendo uma forma extensa, e não intensa, não pode ultrapassar os próprios limites e mudar um corpo imperfeito em perfeito; fato que não nego, mas que pode ser feito de outro modo.⁵

Notas - Capítulo XIV

1. “Alguns pensadores dizem que a alma se mescla com todo o Universo e é talvez por esse motivo que Tales tenha concluído que todas as coisas estão cheias de deuses” (Aristóteles, “sobre a alma” 1.5.411 a. Em *Basic Works*, tradução para o inglês de J. A. Smith [New York: Random House, 1941]).

De todos os planetas, da Lua, de anos e meses e todas as estações, que outra história teremos para contar senão esta mesma: que a alma, ou as almas, e aquelas almas boas de perfeita bondade provaram ser a causa de tudo; essas almas que tomamos por deuses, quer dirijam elas o Universo, por meio de corpos que as restringem, quer por algum outro modo de ação? Será que qualquer homem que partilhe dessa crença suportaria ouvir que todas as coisas não são “cheias de deuses”? (Platão, *Leis*, l. 10, sec. 899b, traduzido para o inglês por A. E. Taylor [Hamilton and Cairns, 1455]).

2. Ver nota 2, cap. XIII, l. I.

3. A quintessência, também conhecida como éter, originada na Filosofia ocidental pelos pitagóricos, que a caracterizavam como mais sutil e pura que o fogo e possuidora de um movimento circular. Supostamente, ela voava para o alto, até a criação, e dela as estrelas se formaram, como explica Milton:

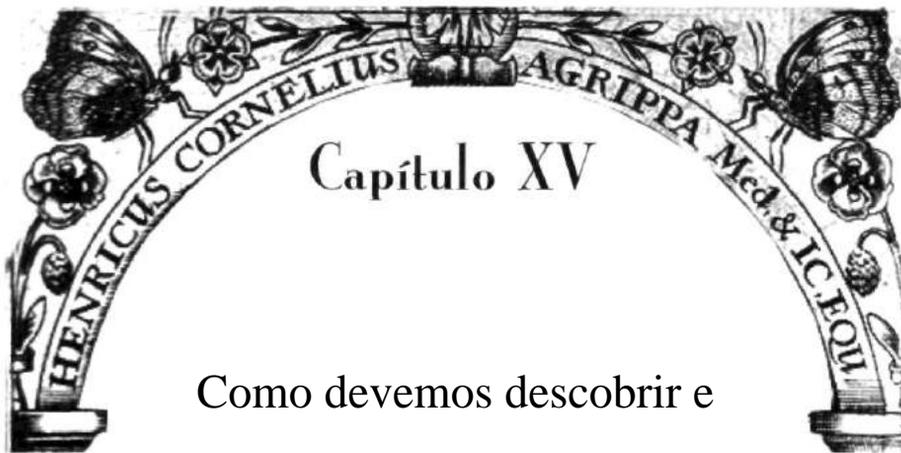
Veloz para seus vários retiros, se apressavam
Os pesados Elementos, Terra, Água, Ar, Fogo,
E essa eterna quintessência do Céu
Então se precipitou para cima, animada com várias formas,
Que rolavam orbiculares, e se voltou para as Estrelas.

(*Paradise Lost* l. 3, linhas 714-8)

Pois em todo o espectro dos tempos passados, até que se registrem nosso legados, nenhuma mudança parece ter ocorrido nem no esquema geral do extremo exterior do céu nem em qualquer outra de suas partes. O nome comum, também que nos chega de nossos distantes ancestrais até nossos dias parece mostrar que eles concebiam o céu do modo como o estamos expressando. As mesmas ideias, devemos acreditar, recorrem à mente dos homens não uma ou duas, mas repetidas vezes. E assim, implicando que o corpo primário é algo além da terra, fogo, ar e água, eles davam ao lugar mais algum nome próprio, *aither*, derivado do fato de “fluir sempre” por toda a eternidade do tempo (Aristóteles, *Sobre os céus* 1.3.270b, traduzido para o inglês por J. L. Stocks [McKeon, 403]).

4. Ver apêndice II.

5. Trata-se da Pedra Filosofal e do Pó da Projeção da Alquimia. Diz-se que Edward Kelley comprou dois pequenos cestos no País de Gales de um estalajadeiro que os tinha obtido do sepulcro arrombado de um bispo. Em um dos cestos se encontrava o Pó Branco, usado para transformar metal básico em prata, e no outro cesto (partido) havia uma pequena quantidade de Pó Vermelho, para transmutar metal básico em ouro. Segundo um relato, ele e John Dee testaram o Pó Vermelho e descobriram que era capaz de converter 272.230 vezes seu peso em ouro. Mas “eles perderam muito ouro nas experiências antes de saber a extensão exata de seu poder” (*The Alchemical Writings of Edward Kelley*, ed. A. E. Waite [1893] [New York: Weiser, 1976], p. xxii do prefácio bibliográfico). Waite está citando Louis Figuier, *L'Alchimie et les Alchimistes*, Paris, 1860, 232 et seq.



Como devemos descobrir e examinar as virtudes das coisas por meio da semelhança

Está claro agora que as propriedades ocultas nas coisas não são da natureza dos elementos, mas infundidas do alto, escondidas de nossos sentidos e por fim mal conhecidas por nossa razão, e que vêm de fato da vida e do Espírito do Mundo,¹ por meio dos raios das estrelas; e não podem de outro modo, exceto pela experiência e conjectura, ser por nós investigadas.

Daí que, aquele que quiser entrar nesse estudo, deve considerar que tudo se move e se volta para o seu igual, e o inclina para si com toda a sua força, tanto em propriedade, a saber, virtude oculta, quanto em qualidade, a saber, virtude elementar. Às vezes, também na própria substância, como vemos no sal, pois tudo o que permanece muito tempo com o sal se torna sal;² pois nenhum agente, quando começa a agir, tenta fazer algo inferior a si, mas sim no nível a ele apropriado. O que vemos também claramente em animais sensíveis, nos quais a virtude nutritiva não muda a carne em

erva ou planta, mas a converte na carne sensível do animal.

Nas coisas, portanto, em que há um excesso de qualidade ou propriedade, como calor, frio, coragem, medo, tristeza, raiva, amor, ódio ou qualquer outra paixão ou virtude - esteja nelas por meio da natureza ou às vezes por uma arte, ou pelo acaso, como a coragem em uma meretriz³ -, essas mesmas coisas se movem e provocam tal qualidade, paixão ou virtude. Assim, o fogo move o fogo, e a água move a água, e aquele que é corajoso é movido pela coragem.⁴ E é fato conhecido entre os médicos que o cérebro ajuda o cérebro e os pulmões ajudam os pulmões. Por isso, também se diz que o olho direito de uma rã ajuda a tratar a lesão no olho direito de um homem, e o olho esquerdo do mesmo animal, o olho esquerdo do homem, se for pendurado no pescoço em um pano de sua cor natural; o mesmo se diz dos olhos de um caranguejo.⁵ E assim, a pata de uma tartaruga ajuda aqueles que têm gota, se for aplicada pé a pé e mão a mão, direita com direita, esquerda com esquerda.

Desse modo, dizem, qualquer animal estéril faz outro ficar estéril;⁶ e a partir do próprio animal, principalmente testículos, matriz ou urina. Informamos que uma mulher não conceberá se beber todos os meses a urina de uma mula⁷ ou qualquer coisa embebida nela. Se quisermos, portanto, obter alguma propriedade ou virtude, procuremos esses animais ou outras coisas nas quais essa propriedade exista de forma mais eminente, e de tais coisas tomemos a parte em que a virtude ou propriedade é mais vigorosa; se, por exemplo, em algum momento, quisermos promover o amor, procuremos os animais mais amáveis, como pombas, rolas, pardais e pássaros da espécie dos motacilídeos (caminheiros); e deles tomemos aqueles membros ou partes, nas quais o apetite venéreo for mais vigoroso, tais como o coração, os testículos, a matriz,⁸ o falo,⁹ esperma e mênstruo.¹⁰ E isso deve ser feito no momento em que esses animais tiverem suas afeições mais intensas;¹¹ pois é quando provocam muito e atraem o amor.

De maneira semelhante, para aumentar a coragem, procuremos um leão ou um galo e deles tomemos o coração, os olhos ou a testa. E assim devemos entender aquilo que *Pselo* o Platônico dizia, ou seja, que os cães, corvos e gaios conduzem ao alerta; também o rouxinol, o morcego e a coruja, no coração, cabeça e olhos, principalmente. É por isso que se diz que, se alguém carrega o coração de um corvo, ou tiver um morcego por perto, não dormirá até atirá-lo para longe de si. O mesmo serve para a cabeça de um morcego¹² seca e amarrada ao braço direito daquele que está

acordado, pois, se for colocada no braço do que dorme, dizem que não acordará até que a tirem dele.

Do mesmo modo, uma rã e uma coruja tornam uma pessoa conversadora, e desses animais se utilizam principalmente a língua e o coração; assim, a língua de uma rã aquática¹³ colocada sob a cabeça faz um homem falar durante o sono, e o coração de um mocho¹⁴ colocado sobre o seio esquerdo de uma mulher adormecida com certeza a fará revelar todos os seus segredos. O mesmo faz o coração de uma coruja ou o sebo de uma lebre colocado sobre o peito de quem dorme.

No mesmo sentido, animais de vida longa conduzem o homem a viver muito; e todas as coisas que têm um poder de se renovar conduzem à renovação de nosso corpo e à restauração da juventude, que os médicos com frequência professam saber que é real; como se manifesta na víbora e na cobra.¹⁵ E é fato sabido que os veados velhos rejuvenescem comendo cobras.¹⁶ E assim também a fênix¹⁷ é renovada por um fogo que ela faz para si; e de virtude igual é o pelicano, cuja pata direita colocada sob lama morna, após três meses, gera um pelicano.¹⁸ Assim, alguns médicos, por meio de certas confecções feitas de víboras e heléboros, e a carne de alguns animais, de fato restauram a juventude, às vezes a tal ponto como *Medeia* restaurou o velho *Pélias*.¹⁹ Também se acredita que o sangue de uma ursa, se sugado de uma ferida nela, aumenta a força do corpo, porque o urso é a mais forte das criaturas.²⁰

Notas - Capítulo XV

1. Ou seja, a quintessência. Ver nota 3, cap. XIV, l. I.
2. “Também Avicena dizia que, quando uma coisa fica muito tempo no sal, torna-se sal e, se algo ficar muito tempo em um lugar fedorento, tornar-se-á fedorento também. E, se alguma coisa fica com um homem corajoso, ela se torna corajosa; se ficar ao lado de um homem temeroso, ela se tornará temerosa” (*Maravilhas do Mundo 2* [Best e Brightman, 74]).
3. “...ou de um modo geral, como a coragem e a vitória são naturais para um leão, ou *secundum individuum*, como a coragem em uma meretriz, não do tipo do homem, mas *per individuum* (*Ibid.*, sec. 3, 75).
4. “Assim como em uma meretriz, a coragem é extrema. E, portanto, os filósofos dizem que, se um homem vestir um avental de uma meretriz, ou olhar em um espelho (ou carregar consigo um) no qual ela se olha, ele andarão com coragem e sem medo” (*Ibid.*, sec. 14, 80).
5. A pomada Oculi Cancrorum, ou Unguento de Olho de Caranguejo, era usada para curar feridas ulcerosas. O Olho do Caranguejo era o nome de uma concriação de carbonato de cal encontrada no estômago de lagostas e lagostins. Parece haver uma linha mágica saindo do olho do caranguejo passando pelo signo zodiacal de Câncer, pela pedra do signo - a esmeralda, que era conhecida em tempos antigos como preservativo da visão - até o conteúdo calcário no estômago do lagostim.
6. “E portanto os filósofos escrevem que a mula, totalmente estéril de sua propriedade, torna homens e mulheres estéreis quando alguma parte dela é associada às mulheres” (*Maravilhas do Mundo 15* [Best e Brightman, 81]).
7. Sem dúvida, um dos mais nefastos meios de controle de natalidade.
8. Ventre.
9. Pênis.
10. Sangue menstrual.
11. De modo semelhante, aqueles que se movem pelo amor, procurem o animal que mais ama, especialmente naquele momento em que ele mais estiver propenso a amar, porque há nesse instante uma força maior no animal, incitando-o a amar; que se pegue então aquela parte do animal em que o apetite carnal for mais forte, como o coração, as pedras e a mãe ou matriz.

E como a andorinha ama demais, como dizem os filósofos, eles portanto a escolhem para fortalecer o amor.

De modo semelhante, a pomba e o pardal são considerados dessa espécie, principalmente quando se deleitam no amor ou no apetite carnal, pois é quando provocam e atraem amor sem resistência (*Maravilhas do Mundo 15-7* [Best e Brightman, 81]).
12. A inversão da virtude mágica das coisas quando aplicada em condições opostas é muito comum. “E os filósofos inventaram que, quando uma mulher está grávida, se a ela for aplicada uma coisa que deixa as mulheres estéreis, esta não ficará estéril, mas proliferará” (*Ibid.*, sec. 30, 87).
13. “Pegue uma rã aquática desperta [viva] e arranque-lhe a língua, coloque-a de novo na água. Coloque a língua sobre uma parte do coração da mulher adormecida, e, quando lhe perguntarem, ela dirá a verdade” (*Ibid.*, sec. 56, 99-100). Esse encantamento é tirado de Kiranides. “Se alguém quiser saber os segredos de uma mulher, deve cortar fora a língua de uma rã viva e devolver a rã à água, fazer alguns caracteres na língua cortada e colocá-la sobre o local em que bate o coração de uma mulher; e poderá fazer a ela quaisquer perguntas que quiser, e ela responderá dizendo a verdade, revelando os segredos e as faltas que tiver cometido” (*Ibid.*, 99, n. 56).
14. “Há virtudes maravilhosas nessa ave, pois, se o coração e a pata direita dela forem colocados sobre um homem adormecido, ele responderá àquilo que lhe perguntarem” (*Ibid.*, l. 3, sec. 4, 52).
15. As cobras trocam de pele várias vezes ao ano. A velha pele seca as faz parecer velhas, enquanto a nova pele lisa lhes dá um aspecto jovem.
16. “Que os veados são destrutivos para esses répteis [cobras], ninguém ignora; assim como o fato de que eles as arrancam de suas tocas, quando as encontram, para devorá-las” (Plínio 28.42 [Bostock e Riley, 5:329]).

17. Um pássaro fabuloso em aparência, como uma águia com plumagem dourada e carmesim e -ma estrela na testa. A única de sua raça, ela vive 500 anos, alimentando-se de especiarias raras, depois se renova:

Esse pássaro, quando completa as cinco eras de sua vida, constrói para si, com suas garras e seu bico arqueado, um ninho nos galhos de um azinheiro [*Quercus ilex*], ou na copa de uma tamareira [*Phoenix dactylifera*], tão logo tenha polvilhado e pilado canela com mirra amarela, ele se deita e termina sua vida em meio a odores. Dizem que então, a partir do corpo de seu genitor, se reproduz uma pequena Fênix, que é destinada a viver a mesma quantidade de anos. Quando o tempo tiver lhe dado força e for capaz de suportar o peso, ele alivia os galhos da altiva árvore do fardo do ninho e carrega responsabilmente seu próprio berço e sepultura de seu genitor; e tendo alçado à cidade de Hipérion [Heliópolis no Egito] através do dócil ar, deita-se perante as portas sagradas do templo de Hipérion [Hélios, o Sol]. (*Ovid Metamorphoses* 15.3, trans. H. T. Riley [London: George Bell and Sons, 1884], 532) N.E.: Sugerimos a leitura de *Metamorfoses*, de Ovídio, Madras Editora, p. 314-315.

O corpo do pássaro morto, envolto em especiarias para embalsamar, é cremado sobre o altar. Seu retorno ao Egito é anunciado como um grande e favorável augúrio. É quase certo que esse pássaro é mencionado no Salmos 103 (versículo 5) sob o nome da águia. Há duas variações principais na história da regeneração da fênix. Uma diz que o pássaro entra em combustão espontânea agitando as asas sobre o altar e se ergue de suas próprias cinzas; a outra menos atraente é que a nova fênix emerge do corpo em decomposição da velha, na forma de um pequeno verme branco. Para descrições da fênix, ver Heródoto, História I. 2; Plínio 10.2; Tácito, Anais 6.28; o lindo poema de Claudius Claudianus, “A Fênix”; e a curta peça descritiva A Fênix, atribuída a Lactânio (Edimburgo: Ante-Nicene Christian Library, 1871, vol. 22).

18. “E a pata direita dele [do pelicano], sob um objeto quente, após três meses, vive e se move sozinha, do humor e do calor que o pássaro possuía” (*Livro dos Segredos* 3.14 [Best e Brightman, 57]).

19. Agrippa comete um erro. Medeia enganou as filhas de Pélias, levando-as a matar o pai na falsa esperança de que o tornaria jovem. Foi Eson, o idoso pai do herói Jasão, que a feiticeira restaurou à sua juventude, infundindo uma poção em suas veias:

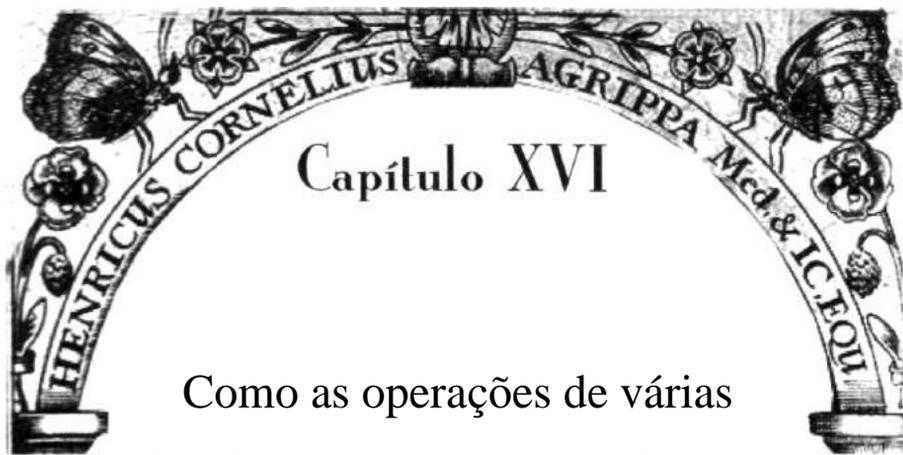
Lá ela ferve raízes cortadas nos vales tessalianos e sementes e flores e sucos acres. Acrescenta pedras apanhadas no Oriente mais distante, e areia, que a maré baixa do oceano lavou. Ela acrescenta, também, geadas colhidas à noite sob a luz da Lua, e as asas agourentas de uma corujadas-torres [*Tyto alba*], junto com sua carne; e as entranhas de um lobo ambíguo, que era acostumado a mudar sua aparência de besta selvagem à de um homem.

Nem falta lá a fina pele escamosa da cobra d’água do *Cinipo* e o fígado de um veado idoso; aos quais, além disso, acrescenta o bico e a cabeça de um corvo que tenha suportado uma existência de nove eras. (*Ovid Metamorphoses* 7.2, cerca da linha 260 [Riley, 234-235]) Edição da Madras, p. 140.

20. A força proverbial do urso é sem dúvida responsável por seu uso pela bruxa Pariseta de Neuville, que, em 1586, a aplicou para curar Stephan Noach de uma doença da qual ela era acusada de lhe ter causado:

Então, ela colocou o homem doente sobre os ombros e o carregou até o jardim e o colocou sobre um enorme urso que lá apareceu. E o urso ficou carregando-o para cima e para baixo, para a frente e para trás, o tempo todo gemendo como se estivesse suportando um peso grande demais; mas, na realidade, era a voz do Demônio, reclamando porque estava sendo forçado contra sua natureza, a usar seu poder para conferir ao homem o grande benefício da restauração da saúde (*Remy Demonolatriy* 3.3 traduzido para o inglês por Ashwin [London: John Rodker, 1930], 149).

Remy acrescenta: “É ligado a isso que vemos acrobatas e malabaristas sempre levando consigo ursos, sobre os quais colocam crianças para que estas fiquem seguras contra o medo de duendes e espectros” (*Ibid.*, 152).



Como as operações de várias virtudes passam de uma coisa para outra e são comunicadas uma à outra



ocô deve saber que o poder das coisas naturais é tão grande que elas não só atuam sobre as coisas que estiverem próximas delas, por sua virtude, mas, além disso, infundem-se nelas como pó, e por meio delas, pela mesma virtude, atuam também sobre outras coisas, como vemos na magnetita, pedra que não só atrai anéis de ferro, mas também infunde neles uma virtude¹ que lhes permite fazer o mesmo, como *Agostinho*² e *Alberto*³ afirmam ter visto.

É assim que, como dizem, uma meretriz comum, audaciosa e corajosa, cheia de impudência, infecta a todos os que estiverem perto dela, por meio dessa propriedade, que torna os outros como ela. Por isso, dizem que se alguém vestir as roupas íntimas de uma meretriz ou tiver o espelho no qual ela se olha todos os dias, ficará

corajoso, confiante, impudente e bravo.⁴ Do mesmo modo, diz-se que um pano que envolveu um cadáver recebeu dele a propriedade de tristeza e melancolia; e a corda⁵ com que um homem foi enforcado possui certas propriedades fantásticas.

Uma história parecida conta *Plínio*, dizendo que, se você cegar um lagarto verde⁶ e o colocar junto com anéis de ferro ou ouro em um recipiente de vidro e, sob o recipiente, um pouco de terra, depois de fechá-lo até parecer que o lagarto recebeu de volta a visão, tire-o do recipiente e os anéis agora ajudarão a curar problemas nos olhos. O mesmo pode ser feito com anéis e uma doninha⁷ cujos olhos tenham sido arrancados com algum instrumento pontiagudo; ela certamente recuperará a visão. Nesse mesmo sentido, podem ser colocados anéis no ninho de pardais, andorinhas, que serão usados depois para gerar amor e favores.

Notas - Capítulo XVI

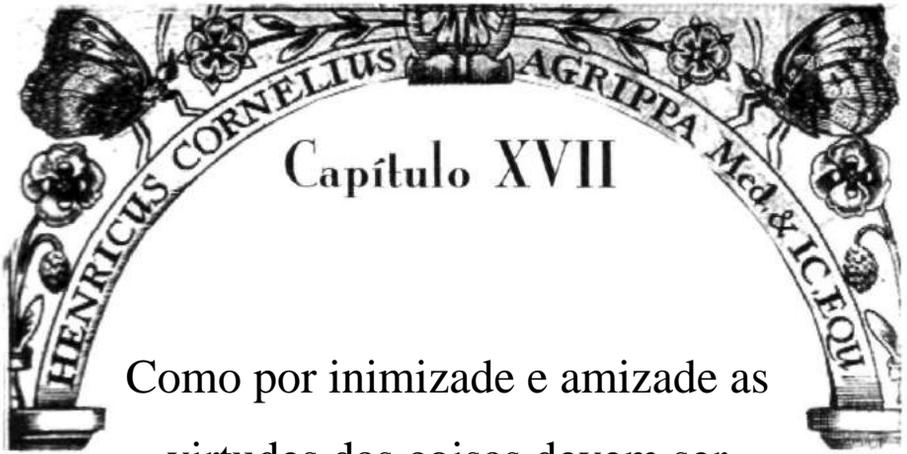
1. Falaremos da magnetita em seu devido lugar e da simpatia que ela tem com o ferro. Esse é o único metal que adquire as propriedades daquela pedra, retendo-as por determinado tempo e atraindo outro ferro, de modo que às vezes podemos ver uma corrente inteira formada desses anéis. As classes mais baixas, em sua ignorância, chamam a isso de “ferro vivo”, e as feridas feitas por essa corrente são muito mais graves (Plínio 34.42 [Bostock e Riley, 6:209]).

Essa pedra não atrai simplesmente os anéis, por si mesmos; ela também incute neles uma força que lhes permite fazer o mesmo que a pedra, ou seja, atrair outro anel, de modo que às vezes é formada uma corrente, muito longa, de anéis de ferro, suspensos uns nos outros. Para todos eles, porém, o poder depende da magnetita (Platão. *Íon*, traduzido para o inglês por L. Cooper [Hamilton and Cairns, 220]).

2. Nós sabemos que a magnetita atrai o ferro de maneira estranha; e, certamente, quando observei o fenômeno pela primeira vez, fiquei perplexo. Pois vi a pedra atrair um anel de ferro e, em seguida, como se tivesse conferido o próprio poder ao anel, este atraiu outro e o prendeu com firmeza, como se estivesse preso à própria pedra. E assim aconteceu com um terceiro, um quarto pelo terceiro, e assim por diante, até haver uma corrente de anéis que mal se tocavam sem se interligar (Agostinho, *Cidade de Deus* 21.4 [Healey, 2:323]).
3. Talvez uma referência a essa passagem no *Livro dos Segredos*: “Pois embora não saibamos de uma razão clara para a magnetita atrair para si o ferro, a experiência, entretanto, assim mostra, de modo que nenhum homem pode negá-la” (*Maravilhas do Mundo* 20 [Best e Brightman, 82]).
4. Ver notas 3 e 4, cap. XV, l. I.
5. Como é dito, se uma corda for apanhada, com a qual um ladrão é ou foi enforcado, e um pequeno joio, que um redemoinho levantou ao ar, forem ambos colocados em um pote, esse pote quebrará todos os outros potes.

Pegue também um pouco da referida corda e coloque sobre o instrumento com que o pão é levado ao forno; quando o pão for ao forno, você não será capaz de lá deixá-lo, pois ele saltará para fora (*Maravilhas do mundo* 50 [Best e Brightman, 97]).

6. Os lagartos também são empregados de várias maneiras como remédio para doenças dos olhos. Algumas pessoas fecham um lagarto verde dentro de um recipiente de terra novo, junto com nove pequenas pedras conhecidas como “cinaedia”, que costumam ser aplicadas ao corpo para tratar tumores nas virilhas. Em cada uma das pedras devem ser feitas nove marcas, e a cada dia uma deve ser removida do recipiente, com cuidado no nono dia para que o lagarto saia, deixando as pedras e guardando-as como remédio para afetações dos olhos. Outros, ainda, cegam um lagarto verde, depois de colocar um pouco de terra debaixo dele, fecham-no em um recipiente de vidro, com alguns pequenos anéis de ferro sólido ou ouro. Quando descobrem, ao olhar pelo vidro, que o lagarto recuperou a visão, libertam-no e guardam os anéis como preservativo contra oftalmia (Plínio 29.38 [Bostock e Riley, 5:414-5]).
7. “Eles dizem também que, se os olhos de uma doninha forem extraídos com um instrumento pontiagudo, sua visão retornará; o mesmo uso sendo feito dos lagartos e anéis mencionados acima” (*Ibid.*, 415).



Como por inimizade e amizade as virtudes das coisas devem ser tentadas e descobertas



m seguida, é um requisito considerarmos que todas as coisas têm um nível de amizade e inimizade¹ entre si, e toda coisa tem medo e pavor de alguma coisa, que é o inimigo e destrutivo para ela; e, ao contrário, algo com que se deleita e muito aprecia, e com o qual é fortalecido. Assim, nos elementos, o fogo é inimigo da água e o ar, da terra, no entanto, combinam entre si.²

E novamente, nos corpos celestes, Mercúrio, Júpiter, o Sol e a Lua são amigos de Saturno; Marte e Vênus, inimigos dele; todos os planetas além de Marte são amigos de Júpiter, também todos além de Vênus odeiam Marte; Júpiter e Vênus amam o Sol; Marte, Mercúrio e a Lua são inimigos dele; todos além de Saturno amam Vênus; Júpiter, Vênus e Saturno são amigo de Mercúrio; o Sol, a Lua e Marte são seus inimigos; Júpiter, Vênus, Saturno são amigos da Lua; Marte e Mercúrio, seus inimigos.

Há outro tipo de inimizade entre os astros, a saber, quando têm

casas opostas;³ como Saturno para o Sol e a Lua, Júpiter para Mercúrio, Marte para Vênus. E sua inimizade é mais forte quando as exaltações⁴ são opostas: como de Saturno e o Sol; de Júpiter e Marte; de Vênus e Mercúrio. E a amizade é mais forte quando se combinam em natureza, qualidade, substância e poder: como Marte com o Sol e Vênus com a Lua, como Júpiter com Vênus; assim como sua amizade é mais forte quando a exaltação está na casa de outro,⁵ como de Saturno com Vênus, de Júpiter com a Lua, de Marte com Saturno, do Sol com Marte, de Vênus com Júpiter, da Lua com Vênus.

E, conforme a espécie de amizade ou inimizade das coisas superiores, assim também são as inclinações das coisas inferiores a elas sujeitas. Essas disposições, portanto, de amizade e inimizade entre as coisas, nada mais são que certas inclinações de uma coisa a outra, desejando tal e tal coisa se esta faltar, movendo-se em direção a ela, a menos que haja obstáculo, e nela aquiescer quando for

obtida, abominando o contrário e temendo a aproximação do contrário, não descansando nem se contentando com ela. *Heráclito*, guiado por essa opinião, professava que todas as coisas eram feitas por inimizade e amizade.⁶

Ora, as inclinações de amizade são do mesmo tipo em vegetais e minerais que a atratividade da magnetita sobre o ferro e a esmeralda sobre as riquezas e os favores; o jaspe sobre o nascimento de qualquer coisa e a pedra ágata⁷ sobre a eloquência; da mesma maneira, há uma espécie de argila betuminosa que atrai o fogo⁸ e pula para dentro dele, onde quer que o veja; assim como a raiz da erva *aproxis*⁹ atrai fogo a distância. Também a mesma inclinação existe entre a palma macho e a palma fêmea: quando o ramo de uma toca o ramo da outra, elas se abraçam, pois a fêmea não gera frutos sem o macho.¹⁰ E a *amendoeira*, quando está sozinha, é menos frutífera. A *videira* ama o *olmo*, e a *oliveira* e a *murta* se amam; também a *oliveira* e a *figueira*.

Nos animais, existe amenidade entre o melro e o tordo, entre o corvo e a garça, entre pavões, pombas, rolas e papagaios.¹¹ Daí *Sappho* escrever para *Phaon*:¹²

A pássaros geralmente diferentes se juntam as pombas brancas; Também o pássaro que é verde, a rola ama.

Também a baleia e o pequeno peixe,¹³ seu guia, são amigos.

Tampouco essa amenidade nos animais é só entre si, mas se estende a outras coisas, como metais, pedras e vegetais. A gata, por exemplo, deleita-se com a erva-dos-gatos (*gatária*),¹⁴

esfregando-se nela e ficando prenha, dizem, sem o macho; e há éguas na *Capadócia*¹⁵ que se expõem ao impacto do vento e por meio de sua atração concebem. Assim, as rãs, os sapos, as cobras e toda espécie de coisas venenosas rastejantes se deleitam na planta chamada *passiflora*,¹⁶ da qual, se alguém comer, dizem os médicos, morrerá rindo.

A tartaruga também, quando é caçada pela víbora, come *manjerona*,¹⁷ e é por ela fortalecida; e a cegonha, quando come cobras,¹⁸ procura um remédio na *manjerona*; e a *doninha*,¹⁹ quando vai lutar com o basilisco, come *arruda*, o que nos leva a aprender que a *manjerona* e a *arruda*²⁰ são eficazes contra veneno. Assim, em alguns animais, há uma habilidade inata e arte médica; pois, quando um sapo é ferido com uma mordida ou veneno de outro animal, ele tende a procurar *arruda* ou *sálvia* e esfregar nela o local machucado, escapando assim do perigo do veneno.

Foi assim que os homens descobriram muitos excelentes remédios para doenças e as virtudes das coisas dos animais; as *andorinhas*, por exemplo, mostraram-nos que a *quelidônia*²¹ é bastante apropriada para tratar a vista, curando os olhos de seus filhotes; e a *pega*, quando fica doente, coloca uma folha de *louro*²² no ninho e se recupera. Da mesma maneira, *flamingos*, *gralhas*, *perdizes* e *melros* purgam o estômago²³ nauseado com a mesma coisa, e também com ela, os *corvos* eliminam o veneno do *camaleão*; e o *leão*, quando febril, recupera-se ao comer um *macaco*.²⁴ O *abibe*, que passa mal após comer uvas, cura-se com *artemísia*,²⁵ os *veados* nos ensinaram que a erva *díctamo*²⁶ é

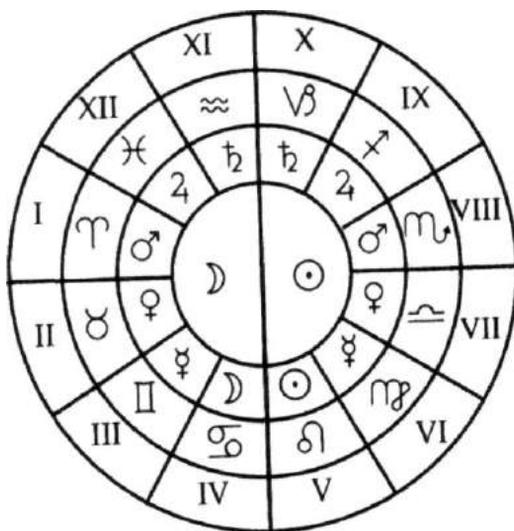
muito boa para extrair dardos, pois quando são feridos com flechas, retiram-nas comendo essa erva; o mesmo fazem os bodes em Candie.

As corças, um pouco antes de dar cria, purgam-se com uma determinada erva chamada vime da montanha.²⁷ Também aqueles que são feridos por aranhas procuram um remédio comendo caranguejos.²⁸ Se são mordidos por cobras, os suínos se curam comendo-as; e os corvos, ao se perceberem envenenados com um

tipo de veneno francês, procuram a cura no carvalho; quando engolem um camaleão,²⁹ os elefantes se servem de oliva silvestre. Se perturbados por mandrágora, os ursos escapam do perigo comendo formicídeos.³⁰ Gansos, patos e outras aves aquáticas se curam com uma erva chamada parietária; os flamingos, com junco;³¹ os leopardos, caso passem mal com uma erva chamada acônito,³² com fezes humanas;³³ os javalis, com hera; e as corças, com uma erva chamada cínara.³⁴

Notas - Capítulo XVII

1. Verifica-se e incute-se na mente de cada homem que toda espécie natural e toda natureza, particular ou geral, têm amizade ou inimizade natural com alguma outra. E toda espécie tem algum horrível inimigo e coisa destruidora a temer, bem como, por outro lado, algo de que gosta muito, deixa-a feliz e combina com sua natureza. (*Maravilhas do Mundo* 5 [Best e Brightman, 75-6]).
2. O fogo combina com o ar, sem o qual não se acenderia; a terra combina com a água, sem a qual não enrijeceria. Ver apêndice III.
3. Os planetas são atribuídos a certos signos do Zodíaco, os quais, dizem, são por eles regidos. Cada planeta tem dois signos, enquanto o Sol e a Lua têm apenas um cada:



Para uma explicação lúcida de como surgiu essa atribuição, ver *Tetrabiblos*, de Ptolomeu 1.17. Cada signo tem sua própria casa, compreendendo um arco de 30 graus do firmamento. Assim, quando um planeta está em seu signo, pode-se dizer que está residindo na casa que ele rege. Quando um planeta está em um signo oposto ao seu, localizado a 180° no firmamento, diz-se que está em detrimento. Quando um planeta se encontra no signo por ele regido, sua operação é forte e pura; quando se encontra no signo oposto, sua operação é obstruída e perturbada.

| Planeta | Regência | Detrimento |
|----------------|-----------------|-------------------|
| Sol | Leão | Aquário |
| Lua | Câncer | Capricórnio |
| Mercúrio | Virgem | Peixes |
| | Gêmeos | Sagitário |
| Vênus | Libra | Áries |
| | Touro | Escorpião |
| Marte | Escorpião | Touro |
| | Áries | Libra |
| Júpiter | Sagitário | Gêmeos |
| | Peixes | Virgem |
| Saturno | Capricórnio | Câncer |
| | Aquário | Leão |

4. Cada planeta tem um signo no qual sua ação é mais potente, chamada de exaltação, e um signo no qual sua ação é mais fraca, oposta à sua exaltação, chamada de queda.

| Planeta | Exaltação | Queda |
|----------------|------------------|--------------|
| Saturno | Libra | Áries |
| Júpiter | Câncer | Capricórnio |
| Marte | Capricórnio | Câncer |
| Sol | Áries | Libra |
| Vênus | Peixes | Virgem |
| Mercúrio | Virgem | Peixes |
| Lua | Touro | Escorpião |

5. Como Saturno está exaltado em Libra, que é um dos signos regidos por Vênus, esses planetas são amistosos entre si; e assim com o resto.

6. Quanto aos gregos, suas opiniões são óbvias e bem conhecidas de todos; atribuam boa parte do mundo como pertencente a Júpiter Olímpio, enquanto a fabulosa Harmonia teria sido gerada por Vênus e Marte, um duro e belicoso, e o outro doce e generativo. Em segundo lugar, consideremos a grande concordância dos filósofos com essas pessoas. Pois Heráclito, em termos claros, chama a guerra de pai, rei e senhor de todas as coisas; e diz que Homero, quando rogou pela primeira vez,

“Que a discórdia seja amaldiçoada pelos deuses e pela raça humana...” [*Ilíada* 18.107], não pensava que estivesse amaldiçoando a origem de todas as coisas, o surgimento delas sendo devido à aversão e a querelas (Plutarco, *Ísis e Osíris*, 48 [Goodwin, 4:108]).

7. Especificamente a ágata listrada, uma espécie de calcedônia. “Veja a pedra que é chamada ágata, que é preta e tem veias brancas” (*Livro dos Segredos* 2.12 [Best e Brightman, 32]). Entretanto, há muitos tipos de ágata conhecidos dos antigos (ver Plínio 37.54; a ágata listrada é considerada na categoria de “ônix” no cap. 24). A ágata não era vista exatamente como joia pelos romanos, mas sua demanda era alta entre os persas e orientais, os quais acreditavam “que conferia eloquência” (Thomas e Pavitt [1914] 1970, 171).

8. Nafta, um produto líquido natural da terra que emite um gás invisível altamente inflamável. “Essa nafta, em outros aspectos sendo semelhante ao betume, é tão propensa a pegar fogo que, antes mesmo de tocar a chama, ela se acende diante da própria luz que a cerca e costuma inflamar também o ar intermediário” (Plutarco, “Vida de Alexandre”. Em *Lives*, traduzido para o inglês por J. Dryden [New York: Modern Library, s.d.], 827). Ver citação seguinte com uma

descrição do desafortunado experimento de Alexandre com nafta, no qual ele ateou fogo em um de seus soldados gregos e quase o matou.

9. “Pitágoras menciona, também, uma planta chamada aproxis, cuja raiz pega fogo a distância, como nafta...” (Plínio 24.101 [Bostock e Riley, 5:63]). Especula-se que se trata de White dítamo (*Dictamnus albus*).

10. Além dos elementos particulares acima, afirma-se que, em uma floresta de crescimento natural, as árvores fêmeas ficam estéreis se forem privadas das árvores machos, e muitas fêmeas podem ser vistas cercando um único espécime macho com as copas caídas e uma folhagem que parece estar se inclinando em direção a ele; enquanto a mesma árvore, por outro lado, com folhas eriçadas e eretas, por suas exalações, e até pela mera visão dele e pelo pó que dele emana, fecunda as outras: se a árvore macho por acaso for derrubada, as árvores fêmeas, reduzidas a um estado de viuvez, ficarão imediatamente estéreis e improdutivas. Essa união sexual entre elas é tão bem compreendida que se imagina até que a fecundação possa ser realizada com a intermediação do homem, por meio dos brotos e do [pólen] caído e coletado dos espécimes machos e, de fato, às vezes apenas borrifando o pó sobre as árvores fêmeas (Plínio 13.7 [Bostock e Riley, 3:172]). Ver também *Livro dos Segredos* (Best e Brightman, 83).

11. “Por outro lado, há uma amizade íntima entre o pavão e a pomba, a rola e o papagaio, o melro e a tartaruga, o corvo e a garça, todos os quais se unindo em uma inimidade comum contra a raposa. A harpia e os psitacídeos se unem contra os troquilídeos” (Plínio 10.96 [Bostock e Riley, 2:552]).

12. Ovídio, *Heroídes* epístola 15: “Safo a Phaon” perto do início. Safo era uma poetisa de Lesbos; Phaon era um lindo jovem por quem ela estava apaixonada. Quando ele a abandonou e partiu para a Sicília, ela se jogou no Mar de Leucate, um promontório de Acarnânia, em Epiro.

13. O peixe piloto (*Naucrates ductor*) tem cerca de 18 centímetros de comprimento e é bem conhecido em tempos antigos por guiar os navios até o porto. Ele também acompanha tubarões, e acreditava-se que os guiava até a comida. O tubarão costumava ser confundido com a baleia: “O tubarão lembra tanto a baleia em tamanho que alguns erroneamente o inserem na categoria de cetáceos” (Goldsmith 1849 [1774], l. 2, cap. 2, 497).

14. Gatária (*Nepeta cataria*), um tipo de hortelã. Gerard comenta: “Os gatos gostam muito dessa erva; pois o cheiro dela é tão agradável a eles que se esfregam nela, e até deitam e brincam, e também comem os ramos e as folhas com apetite voraz” (Gerard [1633] 1975, l. 2, cap. 226, 683).

15. O amor conduz as éguas para além de Gárgaro, através do vociferante Ascânio [em Capadócia]; elas passam pelas cordilheiras, depois nadam por riachos. E assim que seus corações ardem, principalmente na primavera, pois é quando o calor retorna aos seus membros, todas elas se posicionam sobre rochas altas, com o rosto voltado para o Zéfiro, e farejam as suaves brisas, e geralmente sem cruzamento, ficam prenhas do vento (Virgílio *Georgics* 3, c. linha 270. Em *Works of Virgil*, traduzido para o inglês por Lonsdale e Lee [London: Macmillan, 1885], 59).

16. Chamada por Gerard de “flor pascal” (*Anemone pulsatilla*): “Elas florescem, na maioria, por volta da Páscoa, o que me leva a chamar a espécie de ‘flor pascal’.” (Gerard [1633] 1975, l. 2, cap. 79, 385). A anêmona púrpura, uma planta narcótica, acre e venenosa, com flores em forma de sino e de tom roxo-azulado. Não confundir com a flor do maracujá (*Passiflora caerulea*).

17. Manjerona silvestre (*Origanum vulgare*): “Manjerona colocada no vinho é um remédio contra mordidas e picadas de animais venenosos” (Gerard [1633] 1975, l. 2, cap. 218, 667). “E dizem que, quando o caramujo se envenena, ele come a erva chamada manjerona e é curado; daí a se saber que a manjerona tem poder contra o veneno” (*Maravilhas do Mundo* 29 [Best e Brightman, 87]).

18. “Dizem que, quando a cegonha cobre a cobra, ela procura a mesma erva manjerona e encontra nela um remédio” (Thomas Tryon, *The Way to Health* (1691), 562, citado do OED, s.v. “origanum”).

19. “Também se diz que, quando a dominha é envenenada por uma serpente, ela come arruda, e com isso se sabe que a arruda combate o veneno das serpentes” (Alberto Magno [atribuído a] “Maravilhas do mundo”, sec. 29. Em *Livro dos Segredos* [Best e Brightman]. Este trecho é de

Plínio: “Empregada de maneira semelhante, ela é boa para picadas de serpentes; tanto que, na verdade, as doninhas, quando se preparam para apanhá-las, se previnem antes, protegendo-se e comendo arruda” (Plínio 20:51 [Bostock e Riley, 4:252]).

20. *Ruta graveolens*, uma planta sempre verde, com folhas amargas e de forte odor. Chamada “erva da graça”, porque era usada para borrifar água benta.

Dioscorides escreve que um peso de 12 centavos da semente embebida em vinho é um antídoto contra remédios mortais ou o veneno de beladona, Ixia, cogumelos, mordida de serpente, picada de escorpião, aranha, abelha, vespa e marimbondo; e se diz que, se um homem for ungido com suco de arruda, nada disso lhe fará mal; e que a serpente é afastada ao cheiro da arruda queimada, tanto que, quando a doninha vai enfrentar uma serpente, ela se arma comendo arruda antes (Gerard [1633] 1975, l. 2, cap. 531, 1257).

21. Quelidônia maior, ou erva das andorinhas (*Chelidonium majus*). “A andorinha nos mostra que a quelidônia é muito útil para a vista, em virtude de usá-la para curar seus filhotes quando eles têm problemas nos olhos” (Plínio 8.41 [Bostock e Riley, 2:292]). “É com a ajuda dessa planta que a andorinha restaura a visão dos filhotes no ninho, e até, como algumas pessoas afirmam, quando os olhos foram arrancados” (Plínio 25.50 [Bostock e Riley, 5:114]). Essa crença provém de Dioscorides, que diz que a cegueira nas andorinhas é curada desse modo. A era quelidônia era confundida com a quelidônia pedra, ou pedra de andorinha, assim chamada porque é “da cor da andorinha”. Ver Plínio 37.56 (Bostock e Riley, 6:446).

Buscando com olhos ávidos aquela pedra maravilhosa, que a andorinha Traz da praia para o mar, a fim de restaurar a visão de seus filhotes (Longfellow, *Evangeline*, l.1)

22. Loureiro (*Laurus nobilis*). Foi nessa árvore que Dafne foi transformada por seu pai, o rei Peneus, para escapar do desejo de Apolo (ver *Metamorfoses*, de Ovídio, l. I, fábula 12, c. linha 548). As folhas de louro são muito usadas como catalisador para outros objetos mágicos, em torno do qual se envolvem: “Se a pata da toupeira for envolta na folha de um loureiro e colocada na boca de um cavalo, ele fugirá de medo” (*Livro dos Segredos* 3.18 [Best e Brightman, 59-60]).

23. “Pombas, galhas, melros e perdizes se purgam uma vez ao ano, comendo folhas de louro...” (Plínio 8.41 [Bostock e Riley, 2:294]).

24. “O único mal a que se expõe o leão é a perda de apetite; isso, porém, é curado quando são colocados macacos perto dele, que o aborrecem com brincadeiras, deixando-o zangado; assim que ele prova o sangue deles, fica curado” (Plínio 8.19 [Bostock e Riley, 2:269]). “Quando denotam um homem febril curando-se a si mesmo, eles reproduzem um leão devorando um macaco; pois se, quando febril, ele come um macaco, recupera-se.” (Horapolo, *Hieroglyphics* 2.76, traduzido para o inglês por A. T. Cory [1840] [London: Chthonios Books, 1987], 133).

25. *Artemisia abrotanum*, uma planta decídua.

26. Díctamo de Creta (*Origanum dictamnus* ou *Dictamnus creticus*), um erva de gosto acentuado, com folhas algodoadas e pequenas flores roxo-avermelhadas, muito famosa por seu poder de expelir dardos. “Vênus, preocupada com a agonia merecida de seu filho, arranca de Ida de Creta um caule de díctamo com folhas macias e botão roxo penoso; a planta é bem conhecida entre as cabras selvagens, quando as flechas se aprofundam em seu corpo” (*Eneida* 12, c. linha 460 [Lonsdale e Lee, 269]). Copiando descaradamente de Virgílio, Tasso escreve:

Mas o anjo puro, que o preservava, saiu a procurar O divino dictamnnum, de madeira da Ida,

Essa erva é rude e possui uma flor roxa,
E em suas folhas em broto se encontra todo o seu poder.

A gentil natureza, sobre as encostas escarpadas,
Agraciou essa erva à cabra montanhesa,
Para que do flanco, cruelmente ferido,
Ela elimine de seu coro a farpaafiada.

(*Jerusalem Delivered* l. 11, st. 72-3, traduzido para o inglês por Edward Fairfax [1600] [New York: Collier and Son, 1901]).

“Também é dito que as cabras selvagens e os veados em Candie, quando feridos com flechas, eliminam-nas comendo dessa planta, e curam seus ferimentos” (Gerard [1633] 1975, l. 2, cap. 281-D, 796). Ver também Plínio 8.41.

27. Salgueiro (*Salix viminalis*), usado para fazer cestos.

28. “Os mesmos animais [cervos] também, quando feridos pelo falângido, uma espécie de aranha, ou qualquer inseto de natureza semelhante, curam-se comendo caranguejos” (Plínio 8.41 [Bostock e Riley, 2:292]).

29. “Quando um elefante devora um camaleão, que tem a mesma cor da folhagem, ele combate o veneno por meio de uma oliva silvestre” (Plínio 8.41 [Bostock e Riley, 2:294]).

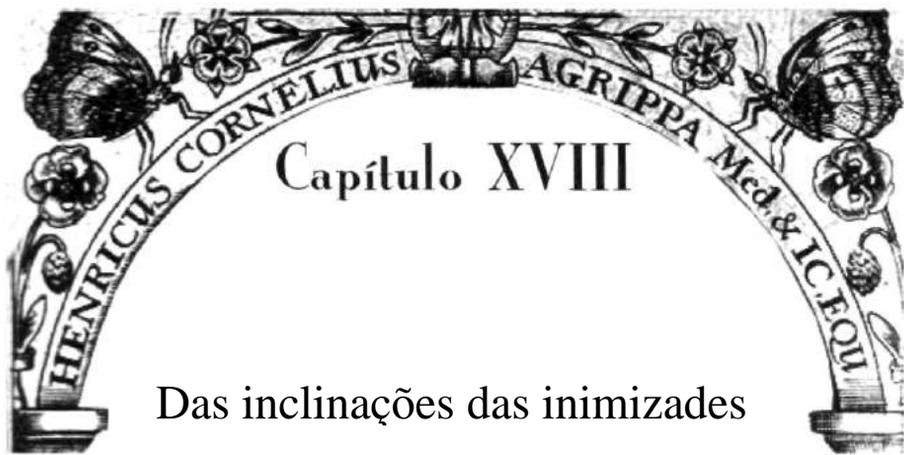
30. Formigas. “Os ursos, quando comem o fruto da mandrágora, sugam um bom número de formigas” (*Ibid.*).

31. “... pombas, rolas comuns e aves em geral [se purgam], com parietaria ou helxine; patos, gansos e outros pássaros aquáticos, com a planta siderita ou verbena; os flamingos e pássaros de natureza semelhante, com o junco” (*Ibid.*). A salva é uma espécie de erva-férrea búgula (*Sideritis*), considerada por Turner (*The Names of Herbs*, 1548) a *Sideritis prima* de Dioscorides. A parietária (*Parietaria officinalis*) é uma planta rasteira, exuberante, com folhas pequenas e flores esverdeadas que cresce no sopé de muros e paredes.

32. Planta do gênero *Aconitum*. Turner distingue dois tipos: (1) acônito amarelo - uma planta alta, bonita, com grandes folhas verdes e lustrosas e belas flores amarelas na forma de um sino (*Aconitum lycoctonum*); (2) acônito azul - mais conhecida como chapéu-de-frade, uma planta bonita com caule longo e grandes flores azuis na forma de um elmo (*Aconitum napellus*), também chamada denapelo. Provavelmente a referência é a esta segunda. Ver Hansen (1983), que dedica um capítulo inteiro ao chapéu-de-frade.

33. As nações bárbaras saem para caçar a pantera, munidas com carne esfregada com acônito, que é um veneno. Logo após comê-la, o animal é tomado por uma compressão da garganta, motivo pelo qual a planta recebe o nome de estrangulapardo. A pantera, porém, encontra um antídoto contra esse veneno no excremento humano; na verdade, fica tão ávida por ele que os pastores o suspendem em um recipiente tão alto que o animal não consegue alcançar saltando. Por isso, pula até se cansar e, por fim, expira: do contrário, é um animal tão apegado à vida que continuará lutando até seus intestinos serem arrancados do corpo (Plínio 8.41 [Bostock e Riley, 2:293-4]).

34. Alcachofra (*Cynara scolymus*), assim chamada, segundo Gerard (l. 2, cap. 479, 1154), porque se desenvolve bem quando plantada em cinzas. “O cervo combate o efeito de plantas venenosas comendo a alcachofra” (Plínio 8.4 [Bostock e Riley, 2:294]).



Das inclinações das inimizades

Por outro lado, há inclinações de inimizades, e são elas o ódio, a raiva, a indignação e uma certa espécie de contrariedade obstinada da natureza, levando todas as coisas a se esquivarem de seu contrário, afastá-lo de sua presença. Alguns exemplos de tais inclinações são ruibarbo contra cólera,¹ melação contra veneno,² a pedra safira³ contra bÍlis doente e calor febril, e doenças dos olhos; a ametista⁴ contra bebedeira; o jaspé⁵ contra hemorragia e imaginação ofensiva; a esmeralda⁶ e agnus castus⁷ contra o desejo sexual; a ágata⁸ contra veneno; peônia⁹ contra a chegada de doenças; coral¹⁰ contra a ebulição da cólera negra e dores do estômago. A pedra topázio¹¹ serve contra ardores espirituais, como a cobiça, a luxúria e todos os tipos de excessos de amor.

Há uma inclinação semelhante também das formigas contra a erva manjerona,¹² e a asa de um morcego e o coração de um abibe, diante dos quais eles voam para longe. Também a manjerona é avessa a uma certa mosca venenosa, que não tolera o Sol e resiste às salamandras, e detesta repolho com um ódio tão mortal que

destroem um ao outro: assim como os pepinos e se formam em anéis para evitar tocá-lo.

E se diz que a bÍlis de um corvo provoca medo nos homens e os afasta de onde eles estão, como certamente acontece com outras coisas; um diamante não combina com a magnetita e, estando perto dela, não a deixa atrair o ferro; e as ovelhas fogem da “salsa-rã”¹³ como de uma coisa mortal: e o que é mais espantoso, a natureza deixou o sinal dessa morte no fígado das ovelhas, em que a própria figura da salsa aparece naturalmente; as cabras detestam o manjericão-dos-jardins,¹⁴ como se não existisse nada mais pernicioso.

E de novo, entre os animais, os ratos e as doninhas¹⁵ não combinam de forma alguma; dizem que os ratos nem tocam no queijo se os miolos de uma doninha forem colocados na renina,¹⁶ e, além disso, esse queijo não se estraga com o passar do tempo. Um lagarto é tão avesso aos escorpiões que ele sente medo só de vê-los, além de fazê-lo suar frio; por isso, eles são mortos com o óleo deles mesmos - que, aliás, cura feridas provocadas por escorpião. Há também uma inimizade entre escorpiões e ratos;¹⁷ de

modo que, se um rato for aplicado a uma marca ou ferida deixada por um escorpião, ela será curada, conforme se relata. Existe ainda uma inimizade entre escorpiões e *stalabors** áspides e vespas.

Relata-se também que não há inimigo pior das cobras que o caranguejo e que, se os suínos se machucam com eles, os comem e se curam. Estando o Sol também em Câncer,¹⁸ as serpentes são atormentadas. Também o escorpião e o crocodilo¹⁹ se matam um ao outro; e, se o pássaro íbis²⁰ tocar o crocodilo com uma de suas penas, deixa-o imóvel; o pássaro chamado peru selvagem²¹ voa para longe quando vê um cavalo; e o veado foge do carneiro,²² bem como da víbora.²³ Um elefante treme ao ouvir o grunhir de um porco,²⁴ o mesmo faz o leão diante do galo;²⁵ e as panteras não tocam quem se ungiu por inteiro com caldo de galinha, principalmente se foi fervido com alho.

Há uma inimizade também entre raposas e cisnes, touros e garças. Entre os pássaros, alguns deles também vivem em perpétua luta entre si, bem como com outros animais, como garças e corujas, os psitacídeos e corvos, a rola,²⁶ o gavião-pomba,²⁷ egepis,²⁸ as águias, veados e dragões. Também entre os animais aquáticos existe inimizade, como entre os delfins e remoinhos,²⁹ as tainhas e os lúcios, lampreias³⁰ e congros;³¹ também o peixe chamado *pourcontrel*³² deixa a lagosta com tanto medo que ela, só de vê-lo por perto, morre na mesma hora. A lagosta e a enguia se despedaçam uma à outra.

Dizem que a civeta tem tamanho temor da pantera que não consegue resistir a ela nem tocar sua pele; e que, se as peles de ambos forem penduradas uma em contato com a outra, os pelos da pele da pantera caem.³³ E *Orus Apolo* diz³⁴ em seus Hieroglifos que, se alguém se cingir com a pele da civeta, pode passar em segurança entre seus inimigos, sem ter o menor medo. Também o cordeiro tem muito medo do lobo e foge dele. E se diz ainda que se o rabo, ou a pele ou a cabeça de um lobo for pendurada sobre um rebanho de ovelhas, elas se sentem muito perturbadas e não conseguem comer por medo.

E Plínio menciona um pássaro chamado marlin que quebra os ovos dos corvos, cujos filhotes se perturbam com a presença da raposa, os filhotes da qual a fêmea pega, e às vezes até a própria raposa; quando os corvos veem isso, ajudam a raposa contra o marlin, unindo-se contra um inimigo comum.³⁵ O pequeno pássaro chamado pintaroxo, que vive nos cardos, odeia os asnos porque eles comem as flores dessa espécie de árvore. Também há uma profunda hostilidade entre o pequeno pássaro chamado esalon e o asno, de modo que o sangue dos dois não se mistura, e o zurro do asno faz tanto os ovos quanto os filhotes do esalon perecerem.³⁶

Uma enorme desarmonia existe ainda entre a oliveira e uma meretriz, de modo que, se ela plantar a árvore, esta será infrutífera e murchará.³⁷

Não há nada que o leão tema mais do que uma tocha acesa³⁸ e nada é melhor para domá-lo; e o lobo não

* N.E.: Mantivemos o nome utilizado na edição em inglês, pois não foi possível discernir a que se refere em português.

teme espada nem lança, mas, caso venha a se ferir com uma pedra jogada contra ele, no ferimento proliferarão vermes.³⁹ O cavalo tem tanto medo de um camelo que não aguenta ver nem uma imagem desenhada dele. Um elefante enfurecido se acalma quando vê um galo. Uma cobra tem medo de um homem nu, mas persegue o homem vestido. Um touro bravo é domado se o amarrarem em uma figueira. O âmbar atrai para si todas as coisas além do manjeriço-dos-jardins e aquelas coisas unguidas com óleo, entre as quais há uma espécie de antipatia natural.

Notas- Capítulo XVIII

1. Ver nota 10, cap. XIII, l. I.

2. O melaço era um salva medicinal que, segundo se dizia, era um antídoto para picada de cobra e outros venenos.

Devo observar, contudo, que essa preparação parece que só pode ser feita a partir da víbora. Algumas pessoas, após limpar a víbora da maneira acima descrita, fervem a gordura, com uma pitada de óleo de oliva, a uma metade. Dessa preparação, quando necessária, três gotas são acrescidas a um pouco de óleo, com qual mistura o corpo é esfregado, para repelir a aproximação de todas as espécies de animais nocivos. (Plínio 29.21 [Bostock e Riley, 5:396])

Em tempos posteriores, a gordura de cobra era convertida por um processo de substituição mágica à raiz de cobra.

3. Em tempos passados, esse era o nome que costumava ser dado a pedras azuis, de um modo geral e particularmente à lápis-lazúli, a pedra descrita por Plínio (37.38-39). O *Livro dos Segredos* diz: “Ela traz paz e concórdia; deixa a mente pura e devota a Deus; fortalece a mente nas coisas boas e esfria o homem de seu calor interno (Alberto Magno [atribuído a]. *Livro dos Segredos*, l. 2, sec. 45 [Best e Brightman, 48]). Na Idade Média, dizia-se que a pedra preservava os olhos dos perigos da varíola se fosse esfregada sobre eles, e havia na velha igreja de São Paulo, em Londres, uma safira dada por Richard de Preston “para a cura de enfermidades nos olhos daqueles afetados que recorressem a ela” (Thomas e Pavitt [1914] 1970, 156).

4. Uma variedade roxa transparente de quartzo. O nome vem do grego, significando “sem intoxicação”, e seu uso mais prevalente era um antídoto à bebedeira, provavelmente porque sua cor parece a da uva.

As falsidades dos magos tentam nos convencer de que essas pedras previnem a embriaguez, e é daí que vem o nome. Eles nos dizem também que, se inscrevermos os nomes do Sol e da Lua sobre essa pedra, e usá-la em volta do pescoço, com um pouco de pelo de cinocéfalos [babuíno] e penas da andorinha, ela funciona como preservativo contra todos os encantamentos nocivos. Diz-se também que, assim usada, essa pedra garante o acesso à presença de reis; e que ela evita o granizo e os ataques de gafanhotos, se uma determinada prece for repetida (Plínio 37.40 [Bostock e Riley, 6:434]).

5. Ver nota 8, cap. XIII, l. I.

6. Gema verde transparente que Plínio chama de *smamgdus*, além de outras gemas verdes. Dizia-se que ele proporcionava estabilidade e felicidade doméstica e na presença de um amante infiel adquiria uma coloração marrom (Ver Thomas e Pavitt [1914] 1970, 181-2).

7. *Vitex agnus castus*. Chamada de árvore casta e bálsamo de Abraão. O nome significa “cordeiro casto”. Plínio diz que não é muito diferente do salgueiro, mas tem um cheiro mais agradável.

Os gregos a chamam de “lygos” ou “agnos”, pelo fato de as matronas de Atenas, durante a Tesmofória [festival em homenagem a Deméter], um período em que a mais estrita castidade é observada, terem o hábito de espalhar sobre suas camas as folhas dessa árvore... De ambas as árvores [maiores ou menores] também se prepara um unguento para picada de aranha, mas basta esfregar as feridas com as folhas; e, se uma fumigação for feita com

elas, ou se forem espalhadas debaixo da cama, eles repelirão os ataques de todas as criaturas venenosas. Elas agem também como antiafrodisíaco e é com essa tendência em particular que neutralizam o veneno do falangídeo [aranha], cuja picada tem um efeito excitante sobre os órgãos reprodutores (Plínio 24.38 [Bostock e Riley, 5:26-7]) (Gerard [1633] 1975, l. 3, cap. 54-A, 1388).

Gerard diz:

Agnus Castus é um remédio singular para aqueles que estão dispostos a viver em castidade, pois resiste a toda impureza e aos desejos da carne, consumindo e secando a semente gerativa, em qualquer forma que seja tomado, em pó ou decoção, ou se as folhas forem carregadas no corpo; por isso é chamado de Castus; ou seja, casto, limpo e puro.

8. Ver nota 7, cap. XVII, l.I.

Além da ágata-musgo e ágata-de-árvore, os gregos e romanos tinham muita fé nas virtudes talismânicas de todas as outras ágatas, usando-as para evitar doença, considerando-as de modo especial como um antídoto para a mordida de áspide, se tomada em pó no vinho, como cura infalível para ferroadada de escorpião se amarrada por cima do ferimento (Thomas e Pavitt [1914] 1970, 170).

9. *Paeonia officinalis*, uma planta alta com grandes flores redondas, vermelhas ou brancas. O nome vem de Paeon, médico dos deuses do Olimpo. Gerard diz que ela é chamada “por alguns de Lunaris ou Lunaria Paeonia: porque cura aqueles que adoecem por influência da Lua, que alguns chamam de lunáticos” (Gerard [1633] 1975, l. 2, cap. 380, 983).

10. O coral era bastante apreciado no tratamento de doenças infantis. Era usado ou carregado como talismã contra coqueluche, problemas dentários, ataques e cólicas, e se dissolvia em pó ou era bebido na água para cólicas estomacais. Gerard considerada o coral uma planta:

Coral queimado seca melhor do que quando não é queimado, e, se for administrado em água, ajuda a curar dores de barriga... se o paciente tiver azia, então ela terá melhor efeito na água, pois o coral esfria e a água umedece o corpo, restringindo a sensação de queimação própria da azia (Gerard [1633] 1975, l. 3, cap. 166-D, 1578).

11. Nos tempos modernos, uma pedra dourada transparente. Plínio usa esse nome para o peridoto (olivina), uma pedra transparente de coloração amarelo-esverdeada, minerada naquela época na Ilha de São João, 35 milhas a sudeste de Ras Benas, Egito.

Juba diz que há uma ilha no Mar Vermelho chamada “Topazos” a uma distância de 300 estádios [N. T.: unidade de medida itinerária equivalente a 206,25 metros] do continente; ela é cercada por nevoeiro e costuma ser muito procurada pelos navegantes. Por causa disso, recebeu seu nome atual, uma vez que a palavra “topazin” significa “buscar”, na língua dos trogloditas (Plínio 37.32 [Bostock e Riley, 6:427]).

A crença de que essa pedra tem uma virtude moderadora parece ter surgido a partir de um erro de cópia de Marbodius, que apresenta *limam sentit* (“sentir a lima”; ou seja, é relativamente macia) de Plínio como *lunam sentire putatur* (“pensa-se que sente a Lua”). Daí a se ver no *Livro dos Segredos*: “Ela [topázio] é boa contra... paixão ou dor lunática” (*Livro dos Segredos* 2 [Best e Brightman, 29]).

12. Ver nota 16, cap. XVII, l. I. “As formigas também são mortas pelos odores da manjerona, lima ou enxofre” (Plínio 10.90 [Bostock e Riley, 2:548]). “Quando querem simbolizar a saída das formigas, eles reproduzem a manjerona. Pois, se essa planta for colocada sobre o local de onde saem as formigas, ela as faz abandoná-lo” (Horapolo 2.34 [Cory, 108]).

13. Essa planta é desconhecida. O Oxford English Dictionary especula que talvez seja o mesmo que salsa de tolo (*Aethusa cynapium*), uma erva europeia dos jardins, muito semelhante, em aparência, com as qualidades venenosas da cicuta. Ou talvez salsa do pântano (*Apium graveolens*), um antigo nome para aipo silvestre. Existia uma espécie de salsa chamada salva de ovelha, mas infelizmente também é desconhecida.

14. *Ocimum basilicum*, também chamado manjeriço doce (alfavaca).

Crisipo é tão veemente contra o ócimo quanto a salsa, declarando que é prejudicial ao estômago e à eliminação de urina, além de ser injurioso à vista; provoca insanidade e letargia, além de doenças do fígado; e é por esse motivo que as cabras se recusam a tocá-lo.

Daí a conclusão de que o uso dele deve ser evitado pelo homem... Gerações sucessivas têm defendido essa planta; afirma-se, por exemplo, que as cabras a comem, que ninguém que a comeu teve a mente afetada e que, misturada ao vinho, com adição de um pouco de vinagre é uma cura para ferroadas de escorpião terrestre e veneno dos escorpiões do mar (Plínio 20.48 [Bostock e Riley, 4:249]).

15. Da doninha, diz Goldsmith: “Ela faz guerra contra ratos e camundongos, tendo mais sucesso até que o gato, pois sendo mais ativa e esguia, ela os persegue até suas tocas, e, após uma curta resistência, os destrói” (Goldsmith [1774] 1849, l. 4, cap. 3, 263).

16. A massa de leite coalhado tirado do estômago de um bezerro amamentando ou outro animal, usada para fazer queijo.

17. “E um rato, colocado sob o local picado por um escorpião, cura a pessoa, pois ele é avesso e não o teme” (“Maravilhas do mundo” 30 [Best e Brightman, 87]).

Maupertuis colocou três escorpiões e um rato no mesmo recipiente, e logo eles começaram a ferrear o pequeno animal em diferentes lugares. O rato, atacado dessa maneira, colocou-se na defensiva por algum tempo, e por fim matou todos os escorpiões, um após outro. Ele fez esse experimento para ver se o rato, após matar, comeria os escorpiões; mas o pequeno quadrúpede parecia totalmente satisfeito com a vitória, e até sobreviveu à gravidade dos ferimentos recebidos (Goldsmith [1774] 1849, l. 1, cap. 9, 599).

18. O solstício de verão, o dia mais longo do ano quando o Sol está no ponto mais alto do céu, ocorre quando ele está em Câncer.

19. “Quando querem simbolizar um inimigo lutando com outro de igual poder, eles reproduzem um escorpião e um crocodilo. Pois eles se matam um ao outro” (Horapolo 2.35 [Cory, 109]).

20. O íbis egípcio sagrado (*Ibis religiosa*), um pássaro com cerca de 75 centímetros de comprimento com plumagem preta e branca e um longo bico curvado. Os egípcios diziam que era o pássaro de Thoth, que os gregos chamavam de Hermes Trismegisto, e o veneravam como o destruidor de serpentes. Sua plumagem simbolizava as faces clara e escura da Lua, à qual o pássaro era associado (ver Budge [1904] 1969, vol. 2, cap. 20, 375). Thoth era o deus lunar em sua condição de regulador (*Ibid.* 1:412-3), responsável pela criação da Lua (*Ibid.* 1:370). Como o crocodilo era o animal de Set (*Ibid.* 2:345), arqui-inimigo de Isis e de seu protetor, Thoth, não é de surpreender o desenvolvimento do mito de que o íbis assustava ou matava crocodilos. Nesse contexto, ver o relato de Heródoto do antagonismo entre íbis e serpentes voadoras (*A História* 2, traduzido para o inglês por George Rawlinson [1858] [New York: Tudor Publishing, 1947], 106). A referência de Agrippa vem de Horapolo: “Quando denotam um homem ávido e inativo, reproduzem um crocodilo com a asa de um íbis sobre a cabeça; pois, se for tocado com a asa de um íbis, ficará imobilizado” (Horapolo 2.81 [Cory, 136]).

21. Pássaro do gênero *Otis*, particularmente o grande peru selvagem (*Otis tarda*), o maior pássaro europeu, que chega a pesar cerca de 15 quilos. Ele prefere correr a voar e se alimenta de rãs, ratos, minhocas, nabos e outros vegetais. “Quando querem simbolizar um homem fraco e perseguido por outro maior, delineiam um peru selvagem e um cavalo, pois esse pássaro foge sempre que vê um cavalo” (*Ibid.* 2.50 [Cory, 117]).

22. “Quando querem simbolizar um rei fugindo por leviandade e intemperança, eles delineiam um elefante e um carneiro, pois o primeiro foge ao ver o segundo” (*Ibid.* 2.85 [Cory 138]). “Um elefante” foi apresentado como “um cervo” por Trebatius em sua tradução latina.

23. “Quando querem simbolizar um homem de movimentos rápidos, mas que se move com prudência e consideração, reproduzem um cervo e uma víbora, pois o cervo foge quando vê esta última” (*Ibid.* 2.86 [Cory, 138-9]).

24. “Quando querem simbolizar um rei fugindo de algo insignificante, mostram um elefante correndo ao ver um porco, pois é o que esse animal faz ao ouvir o porco” (*Ibid.* 2.86 [Cory, 138-9]).

25. Em seguida, há muitos animais solares, como leões e gaios, que participam segundo sua natureza de uma certa divindade solar; vê-se, então, como é maravilhoso que os inferiores cedam aos superiores na mesma ordem, embora não em magnitude e poder. Daí a dizer-se que um galo é muito reverenciado e temido pelo leão; motivo que não podemos atribuir à questão

do bom senso, mas só pela contemplação de uma ordem suprema. Assim, descobrimos que a presença da virtude solar combina mais com o galo que com o leão. Isso se faz evidente quando consideramos que o galo, com certos hinos, aplaude e invoca o Sol nascente, quando seu curso se mostra a nós, dos antípodas; e que anjos solares às vezes aparecem em formas dessa espécie, e que, embora sem forma, se apresentam a nós, que somos ligados à forma, visíveis de alguma maneira. Às vezes também há demônios com a fachada leonina e que, caso se coloque um galo à sua frente - a menos que sejam de ordem solar -, desaparecem subitamente; e isso é porque as naturezas de uma categoria inferior na mesma ordem sempre reverenciam seus superiores... (Proclo, *De sacrificio et magia*, um fragmento preservado na tradução latina de Ficinus [Veneza, 1497], oferecida integral por Thomas Taylor em *Life of Pythagoras* [London: John M. Watkins, 1926], 72n. 214. Ver também *Marvels of the world* 14, 41 [Best e Brightman, 80,92]).

26. *Turtur communis*.

27. Fêmea do gavião-azul (*Circus cyaneus*). Até o século passado, achava-se que era uma espécie diferente.

28. Egepy, uma espécie de abutre.

29. Um antigo nome para uma espécie de baleia. Talvez a baleia-assassina, que come outros mamíferos marinhos quando pode pegá-los.

30. *Pteromyzon marinus*, um peixe sem escamas com pouco mais de 30 centímetros de comprimento, com a forma de uma enguia com a boca redonda. Por sucção, ele gruda em peixes maiores, escava um buraco em seu lado e vive de fluido e sangue até o hospedeiro morrer.

31. (*Conger vulgaris*) Peixe congriêdo que cresce entre 1,80 metro a 3 metro de comprimento. É poderoso e voraz.

32. Espécie de peixe similar ao polvo.

33. Ver nota 15, cap. XXI, l. I. “Quando eles [os antigos egípcios] querem simbolizam um homem vencido por seus inferiores, reproduzem duas peles, uma de uma hiena e outra da pantera, pois, se as duas forem colocadas juntas, a da pantera perde o pelo, mas a da hiena não” (Horapolo 2.70 [Cory, 129]). A hiena e a civeta às vezes são confundidas por escritores da Idade Média.

34. “Quando querem denotar um homem que passa, sem medo, entre os perigos que o assolam, mesmo até a morte, eles delineiam a pele de uma hiena; pois, se um homem se cinge com essa pele e passa pelos inimigos, não será molestado por eles e andará destemido” (*Ibid.* 2.72 [Cory, 130-1])

35. Aeselon é o nome dado a um pequeno pássaro que quebra os ovos do corvo, cujos filhotes são avidamente procurados pela raposa; enquanto, por sua vez, o pássaro bica os filhotes da raposa e até a própria mãe. Assim que os corvos veem isso, voam para auxiliá-la, como se estivessem se unindo contra um inimigo comum. Os acantisítideos também entre as amoreiras-pretas; por isso, também têm antipatia pelo asno, pois este devora as frutas. O chapim e o anthus também têm uma hostilidade mortal entre si, e acredita-se que o sangue dos dois não se mistura; e é por esse motivo que eles têm a má reputação de ser empregados em muitos encantamentos mágicos (Plínio 10.95 [Bostock e Riley, 2:551-1])

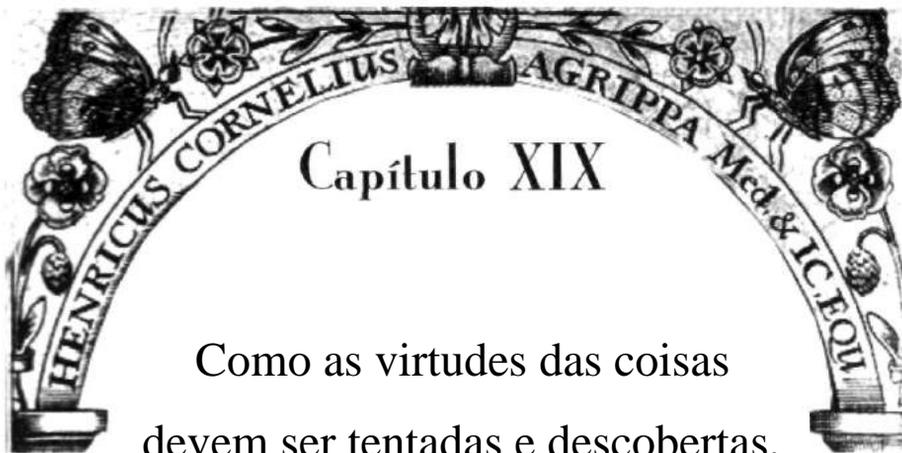
36. ... o chapim, embora um pássaro pequeno, tem antipatia pelo asno; quanto ao último, quando se coça, esfrega o corpo contra as amoreiras-pretas e amassa o ninho do pássaro. O chapim tem tanto medo disso que basta ouvir o zurro do asno que joga os ovos fora do ninho, e os próprios filhotes às vezes caem ao chão, de tanto medo; é por isso que esses pássaros voam contra o asno e bicam suas feridas (*Ibid.*, 551).

Pelas citações, podemos ver que Agrippa extraiu seu material de Plínio, mas de uma forma confusa. O esalon é uma espécie de urubu, a menor de todas (*Circus aeruginosus*). O nome também era usado para o merlin (*Falco aesalon*), uma das menores, porém mais audazes, espécies de falcão europeu.

37. A oliva era consagrada pelos gregos a Palas Atena, e era considerada um emblema de castidade.

38. Quando querem denotar um homem acalmado pelo fogo, mesmo quando está com raiva, eles reproduzem leões e tochas, pois não há nada que os leões temam tanto quanto uma tocha acesa, e nada os doma tão rápido (Horapolo 2.75 [Cory, 132-3]).

39. Quando querem denotar um homem que tem medo de acidente que possa lhe acontecer de maneira súbita, eles reproduzem um lobo e uma pedra, pois esse animal não teme ferro nem paus, mas apenas uma pedra; e de fato, se alguém jogar uma pedra nele, verá que o lobo se apavora: e onde o lobo é ferido com pedra, formam-se larvas da ferida (*Ibid.*, 2.74 [Cory, 132]).



Como as virtudes das coisas
devem ser tentadas e descobertas,
que existem nelas de maneira
específica, ou em qualquer
indivíduo por meio de um
dom especial

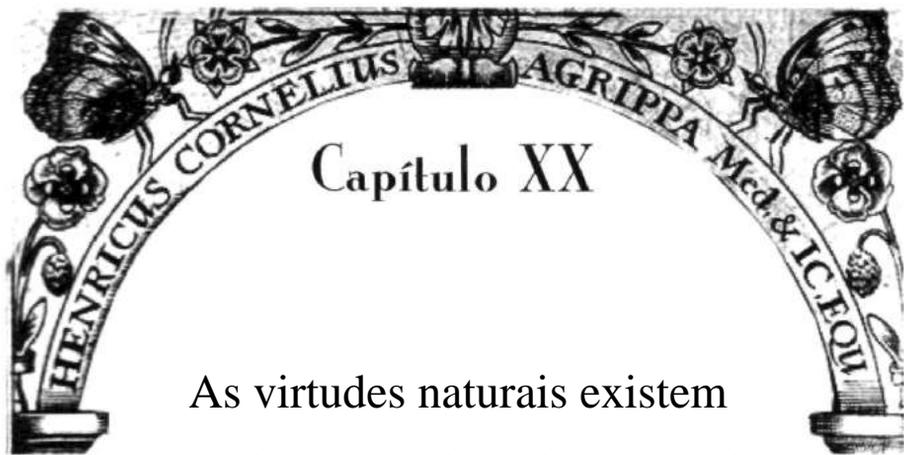
Devemos também considerar as virtudes que se encontram em algumas coisas de acordo com as espécies, tais como audácia e coragem em um leão ou no galo,¹ temeridade em uma lebre ou cordeiro, voracidade num lobo, traição e artimanha em uma raposa, carinho em um cão, cobiça em um corvo e em uma garça, orgulho em um cavalo, raiva em um tigre e javali, tristeza e melancolia em um gato, desejo em um pardal,² e assim por diante. Pois a maior parte das virtudes naturais segue a espécie.

Contudo, algumas existem nas coisas de modo individual; como alguns homens que abominam sequer ver um gato,³ não sendo capazes de olhar para ele sem estremecer; medo este que não é deles, por serem homens. E *Avicena* conta o caso de um

homem que vivia em sua época, em quem qualquer coisa venenosa que o atingisse não lhe fazia mal e morria na hora, enquanto o homem mesmo nada sofria; e *Alberto* diz que na cidade de Ubians viu uma moça que apanhava aranhas para comer, e, apreciando demais esse tipo de iguaria, vivia sempre muito bem nutrida com elas. Assim é a coragem em uma meretriz, e a temeridade em um ladrão. E é com base nesses relatos que os filósofos dizem que qualquer coisa em particular que nunca ficou doente⁴ é boa contra qualquer tipo de doença; por isso, dizem que o osso de homem morto, que nunca teve febre, colocado sobre o paciente livra-o da febre quartã. Há também muitos tipos de virtudes infundidas em coisas específicas por parte dos corpos celestiais, como já mostramos antes.

Notas - Capítulo XIX

1. “Assim como o leão é um animal destemido e tem uma coragem natural, particularmente na testa e no coração... Assim também é grande a coragem em um galo, tanto que os filósofos dizem que o leão se assusta quando o vê” (*Marvels of the world* 14 [Best e Brightman, 80]).
2. “Quando querem simbolizar um homem prolífico, eles reproduzem o pardal doméstico, [pois quando o pardal se toma de desejo e de um excesso de semente, ele copula com a fêmea sete vezes em uma hora, ejaculando toda a sua semente de uma só vez]” (Horapolo 2.115 [Cory, 156]. O trecho em colchetes foi traduzido do latim do excessivamente melindroso A. T. Cory.
3. Agrippa devia estar familiarizado com as fobias - nesse caso em particular, elurofobia [N. T.: medo patológico de gato] - embora a palavra “fobia” só fosse cunhada em 1801.
4. “E os filósofos dizem que alguma coisa ou espécie que nunca ficou doente é útil para curar qualquer doença; e uma pessoa que nunca teve dor ajuda a curar a dor de um homem” (“*Marvels of the world*” 45 [Best e Brightman, 94]).



As virtudes naturais existem
em algumas coisas durante toda
a sua substância e em outras em
certas partes e membros



ais uma vez, devemos considerar que as virtudes das coisas existem em algumas coisas por inteiro, ou seja, toda a substância delas, ou em todas as suas partes, como aquele peixinho, equeneídeo, que dizem ser capaz de parar um navio só pelo toque; isso ele não faz de acordo com nenhuma parte específica, mas com toda a substância. Assim, a civeta tem algo em sua substância integral que faz com que os cães, só pelo toque de sua sombra, as deixem em paz.¹ A quelidônia é para a vista, não por uma ou outra parte específica, mas pelo conjunto de todas as suas partes, não mais na raiz que nas folhas e sementes; e assim por diante.

Mas algumas virtudes existem nas coisas de acordo com algumas partes delas, a saber, só na língua, ou nos olhos, ou alguns outros membros e partes; assim, nos olhos do basilisco² há uma força muito violenta para matar as pessoas assim que

as vê: o mesmo poder existe nos olhos da civeta,³ que faz qualquer animal por ela olhado paralisar, ficar estupefato e não ser capaz de se mover. A mesma virtude existe nos olhos de alguns lobos,⁴ quando veem um homem, deixando-o estupefato e tão rouco que, se quiser gritar, não poderá usar a voz. *Virgílio* menciona isso,⁵ quando canta:

Moeris está mudo, perdeu a voz, e
por quê?

O lobo, em Moeris, fixou o olhar.

Também algumas mulheres na Cítia,⁶ e entre os ilíricos e Triballi, segundo se diz, quando olham zangadas para um homem, matam-no. Lemos também de um povo de Rhodes⁷ que corrompia todas as coisas com sua visão, motivo pelo qual Júpiter os afogou. É por isso que as bruxas, quando assim realizam suas bruxarias,⁸ usam os olhos desses animais em suas águas para os olhos,⁹ por causa dos efeitos semelhantes.

Pelo mesmo motivo, formigas infundidas nelas no alto e de acordo com voam para longe do coração de um abibe, não da cabeça, da pata ou dos olhos. E a bÍlis de lagartos sendo embebida em água atrai e une doninhas, não o rabo nem a cabeça; e a bÍlis de cabras colocadas na terra em um recipiente de bronze atrai rãs; e o fÍgado da cabra é um inimigo das borboletas e todas as larvas; e os cachorros evitam aqueles que carregam um coração de cachorro¹⁰ consigo, e as raposas não tocam em aves que comeram fÍgado de raposa.

Assim, coisas diversas possuem virtudes diversas, variando por suas várias partes, pois tais virtudes são

a diversidade das coisas a ser recebidas; assim como no corpo de um homem os ossos nada recebem senão vida, os olhos, visão, e os ouvidos, audição. E há no corpo do homem um certo ossinho,¹¹ que os hebreus chamam de LVZ, do tamanho de um legume¹² que tem casca, e não se sujeita à corrupção nem é destruído por fogo, mas é sempre preservado sem danos, do qual, dizem, como uma planta da semente, nossos corpos animais se levantarão no dia da ressurreição. E essas virtudes não são explicadas pela razão, mas pela experiência.

Notas - Capítulo XX

1. Por algum motivo que não é óbvio, Freaque traduziu a palavra latina *hyaena*, cujas virtudes Agrippa pegou corretamente de Plínio, para o termo inglês *civet cat* [civeta]. Plínio: “Diz-se também que, ao entrar em contato com sua sombra [da hiena], os cães perdem a voz e, por meio de certas influências mágicas, ela pode deixar qualquer animal imóvel se andar em volta dele três vezes” (Plínio 8.44 [Bostock e Riley, 2:296]).

2. O mesmo poder existe também na serpente chamada basilisco. Ela é nativa da província de Cirene, não medindo mais que 12 dedos de comprimento. Tem uma mancha branca na cabeça, que lembra muito uma espécie de diadema. Quando o basilisco Sibila, todas as outras serpentes se afastam, e ele não rasteja como as outras cobras, mas se move ereto. Destrói todos os arbustos, não só pelo contato, mas até pelo próprio bafo; queima a grama também e quebra as pedras, tão tremenda é sua influência nociva. Antigamente se acreditava que, se um homem montado a cavalo matasse um desses animais com uma lança, o veneno subia e matava não só o cavaleiro, mas também o cavalo (Plínio 8.33 [Bostock e Riley, 2:283]).

Horapolo diz o seguinte dos antigos egÍpcios:

Mas quando querem representar a Eternidade de modo diferente, eles delineiam uma serpente com o rabo coberto pelo resto do corpo: os egÍpcios a chamam de Ouraius [do termo cóptico para “rei”], que na língua grega significa Basilisco (Horapolo 1.1 [Cory, 5-6]).

É evidente que o basilisco é a naja, que ergue a parte superior do corpo, exibindo as marcas brancas na aba que desce da cabeça, que Sibila e é capaz de lançar seu veneno a distância pelo ar por ejeção, cegando assim seus inimigos, e à qual se atribuíam os poderes da fascinação. Na Idade Média, o basilisco era ainda mais mitificado:

E no livro *De Tyriaca*, de Galeno, é dito que a serpente chamada *Regulus*, em latim, ou *cocatrice* em inglês, é relativamente branca, tem três pelos na cabeça e, quando um homem a vê, morre logo. E, quando um homem ou qualquer outro ser vivo ouve seus sibilos, morre. E todo animal que a come depois de morrer, morre também. (*Marvels of the world* 24 [Best e Brightman, 84-5])

Se há uma distinção entre o basilisco e a cocatrice, sempre confundidos pelos escritores medievais, é que o basilisco é uma serpente pequena com uma coroa, ou pente, na cabeça, enquanto a cocatrice é um galo com rabo de cobra, chocado de um ovo de galinha por uma serpente.

3. Ver nota 1.

4. “Na Itália também se acredita que há uma influência nefasta no olho de um lobo; supõe-se que tira a voz de uma pessoa, se o animal a vir primeiro” (Plínio 8.34 [Bostock e Riley, 2;282-3]). Platão alude a essa antiga crença na *República*, referindo-se à irritação de Trasímaco: “Ao ouvir isso, fiquei estarelecido; olhei em sua direção, atemorizado, e parece-me que, se eu não tivesse olhado para ele antes de ter ele olhado para mim, teria ficado sem voz” (*A República* 1.336-d [Hamilton e Cairns, 586]). Teócrito faz uma referência semelhante em seu 14º idílio a respeito do silêncio de Cinisca: “Nada dizia ela, no entanto, apesar de minha presença; como achas que me senti? ‘Façamos um brinde, pois viste um lobo!’, exclamou alguém, como diz o provérbio”. (Teócrito, *Bion and Moschus*, tradução para o inglês de A. Lang [London: Macmillan, 1907], 72). Por causa dessa crendice, achava-se que o olho do lobo possuía poderes mágicos: “E se diz que se o lobo vir um homem e o homem não o vir, o homem se espanta e atemoriza, e fica rouco. E assim, se um homem carregar consigo o olho de um lobo, ele o ajuda na vitória, com coragem, derrotando e infligindo medo no adversário” (*Marvels of the world* 43 [Best e Brightman, 93]).

5. Écloga 9, linhas 53-4.

6. Isógono acrescenta que, entre os Triballi e os ilíricos, há pessoas dessa descrição, que também têm o poder da fascinação nos olhos e podem matar aqueles em quem fixarem o olhar de modo fixo por um tempo prolongado, principalmente se o olhar denotar raiva; diz-se que a puberdade é particularmente nociva à influência maligna de tais pessoas.



Hiena

Extraído de *The History of Four-footed Beasts and Serpents*,

de Edward Topsell (Londres, 1658)



Lobo

Extraído de The History of Four-footed Beasts and Serpents,

de Edward Topsell (Londres, 1658)

Uma circunstância ainda mais notável é o fato de essas pessoas terem duas pupilas em cada olho. Apolônides diz que há algumas mulheres desse tipo na Cítia, conhecidas como Bythiae, e Filarco afirma que a tribo dos Thibbi em Ponto, e muitas outras pessoas, possuem uma pupila dupla em um olho, e no outro a figura de um cavalo. Ele também observa que o corpo dessas pessoas não afunda na água, mesmo apesar do peso de suas roupas (Plínio 7.2 [Bostock e Riley, 2:126-7]).

7. Ovídio se refere a esse povo como os habitantes das “Ilhas de Ialiso, cujos olhos jogavam praga em tudo o que fitavam, que ficaram escuras e submergiram, por força do ódio de Júpiter, nas águas profundas de Netuno” (Ovídio *Metamorfoses*, p. 142. São Paulo © 2003 Madras Editora Ltda). Ialiso era uma das três mais antigas cidades de Rhodes.

8. Por meio do olho gordo, ao que Horácio alude: “Ninguém aborrece meu divertimento com mau olhar; nem os venenos com seu ódio secreto e picada nefasta”. (Horácio, “Epístolas,” 1:14. In *Complete Works* [New York: Translation Publishing, 1961], 405-6). Apolônio de Rhodes descreve o uso do mau olhar por Medeia para destruir o gigante de bronze Talos:

Medeia subiu ao convés. Ela cobriu as duas faces com uma dobra de seu manto púrpura, e Jasão lhe deu a mão até ela passar pelos bancos. E então, com seus encantamentos, ela invocou os Espíritos da Morte, os velozes cães do Inferno que se alimentam de almas e assolam o ar inferior para saltar sobre homens ainda vivos. Ela se ajoelhou e os invocou, três vezes cantando, três vezes em orações. Impregnou-se então da malignidade deles e enfeitiçou os olhos de Talos com seu mal. Atirou sobre ele a força total de sua malevolência e, num êxtase de ira, incutiu-lhe imagens de morte. (Apolônio de Rhodes, *The Voyage of Argo*, traduzido para o inglês por E. V. Rieu [1959] [Harmondsworth: Penguin Books, 1985], 192)

Francis Bacon escreve: “Vemos, de modo semelhante, como as Escrituras chamam de inveja o olho do mal... [Provérbios 23,6; 28,22], parecendo reconhecer no ato da inveja uma ejaculação

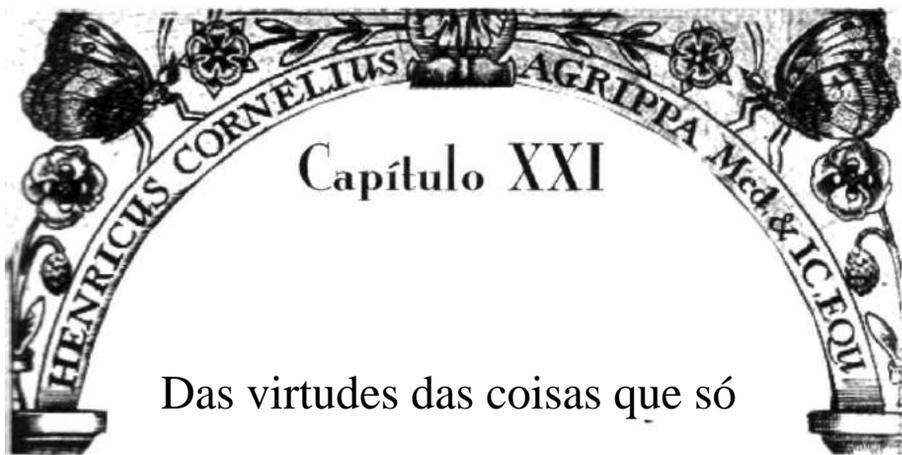
ou irradiação do olho” (*Bacon Essays* 9 [1597] [Philadelphia: Henry Altemus Company, n.d.]. Havia mais poder de maldade no olhar quando ele era dirigido de soslaio (“Aquele velho aleijado, com olho maldoso/de viés...” [*Browning Childe Roland*, linhas 2-3]), e quando a vítima estava se luxuriando em um êxtase de autoimportância e bem-estar (“nesses momentos, os espíritos da pessoa invejada se projetam mais para suas partes externas e recebem o golpe” [*Bacon Essays* 9, “Of Envy”])).

9. Colírios, ou líquidos para lavar os olhos. Diziam que as bruxas faziam uma pasta ou loção dos olhos de animais que “atacavam com os olhos” para ungir os próprios olhos e aumentar seu poder de malignidade.

10. “Se um homem carregar consigo um coração de cachorro em seu lado esquerdo, todos os cachorros o deixarão em paz, e não latirão para ele” (*The Book of Secrets* 3:22 [Best e Brightman, 61]).

11. Essa crença deriva do Zohar, o texto principal da Cabala. A. E. Waite diz: “Cada homem que vem ao mundo possui um osso imperecível em seu atual corpo físico, e é nele ou a partir dele que sua organização se reconstrói no momento da ressurreição - é como a costela tirada de Adão. O osso em questão será para o corpo como o levedo é para a massa” (Waite 1975, 335).

12. Nesse caso, planta leguminosa, provavelmente a lentilha, o “menor de todos os legumes” (R. Brown, *The Complete Farmer*, 1759, 86; citado do OED, s.v. “pulse”).



Das virtudes das coisas que só existem nelas em seu tempo de vida e de outras que permanecem depois da morte



lém de tudo isso, devemos saber que existem algumas propriedades nas coisas somente enquanto elas viveram, e outras que permanecem depois da morte. Assim, o pequeno peixe equeneídeo consegue deter um navio, e o basilisco e o catóblepa¹ matam com o olhar enquanto estiverem vivos, mas, quando morrem, não fazem mais isso. Por isso se diz que durante a cólica, se um pato vivo for aplicado à barriga, eliminará a dor e morrerá:² também é o que afirma *Archytas*. Se você pegar o coração de um animal recém-morto ainda quente e colocá-lo sobre uma pessoa que tem febre quartã,³ a febre acabará. Se alguém engolir o coração de um abibe,⁴ ou de uma andorinha,⁵ ou doninha⁶ ou toupeira⁷ enquanto ainda estiver quente, será útil para ajudar a pessoa a se lembrar, compreender e prever.

Por isso, temos a regra geral de que qualquer coisa extraída de animais - pedras, membros, excremento,

pelo, fezes, unhas - devem ser pegas enquanto o animal ainda estiver vivo; e, se possível, que continue vivo depois. É por isso que se diz que, quando você pega a língua de uma rã, deve colocar a rã de volta na água, e se tirar um dente de um lobo,⁸ não deve matar o lobo; e o mesmo com o resto.

Demócrito escreve que se alguém tirar a língua de uma rã aquática, ainda viva, sem nenhuma outra parte do corpo a ela presa, deixar a rã voltar à água e colocar a língua sobre o coração de uma mulher, ela responderá com a verdade a tudo o que você perguntar. Dizem também que se os olhos de uma rã forem, antes do nascer do Sol, amarrados a uma pessoa doente e a rã for devolvida à água, cega, os olhos acabarão com a febre terçã; e também que, com a carne de um rouxinol amarrada à pele de um veado, uma pessoa ficará sempre alerta, sem dormir.

Também a cauda de uma arraia⁹ aplicado ao umbigo de uma mulher que vai dar à luz facilita o parto, se for tirada do animal ainda vivo, e este

devolvido ao mar. E dizem ainda que o olho direito de uma serpente sendo aplicado aos olhos de uma pessoa ajuda a parar a lacrimação excessiva, se a serpente for solta e não morta.

E existe um certo peixe, ou serpente grande chamada *myrus*,¹⁰ cujo olho, se for arrancado e aplicado à testa do paciente, cura inflamação dos olhos, e que o olho do peixe nasce novamente; e fica cego aquele que lhe toma o olho e o mata.

Também os dentes de todas as serpentes, se retirados quando elas estão vivas e pendurados no paciente, curam a febre quartã. O mesmo faz o dente de uma toupeira tirado enquanto ela está viva, sendo libertada depois: cura dor de dente; e os cães não latem para a pessoa que carrega consigo o rabo de uma doninha que não foi morta e sim libertada. *Demócrito* relata que a língua de um camaleão, se tirada do animal vivo, promove sucesso em julgamentos legais e é útil para mulheres em trabalho de parto; se for colocada do lado de fora da casa, será muito perigoso.

Além disso, existem algumas propriedades que permanecem depois da morte: delas os platônicos dizem que são as coisas em que a

ideia¹¹ da matéria é menos absorvida; nelas, mesmo após a morte, aquilo que é imortal não deixa de realizar coisas maravilhosas. Por exemplo, nas ervas e plantas colhidas e secas, permanece viva e operante a virtude que lhes foi infundida em primeiro lugar pela ideia.

É por isso que a águia, em toda a sua vida, vence todos os outros pássaros, de modo que suas penas, mesmo depois de ela morrer, destroem e consomem as penas¹² dos outros pássaros. Nesse mesmo sentido, a pele do leão destrói todas as outras peles, e a pele da civeta¹³ destrói a pele da pantera; a pele de um lobo corrói a pele de um cordeiro; algumas não fazem isso por meio de contato físico, mas só pelo próprio som. Um tambor, por exemplo, feito da pele de um lobo, não deixa soar outro também que seja feito da pele de um cordeiro.¹⁴ Também um tambor feito da pele de um peixe chamado *rotchet*¹⁵ afasta todas as coisas que rastejam, a qualquer distância de que seja ouvido: e as cordas de um instrumento feito das entranhas de um lobo, sendo tocadas sobre uma harpa cujas cordas sejam das entranhas de uma ovelha, não produzem harmonia.

Notas - Capítulo XXI

1. Perto dessa fonte [Nigris, oeste da Etiópia] existe um animal selvagem chamado catóblepa; um animal de tamanho moderado, e em outros aspectos de movimentos lentos em todos os membros; a cabeça é incrivelmente pesada e o animal a carrega com grande dificuldade, estando sempre curvado em direção à terra. Não fosse essa circunstância, ela representaria a destruição da raça humana, pois todos os que olham para catóblepa morrem no mesmo instante (Plínio 8,32 [Bostock e Riley, 2:281-2]).

Talvez seja uma referência ao gnu.

2. “Outra prescrição mencionada para as terríveis dores intestinais é de uma natureza fantástica: se um pato, dizem, for aplicado ao abdome, o mal passa para a ave e ela morre” (Plínio 30.20 [Bostock e Riley, 5:442-3]).

3. As febres terçã e quartã são caracterizadas por um tremor violento, parecido com o da malária cotidiana. Na febre quartã, o paroxismo ocorre a cada quatro dias; na febre terçã, a cada três dias. O primeiro dia do ciclo é contado no dia do ataque anterior - na quartã, a pessoa fica um dia doente, dois bem, depois doente de novo; na terçã, o paciente fica um dia doente, um dia bem, depois doente de novo.

4. “E, se o coração, olho ou cérebro de um abibe for pendurado no pescoço de um homem, ele é útil contra o esquecimento e acentua a compreensão” (*Marvels of the world*, 46 [Best e Brightman, 94]).

5. Essa mesma eloquência é conferida à pedra da andorinha, supostamente “extraída da barriga da andorinha” (*The Books of Secrets* 2.23 [Best e Brightman, 37-8]. “Evax diz que essa pedra [a vermelha, ao contrário da preta] torna um homem eloquente, aceitável e agradável” (*Ibid.*, 38).

6. “Se o coração desse animal for comido ainda tremendo, faz um homem adivinhar as coisas que vão acontecer” (*Ibid.*, 3.12 [Best e Brightman, 56]).

7. “Se um homem tiver essa erva [erva da andorinha], com o coração de uma toupeira, ele vencerá todos os inimigos e todas as questões, acabando com os debates” (*Ibid.* 1.6 [Best e Brightman, 7]). Plínio diz da toupeira:

Não há outro animal em cujas entranhas eles [os Magos] depositam sua fé implícita; não há outro animal, pensam eles, mais apropriado para os ritos da religião; tanto que, se uma pessoa engolir o coração de uma toupeira, recém-tirado do corpo e ainda batendo, ele terá o dom da adivinhação, garantem-nos, e um pré-conhecimento dos eventos futuros. (Plínio 30.7 [Bostock e Riley, 5:429]).

8. Um fetiche com dente de lobo é mencionado em *The Books of Secrets* 1.3 (Best e Brightman, 4), mas não o método para extrair o dente - sem dúvida, uma tarefa ingrata.

9. A raia comum (*Raia clavata*), distinta por suas espinhas agudas e curtas nas costas e na cauda.

10. Plínio diz que se trata do macho da moreia: “Aristóteles chama o macho, que engravida a fêmea, pelo nome de ‘zmyrus’, e diz que há uma diferença entre eles, sendo a fêmea malhada e fraca, enquanto o macho é de uma única cor e robusto e tem dentes que se projetam para fora da boca” (Plínio 9.39 [Bostock e Riley, 2:410]).

11. A forma ideal, ou arquétipo, eterna e perfeita, na qual se baseia uma classe de coisas derivadas e imperfeitas.

12. “E os filósofos diziam que, quando as penas das águias são colocadas com penas de outras aves, elas as queimam e mortificam; pois, assim como a águia vence em vida todos os outros pássaros e sobre eles governa, também suas penas são mortais para as outras penas” (*Marvels of the world*, 38 [Best e Brightman, 90-1]).

13. Deve ser a hiena.

14. Acreditava-se que a inimizade entre os animais continuava depois da morte. “Assim como a ovelha teme o lobo e o conhece não apenas vivo, mas também morto... pois a pele de uma ovelha é consumida pela pele do lobo; e um tamborim ou tambor feito da pele de um lobo não deixe que outro feito da pele de uma ovelha seja ouvido, e o mesmo se dá em todos os outros” (*Ibid.* 5 [Best e Brightman, 76]).

15. *O gurnard vermelho (Trigla cuculus ou pini)*, um peixe comestível de coloração rósea, com cerca de 40 centímetros de comprimento e uma cabeça grande e ossuda e espinhas.



Como as coisas inferiores se
sujeitam a corpos superiores, e
como os corpos, as ações e as
disposições dos homens são
atribuídos aos astros e signos

E claro que todas as coisas inferiores se sujeitam às superiores, e de certa maneira (como dizia *Proclo*)¹ existem umas nas outras; ou seja, as inferiores nas superiores e as superiores nas inferiores.

Portanto, no céu existem coisas terrestres; mas na condição de causa, e de uma maneira celestial; e na Terra existem coisas celestiais, mas à maneira terrestre, na forma de efeito.

Assim, dizemos que há aqui certas coisas que são solares, algumas que são lunares, nas quais o Sol e a Lua deixam uma impressão forte de sua virtude. É por isso que essas espécies de coisas recebem mais operações e propriedades, como as das estrelas e dos signos sob os quais estão: e sabemos, portanto, que as coisas solares dizem respeito ao coração e à cabeça, pela razão de Leão ser a casa do Sol e Áries a exaltação do Sol;² e as coisas regidas por Marte são boas

para a cabeça e os testículos, por razão de Áries e Escorpião.³ Assim, aqueles cujos sentidos fraquejam e que sentem dor de cabeça por causa de bebedeira, se colocarem os testículos em água fria⁴ ou lavarem-nos com vinagre, encontram alívio.

Mas, em referência a tudo isso, é necessário saber como o corpo do homem é distribuído pelos planetas e signos. Saiba, primeiro, que, de acordo com a doutrina dos árabes, o Sol rege o cérebro, o coração, a coxa, o tutano, o olho direito e o espírito; também a língua, a boca e o resto dos órgãos dos sentidos, tanto internos quanto externos; também as mãos, os pés, as pernas, os nervos e o poder da imaginação. Saiba também que Mercúrio rege baço, estômago, bexiga, ventre e ouvido direito e a faculdade do senso comum. Saturno rege o fígado e a parte carnuda do estômago. Júpiter rege a barriga e o umbigo, de onde escrevem os antigos que

a efígie de um umbigo era colocada no templo de *Júpiter Hammon*.⁵ Também alguns lhe atribuem as costelas, o peito, os intestinos, sangue, braços e a mão direita, ouvido esquerdo e os poderes naturais. E alguns atribuem a Marte o sangue, as veias, os rins, a Vesícula biliar, as nádegas, as costas, o movimento do esperma e o poder irascível. E quanto a Vênus, diz-se que rege os rins, os testículos, a consanguinidade, o ventre, a semente e o poder concupiscível; também carne, gordura, barriga, peito, umbigo e todas as partes que servem aos atos venéreos, bem como o *osso sacro*,⁶ a coluna vertebral e as virilhas, além da cabeça, boca, com as quais se dá um beijo como demonstração de amor. Já a Lua, embora possa desafiar o corpo todo e todos os membros de acordo com a variedade dos signos, a ela são atribuídos de modo mais específico o cérebro, os pulmões, o tutano da espinha, o estômago, o mênstruo e todas as demais excreções, e o olho esquerdo, além do poder de aumentar.⁷ Mas *Hermes* dizia que há sete orifícios⁸ na cabeça de um animal, distribuídos entre os sete planetas: o ouvido direito a Saturno, o esquerdo a Júpiter, a narina direita a Marte, a esquerda a Vênus, o olho direito ao Sol, o esquerdo à Lua e a boca a Mercúrio.

Os vários signos do zodíaco cuidam de seus membros. Áries, por exemplo, rege a cabeça e o rosto; Touro, o pescoço; Gêmeos, os braços e ombros; Câncer, o peito, os pulmões, estômago e braços; Leão, o coração, estômago, fígado e as costas; Virgem, os intestinos e o fundo do estômago; Libra, os rins, as coxas e as nádegas; Escorpião, os órgãos genitais, a consanguinidade e o ventre; Sagitário, as coxas e virilhas; Capricórnio, os

joelhos; Aquário, as pernas e canelas; Peixes, os pés. E como em cada trio⁹ esses signos respondem um ao outro e combinam em celestiais, também combinam em membros, o que demonstra claramente a experiência, pois com a frieza dos pés, a barriga e o peito são afetados, indicando reação dentro do mesmo trio; por isso, se um remédio for aplicado a um deles, ajuda o outro, como, por exemplo, quando se aquecem os pés, a dor de barriga passa.

Lembre-se, portanto, dessa ordem e saiba que as coisas que são regidas por qualquer um dos planetas têm um determinado aspecto particular ou inclinação para aqueles membros que são atribuídos àquele planeta, e especialmente às suas casas e exaltações. Quanto ao restante das dignidades,¹⁰ tais trios, marcas¹¹ e face¹² têm pouca importância nesse sentido; assim, peônia,¹³ bálsamo,¹³ craveiro,¹⁴ casca de limão,¹⁵ manjerona doce,¹⁶ canela,¹⁷ açafraão,¹⁸ aloe ligniforme,¹⁹ incenso,²⁰ âmbar, almíscar²¹ e mirra²² ajudam a cabeça e o coração, por razão do Sol, de Áries e Leão; também a musa,²³ a erva de Marte, ajudam a cabeça e os testículos por razão de Áries e Escorpião, e assim por diante.

Todas as coisas regidas por Saturno conduzem à tristeza e à melancolia; aquelas regidas por Júpiter, à alegria e à honra; por Marte, à audácia, contenção e raiva; pelo Sol, à glória, vitória e coragem; por Vênus, ao amor, desejo e concupiscência; por Mercúrio, à eloquência; e pela Lua, a uma vida comum.

E também todas as ações e disposições dos homens são distribuídas de acordo com os planetas. Pois

Saturno rege os homens melancólicos e os monges, e os tesouros escondidos, e aquelas coisas que são obtidas com longas jornadas e com dificuldade; mas Júpiter rege aqueles que são religiosos, os prelados, reis e duques, e os lucros que se ganham dentro da lei; Marte rege os barbeiros, cirurgiões, médicos, sargentos, executores, açougueiros e todos os que fazem fogo, os padeiros, soldados, que em todo lugar são chamados de homens marciais. Também os outros astros indicam seu ofício, conforme está descrito nos livros dos astrólogos.

Notas - Capítulo XXII

1. “Assim, eles [os antigos sacerdotes] reconheciam as coisas supremas naquelas subordinadas, e as subordinadas nas supremas: nas regiões celestiais, propriedades terrenas subsistindo de uma maneira causai e celestial; e, na terra, propriedades celestiais, mas segundo uma condição terrena” (Proclo, *De sacrificio et magias*, fragmento preservado na tradução latina de Marsílio Ficino [Veneza, 1497], em Jamblichus, *On the Mysteries*, traduzido para o inglês por Thomas Taylor [1821] [London: Stuart and Watkins, 1968], 344).

2. Leão rege o coração; Áries rege a cabeça.

3. Escorpião rege os órgãos reprodutores.

4. Escorpião é um signo de água.

5. Júpiter Amon. Amon era um deus etíope ou líbio, que foi adotado pelos egípcios. Era representado como um carneiro, ou uma figura humana com a cabeça ou chifres de um carneiro, sugerindo que era, em primeiro lugar, um protetor dos rebanhos. Os romanos o chamavam de Júpiter Amon, os gregos de Zeus Amon e os hebreus simplesmente de Amon. Seus principais locais de veneração eram Méroe, Tebas e o oásis de Siwah no deserto da Líbia.

6. Osso na parte inferior das costas, perto da pélvis.

7. Há uma certa sobreposição nessas atribuições planetárias, que devem ter sido compiladas de várias fontes. Para informações acerca dos sistemas antigos, ver “A Short Discourse of the Nature, and Qualities of the Seven Planets” [Um breve discurso da natureza e das qualidades dos sete planetas], em *The Books of Secrets* (Best e Brightman, 65-73); o *Tetrabiblos* de Ptolomeu (3.12 [Robbins, 319, 321]); de Givry [1929] 1973, l. 2, cap. 3, 242-3, que dá as atribuições de Fludd, Gichtel e Belot; e Nasr 1978, parte 1, cap. 4, 100-1, para o sistema da enciclopédia árabe, o *Rasa’il*.

8. A correspondência entre os orifícios da cabeça e os planetas também aparece no *Sepher Yetzirah*:

Contemplai, agora, as estrelas de nosso mundo, os planetas que são sete; o Sol, Vênus, Mercúrio, Lua, Saturno, Júpiter e Marte. Também sete são os sete dias da criação; e os sete portões da alma do homem - os dois olhos, os dois ouvidos, a boca e as duas narinas” (*Sepher Yetzirah* 4.4, tradução em inglês de W. Westcott [1887] [New York: Samuel Weiser, 1980], 23)

9. O zodíaco é dividido em quatro grupos de três signos, cada grupo sendo associado a um dos quatro elementos:

| Fogo | Ar | Água | Terra |
|-------------|-----------|-------------|--------------|
| Áries | Libra | Câncer | Capricórnio |
| Leão | Aquário | Escorpião | Touro |
| Sagitário | Gêmeos | Peixes | Virgem |

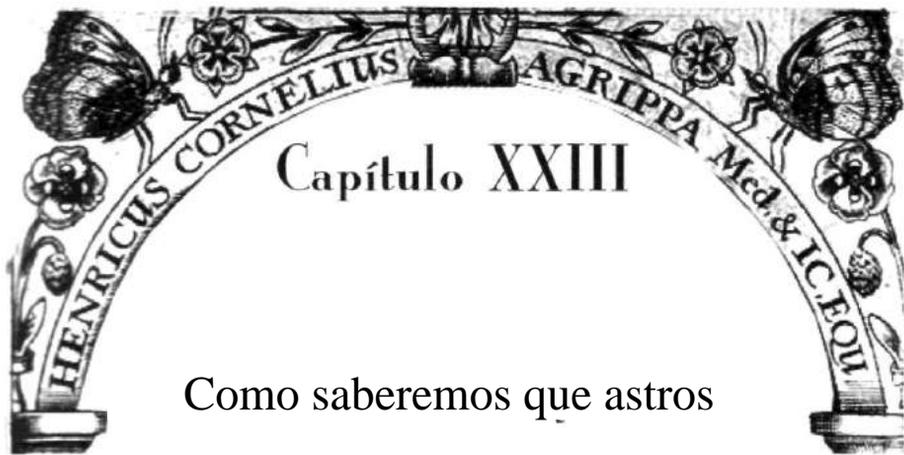
10. Situações de planetas nas quais sua influência é ampliada, ou pelo lugar no zodíaco ou por seus aspectos em relação a outros planetas.

11. Uma marca é um grau no zodíaco.

12. Divisão de cinco graus do zodíaco. Ptolomeu: “Dizemos que um planeta está em seu ‘devido lugar’ quando um planeta individual mantém em relação ao Sol ou à Lua o mesmo aspecto que sua casa tem em relação a outras casas” (*Tetrabiblos* 1.23 [Robbins, 111]).

13. Um produto resinoso fragrante (resina misturada com óleo) que é produzido naturalmente pelas árvores do gênero *Balsamodendron*.
14. Uma planta da família das cariofiláceas (*Dianthus caryophyllus*), de coloração rósea e com cheiro de cravo.
15. Raspas de limão.
16. *Origanum majorana*, também chamada de manjerona suave, manjerona inglesa, manjerona fina e manjerona nodosa.
17. A casca interna da árvore da Índia Ocidental, *Cinnamomum zeylanicum*, seca na forma de rolinhos marrom-amarelados aromáticos.
18. Pó vermelho-laranja feito de estigmas do croco comum (*Crocus sativus*).
19. Literalmente, “madeira da áloe”, a madeira fragrante, ou resina, derivada de duas árvores da Índia Ocidental, *Aloexylon* e *Aquilaria*. Também era chamada de madeira agila, madeira de água e agallochum. Não confundir com o purgativo nauseante, amargo, do mesmo nome, derivado do suco de plantas do gênero *Aloe*.
20. Olíbano. Uma goma-resina aromática das árvores, gênero *Boswellia*, queimada como incenso. O nome significa “de alta qualidade”.
21. Secreção marrom-avermelhada do almiscareiro (*Moschus moschatus*) usado em fabricação de perfume por causa de seu forte odor.
22. Goma-resina da árvore *Balsamodendron myrrha*, usada em perfume e incenso. Em gotas, grãos ou caroços amarelos, vermelhos ou marrom-avermelhados.
23. Planta rizomatosa de folhas estreitas (*Plantago lanceolata*). Em *The Book of Secrets*, ela é chamada de arnoglossa (língua de carneiro), porque costuma ser plantada em pastagens de solo pobre como comida para ovelhas:

A raiz dessa erva é excelente contra dor de cabeça porque o signo do Carneiro deve ser a casa do planeta Marte, que é a cabeça de todo o mundo. É boa também contra os maus hábitos das pedras do homem e dos furúnculos infeccionados e sujos, porque sua casa é o signo de Escorpião, [e] porque uma parte dela contém *Sperma*, ou seja, a semente, que vem das pedras, de onde todas as coisas são geradas e formadas (*The Book of Secrets*, 1.24 [Best e Brightman, 20]).



Como saberemos que astros
regem as coisas naturais e quais
coisas são regidas
pelo Sol, que são chamadas solares



ra, é muito difícil saber que astro ou signo rege cada coisa: entretanto, isso é conhecido pela imitação de seus raios, ou movimentos, ou figuras dos superiores.

Também alguns são conhecidos por suas cores e odores, alguns pelos efeitos de suas operações, respondendo a alguns astros.

Assim, as coisas solares, ou regidas pelo poder do Sol, são, entre os elementos, a chama lúcida; entre os gostos, a que é animada, misturada com doçura. Entre os metais, o ouro, em virtude de seu esplendor e por receber do Sol o que o torna cordial.

E entre as pedras, aquelas que se assemelham aos raios do Sol por sua cintilação dourada, como a pedra reluzente¹ aetita, que tem poder contra a chegada de doenças e ação de venenos;² também a pedra que é chamada de olho do Sol,³ tendo a figura como da pupila do olho, do meio para cima emite um raio brilhante;

ela conforta o cérebro e fortalece a vista: também o carbúnculo que brilha à noite tem uma virtude contra todos os venenos aéreos e vaporosos: a pedra crisólita⁴ tem uma coloração verde-clara, que, colocada contra o Sol, emite um brilho na forma de uma estrela dourada, e isso conforta aquelas partes envolvidas na respiração e ajuda as pessoas asmáticas; se for feito nela um buraco e depois enchido com a crina de um asno, e a pedra amarrada ao braço esquerdo, ela afasta a imaginação ociosa e os temores melancólicos, além da estupidez: já a pedra chamada íris,⁵ que é como o cristal em cor, geralmente encontrada com seis lados, se colocada contra um teto, com uma parte contra os raios do Sol e a outra parte em sombra, coleta os raios do Sol em si e, ao enviá-los por meio de reflexo, faz aparecer um arco-íris na parede em frente.

Também a pedra heliotrópio,⁶ verde como o jaspero ou a esmeralda, cravejada de manchas vermelhas, torna um homem coerente, renomado e

famoso, além de conduzir a uma vida longa; e a virtude dela é de fato maravilhosa sobre os raios do Sol, o qual se diz que se transforma em sangue; Le., aparece com a cor do sangue, como se estivesse eclipsado; isso quando a pedra é banhada no suco de uma erva do mesmo nome e colocada em um recipiente cheio de água: há outra virtude ainda mais magnífica, a de afetar a visão de uma pessoa que a carregar consigo, permitindo-lhe olhar para o Sol sem ter a vista ofuscada, e isso ela não faz sem a ajuda da erva do mesmo nome, que também é chamada heliotrópio,⁷ ou seja, que segue o Sol. Essas virtudes são confirmadas por *Alberto Magno* e *Guilherme de Paris* em seus escritos.

O jacinto⁸ também tem uma virtude do Sol contra venenos e vapores pestilentos; deixa a pessoa que o carrega segura e aceitável; além disso, essa pedra conduz à riqueza e à perspicácia, e fortalece o coração; sendo colocada na boca, anima de maneira magnífica a mente. Existe ainda uma pedra chamada pirófila,⁹ de uma mistura vermelha, mencionada por *Alberto Magno* e por *Esculápio* em uma de suas epístolas a *Otávio Augusto*, dizendo que há um certo veneno tão frio que preserva o coração humano, uma vez extraído, de queimaduras, e se este for colocado no fogo, se transforma nessa pedra que é chamada de pirófila, nome derivado de fogo. Ela possui uma maravilhosa virtude contra o veneno, e aquele que a carregar torna-se renomado e temível diante de seus inimigos.

Mas, acima de todas as pedras, existe aquela que é a mais solar, supostamente encontrada por *Apolônio*, e que é chamada de pantaúra,¹⁰ que

atrai para si outras pedras, assim como a magnetita atrai o ferro e é poderosíssima contra todos os venenos; alguns a chamam de *pantherus*, pois ela tem manchas como o animal conhecido como pantera. Por esse mesmo motivo, ela também é chamada de *pantochras*,¹¹ porque contém todas as cores. *Aarão* a chama de *evanthus*. Existem outras pedras solares, tais como topázio,¹² crisópraso,¹³ rubim¹⁴ e balágio. Bem como o auripigmentum¹⁵ e coisas de coloração dourada, muito translúcidas.

Também entre as plantas e árvores, são solares aquelas que se inclinam para o Sol, como a Calêndula, e aquelas cujas folhas se dobram quando o Sol está para se pôr, e quando ele nasce abrem as folhas aos poucos. A árvore de lótus¹⁶ também é solar, como se constata pela figura de seus frutos e folhas. Assim como a peônia, a quelidônia, o bálsamo, o gengibre, genciana,¹⁷ díctamo e verbena,¹⁸ que é útil para se profetizar e para expiações, bem como para expulsão de espíritos malignos. O loureiro também é consagrado a Febo, bem como o cedro, a palmeira, o freixo, a hera, a vinha e tudo o que repele venenos e relâmpagos, além daquelas coisas que nunca temem os extremos do inverno. Também são solares a hortelã, a almécega,¹⁹ a zedoária,²⁰ açafraão, bálsamo, âmbar, almíscar, mel amarelo, áloe ligniforme, cravo, canela, cálcamo-aromático (ácoro),²¹ pimenta, olíbano, manjerona doce e libanotis,²² que Orfeu chama de doce perfume do Sol.

Entre os animais, solares estão os magnânimos, corajosos, ambiciosos de vitória e renome, como o leão, rei dos animais; o crocodilo; o lobo

malhado;²³ o carneiro; o javali; o touro, rei do rebanho, que, chamado de Verites²⁴ pelos egípcios, era por eles dedicado ao Sol, em Heliópolis; um boi era consagrado a Ápis em Mênfis,²⁵ e em Herminto, um touro sob o nome de Pathis.²⁶ O lobo também era consagrado a *Apolo* e *Latona*. Também o animal chamado de babuíno é solar, pois 12 vezes por dia, ou a cada hora, ele ladra, e no tempo do equinócio urina 12 vezes a cada hora; e faz o mesmo à noite, daí os egípcios o terem gravado em suas fontes.²⁷

Também entre os pássaros, há os que são solares: a fênix, sendo única da espécie, e a águia, rainha dos pássaros; também o abutre, o cisne e aqueles que cantam ao nascer do Sol, como se quisessem despertá-lo, além do galo, do corvo e do gavião,²⁸ que, por ser uma divindade entre os egípcios e um emblema do espírito e da

luz, é considerado por *Porfírio* um pássaro solar.

Fora esses, todas as coisas que têm alguma semelhança com as obras do Sol, como lampírides²⁹ que brilham à noite, e o besouro,³⁰ que é uma criatura que vive sob esterco de vaca, segundo a interpretação de *Ápio*,³¹ e cujos olhos mudam de acordo com o percurso do Sol, são considerados solares, bem como as coisas que deles procedem.

E entre os peixes, o bezerro do mar³² é essencialmente solar, pois resiste a relâmpagos, bem como o molusco e o peixe chamado medusa,³³ os quais brilham à noite, e o peixe chamado astéria,³⁴ por seu ardor fustigante, e os estrombos,³⁵ que seguem seu rei; além da margarita,³⁶ que também tem um rei e, seca, endurece até virar uma pedra de coloração dourada.

Notas - Capítulo XXIII

1. “Chocoalhante” seria uma descrição melhor - ver nota 7, cap. XIII, l. I.

2. “E como dizem os homens da Caldeia, se for colocado em sua comida algum veneno e se a pedra supracitada [aetita] for usada, a comida poderá ser engolida” (*The Book of Secrets* 2.41 [Best e Brightman, 46]).

3. “Assim a pedra do Sol, por meio de seus raios dourados, imita os do Sol; mas a pedra chamada olho do céu, ou do sol, tem uma figura semelhante à pupila do olho, e um raio brilha do meio da pupila” (Proclo, *De sacrificio et magia* [Taylor, 345]). A primeira pedra de Proclo parece a “*Solis gemma*” de Plínio: “A *Solis gemma* é branca e, como a luminária da qual deriva o nome, emite raios brilhantes em forma circular” (Plínio 37.67 [Bostock e Riley, 6:456]). A segunda pedra, mencionada por Agrippa, parece ser olho-de-tigre, ou talvez uma forma mais opaca de safira estrelada, que Plínio descreve:

A próxima entre as pedras brancas é “astéria”, uma gema de alto valor por causa de certa peculiaridade em sua natureza, a de encerrar em si uma luz, como se fosse a pupila de um olho. Essa luz, que tem o aspecto de se mover dentro da pedra, é transmitida de acordo com o ângulo de inclinação em que é segura, nessa ou naquela direção. Quando segura de frente para o Sol, ela emite raios brancos como os de uma estrela, e a esse efeito que ela deve seu nome (Plínio 37.47 [Bostock e Riley, 6:437]).

4. Ou crisólito. Forma verde-opaca de olivina. Também chamada de peridoto. *Chryso* significa “dourado”.

5. Um tipo de quartzo hexagonal que pode ser usado como um prisma para dividir a luz em seu espectro. Íris é o termo grego para arco-íris. “Seu nome ‘íris’ deriva das propriedades que ela

possui; pois, quando atingida pelos raios do Sol em um local coberto, ela projeta sobre as paredes mais próximas a forma e as cores diversificadas do arco-íris, continuamente mudando as tonalidades e despertando admiração pela grande variedade de cores que apresenta” (Plínio 37.52 [Bostock e Riley, 6:439]).

6. Ver nota 12, cap. XIII, l. I.

7. A erva *Heliotropium europaeuni*.

S. Para Plínio, jacinto é a safira azul. No *Livro dos Segredos*, ela se torna uma pedra amarela e, portanto, solar, graças a um erro por parte do copista latino, que mudou *blavus* (azul) de Alberto Magno para *flavus* (amarelo). “E dela se escreve, nas prelações dos filósofos, que, sendo usada no dedo ou no pescoço, garante que estranhos sejam aceitos por seus convidados” (*Livro dos Segredos* 2.434 [Best e Brightman, 47]).

9. Afirma-se que não pode ser queimado o coração daquelas pessoas que morrem de doença cardíaca; e o mesmo se diz de quem morre por envenenamento. Seja como for, ainda existe um discurso pronunciado por Vitélio, no qual ele acusa Piso desse crime e emprega esse suposto fato como uma de suas provas, apenas afirmando que o coração de Germânico César não poderia ser queimado na pira funerária, por ele ter sido envenenado (Plínio 11.71 [Bostock e Riley, 3:66-7]).

10. Iarchus, mestre dos brâmanes, diz a Apolônio:

Quanto à gema que atrai outras pedras para si e as segura, não há dúvida, pois você pode examiná-la e testar suas maravilhosas propriedades. A maior dessas gemas é do tamanho da unha de meu polegar e é formada em cavidades com quatro cúbitos de profundidade no solo. Ela gera tanto gás durante a formação que o solo incha e geralmente racha. Ninguém consegue encontrá-la por mais que a procure, pois ela se esconde, a menos que seja extraída por meios científicos; e os sábios são os únicos que conseguem minerar a pantarbe, como é chamada, e o fazemos por meio de encantamentos e magia. Ela transforma o dia em noite como uma chama, pois é fulgurante e refulgente, e, se for observada à luz do dia, ofusca os olhos com dez mil cintilações. Sua luz se deve a uma indescritível e poderosa emanção, e ela atrai tudo o que estiver próximo. Mas por que o que estiver próximo? Pois você pode mergulhar em rios ou no mar as maiores pedras que quiser, não próximas umas das outras, mas espalhadas, e se essa gema for baixada para elas, ela as puxará por meio de sua força inerente, de modo que se afixarão a ela como um enxame de abelhas (Filóstrato, *Life and Times of Apollonius do Tyana* 3:46, traduzido para o inglês por Charles P. Eells [Stanford University Press, 1923], 87-8).

11. “Panco [‘de todas as cores’] é uma pedra que exhibe quase todas as cores” (Plínio 37.66 [Bostock e Riley, 6:455]). Talvez a opala.

12. Uma pedra preciosa amarelo-dourada.

13. Um quartzo verde-claro, variedade da calcedônia.

14. Rubi.

15. Ouro-pigmento, arsênico amarelo ou amarelo do rei, um sulfeto amarelo-brilhante de arsênico usado como pigmento de pintor. “Existe também outro método de produzir ouro; fazendo-o a partir do ouro-pigmento, um mineral escavado da superfície da terra na Síria e muito usado por pintores. É exatamente da cor do ouro, porém frágil, como a pedra-espelho [lapis specularis], na verdade” (Plínio 33.22 [Bostock e Riley 6:104]). Pelo que ele diz em outro trecho (36.45), a “pedra-espelho” de Plínio parece ser um tipo de mica.

16. A fabulosa árvore que produziria frutos e flores de lótus. Jamblichus diz que as folhas e as frutas, sendo redondas, representam “o movimento do intelecto”. Maomé viu uma no sétimo céu, à direita do trono de Deus, demarcando a fronteira além da qual ninguém se atreve a passar. Sob ela, toda a hoste de anjos presta veneração: “Ele a viu ainda em outra ocasião, próxima à árvore de lótus, além da qual não há passagem: e perto se encontra o jardim da eterna morada. Quando a árvore de lótus cobriu aquilo que cobriu, seus olhos não desviaram nem pestanejaram: e ele de fato viu alguns dos mais grandiosos sinais do Senhor” (*Alcorão* 53, tradução para o inglês de Frederick Warne [London, 1887], 390).

17. *Gentiana lutea*, uma grande planta com flores amarelas em formato de estrela dispostas em anéis ou guirlandas distribuídas em seu caule superior, da grossura de um polegar humano.

A raiz possui um sabor amargo e era usada em remédios. “A raiz da Genciana em pó em pequena quantidade, com um pouco de pimenta e erva misturadas com Graça, é boa para aqueles que foram mordidos ou picados por alguma criatura venenosa ou cão louco: ou para aqueles que tomaram veneno (Gerard [1633] 1975, l. 2, cap. 105, 434).

18. *Verbena officinalis*. Há dois tipos: a verbena ereta, que Plínio chama de “macho”, que cresce até cerca de 30 centímetros, tem folhas parecidas com o carvalho, mas com sulcos mais pronunciados, e flores pequenas, azuis ou brancas; e verbena rasteira, que Plínio chama de “fêmea”, que se estende pelo solo, tem mais folhas que a outra e pequenas flores azuis ou roxas. Os romanos a chamavam de “planta sagrada” (*hiera botanea*). Quando era feita uma declaração oficial de guerra, a verbena era arrancada do solo de Roma e levada, com raiz e terra, ao território do inimigo por um portador; e quando calamidades se abatiam sobre a cidade, como a peste, a mesma planta era usada na cerimônia do *lectisternium* para recuperar o favor dos deuses. Ela era usada também pelos romanos para limpar a mesa de banquete de Júpiter e purificar as casas.

O povo nas províncias gaulesas as utiliza tanto para adivinhar quanto prever eventos futuros; mas são os magos que afirmam as coisas mais ridículas acerca dessa planta. Dizem que se alguém se esfregar com ela obterá, com certeza, o objeto de seu desejo; e também nos garantem que ela afasta febre, concilia amizade e é uma cura para toda doença possível; dizem também que ela deve ser colhida perto da hora em que surge a Estrela do Cão - mas não de modo que incida sobre ela o Sol ou a Lua - e que os favos de mel e o mel devem antes ser oferecidos à terra por meio de expiação. Dizem-nos ainda que se deve traçar um círculo em torno dela com um ferro; após o quê, ela deve ser apanhada com a mão esquerda e erguida no ar, com cuidado para secar as folhas, o caule e a raiz, separados e na sombra (Plínio 25.59 [Bostock e Riley, 5:121-2]).

19. A goma-resina do lentisco - aroeira-da-praia - (*Pistacia lentiscus*), nativa do leste do Mediterrâneo. A goma não tem gosto e vem na forma de lágrimas verde-amareladas transparentes.

20. Zedoária longa, uma raiz aromática da Índia Oriental, semelhante ao gengibre, originária da *Curmuma zerumbet*. A zedoária amarela vem da *Zingiber casumunar*; a zedoária redonda é da *Curcuma zedoaria*.

21. Cálamo doce, uma raiz ou grama aromática. “Também o cálamo-aromático, nativo da Arábia, é comum na Índia e Síria, sendo o desse último país superior aos outros” (Plínio 12.48 [Bostock e Riley, 3:144]). Não se sabe com certeza qual é o cálamo de Plínio, mas devia ser do gênero *Andropogon*. Agrippa provavelmente se refere ao *Acorus calamus*, ou ácoro, substituindo a erva mais antiga (ver Gerard [1633] 1975, l. 1, cap. 45, 63).

22. Provavelmente alecrim (*Rosmarinus officinalis*), uma planta que tem cheiro parecido com o olíbano. Libanotis é uma planta que cresce em solo quebradiço e costuma ser semeada em locais expostos à queda de orvalho; a raiz, que é exatamente como a do olusatrum, tem um cheiro que em nada difere do olíbano; com um ano de idade, é muito boa para o estômago; algumas pessoas a chamam de rosarium [alecrim] (Plínio 19.62 [Bostock e Riley, 4:203]).

23. Lince (ver Plínio 8.28).

24. O touro venerado em Heliópolis era chamado de Mnevis pelos gregos.

25. Em Mênfis era venerado um touro, não um boi.

26. Um touro preto era venerado em Hermontis, chamado por Macróbio de “Bacchis” (Bacis, Basis ou Pacis).

27. Novamente, para indicar os dois equinócios, eles reproduzem um cinocéfalo, pois, nos dois equinócios do ano, ele produz água 12 vezes por ano, uma vez a cada hora, e faz o mesmo durante as duas noites; assim, não é à toa que os egípcios esculpem um cinocéfalo sentado em sua Hidrologia; e representam a água correndo de seu membro, porque, como eu disse antes, o animal indica as 12 horas do equinócio.... Eles também usam esse símbolo, pois é o único animal que, nos equinócios, emite seus gritos 12 vezes ao dia, uma vez a cada hora” (Horapolo 1.16 [Cory, 36-8]).

28. Com ele [o gavião], eles simbolizam Deus, pois o pássaro é prolífico e tem vida longa, ou talvez porque pareça ser uma imagem do Sol, capaz de fixar o olhar em seus raios mais do que quaisquer

outras criaturas aladas: e por isso, para a cura dos olhos, os médicos usam a erva conhecida como erva daninha do gavião; e é por isso também que sob a forma de um gavião eles às vezes reproduzem o Sol como senhor da visão. E o usam para denotar altura, porque os outros pássaros, quando voam alto, se movimentam de um lado para o outro, sendo incapazes de ascender verticalmente; mas só o gavião alça voo diretamente para cima (Horapolo 1.6 [Cory, 13-4]).

29. Pirlampos (*Lampyris noctiluca*). A fêmea dessa espécie de inseto não tem asa e emite uma tênue luz verde do abdome. O macho tem asas e não brilha.

30. O escaravelho, que vive de fezes, especificamente o primeiro dos três tipos descritos por Horapolo:

Além disso, existem três espécies de escaravelho; a primeira é como um gato e irradiada, que eles consagram ao Sol por causa desta semelhança: dizem que o gato muda a forma de suas pupilas de acordo com o percurso do Sol: pois pela manhã, quando o deus nasce, elas estão dilatadas, e no meio do dia ficam redondas, e perto do pôr-do-Sol, parecem menos brilhantes: motivo pelo qual também a estátua do deus na cidade do Sol [Heliópolis] é da forma de um gato (Horapolo 1.10 [Cory, 21-2]).

31. Apion.

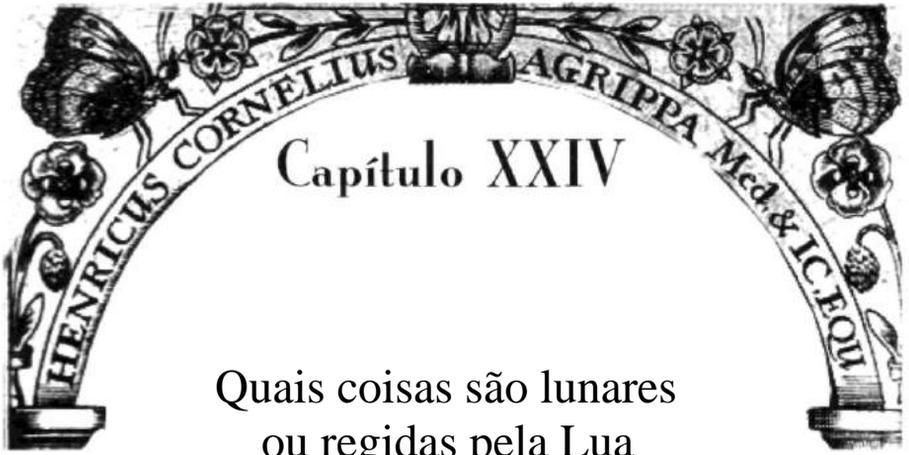
32. Foca.

33. Água-viva.

34. Estrela-do-mar.

35. Moluscos com uma concha espiral.

36. Ostra (*Meleagrina margaritifera*)



Quais coisas são lunares ou regidas pela Lua

São lunares aquelas coisas do elemento Terra e depois Água, incluindo as coisas do mar, dos rios e todas as coisas úmidas, bem como a umidade das árvores e animais, principalmente as que são brancas e claras, como a clara do ovo, a gordura, o suor, o muco e a superfluidez dos corpos. Entre os gostos, o salgado e o insípido; entre os metais, a prata; entre as pedras, o cristal, a marcassita de prata,¹ e todas as que são brancas e verdes. Também a pedra selenita,² isto é, lunar, brilhando de um corpo branco, com um fulgor amarelo, imitando o movimento da Lua e tendo em si a figura da Lua que todos os dias aumenta ou diminui, assim como a própria Lua. Também as pérolas, que são geradas nas conchas de peixes a partir das entradas de água, e também o berílio.³

Entre as plantas e árvores, são lunares - como, por exemplo, o selenotrópio - que se inclinam para a Lua, assim como o heliotrópio se inclina para o Sol; e da palmeira nasce um ramo a cada nascer da Lua; o hissopo⁴ também, e o alecrim, o agnocasto e a

oliveira são lunares. Também a erva chinosta, que aumenta e diminui com a Lua em substância e número de folhas, não apenas na seiva e em virtude, o que de fato é comum, dessa ou daquela forma, em todas as plantas, exceto na cebola, que é influenciada por Marte, com propriedades contrárias; assim como entre as coisas voadoras, o pássaro saturnino, chamado codorniz, é um grande inimigo da Lua e do Sol.

Animais lunares são aqueles que amam a companhia do homem e que crescem no amor ou no ódio, como todas as espécies de cães; o camaleão também é lunar, e sempre assume uma cor de acordo com a variedade da cor do objeto; assim como a Lua muda de natureza de acordo com a variedade do signo que se encontra nela. Também são lunares os suínos, as corsas, cabras e todos os animais que observam e imitam o movimento da Lua, como o babuíno⁵ e a pantera,⁶ que segundo se diz teria uma mancha sobre o ombro como a Lua, aumentando em uma circularidade e tendo chifres que se curvam para dentro. Lunares também são os gatos, cujos

olhos aumentam ou diminuem de acordo com o percurso da Lua, e aquelas coisas que são de natureza semelhante, como o sangue da menstruação, do qual os magos fazem coisas estranhas; a civeta,⁷ que muda de sexo, sendo avessa a diversas formas de feitiçaria, e todos os animais que vivem na água e na terra; também as lontras e outros animais que se alimentam de peixe. Também os animais monstruosos, aqueles que se manifestam sem semente, são equivocadamente gerados, como os ratos, que às vezes são gerados, às vezes da putrefação da terra.

Entre as aves, os gansos, patos, mergulhões⁸ e toda espécie de ave aquática que se alimenta de peixe, como a garça; e aqueles que são

equivocadamente produzidos, como vespas das carcaças de cavalos,⁹ abelhas da putrefação de vacas, pequenas moscas do vinho putrefato e besouros da carne de asnos; mas o mais lunar de todos é o besouro de dois chifres,¹⁰ que parece um touro, o qual escava sob o estêreo e lá permanece por um período de 28 dias, tempo em que a Lua mede todo o zodíaco, e no 29º dia, quando pensa que vai haver uma conjunção de seu brilho, abre o esterco e o joga na água, de onde vêm os besouros.

Entre os animais aquáticos lunares estão o peixe-gato,¹¹ cujos olhos mudam de acordo com o percurso da Lua, e todos os que observam o movimento da Lua, como a tartaruga, o equeneídeo, o caranguejo, as ostras e ervas daninhas¹² e rãs.

Notas - Capítulo XXIV

1. Pirita de ferro, ou ouro de tolo, um cristal cúbico muito brilhante usado para joias e, em tempos antigos, para confecção de espelhos. Uma variedade mais opaca é chamada de marcassita.

2. Adulária. Do grego *σεληρη*, Lua. Uma forma de gesso, tem um lustre delicado, uma opalescência como de pérola.

A selenita [pedra-da-lua] é branca e transparente, com uma cor refletida que parece mel. Possui em seu interior uma figura que é como da Lua e reflete a face dessa luminária, se o que nos dizem é verdade, de acordo com suas fases, dia após dia, tanto minguante quanto crescente.... (Plínio 37.67 [Bostock e Riley, 6:456]).

3. Acredita-se que o berílio seja da mesma natureza da esmeralda, ou pelo menos intimamente análogo... Os mais estimados berílios são aqueles que, em cor, se assemelham ao verde puro do mar; o segundo mais valioso é o crisoberilo, uma pedra de cor um pouco mais opaca, mas próximo de uma tonalidade dourada (Plínio 37.20 [Bostock e Riley, 6:414]).

São berílios as esmeraldas, águas-marinhas e gemas de coloração dourada-clara.

4. Uma pequena erva aromática (*Hyssopus officinalis*). Não deve ser confundido com o hissopo usado pelos judeus como aspersório (hissope), que se conjura ter sido uma espécie de alcaparra espinhosa (*Capparis spinosa*). Gerard diz que o hissopo dos gregos era “mais próximo do *Origanum*” (Gerard [1633] 1975, l. 2, cap. 177, 580).

5. E eles simbolizam a Lua com esse animal, porque ele tem uma espécie de simpatia em sua conjunção com o deus. Pois, no momento exato da conjunção da Lua com o Sol, quando ela fica escura, o cinocéfalos macho não vê nem come, mas se curva à terra em dor, como se lamentando o roubo da Lua: e a fêmea também, além de ser incapaz de ver e se tornar afetada da mesma maneira que o macho, [emite sangue dos genitais]; por isso, até os dias de hoje, os cinocéfalos são levados aos templos, para que por meio deles seja determinado o instante exato da conjunção do Sol e da Lua (Horapolo 1.14 [Cory, 31-2]).

6. “Alguns dizem que a pantera tem no ombro uma mancha na forma da Lua; e que, assim como a Lua, essa mancha cresce e diminui até uma crescente” (Plínio 8.23 [Bostock e Riley, 2:274]).

7. A hiena, segundo reporta Plínio, muda de sexo: “É a noção vulgar de que a hiena possui em si ambos os sexos, sendo macho por um ano e fêmea no ano seguinte, e que engravida sem a cooperação do macho; Aristóteles, porém [Historia animalium 6.32, Generatione animalium 3.6], nega isso” (Plínio 8.23 [Bostock e Riley, 2:296]).

Se os batentes das portas forem tocados com esse sangue, as várias artes dos magos não terão efeito; eles não serão capazes de invocar os deuses à sua presença, de conversar com eles, qualquer que seja o método usado, com lâmpadas ou bacias, água ou globo, ou qualquer outro... Os excrementos ou ossos que foram evacuados pelo animal no momento em que foi morto, são considerados contraencantamentos para magia. (Plínio 28.27 [Bostock e Riley, 5:313]).

Esse longo e notável capítulo é totalmente dedicado às virtudes da hiena.

8. *Podiceps minor*. Também chamado, em inglês, de *dabchick*; uma pequena ave que mergulha na água.

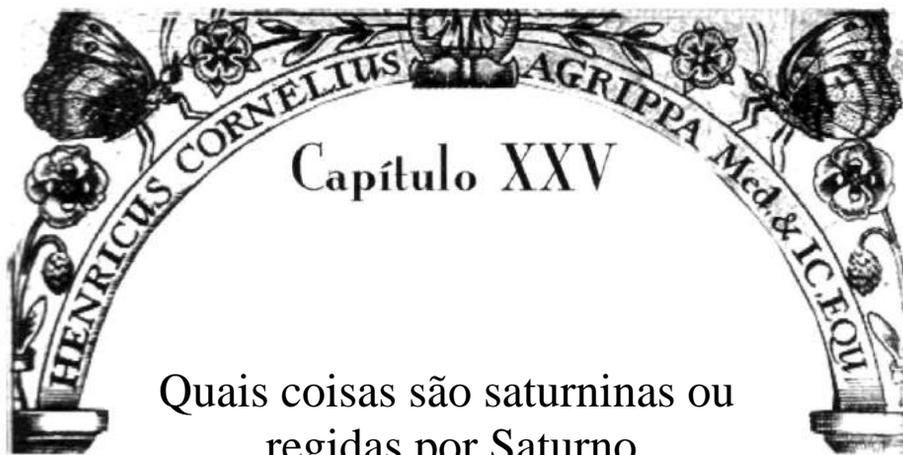
9. “Quando se referem a vespas, eles reproduzem um cavalo morto; pois muitas vespas são geradas desse animal, quando morto” (Horapolo 2.44 [Cory, 114]).

10. “A segunda espécie é o de dois chifres e em forma de touro, que é consagrado à Lua; é por isso que as crianças dos egípcios dizem que o touro nos céus é a exaltação dessa deusa” (Horapolo 1.10 [Cory, 22]). Do escaravelho em geral, Horapolo diz:

E com isso eles simbolizam um primogênito, porque o escaravelho é uma criatura autoproduzida, não sendo concebido pela fêmea; pois a propagação dele só se dá dessa maneira: quando o macho deseja procriar, toma as fezes de um boi, molda-as em uma forma esférica como o mundo; em seguida, ele a enrola a partir das partes traseiras de leste a oeste, enquanto olha para o leste, a fim de assim incutir a figura do mundo (pois esse é o percurso do mundo, enquanto as estrelas rumam de oeste para leste); depois, após escavar um buraco, o escaravelho deposita essa bola na terra durante 28 dias (pois esse é o período em que a Lua passa pelos 12 signos do zodíaco). Sendo, assim, regida pela Lua, a raça dos escaravelhos é imbuída de vida; e no 29^o dia após ter aberto a bola, ele a joga na água, pois sabe que nesse dia ocorre a conjunção da Lua e do Sol, bem como a geração do mundo. Da bola assim aberta na água, surgem os animais, isto é, os escaravelhos (Horapolo 1.10 [Cory, 20-1]).

11. *Aelurichthus marinus*.

12. É certo que os corpos das ostras, búzios e moluscos em geral aumentam de tamanho e depois diminuem novamente sob influência da Lua. Alguns observadores meticolosos descobriram que as entranhas do rato-do-mato correspondem em número às idades da Lua e que o minúsculo animal, a formiga, sente o poder dessa luminária, sempre descansando da labuta na mudança da Lua (Plínio 2.41 [Bostock e Riley, 1:68]).



Quais coisas são saturninas ou regidas por Saturno



As coisas saturninas são as dos elementos Terra e Água: entre os humores são saturninos a cólera negra, que é úmida, e a natural e ao mesmo tempo advéncia cólera adusta.¹

Entre os gostos, o amargo, azedo e insípido. Entre os metais, chumbo e ouro, em razão de seu peso, e a marcassita dourada.² Entre as pedras, a ônix,³ a ziazaa,⁴ camonius,⁵ safira, jaspe marrom, calcedônia,⁶ magnetita, e todas as coisas terrosas e escuras.

Entre as plantas e árvores, são solares o narciso,⁷ erva-de-dragão,⁸ arruda, cominho,⁹ heléboro,¹⁰ a árvore de onde vem a benzoína,¹¹ a mandrágora,¹² o ópio e aquelas coisas que estupefazem, as que nunca são semeadas e nunca geram frutos, e as que produzem frutinhas de cor escura, e frutas pretas, como a figueira preta, o pinheiro, o cipreste,¹³ e uma certa árvore¹⁴ usada em funerais, que nunca gera novas frutinhas, é áspera, tem gosto amargo, cheiro forte, produz uma sombra preta que gera a mais profunda escuridão, dá um fruto que

não presta, nunca morre de idade; é mortal, dedicada a *Plutão*, assim como a erva passiflora, com a qual se costumava forrar as covas antes de ser colocados ali os cadáveres, motivo pelo qual se recomendava fazer as guirlandas em festivais com todas as ervas e flores além da passiflora, pois ela representava luto e não conduzia à alegria.

Também todos os animais rastejantes, que vivem isolados e solitários, à noite, tristes, contemplativos, pesarosos, cobiçosos, temerosos, melancólicos, lentos, que se alimentam de maneira grotesca e devoram os próprios filhotes. Dessas espécies são, portanto, a toupeira, o asno, o lobo, a lebre, a mula, o gato, o camelo, o urso, o porco, o macaco, o dragão, o basilisco, o sapo, todas as serpentes e coisas rastejantes, escorpiões, formigas e outros que surgem a partir da putrefação na terra, na água ou nas ruínas das casas, como os ratos e muitos tipos de vermes.

Entre os pássaros, são saturninos aqueles que têm pescoço comprido e voz aguda, como grou, avestruz

e pavão, que são dedicados a Saturno e Juno. Também o mocho, a coruja, o morcego, o abibe, o corvo, a codorniz, que é o mais invejoso de todos os pássaros.

Entre animais aquáticos, a enguia,¹⁵ que vive isolada de todos os outros peixes; a lampreia, o peixe-cachorro,¹⁶ que devora os filhotes; também a tartaruga, as ostras, às quais se podem acrescentar a esponja marinha, e tudo aquilo que vem delas.

Notas - Capítulo XXV

1. Seca, ardente.

2. Pirita de ferro ou ouro de tolo.

3. Ônix preta, uma forma de calcadônia, uma pedra opaca, preta ou marrom-escura, que costuma ter uma linha branca atravessando-a. Às vezes, a linha forma um círculo, e a pedra, nesse caso, se chama ônix olho-de-lince. Sendo ligada a Capricórnio e Saturno, ela era usada em rosários para evitar o mau-olhado. “E vem da Índia, passando pela Arábia, e, se for pendurada no pescoço ou usada no dedo, desperta tristeza ou pesar em um homem e terror e contenda” (*The Book of Secrets* 2.4 [Best e Brightman, 27]).



Mandrágora macho



Mandrágora fêmea

4. “Uma pedra preta e branca que torna litigioso aquele que a possui, além de causar-lhe terríveis visões” (Spence [1920] 1968, 439).
5. Na *Ópera* latina, camoinus.
6. Calcedônia, uma forma de sílica. “Pegue a pedra que se chama *chalconius* e verá que ela é opaca, de coloração marrom e um tanto escura” (Livro *dos Segredos* 2.22 [Best e Brightman, 26]).
7. Asfódelo (*Asphodelus*), o narciso branco, diferente do narciso amarelo (*Narcissus pseudo -Narcissus*).
8. Ou apenas dragão (*Dracunculus vulgaris*); as folhas e a raiz protegem contra serpentes.
9. *Cummin cyminum*, também chamado cominho comum, ou romano, uma planta parecida com o funcho.
10. Plantas do gênero *Helleborus* ou *Veratrum*, usada em tempos antigos como um remédio contra loucura. Há várias espécies e com vários usos: (1) heléboro preto (*Helleborus officinalis*), que só cresce na Grécia; (2) heléboro-verde (*H. viridis*), também chamado heléboro silvestre; (3) heléboro malcheiroso (*H. fetidus*), também chamado heléboro fétido; (4) heléboro-branco (*Veratrum album*); heléboro de inverno (*Eranthis hyemalis*), também chamado de acônito de inverno. Usado sem classificação, provavelmente a referência aqui é ao heléboro preto ou rosa-de-natal (*Helleborus niger*). Como o *H. officinalis* só existia na Grécia, os escritores medievais e renascentistas se referiam ao *H. niger*. O heléboro é venenoso. Plínio descreve uma colheita de heléboro preto:

Esta última planta também é colhida com cerimônias mais numerosas que a outra: primeiro, traça-se um círculo em torno dela com uma espada, depois, a pessoa que vai cortá-la se volta para o leste e oferece uma oração, pedindo permissão dos deuses para fazer isso. Ao mesmo tempo, observa se há uma águia à vista - pois geralmente enquanto essa erva é colhida, tal pássaro se encontra por perto - e, se alguma voar perto da pessoa, será um presságio de que ela morrerá no decorrer do ano (Plínio 25.21 [Bostock e Riley, 5:97]).
11. Uma resina aromática frágil e seca, extraída da árvore *Styrax benzoin*, nativa de Sumatra, Java e regiões circunvizinhas. Era usada como incenso e sufumigação.
12. *Mandragora officinalis*. Dragora indica dragão. Planta carnuda, curta, com folhas em forma de lança que, segundo se dizia, imitava a forma humana por causa de sua raiz forcada. Narcótica, emética e venenosa. Acreditava-se que ela promovia fertilidade nas mulheres (ver *Gênesis* 30, 14-6). Segundo as lendas, quando arrancada da terra, a planta grita, e quem a ouvir gritar morre; motivo pelo qual ela deve ser amarrada a um cão por uma correia, e o cão sacrificado por sua extração. Dizia-se também que um homem sonolento tinha comido mandrágora; e ela também era chamada de maçã do amor, por causa de suas supostas qualidades afrodisíacas.
13. Cipreste comum (*Cupressus semper-virens*), uma pequena planta verde considerada árvore funerária e dedicada a Plutão “porque, uma vez cortada, nunca volta a crescer” (Brewer, 206, “cyprus”).
14. Talvez a cicuta, que é soporífica e venenosa; ou possivelmente teixo, que tem casca grossa, vida longa e cresce em cemitérios.
15. “Quando querem simbolizar um homem que é hostil a todos os outros homens e vive isolado deles, eles reproduzem uma enguia; pois ela não se mistura com nenhum outro animal aquático” (Horapolo 2.103 [Cory, 149]).
16. Peixe-cachorro grande (*Scyllium catulus*), uma espécie de tubarão pequeno, muito feroz.



Quais coisas são regidas por Júpiter, sendo chamadas jovianas

As coisas jovianas são do elemento Ar: entre os humores, o sangue e o espírito da vida são jovianos, bem como todas as coisas que dizem respeito a aumento, alimentação e vegetação da vida. Entre os gostos, o doce e o agradável. Entre os metais, estanho, prata e ouro, em razão de sua temperança;¹ entre as pedras, jacinto,² berílio, safira, esmeralda, jaspe verde e pedras de cores aéreas.

Entre as plantas e árvores, verde-mar,³ manjerição-dos-jardins,⁴ ancusa,⁵ macis,⁶ lavândula,⁷ hortelã, almécega, elecampana,⁸ violeta, lólio,⁹ hioscíamo,¹⁰ o álamo e aquelas que são chamadas de árvores da sorte, como o carvalho, o castanheiro,¹¹ que é como um carvalho, mas muito maior, o azevinho,¹² a faia, a aveleira, a figueira branca, a pereira, a macieira, a vinha, a ameixeira, o freixo e a oliveira e também o óleo. Também todos os tipos de milho, como cevada, trigo, uva-passa,

alcaçuz, açúcar e tudo o que contém doçura sutil e manifesta, e adstringente, bem como o que tem gosto acentuado, como nozes, amêndoas, abacaxis, avelãs, pistache,¹³ raízes de peônia, mirabelas,¹⁴ ruibarbo e maná,¹⁵ e *Orfeu* acrescenta o estoraque.¹⁶

Entre os animais, são jovianos os que têm pompa e sabedoria, e aqueles que são mansos, bem treinados e de boa disposição, como veado, elefante, e os que são gentis, como as ovelhas e cordeiros.

Entre os pássaros, aqueles de temperamento moderado, como as galinhas, junto à gema de seus ovos. Também a perdiz, o faisão, a andorinha,¹⁷ o pelicano,¹⁸ o cuco,¹⁹ a cegonha,²⁰ pássaros propensos a um tipo de devoção, emblemas de gratidão. A águia²¹ é dedicada a Júpiter, é a insígnia dos imperadores e um emblema de justiça e clemência.

Entre os peixes, o delfim, o peixe chamado anchia,²² o siluro,²³ por causa de sua devoção inata.

Notas - Capítulo XXVI

1. A facilidade com que são trabalhados.
2. Ver nota 8,7 cap. XXIII, l. I.
3. O alho-poró comum (*Allium porrum*), erva com caule e folhas tenras e suculentas e flores róseas, que cresce nos telhados das casas e costuma ser colocado lá de propósito para desviar raios.
4. Ver nota 14, cap. XVIII, l. I.
5. Em Plínio, a da espécie *Anchusa italica*: “Às plantagináceas, pode-se acrescentar a descrição da ancusa, cuja folha parece uma língua de boi. A principal peculiaridade dessa planta é que, se colocada no vinho, ela promove alegria e hilaridade, de onde ganhou seu nome adicional de “euphrosynum” [planta que alegra]” (Plínio 25.40 [Bostock e Riley, 5:109]. Provavelmente usada por Agrippa para indicar “ancusa de vîbora” (*Echium vulgare*), uma erva muito semelhante, com longas folhas cabeludas. “A raiz bebida com vinho é boa para quem foi mordido por serpente e impede que quem a tenha bebido seja picada dali em diante: as folhas e sementes fazem a mesma coisa, como escreve Dioscorides”(Gerard [1633] 1975, l. 2, cap. 285-A, 803).
6. Arilo da noz-moscada, usado como tempero.
7. Lavanda francesa (*Lavandula Spica*), da qual se extrai um óleo de odor adocicado.
8. *Inula helenium*. Uma erva com grandes flores amarelas e raiz e folhas aromáticas amargas, usada como um tônico estimulante. Boa contra cólica. Costumava ser queimada como um incenso fragrante.
9. Espécie de gramínea *Lolium temulentum* que cresce como erva daninha entre o milho.
10. Planta narcótica (*Hyoscyamus niger*) usada para amortecer dor. Tem flores amarelo-pálidas marcadas de roxo, com um cheiro desagradável. O *Livro dos Segredos* a chama de “a erva do planeta Júpiter”, boa contra gota porque “funciona por virtude daqueles signos que têm pés e olham para os pés”, ou seja, peixes, que é regido por Júpiter; além disso, “é útil contra os problemas do fígado e todas as suas paixões, pois Júpiter guarda o fígado” (*Livro dos Segredos* 1.26 [Best e Brightman 21]).
11. *Quercus sessiliflora*. Árvore sagrada para Júpiter (ver Plínio 12.2 [Bostock e Riley, 3:102]).
12. *Ilex aquifolium*. É bem possível que Agrippa se refira ao carvalho da espécie *Quercus ilix*, nativo do sul da Europa, cuja folhagem se parece com a do azevinho.
13. Pistácio.
14. Frutas adstringentes, com sabor semelhante ao da ameixa, da árvore do gênero *Terminalia*, supostamente doces antes de amadurecer.
15. Uma seiva granulada branca ou amarelo-pálida, doce, que escorre de incisões feitas da árvore do maná, *Fraxinus ornus*, nativa da Sicília.
16. Goma-resina fragrante, amarela ou marrom-avermelhada, extraída da árvore *Storax officinalis*; também existia na forma de lágrimas claras, brancas, e era usada para embalsamar, no passado. No hino órfico a Júpiter (14) e no hino a Júpiter (18), se lê: “A fumigação do estoraque” (“*Hymns of Orpheus*”, traduzido para o inglês por Thomas Taylor [1787]. Em Thomas Taylor *The Platonist: Selected Writings* [Princeton University Press, 1969], 230, 234).
17. “Quando queriam dizer que toda a substância dos pais ficou para os filhos, eles reproduziam uma andorinha. Pois ela rola na lama e constrói um ninho para seus filhotes, quando sabe que vai morrer” (Horapolo 2.31 [Cory 107]).
18. Acreditava-se que o pelicano era capaz de trazer de volta à vida seus filhotes mortos com sangue quente de seu próprio peito. Esse mito aparecia no bestiário de Physiologus (séculos II a V d.C.), e se repete no *Livro dos Segredos* (3.14 [Best e Brightman 56]).
19. Para representar a gratidão, eles delineiam um cuco, pois esse é o único animal que, após ter sido criado pelos pais, paga-lhes pela gentileza quando eles envelhecem. Pois ele constrói para os pais um ninho no lugar onde foi criado, e apara-lhes as asas, traz comida até os pais adquirirem uma nova plumagem e serem capazes de cuidar de si mesmos: daí o fato de o cuco ser homenageado, fazendo-se dele um ornamento e colocando-o nos cetros dos deuses (Horapolo 1.55 [Cory 75-6]).

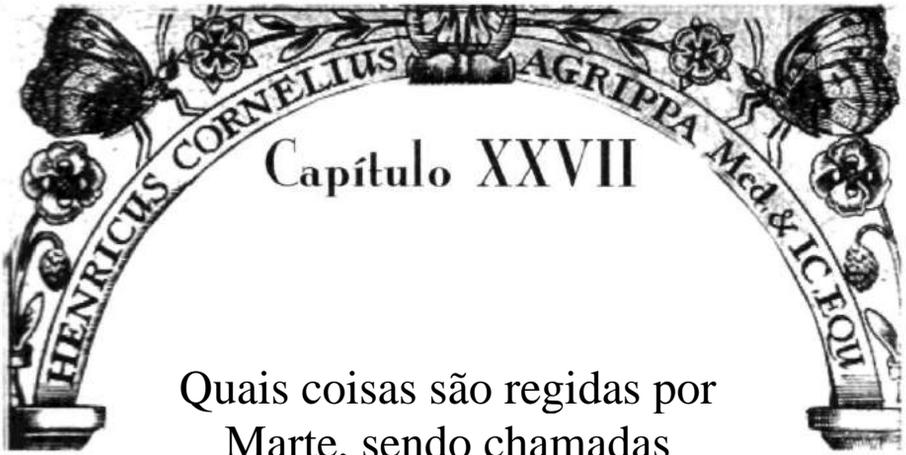
20. Quando querem denotar um homem que gosta de seu pai, eles reproduzem uma cegonha; pois, após a cegonha ter sido criada pelos pais, ela não se afasta deles, mas fica ao seu lado até o fim da vida dos dois, encarregando-se de cuidar deles” (Horapolo 2.58 [Cory 122]).
21. Caio Mário, em seu segundo consulado, atribuía a águia exclusivamente às legiões romanas. Antes desse período, ela só tinha a primeira patente, havendo outras quatro, o lobo, o minotauro, o cavalo e o javali, cada um dos quais precedido por uma única divisão. Alguns anos antes de Mário, começava a se tornar costume levar apenas a águia às batalhas, enquanto os outros estandartes ficavam no campo. Mário, porém, aboliu totalmente o resto deles. Desde então, tem sido observado que foram raras as legiões romanas acampadas para o inverno sem um par de águias aparecendo no local. (Plínio 10.5 [Bostock e Riley, 2:485]).

Ver também Plínio 10.6.

22. Talvez *anthias*?

Essas *anthiae*, dizem, quando veem uma delas presas por um anzol, cortam a linha com as espinhas serradas que elas têm nas costas, que se estende ao máximo, que lhes permite cortá-la (Plínio 9.85 [Bostock e Riley, 2:474]).

23. Um peixe de água doce grande (*Silurus glanis*) encontrado nos rios do leste da Europa.



Quais coisas são regidas por Marte, sendo chamadas marciais

São marciais as coisas do elemento Fogo, bem como as coisas adustas e acentuadas; entre os humores, a cólera; também o gosto amargo e o azedo e o que arde a língua e causa lágrimas: entre os metais, ferro e bronze vermelho;¹ e todas as coisas incandescentes, vermelhas e sulfurosas: entre as pedras, o diamante, a magnetita, o jaspe-sanguíneo,² o jaspe, a pedra que consiste em diversos tipos,³ a ametista.

Entre as plantas e árvores, heléboro, alho, eufórbia,⁴ cartabana,⁵ amoníaco,⁶ rabanete, louro, acônito,⁷ escamônia⁸ todas as plantas venenosas, por razão do calor excessivo, e aquelas que provocam coceira ou incomodam a pele, como cardo urtiga, botão-de-ouro,⁹ e aquelas que, se forem comidas, provocam lacrimação, como cebola, ascolônia,¹⁰ alho-poró, semente de mostarda e todas as árvores espinhosas, bem como a árvore do cão, que é dedicada a Marte.

E todos os animais que são belicosos, vorazes, corajosos e de mente clara, como o cavalo, a mula, a cabra, o cabrito, o lobo, o leopardo, o asno selvagem; também as serpentes e os dragões cheios de desprazer, e veneno; também todos aqueles que são ofensivos aos homens, como mosquitos, moscas e o babuíno, por causa de sua ferocidade.

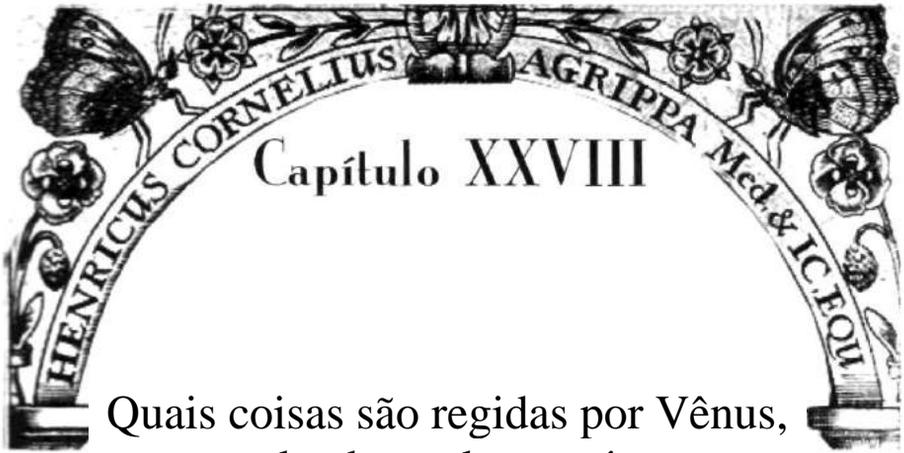
Todos os pássaros que são vorazes, devoram carne, quebram ossos, como a águia, o falcão, o gavião, o abutre; e aqueles que se chamam de pássaros fatais, como o mocho e a coruja, kestrel,¹¹ psitacídeos, e aqueles que tanta fome e voracidade fazem barulho ao engolir, como garças e a pega,¹² que, mais que todas as outras, é dedicada a Marte.

E entre os peixes, o lúcio, o bárbus, o peixe que tem chifres como o carneiro,¹³ o esturjão, o glauco,¹⁴ todos grandes devoradores e vorazes.

Notas - Capítulo XXVII

1. Diferente do bronze amarelo, mais comum. O brasão tem uma coloração de cobre.
2. O heliotrópio.
3. Essa é a pedra descrita no *The Book of Secrets* sob o nome de gagatronica: "... e é de diversas cores. Os antigos filósofos dizem que ela foi comprovada com o príncipe Alcides [Hércules], que, enquanto a carregava consigo, sempre alcançava a vitória. E é uma pedra de diversas cores, como a pele de um cabrito" (*The Book of Secrets* 2.24 [Best e Brightman, 38]). "Como a pele de um cabrito" significa malhada e manchada. Talvez seja um tipo de ágata ou opala.
4. Goma-resina da erva eufórbia (*Euphorbia officinarum*). Extremamente picante, era usada como emético e purgante. A resina em pó causa violentos e prolongados espirros.
5. *cartabana*⁷.
6. Goma-resina, chamada de "goma de Amon" porque era obtida de uma planta nativa da Líbia, perto do santuário de Júpiter Amon. Tem cheiro forte e gosto amargo, e era usada como emético. O amoníaco dos antigos provavelmente era obtido da *Ferula tingitana* da África do Norte. Em tempos mais modernos, o mais potente *Dorema ammoniacum* tinha esse nome.
7. Planta venenosa (*Aconitum lycoctonum*) das regiões montanhosas do oeste da Europa, que produz uma flor amarelada. Contém aconitina e era intimamente associada às bruxas, como um ingrediente em seus unguentos para poderem voar.
8. Goma-resina extraída das raízes da planta *Convolvulus scammonia*, nativa da Síria e Ásia Menor. Usada como purgante.
9. Nome usado para várias espécies de *Ranunculus*, que supostamente provoca bolhas.
10. Ou cebola de Gales (*Allium fistulosum*), uma variedade sem bulbo muito cultivada na Alemanha e cujo topo folhoso é usado em salada.
11. Um pequeno gavião (*Talco tinnunculus*), que tem o notável poder de se manter imóvel no ar.
12. Pica caudata. Um pássaro barulhento, agressivo, que cerca a abertura de seu ninho com espinhos e o defende à força. Atribuíam-se a ele o poder de soltar amarras por meio de uma erva mágica, talvez o visco.
13. É o áries ou "carneiro do mar" de Plínio:

O carneiro do mar comete suas invasões como um esperto ladrão; uma hora ele se esconde na sombra de alguma grande embarcação em alto mar e espera por alguém que seja tentado a nadar; noutra hora, ele ergue a cabeça da superfície da água, observa os barcos do pescador, nada sorrateiro até ele e o afunda (Plínio 9.67 [Bostock e Riley, 2:453]).
- Em outro lugar, ele descreve monstros encontrados na praia durante o reinado de Tibério (14-37 d.C), entre os quais "carneiros que só tinham uma mancha branca para representar chifres" (Plínio 9.4 [Bostock e Riley 2:364]). O candidato mais provável parece ser a orca, ou baleia-assassina (*Orca gladiator*).
14. Um tipo de peixe que, pelo que se dizia, engole os filhotes quando eles estão sob ameaça; depois, quando o perigo passa, liberta-os novamente. Plínio menciona o glauco (9.25 e 32.54), mas não se sabe com certeza a que espécie ele se refere.



Quais coisas são regidas por Vênus, sendo chamadas venéreas



s coisas venéreas são dos elementos Ar e Água; entre os humores, muco, com sangue, espírito e semente; entre os gostos, aqueles que são doces, untuosos e delectáveis; entre os metais, a prata e o bronze, tanto amarelo quanto vermelho; entre as pedras, berílio, crisólita, esmeralda, safira, jaspe verde, cornalina,¹ as pedras aetitas, a lápis-lazúli,² coral e todas de coloração clara, brancas ou verdes.

As plantas e árvores venéreas incluem a verbena, violeta,³ cabelo-de-vênus,⁴ valeriana,⁵ que os árabes chamam de *phu*; também o tomilho,⁶ a goma ládano,⁷ âmbar-gris,⁸ almíscar, sândalo,⁹ coentro,¹⁰ todos os perfumes doces, e deliciosas e doces frutas, como pêras, figos e a romã,¹¹ que segundo os poetas foi semeada pela primeira vez por *Vênus*, no Chipre. Também a rosa de Lúcifer era a ela dedicada, bem como a murta de Véspero.¹² Além desses, todos os animais luxuriosos, deliciosos e possuidores de um forte amor, como os cães, coelhos, ovelhas malcheirosas,¹³ cabras e

bodes, que se reproduzem mais rápido que quaisquer outros animais, pois o bode copula após o sétimo dia¹⁴ de vida; também o touro por seu desdém,¹⁵ e o bezerro por sua liberalidade.

Entre os pássaros, o cisne,¹⁶ o caminheiro,¹⁷ a andorinha, o pelicano, o burgander,¹⁸ que são muito amorosos com seus filhotes. Também o corvo, a pomba,¹⁹ que é dedicada a *Vênus*, e a rola,²⁰ que deveria ser oferecido na purificação, logo após nascer.²¹ O pardal também era dedicado a *Vênus*, que segundo a Lei era usado na purificação, pois a lepra,²² uma doença marcial, era resistente a tudo, menos a ele. Também os egípcios chamavam a águia de *Vênus* porque é de incansável sexualidade; a fêmea, por exemplo, mesmo após ter copulado 13 vezes por dia, volta ao macho novamente se ele a chamar.²³

Entre os peixes, são venéreos as luxuriosas sardinhas, as douradas,²⁴ a pescada²⁵ por seu amor pelos filhotes, o caranguejo porque luta por sua companheira, e o titímalo²⁶ por seu cheiro fragrante e doce.

Notas - Capítulo XXVIII

1. Uma variedade da calcedônia que pode ser vermelha, amarela ou azul, geralmente com duas ou mais cores combinadas em uma pedra. Plínio a recomenda como selo, porque um sinete nela gravado não deixa a cera colar na superfície (Plínio 37.23 [Bostock e Riley, 6:418]).
2. Uma pedra opaca de uma profunda tonalidade azul ou verde-azulada, geralmente com pequenas manchas douradas (pirita de ferro). A pedra sem manchas tem um valor maior.
3. *Viola odorata*, flor da inocência. “Quisera te dar violetas, mas murcharam todas quando meu pai morreu” (*Hamlet*, ato 4, sec. 5, linhas 183-4).
4. Uma samambaia (*Adiantum capillus-veneris*), antigamente chamada por esse nome. Tem caules finos como fios de cabelo e folhagem muito fina.
5. Uma planta (*Valeriana officinalis*) com pequenas flores brancas ou róseas e uma raiz carnuda da qual se extrai um narcótico suave. Tem poder de intoxicar os gatos.
6. Tomilho silvestre (*Thymus*). Tem flores roxas e era usado como estimulante e por sua fragrância agradável.
7. Goma-resina extraída da esteva (*Cistus*), uma planta que dá flores. Era usada como estimulante e em perfumes.
8. Literalmente “âmbar cinza”; o vômito do cachalote, usado na fabricação de perfume porque seu cheiro, embora desagradável, é extremamente poderoso. Era encontrado flutuando na superfície do mar.
9. Madeira de odor adocicado extraída do tronco e das raízes do sândalo (*Santalum album*). Era moído, e o pó era queimado nos templos como incenso.
10. *Coriandrum sativum*. A fruta madura, redonda, dessa pequena planta tem um cheiro agradável.
11. Fruta de uma pequena árvore, a romãzeira (*Punica granatum*). É do tamanho de uma laranja e tem uma casca dura, dourada, dentro da qual há muitas sementes cobertas por uma polpa vermelha doce. Quando Adônis foi morto por um javali, Vênus criou uma flor em memória de seu amado:

... Sobre o sangue ela espargiu um néctar perfumado. E, como os bulbos apontam no tempo chuvoso, ele se agitou e floresceu. Em pouco mais de uma hora uma flor carmim como a das romãzeiras, abriu suas pétalas. (Ovídio, *Metamorfoses*, p. 220, São Paulo © 2003, Madras Editora Ltda.)
12. As plantas sagradas para Vênus eram a rosa e a murta. O planeta Vênus, dependendo de sua posição relativa ao Sol, pode ser a estrela matutina e/ou a vespertina. Quando segue o Sol e é uma estrela vespertina a oeste, é chamada Véspero (do oeste); quando precede o Sol e aparece antes do pôr-do-Sol no leste, é chamado Lúcifer (portador da luz).
13. Talvez, no cio.
14. “Para indicar o membro de um homem prolífico, eles reproduzem um bode, não um touro: [pois o touro não pode copular com uma vaca antes de ter um ano de idade, mas o bode monta a fêmea sete dias após ter nascido, ejaculando um esperma estéril e vazio. Entretanto, ele se torna um adulto maduro antes de todos os outros animais.]” (Horapolo 1.48 [Cory, 68-9]). Mais uma vez, por erro de estilo, o tradutor preferiu usar a passagem em colchetes em latim.
15. “E o touro é sempre reconhecido como um símbolo de temperança, porque nunca se aproxima da vaca após a concepção” (Horapolo 2.78 [Cory, 134]).
16. A mãe nada com os filhotes nas costas.
17. Um pequeno pássaro da espécie Motacilla, que mexe constantemente o rabo.
18. Pássaro parecido com um ganso e que vive em buracos à beira do mar.
19. Depois da perdiz, é a pomba que tem tendências [maternas] semelhantes: mas observa com rigor a castidade, e a relação promíscua lhe é desconhecida. Embora vivam em comunidade, nenhum dos animais viola as leis da fidelidade conjugal: nenhum abandona o ninho, a menos que se torne viúvo ou viúva... Ambos manifestam igual nível de afeição pelos filhotes; na verdade, não raro isso é motivo para correção, uma vez que a fêmea é muito lerda até chegar aos filhotes. Quando ela está sentada, o macho lhe confere toda afeição que possa lhe servir de consolo e conforto. (Plínio 10.52 [Bostock e Riley, 2:517-8]).

20. Rolinha.

21. Levítico 12,6.

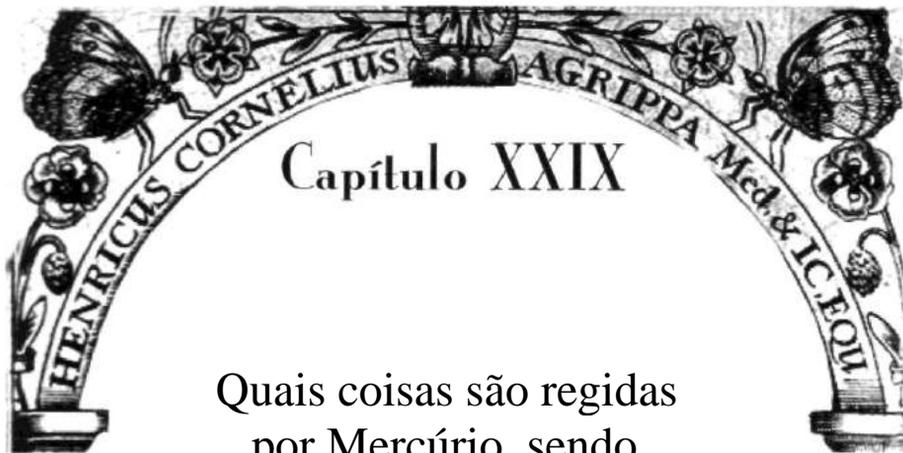
22. Levítico 14, 4-7.

23. “Por essa razão, eles consagram o gavião ao Sol; pois, assim como o Sol, o pássaro completa o número 30 em suas conjunções com a fêmea (Horapolo, 1.8 [Cory, 17]). O texto grego de Cory está errado e o número lido deveria ser 13, não 30. Há 13 luas novas no ano, quando o Sol e a Lua se encontram em conjunção.

24. Hoje, esse nome se refere aos *Chrysophrys*, mas outrora significava o delfim: “... é chamado de delfim pelos marinheiros e corre atrás do peixe voador” (Goldsmith [1774], l. 3, sec 1-3, 510).

25. Um peixe pequeno (*Merlangus*) com carne branca, tom de pérola. O termo em inglês “whiting” era usado na Inglaterra como uma expressão lisonjeira para uma garota, e “whiting’s eye” (olho de pescada) indicava olhar amoroso.

26. Nome usado por Plínio em referência à eufórbia marinha (*Euphorbia polygonifolia*). A eufórbia tem um suco branco com qualidades venenosas ou narcóticas. Era usada como purgante e para remover verrugas.



Quais coisas são regidas por Mercúrio, sendo chamadas mercuriais

As coisas regidas por Mercúrio são do elemento Água, embora esta faça mover todas as coisas; entre os humores, são principalmente aqueles que são mistos, mas também o espírito animal; entre os gostos, aqueles que são diferentes, estranhos e mistos; entre os metais, o mercúrio, estanho, marcassita de prata; entre as pedras, esmeralda, ágata, mármore vermelho, topázio e aqueles de diversas cores e várias figuras, bem como as que são artificiais, como o vidro, e as que têm uma cor misturada com amarelo e verde.

Entre as plantas e árvores, a aveleira, a gramínea quinquifoliada,¹ a erva mercúrio,² a fumária,³ a pimpinela,⁴ manjerona, salsa e outras que têm menos folhas e mais curtas, sendo compostas de natureza mista e cores diversas.

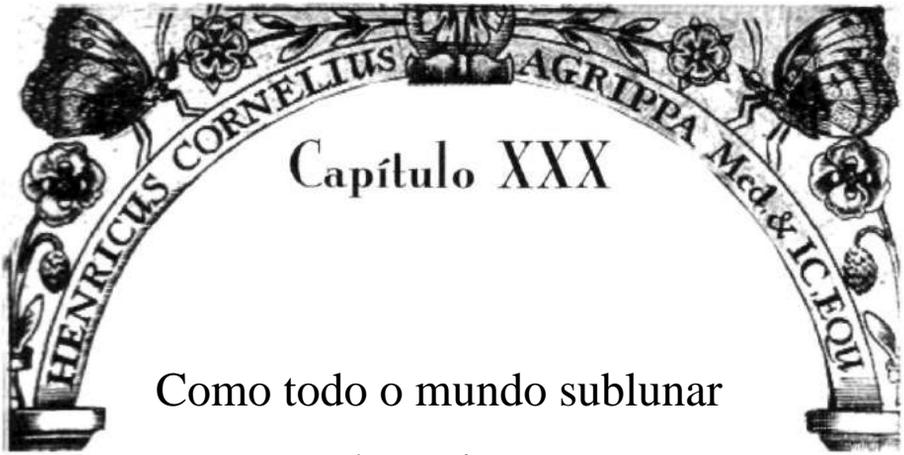
Também os animais de percepção rápida, que são engenhosos, fortes, instáveis, velozes e se familiarizam rapidamente com o homem, como os cães, macacos, raposas, doninhas, veados e mulas; e todos os animais que são de ambos os sexos, e aqueles que podem mudar de sexo, como a lebre, a civeta e outros.

Entre os pássaros, aqueles que por natureza são vivos, melódiosos e instáveis, como o pintarroxo, o rouxinol, melro, tordo, a cotovia, lavandeira,⁵ calandra,⁶ o papagaio, a pega, o íbis, o pássaro chamado porfírio,⁷ o besouro preto com um chifre.⁸

E entre os peixes, aquele chamado troquídeo,⁹ aquele que se recolhe em si mesmo; também o pólipos por ludibriar graças à sua mutabilidade,¹⁰ e a arraia por sua labuta; a tainha também, pois com um golpe de cauda arranca a isca do anzol.

Notas - Capítulo XXIX

1. Pentafilácea (*Potentilla reptans*). Era usada para repelir bruxas.
2. Mercurial, uma planta venenosa (*Mercurialis perennis*).
3. Erva medicinal (*Fumaria officinalis*) que cresce como trepadeira.
4. *Pimpinela saxifraga*. Dizia-se que o pó dessa planta fechava feridas.
5. Provavelmente da espécie *Tringa canutus*.
6. *Alanda calandra*. Uma espécie de cotovia.
- “ Uma espécie de frango d’água (*Porphyrio caeruleus*) com plumagem azul e pernas vermelhas.
8. “... a terceira espécie [de escaravelho] é o que tem a forma do íbis, com um chifre, consagrado a Hermes assim como o próprio íbis” (Horapolo 1.10 [Cory, 22]). O chifre do besouro lembra o bico longo e curvo do íbis.
9. Um molusco gastrópode com concha cônica.
10. O polvo também é capaz de mudar de cor e se deixar confundir com o ambiente.



Como todo o mundo sublunar
e aquelas coisas que se
encontram nele são distribuídos
aos planetas



udo o que se encontra no mundo inteiro é feito de acordo com as regências dos planetas, e também segundo elas cada coisa recebe sua virtude. Assim, no Fogo a luz vivificadora é regida pelo Sol, o calor por Marte; na Terra, suas várias superfícies são regidas pela Lua e por Mercúrio, e o céu estrelado,¹ em toda a sua extensão, é regido por Saturno; mas, nos elementos do meio,² o Ar é regido por Júpiter e a Água pela Lua; misturados, porém, são regidos por Mercúrio e Vênus.

Da mesma maneira, as causas ativas naturais observam o Sol; a matéria, a Lua; a fertilidade das causas ativas, Júpiter; a fertilidade da matéria, Vênus; o efeito súbito de qualquer coisa, Marte e Mercúrio, um por sua veemência e outro por sua destreza e virtude múltipla: mas a continuação

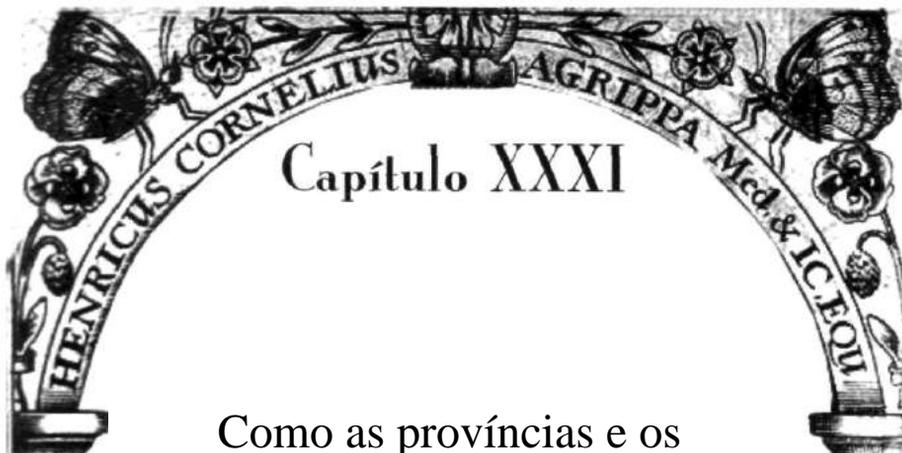
permanente de todas as coisas é atribuída a Saturno.

Também entre os vegetais, tudo o que dá frutas é de Júpiter, e tudo o que dá flores é de Vênus; toda semente e casca são de Mercúrio; todas as raízes, de Saturno, e toda madeira, de Marte, e todas as folhas, da Lua. Portanto, tudo o que produz fruta, mas não flor, é de Saturno e Júpiter, mas aqueles que produzem flores e sementes, mas não frutas, são de Vênus e Mercúrio; os que se geram sozinhos, sem semente, são da Lua e de Saturno; toda beleza é de Vênus, toda força é de Marte, e todo planeta rege e dispõe aquilo que é semelhante a ele.

Também nas pedras, seu peso, Viscosidade, escorregamento³ são de Saturno; seu uso e temperamento são de Júpiter; sua dureza, de Marte; sua vida, do Sol; sua beleza e formosura, de Vênus; sua virtude oculta, de Mercúrio; e seu uso comum, da Lua.

Notas - Capítulo XXX

1. A superfície da Terra é regida pela esfera das estrelas fixas, ou zodíaco, por meio dos ângulos dos raios feitos pelos planetas, signos e casas com lugares específicos na Terra.
2. A ordem dos elementos é Fogo, Ar, Água e Terra, fazendo Ar e Água elementos do meio. Ver apêndice III.
3. Escorregadura.



Como as províncias e os reinos são distribuídos aos planetas



demais, todo o orbe da Terra é distribuído por reinos e províncias¹ aos planetas e signos: Macedônia, Trácia, Ilíria, Índia, Arriana, Gordiana (muitos dos quais

localizados na Ásia Menor) são regidos por Saturno com Capricórnio; mas sob Aquário estão a Terra Sauromaciana, a Oxiana, Sogdiana, Arábia, Fazânia, Média, Etiópia, países, na maioria, que pertencem à região mais interiorana da Ásia.

São regidos por Júpiter com Sagitário Toscana, Espanha e a Arábia Feliz; sob Júpiter com Peixes, Lícia, Lídia, Bretanha, Cilícia, Fanfilia, Paflagônia, Nasamônia e Líbia.

Marte com Áries rege a Bretanha, França, Alemanha, Bastárnia, as partes mais baixas da Síria, Idumeia e Judeia; com Escorpião, Síria, Comagena, Capadócia, Metagonium, Mauritânia e Getúlia.

O Sol com Leão rege a Itália, Apulia, Sicília, Fenícia, Caldeia e Orcânia.*

Vênus com Touro rege as ilhas Cíclades, os mares da Ásia Menor, Chipre, Pártia, Média, Pérsia; mas com Libra comanda os povos da ilha Bractia, de Cáspio, Seres, Thebais, Oásis e Troglodis.

Mercúrio com Gêmeos rege a Hircânia, Armênia, Mantiana, Cyrenaica, Marmarica e Baixo Egito; mas com Virgem, rege Grécia, Achaia, Creta, Babilônia, Mesopotâmia, Assíria e Ela, chamados nas Escrituras de elamitas.

A Lua com Câncer rege Bithivia, Frígia, Cochina, Numídia, África, Cartago e toda a Carchedônia.

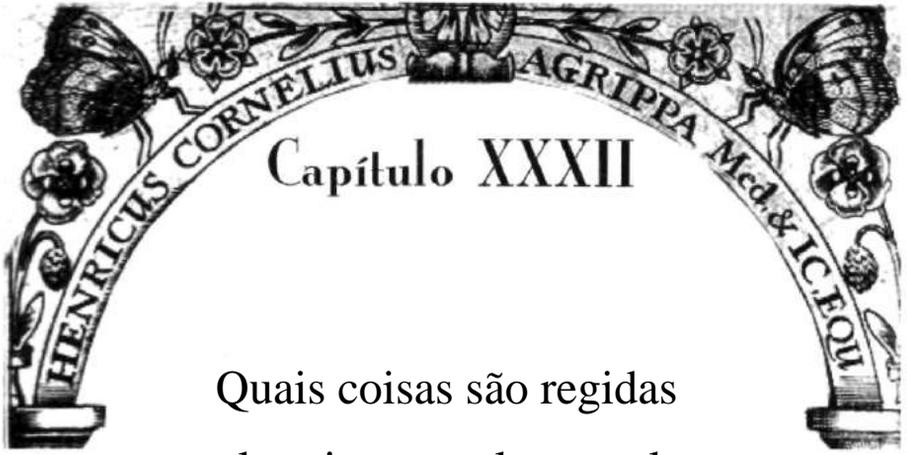
Essa distribuição nós Obtivemos das listas de *Ptolomeu*,² às quais, segundo os escritos de outros astrólogos, muito mais pode ser acrescentado. Mas aquele que souber comparar essas divisões de províncias de acor-

*N.E.: Os orcanianos foram citados por Estrabo como uma tribo de astrônomos caldeus e por Plínio como os habitantes da cidade caldeia de Uruk.

do com as divisões dos astros e bênçãos³ grandes e proféticos oráculos acerca das tribos de Israel, as sortes⁴ dos toda religião, quanto às coisas que ainda apóstolos e selos típicos da Escritura virão. sagrada, será capaz de obter

Notas - Capítulo XXXI

1. Quanto a notas e unidades geográficas individuais, ver *Geographical Dictionary*, p. 837-850.
2. *Tiradas de Tetrabiblos* 2.3, de Ptolomeu.
3. *Gênesis* 49. Ver também Josué 21.
4. Talvez uma referência à seleção por sortes de Matias (Atos 1, 26), mas é mais provável que seja alguma divisão de nações sob os apóstolos.



Quais coisas são regidas pelos signos, pelas estrelas fixas e suas imagens



mesma consideração deve ser feita quanto a coisas que dizem respeito às figuras das estrelas fixas: assim veremos o carneiro terrestre sob a regência da Áries celestial; e o touro, ou boi terrestre, se encontra sob a regência do Touro celestial. Do mesmo modo, Câncer deve reger os caranguejos, e Leão os leões, Virgem as virgens, Escorpião os escorpiões, Capricórnio os bodes e cabras, Sagitário os cavalos e Peixes os peixes. Também a Ursa¹ celestial rege os ursos, a Hidra² as serpentes, a constelação do Cão Maior³ os cães, e assim por diante.

Ora, *Apuleio* distribui certas ervas peculiares entre os signos e planetas; a Áries, ele atribui a erva sanguinária;⁴ a Touro, a verbena reta; a Gêmeos, a verbena que se curva; a Câncer, o confrei;⁵ a Leão, o ciclâmen;⁶ a Virgem, a calaminta;⁷ a Libra, a flor-de-diana;⁸ a Escorpião, a miosótis,⁹ a Sagitário, a pimpinela; a Capricórnio, *dock* (*Rumex crispus*);¹⁰ a Aquário, a erva-de-dragão;¹¹ a Peixes,

a aristolóquia.¹² E aos planetas: Saturno, a verde-mar¹³; Júpiter, a agrimônia;¹⁴ Marte, o peucedano;¹⁵ ao Sol, a Calêndula; a Vênus, o asplênio;¹⁶ a Mercúrio, o verbasco;¹⁷ e à Lua, a peônia.

Mas *Hermes*, a quem *Alberto* segue, tem uma distribuição diferente, a saber: a Saturno, o narciso;¹⁸ a Júpiter, henbane; a Marte, *ribwort*; ao Sol, a grama-comum;¹⁹ a Vênus, a verbena, a Mercúrio, a cinco-folhas; à Lua, o pé-de-ganso.²⁰ Também sabemos por experiência que o aspargo é regido por Áries, o manjericão-dos-jardins por Escorpião; pois das aparas do chifre do carneiro surgem os aspargos; e o manjericão-dos-jardins esfregado entre duas pedras produz escorpiões.

Além disso, de acordo com a doutrina de *Hermes* e *Thebit*, mencionarei algumas das mais eminentes estrelas, a primeira das quais se chama a Cabeça de Algol,²¹ e entre as pedras ela rege o diamante; entre as plantas, o heléboro preto e a flor-de-diana.

Em segundo lugar, estão as Plêiades,²² ou Sete Estrelas, que entre

as pedras regem o cristal e a pedra diádoco;²³ entre as plantas, olíbano e funcho;²⁴ e entre os metais, o mercúrio.

A terceira é a estrela Aldebarã,²⁵ que rege entre as pedras o carbúnculo e o rubi; entre as plantas, o cardo leitoso²⁶ e a madressilva.²⁷

A quarta é a Capela,²⁸ que rege, entre as pedras, a safira; entre as plantas, marrúbio,²⁹ hortelã, flor-de-diana e mandrágora.

A quinta é chamada de Cão Maior, que entre as pedras rege o berílio; entre as plantas, a sabina,³⁰ flor-de-diana e erva-de-dragão; e entre os animais, a língua das cobras.

A sexta é Cão Menor,³¹ que entre as pedras rege a ágata; entre as plantas, as flores da Calêndula e poejo.³²

A sétima estrela é o Coração do Leão,³³ que entre as pedras rege o granito;³⁴ entre as plantas, a quelidônia, a flor-de-diana e almécega.

A oitava é Cauda da Ursa Menor,³⁵ que entre as pedras rege a magnetita; entre as ervas, a chicória,³⁶ cujas folhas e flores se voltam para o norte, também a flor-de-diana e as flores da pervinca;³⁷ e entre os animais, os dentes dos lobos.

A nona estrela é a Asa do Corvo,³⁸ que rege, entre as pedras, aquelas que são da cor do ônix preto; entre as plantas, a bardana-maior,³⁹ *quadriginus*,⁴⁰ meimendo e confrei; e entre os animais, a língua de rã.

A décima é chamada Espiga,⁴¹ que rege entre as pedras a esmeralda; entre as plantas, sálvia,⁴² trifólio,⁴³ pervinca, flor-de-diana e mandrágora.

A décima primeira estrela se chama Arcturo (Alchamech),⁴⁴ que entre as pedras rege o jaspe; entre as plantas, a espécie *plantago maior*.

A décima segunda é a Elpheia,⁴⁵ que rege, entre as pedras, o topázio; entre as plantas, o alecrim, o trevo e a hera.

A décima terceira é o Coração do Escorpião,⁴⁶ que rege, entre as pedras, a sardônica,⁴⁷ e a ametista; entre as plantas, a aristolóquia longa⁴⁸ e o açafraão.

A décima quarta estrela é o Abutre,⁴⁹ que entre as pedras rege a crisólita; entre as plantas, a chicória e fumária.

A décima quinta é a Cauda do Capricórnio,⁵⁰ que rege, entre as pedras, a calcedônia; entre as plantas, manjerona, flor-de-diana e a raiz da mandrágora.

Além de tudo isso, precisamos saber que toda pedra, planta ou animal, ou qualquer outra coisa, não é regido apenas por um astro, mas muitas recebem influência, não separadamente, mas em conjunto, de muitos astros. Assim, entre as pedras, a calcedônia é regida por Saturno e Mercúrio, bem como pela Cauda do Escorpião⁵¹ e por Capricórnio. A safira é regida por Júpiter, Saturno e pela estrela Alhajoht;⁵² a tutia é regida por Júpiter, pelo Sol pela Lua e pela estrela Espiga. A ametista, como dizia *Hermes*, é regida por Marte, Júpiter e pelo Coração de Escorpião. O jaspe, que existe em diversos tipos, é regido por Marte, Júpiter e pela estrele Arcturo; a crisólita é regida pelo Sol, por Vênus e Mercúrio, além da estrela chamada Abutre; o topázio é regido pelo Sol e pela estrela Elpheia; o diamante, por Marte e pela Cabeça de Algol.

Do mesmo modo entre os vegetais, a erva dragão é regida por Saturno e pelo Dragão celestial;⁵³ a almécega e as hortelãs por Júpiter e pelo Sol;

mas a almécega também é regida pelo Coração do Leão; musgo e sândalo, pelo Sol e por Vênus; coentro, por Vênus e Saturno.

Entre os animais, a foca é regida pelo Sol e por Júpiter; a raposa e o

macaco, por Saturno e Mercúrio; os cães domésticos, por Mercúrio e pela Lua.

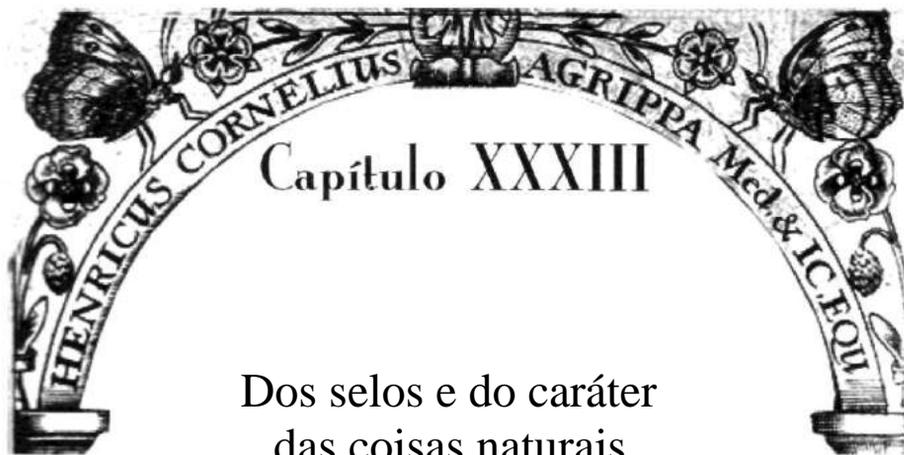
E assim nós mostramos mais coisas no que é inferior, pelo que é superior.

Notas - Capítulo XXXII

1. A constelação da Ursa Maior, no Hemisfério Norte, conhecida em inglês também como Big Dipper.
2. A constelação da Hidra, no Hemisfério Sul, a Serpente Marinha.
3. Sírio, a estrela mais brilhante da constelação Cão Maior, no Hemisfério Sul.
4. *Sanguinaria canadensis*, uma raiz de tom vermelho berrante que os antigos acreditavam ter o poder de estancar o sangue.
5. *Symphytum officinale*. Erva com flores brancas ou roxas em forma de sino.
6. *Cyclamen europaeuni*, cuja raiz era usada como purgante.
7. Uma erva aromática (*Calamintha officinalis*), supostamente boa contra mordida de cobra.
8. *Artemisia vulgaris*, também chamada de erva-mãe-bona porque era usada para auxiliar no parto.
9. Do gênero *Myosotis*; não-te-esqueças-de-mim.
10. Uma planta grande (*Rumex obtusifolius*), frequentemente confundida com ruibarbo. Acreditava-se que seu suco combatia o ardor causado pela urtiga.
11. Ver nota 8, cap. XXV, l. I.
12. *Aristolochia clemantis*.
13. Ver nota 3, cap. XXVI, l. I.
14. *Agrimonia eupatoria*, também conhecida como hepática.
15. *Peucedanum officinale*, também conhecida como funcho-de-porco.
16. Na *Opera* latina, “Veneri panace situe callitrichu”. Da espécie mais comum, ou inglesa, *Asplenium trichomanes*, diz Gerard: “Apuleio, no capítulo 51, associa-a a Callitrichon” (Gerard [1633] 1975, l. 2, cap. 474, 1146). Asplênio era um nome generalizado para ervas que curavam feridas. Em tempos remotos, os três principais tipos de asplênio, ou panaceias, eram reconhecidos cada um por seu descobridor. Identificados, são eles: erva de Hércules (*Origanum heracleoticum*), erva de Asclépio (*Ferula galbaniflua*) e erva de Chiron (*Inula helenium*) ou elecampana. Ver Plínio 25.11-3 (Bostock e Riley, 5:89-90).
17. *Verbascum thapsus*. Uma planta alta com folhas lanosas e flores amarelas.
18. Narciso branco. Ver nota 7, cap. XXV, l. I.
19. *Polygonum aviculare*. “Essa erva tem o nome do Sol, pois é uma grande geradora, e assim ela funciona em muitos sentidos. Outros chamam essa erva de Alchone, que é casa do Sol” (*The Book of Secrets* 1.22 [Best e Brightman, 19]).
20. Do gênero *Chenopodium*, assim chamado por causa da forma das folhas.
21. Algol significa literalmente “o monstro”, uma estrela variável, brilhante, na constelação norte de Perseu. Tem a fama de ser a mais maligna de todas as estrelas. Ver nota 3, cap. XXXI, l. II.
22. Grupo de sete estrelas na constelação norte de Touro, que representaria as sete filhas de Atlas e Pleione. Só seis estrelas são visíveis hoje, e a sétima é chamada de a “Plêiade perdida”. Ver nota 4, cap. XXXI, l. II.
23. “Diadochos [‘substituto’] é uma pedra que se parece com o berílio” (Plínio 37.57 [Bostock e Riley, 6:447]).
24. Uma planta (*Foeniculum vulgare*) com flores amarelas que chega a atingir 1,20 metro de altura, e é associada ao endro (aneto).
25. Aldebarã, o nome do Sol na mitologia árabe. Uma estrela vermelha brilhante na constelação de Touro, chamada de Olho de Touro.

26. *Carduus marianus*. Uma planta europeia que cresce até 1,80 metro de altura e tem veias leitosas que correm pelas folhas.
27. Mãe da madeira, da espécie *Asperula odorata*.
28. Estrela na constelação de Auriga.
29. *Marrubium vulgare*. Da espécie comum ou branca, uma erva amarga usada no tratamento da tosse, da barriga e do fígado. Seu nome deriva da cobertura algodoada sobre seu caule e folhas, aparentando geada.
30. Uma planta sempre verde (*Juniperus sabina*) com frutinhas roxas. É venenosa. A parte do topo, seca, era usada para provocar aborto, matar vermes intestinais e aliviar asma.
31. Prócion, estrela na constelação sul do Cão Maior.
32. Uma espécie de hortelã (*Mentha pulegium*).
33. Cor Leonis, ou Régulo, uma estrela na constelação sul de Leão.
34. Granada, que significa “semente”, pela semelhança dessa pedra com as sementes da romã. Um silicato que existe em uma variedade de cores, sendo a mais valorizada o vermelho-forte transparente.
35. Polar, a Estrela do Norte, que marca a cauda da Ursa Menor.
36. Uma planta (*Cichorium intybus*) com flores azuis, uma raiz parecida com uma cenoura e suco leitoso, que chega a atingir 1,50 metro de altura. Acreditava-se que o suco despejado no ouvido ou nas narinas curava dor de dente no lado oposto da cabeça. Batida e colocada como cataplasma sob o mamilo esquerdo, parecia aliviar um coração perturbado.
37. Há duas espécies: a pervinca maior (*Vinca major*) e a pervinca menor (*Vinca minor*). Uma suberva lenhosa com flores azuis e, na *V. minor*, às vezes brancas. Na Itália era chamada de *fiore di morte* (flor da morte) porque as pessoas que iam ser executadas recebiam uma guirlanda feita dela; e também era usada em volta de bebês natimortos. Mas Culpeper diz que as ervas são regidas por Vênus e que “as folhas comidas por marido e mulher juntos causam amor entre os dois.”
38. *Gienah*, do árabe *Al Janah al Ghurab al Aiman*, “a Asa Direita do Corvo”; essa estrela, porém, é marcada nos mapas modernos na asa esquerda da constelação sul do Corvo. A estrela na asa direita é chamada Algorab.
39. Provável referência à flor da bardana (*Arctium lappa*).
40. Talvez o narciso amarelo (*Narcissus pseudo-narcissus*).
41. Ou em latim “Spica”, como em “espiga de milho”, uma estrela brilhante na constelação de Virgem, em cima do Equador.
42. Uma semierva (*Salvia officinalis*) que chega a atingir 60 centímetros de altura, com folhas oblongas, cinza-esbranquiçadas e flores rochas. Em tempos remotos, dizia-se que ela ajudava a memória.
43. Trevo (*Trifolium*), nome dado a pequenas plantas cultivadas que têm três folhas. O trevo vermelho (*T. pratense*) tinha a fama de repelir as bruxas, e por isso era usado como um amuleto.
44. Estrela alfa na constelação norte do Boieiro. O nome dado por Agrippa é uma abreviação do termo árabe *Al Simak al Ramih*, “o Sublime Lanceiro”.
45. *Alphecca*, do árabe *Al Fakkah*, “o Prato”, uma estrela na constelação norte Coroa Boreal.
46. Antares, na constelação sul de Escorpião. O nome significa “como Áries” (Marte), graças à cor vermelha dessa estrela.
47. Uma variedade do ônix ou calcedônia em camadas. As mais valiosas têm uma camada opaca branca de calcedônia sobre uma camada transparente, cor de carne, de sárdio (grego: “carne”). Eram feitos camafeus na camada branca e com a rosa como base, que eram muito apreciados pelos romanos. Costumava ser vista como uma pedra de sorte, que diminuía a dor, trazia autocontrole, felicidade conjugal e sucesso nas questões legais.
48. *Aristolochia longa*. Não deve ser confundida com a aristolóquia redonda (*A. rotunda*). Ambas são nativas do sul da Europa e geralmente tratadas juntas. Arbusto herbáceo usado como auxílio no parto. O nome vem do grego “bem-nascido”.
49. A estrela Vega, na constelação norte de Lira. Em tempos antigos, a constelação em si era chamada de Abutre Abatido ou Caído.

50. *Deneb Algedi*, do árabe *Al Dhanab al Jady*, “a Cauda do Bode”. A estrela Delta Capricorni na constelação sul do Capricórnio. Às vezes também é chamada de Scheddi.
51. *Shaula (Lambda Scorpii)*, do árabe *Al Shaulah*, “o Ferrão”; mas, segundo Al Biruni, o termo deriva de *Mushalah*, “elevado”, ou seja, o ferrão elevado para atacar. Por surpreendente que seja, não era considerada uma estrela de má sorte. Localizada na constelação sul de Escorpião.
52. Do árabe *Al Ayyuk*. Capela.
53. A constelação norte do Dragão.



Dos selos e do caráter das coisas naturais

Todas as estrelas têm suas peculiares naturezas, propriedades e condições, os selos e o caráter das quais elas produzem, por meio de seus raios, em todas as coisas inferiores, ou seja, elementos, pedras, plantas, animais e seus membros, fazendo com que tudo receba, de uma disposição harmoniosa e da estrela então incidente, algum selo ou caráter particular sobre si, que é o significado de tal estrela, ou harmonia, contendo em si uma virtude peculiar divergindo de outras virtudes da mesma matéria, tanto em sentido genérico quanto específico e numérico.

Tudo, portanto, tem um caráter imposto sobre si por parte de sua estrela, para algum efeito peculiar, especialmente por aquela estrela que mais o rege; e esse caráter contém e retém as peculiares naturezas, virtudes e raízes de suas estrelas, e produz as operações semelhantes em outras coisas, sobre as coisas em que se reflete, e as quais agita e ajuda as influências de suas estrelas e figuras e sinais celestiais, isto é, convertendo tais coisas em matéria apropriada, e tudo no devido tempo.

Disso estavam cientes os antigos sábios, que muito labutavam em tais descobertas a partir das propriedades ocultas de figuras, selos, marcas, caráter, assim como a própria natureza descreveu por meio dos raios das estrelas, nesses corpos inferiores, alguns em pedras, alguns em plantas, nas articulações e nós dos galhos, e alguns nos diversos membros dos animais. Pois o loureiro, o lótus, a Calêndula são plantas solares, e quando suas raízes e nós são cortados, mostram o caráter do Sol; o mesmo o fazem o osso e o omoplata em animais de onde se adquire uma espécie espatulada de adivinhação, pelas omoplatas; e nas pedras e coisas pedregosas o caráter e as imagens de coisas celestiais costumam ser encontrados.

Mas se pode ver que em uma grande diversidade de coisas não há um conhecimento tradicional; apenas naquelas poucas coisas nas quais a compreensão humana é capaz de alcançar; portanto, deixando para trás aquelas coisas que se encontram em plantas, pedras e outras coisas, bem como nos membros dos animais, nós nos limitaremos à natureza do homem, que, sendo vista, revela a mais

completa imagem de todo o Universo, contendo em si toda a harmonia celeste, e que sem dúvida nos fornecerá em abundância os selos e o caráter de todas as estrelas, e as influências celestes, e aquelas que são mais eficazes e que menos divergem da natureza celestial.

Mas como só Deus sabe o número de estrelas, bem como dos selos e efeitos sobre essas coisas inferiores, nenhum intelecto humano é capaz de alcançar o conhecimento deles. É por isso que tão poucas coisas se tornaram a nós conhecidas, ao menos aos antigos filósofos e quiromantes,¹ em parte pela razão e em parte por experiência, e muitas outras ainda se escondem nos tesouros da natureza.

Observaremos agora alguns selos e alguns tipos de caráter dos planetas, conforme identificavam os antigos quiromantes nas mãos dos homens.² A estes, *Juliano* chamava de letras sagradas e divinas, considerando que assim, e de acordo com as Sagradas Escrituras, a vida do homem está escrita em suas mãos.³ E existem em todas as nações e línguas, e são semelhantes e permanentes; às quais muitos mais selos e tipos de caráter foram acrescentados e descobertos depois, tanto pelos quiromantes antigos quanto pelos atuais. E quem quiser conhecê-los deve consultar seus volumes. Basta aqui mostrar de onde vem o caráter original da natureza e em quais coisas deve ser procurado.

I F W X E W

As letras ou caracteres de Saturno

W A H I N J X t H Q M

As letras ou caracteres de Júpiter

W F 7 O S A

As letras ou caracteres de Marte

D H W H E W H J S

As letras ou caracteres do Sol

N T F 8 8

As letras ou caracteres de Vênus

X W O Z H V A

As letras ou caracteres de Mercúrio

X O H E W W

As letras ou caracteres da Lua

Notas - Capítulo XXXIII

1. Do grego, “adivinhação pelas mãos”; aqueles que adivinham lendo as linhas e outros traços da mão. A Quiromancia remonta a pelo menos 3000 a.C., quando era praticada na China. Os escritores clássicos mais antigos fazem referência a ela - várias alusões são feitas à leitura da palma da mão por Homero, por exemplo. Alguns dos antigos escritores do tema são Melampus de Alexandria, Palemon, Adamantius, Aristóteles, Hipócrates, Galeno e Paulo Egineta. Uma lista de 98 obras a respeito do assunto escritas antes de 1700 foi compilada, embora, como a maior parte de cultura popular registrada, ofereçam pouca variação. Uma menção especial pode ser feita de *Die Kunst Ciromantia*, publicado em Augsburg em 1470, obra que Agrippa talvez conhecesse.
2. As linhas nas palmas das mãos podem ser divididas em pequenos números de elementos básicos, dos quais o conde de Saint-Germain, em sua *Prática de Quiromancia* (1897), cita 16, como vemos abaixo.
3. Provérbios 3:16. Ver também Jô 37:7.

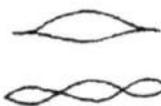
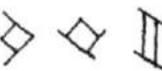
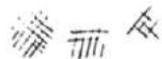
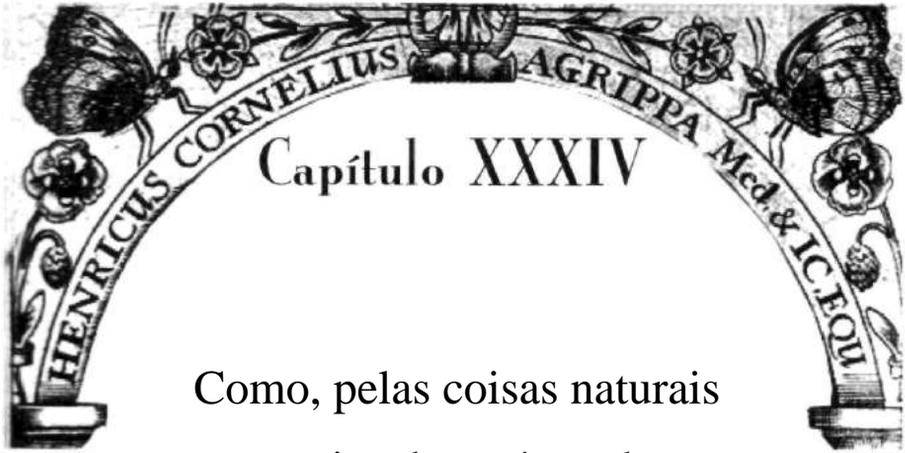
| | | | |
|---|--|--|--|
|  PONTOS OU MARCAS |  CÍRCULOS |  ILHAS |  QUADRADOS |
|  ÂNGULOS |  TRIÂNGULOS |  CRUZES |  GRADES |
|  ESTRELA |  SINAL DE JÚPITER |  SINAL DE SATURNO |  SINAL DO SOL |
|  SINAL DE MERCÚRIO |  SINAL DE MARTE |  SINAL DA LUA |  SINAL DE VÊNUS |

Tabela de 16 Sinais



Como, pelas coisas naturais e suas virtudes, nós podemos invocar e atrair influências e virtudes dos corpos celestes



ra, se você deseja receber virtude de alguma parte do mundo ou de algum astro, deverá (levando em conta o uso das coisas que pertencem a tal astro) entrar sob a influência peculiar dele, assim como a madeira, por exemplo, serve para receber a chama, por razão do enxofre, azeviche e óleo. Todavia, quando você aplica a qualquer espécie de coisa, ou a uma coisa individual, muitas coisas da mesma natureza espalhadas entre si, em conformidade com a mesma ideia e astro, por essa matéria tão oportunamente apropriada, um único dom é infundido pela ideia, por meio da Alma do Mundo.

Eu digo oportunamente apropriada, isto é, sob uma harmonia igual à harmonia que infundiu determinada virtude na matéria. Pois, embora as coisas tenham algumas virtudes, como as de que falamos, essas mesmas virtudes se acham tão

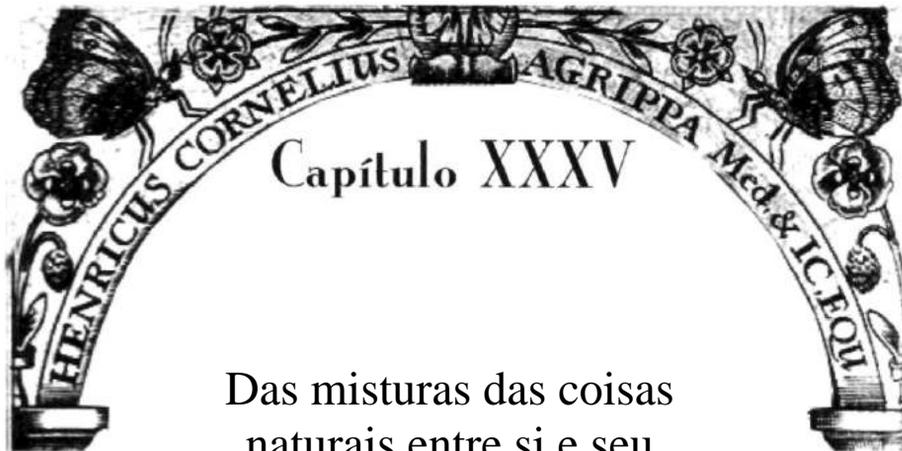
escondidas que raramente produzem um efeito; mas, como em um grão de semente de mostarda molestada, a agudez que estava escondida é agitada: ou como o calor do fogo, que faz aparecerem letras que ainda não podiam ser lidas, se forem elas escritas com o suco de uma cebola ou leite:¹ e as letras escritas sobre uma pedra com a gordura de uma cabra, e totalmente imperceptíveis, quando a pedra é colocada em vinagre, elas aparecem e se mostram. E assim como uma pancada de vara incita a fúria de um cão, que até então dormia, também a harmonia celestial expõe virtudes ocultas na água, agita-as, fortalece-as e as torna manifestas; e posso dizer, transpõe aquilo em ação, que antes só existia em poder, quando as coisas são expostas da maneira certa em uma estação celestial.

Como exemplo: se você deseja atrair a virtude do Sol e encontrar aquelas coisas que são solares, entre

vegetais, plantas, metais, pedras e animais, devem ser usadas e aquelas que se encontram em posição superior na ordem solar, pois são mais acessíveis: assim, você atrairá um único dom do Sol por meio de seus raios, sendo recebidos sazonalmente, e por meio do Espírito do Mundo.

Notas - Capítulo XXXIV

1. O leite é uma das mais antigas e simples formas de tinta invisível. Uma fórmula que o contém é apresentada em *The Book of Secrets*: “Para escrever cartas ou contas, que não só possam ser lidas à noite. Pegue a bílis de uma lesma ou leite de uma porca e leve ao fogo, ou com água de um verme que brilha à noite” (*Marvels of the World* 49 [Best e Brightman, 96]). O “verme que brilha à noite” é o pirilampo (*Lampyris noctiluca*).



Das misturas das coisas naturais entre si e seu benefício



é evidente que na natureza inferior todos os poderes dos corpos superiores não são encontrados compreendidos em uma única coisa, mas sim dispersos em muitas espécies de coisas entre nós: assim como existem muitas coisas solares, das quais uma única não contém todas as virtudes do Sol, mas têm propriedades do Sol, e outras, outras. Por isso, às vezes é necessário que haja misturas em operações; pois, se cem ou mil virtudes do Sol estiverem dispostas entre tantas plantas, animais e outros, podemos juntar todas e trazê-las a uma única forma, na qual veremos todas as virtudes unidas e contidas.¹

Ora, há uma virtude dupla na comistão; uma, aquilo que foi plantado a princípio em suas partes, e é celestial; e outra, aquilo que é obtido por uma determinada mistura artificial de coisas misturadas entre si, e das misturas delas de acordo com certas proporções que combinam com certa constelação no céu; e essa virtude é atraída por meio de uma certa semelhança e aptidão que existe nas coisas

entre si com relação às suas superiores, e gradualmente a elas correspondem, permitindo ao paciente se adequar ao agente.

Assim, a partir de uma certa composição de ervas, vapores e outros, feita de acordo com a Filosofia natural e a Astronomia, o resultado é uma forma comum, agraciada de muitas dádivas das estrelas: como no mel nas abelhas, que é extraído do suco de inúmeras flores, e trazido a uma forma única, contém a virtude de todas, por meio de uma espécie de arte divina e admirável das abelhas. Tampouco é menos surpreendente o relato de *Eudoxius Giudius* de um tipo artificial de mel, que uma determinada nação de gigantes na Líbia² sabia fazer com flores, e que era muito bom e não muito inferior ao das abelhas.

Pois toda mistura, que consiste em muitas e variadas coisas, é perfeita quando firmemente compactada em todas as partes, segura em si, e mal pode ser dissipada: como vemos às vezes as pedras e diversos corpos, por meio de algum poder natural, estar tão conglutinados e unidos que parecem ser uma coisa só: como vemos

duas árvores enxertadas parecer uma só, também ostras com pedras por alguma virtude oculta da natureza, e existem alguns animais que se transformaram em pedras,³ e ficaram tão unidos à substância da pedra que parecem ser um único corpo, e também homogêneo. Assim, a árvore ébano⁴ é uma no caráter de madeira e outra no caráter de pedra.

Quando, portanto, alguém faz uma mistura de muitas matérias sob influências celestiais, a variedade das ações celestiais, por um lado, e de poderes naturais por outro, unindo-se realmente gera coisas maravilhosas, por meio de unguentos, colírios, vapores e outros semelhantes, dos quais se pode ler no livro de *Chiramis*, *Archyta*, *Demócrito* e *Hermes*, que se chama *Alchorat*,⁵ e de muitos outros.

Notas - Capítulo XXXV

1. O contemporâneo de Agrippa, Paracelso (1493-1541), o filósofo místico e médico alemão, era menos entusiasmado quanto à virtude das misturas:

A arte de prescrever medicamentos reside na natureza, que os compõe de si mesma. Se ela põe no ouro o que pertence ao ouro, o mesmo fez com as violetas... Portanto, compreenda-me bem: a virtude que é inerente a cada coisa é homogênea e simples; não é dividida em duas, três, quatro ou cinco, mas consiste em um todo uno... A arte de prescrever medicamentos consiste em extrair e não em compor; consiste na descoberta do que se oculta nas coisas, e não em compor diferentes coisas e então uni-las. (*Paracelso Selected Writings*, traduzido para o inglês por N. Guterman [Princeton University Press, 1973], 90)

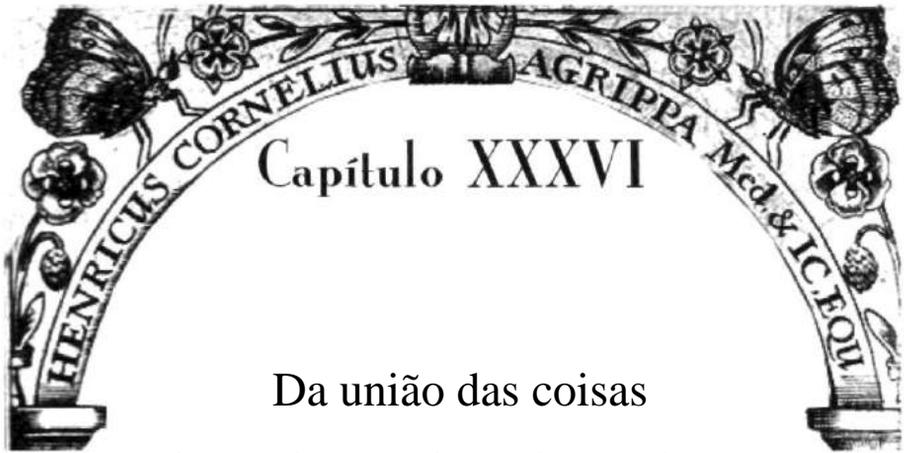
2. Supunha-se que a Líbia fora a terra natal de Anteu, o gigante que lutou contra Hércules:

A terra, ainda não estéril, após o nascimento dos Gigantes, concebeu uma prole terrível nas cavernas da Líbia. Tampouco foi para a Terra Tufão motivo de orgulho, ou Títio e o temível Briaréu; e ela poupou os céus, não gerando Anteu nos campos Phlegraen. Com esse privilégio, a Terra dobrou a já enorme força de seus filhos que, quando tocaram os membros já exaustos da mãe, eles recuperaram o vigor e a força. Essa caverna era a morada dele. Dizem que sob a elevada rocha ele se escondia e apanhava leões para comer. As peles dos animais selvagens não lhe bastavam como cama, e nenhuma madeira lhe fornecia assento suficiente, e deitado na terra nua foi que ele recuperou sua força (Lucano, *Pharsalia* 4, c. linha 593 em diante. [Riley, 154]).

3. Fósseis.

4. *Diospyros ebenum*. Cerne de uma árvore grande nativa do Sri Lanka, muito densa e dura, sendo a melhor a de um tom preto uniforme. O ébano é tão duro que tem muitas qualidades de um mineral.

5. *The Book of Alchorath*, uma coletânea de maravilhas, é atribuído a Hermes, em *The Book of Secrets*, no qual há uma referência ao “Livro de Alchorath, de Mercúrio” (Best e Brightman, 54) e “Hermes no livro de Alchorath” (*Ibid.*, 57). Alchorat - Arpocratonis, ou seja, Harpocraton, ou talvez Hipócrates (ver *The Book of Secrets* [Best e Brightman, introdução, xli]).



Da união das coisas misturadas, e a introdução de uma forma mais nobre, e os sentidos da vida

lém de tudo isso, devemos saber que, quando nobre for a forma de qualquer coisa, mais propensa e apta ela é para receber, e poderosa para agir. Pois as virtudes das coisas se tornam então maravilhosas, quando elas são aplicadas a coisas misturadas, e preparadas na estação certa para ficarem vivas, inserindo-se nelas a vida vinda das estrelas, bem como uma alma sensível, como uma forma mais nobre. Pois ocorre de fato um poder tão grande em matérias preparadas, que as vemos receber vida quando uma mistura perfeita de qualidades parece quebrar a antiga contrariedade. Pois, quanto mais perfeita for a vida que as coisas receberem, maior é seu temperamento mais remoto da contrariedade.

Ora, o céu, como causa prevalente, faz desde o início tudo ser gerado pela concocção e perfeita digestão da matéria, junto com a vida; concede influências celestiais e dádivas maravilhosas, de acordo com a

capacidade existente nessa vida, e a alma sensível recebe mais nobres e sublimes virtudes. Pois a virtude celestial, do contrário, permanece dormente, como enxofre afastado das chamas, mas em corpos vivos ela sempre queima, como enxofre aceso, pois por seu vapor enche todos os lugares que lhe são próximos; assim, algumas obras maravilhosas são realizadas, como se pode ler no livro de *Nemith*, intitulado Livro das Leis de Plutão, porque esse tipo de geração monstruosa não é produzido de acordo com as leis da natureza.

Sabemos que de larvas são gerados mosquitos; de um cavalo, vespas; de um bezerro e boi, abelhas; de um caranguejo com as pernas cortadas, se for enterrado no solo, um escorpião; de um pato seco em pó e colocado em água são geradas rãs, mas se assado como torta e cortado em pedaços, e colocado em um lugar úmido sob o solo, deles são gerados sapos; da erva manjerição-dos-jardins espremida entre duas pedras são gerados escorpiões; e dos cabelos de

uma mulher menstruada, colocados sob esterco, nascem serpentes; e dos pelos de um rabo de cavalo colocados na água, recebe vida e surge um pernicioso verme. E há uma arte que permite que de uma galinha chocando ovos seja gerada uma forma como a de um homem,¹ que eu já vi e sei como fazer, e que os magos dizem possuir virtudes maravilhosas, e a isso eles chamam de verdadeira mandrágora.

É preciso, portanto, saber quais e que espécies de matérias são ou da natureza, ou arte, iniciadas ou aperfeiçoadas, ou compostas de mais coisas,

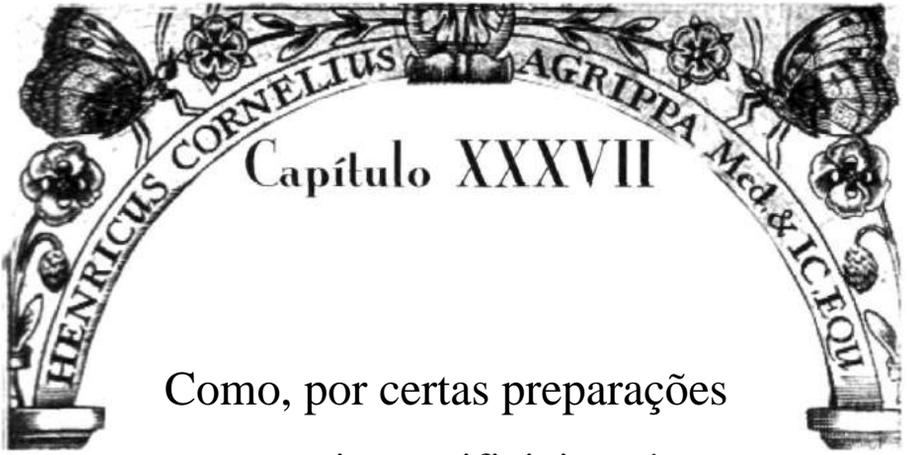
e que influências celestiais elas são capazes de receber. Pois uma congruência de coisas naturais é suficiente para o recebimento de influência do celestial; porque, quando nada impede os celestiais de enviar suas luzes aos inferiores, nenhuma matéria é privada de sua virtude. Daí o fato de toda matéria perfeita e pura ser passível de receber a influência celestial. Pois essa é a ligação e a continuidade da matéria à Alma do Mundo, que flui todos os dias para as coisas naturais, e todas as coisas que a natureza preparou, de modo que se torna impossível para uma matéria preparada não receber vida, ou uma forma mais nobre.



Homúnculo

Notas - Capítulo XXXVI

1. Um homúnculo ou “homenzinho”. Esse ser mágico é mais intimamente associado a Paracelso, que expôs sua fabricação. Certas substâncias “espagíricas” (palavra cunhada por ele, significando hermético ou alquímico) são guardadas em um recipiente de vidro, depois colocadas no calor suave de esterco de cavalo por 40 dias, após o que alguma coisa viva começava a se mexer dentro do vidro, como um homem, porém transparente e sem corpo. Ele era alimentado todos os dias com o arcano do sangue humano durante 40 semanas, enquanto continuava no ventre do esterco. Surgia então uma criança de proporções perfeitas, menor que aquela concebida do modo convencional e necessitando de maiores cuidados em sua formação.



Como, por certas preparações
naturais e artificiais, nós
podemos atrair dons celestiais e
vitais



Assim como *Hermes*, os platônicos dizem, e *Jarchus Brachmanus* e os mecubalistas¹ dos hebreus confessam, que todas as coisas sublunares são sujeitas a geração e corrupção, e que também existem as mesmas coisas no mundo celestial, mas segundo uma maneira celestial, bem como no mundo intelectual, mas de um modo bem mais perfeito e muito melhor, sendo o mais perfeito de todos no exemplar. E nesse sentido, todos os inferiores devem, à sua maneira, responder ao seu superior, e por meio dele ao próprio Supremo, e receber do céu aquele poder celestial que chamam de quintessência, ou o Espírito do Mundo, ou a natureza média, e do mundo intelectual uma virtude espiritual e vivificadora transcendendo todas as qualidades, e por fim, do mundo exemplar ou original, pela mediação da ordem, de acordo com seu grau receber o poder original da perfeição total.

Assim, tudo pode ser devidamente reduzido desses inferiores aos

astros, dos astros às suas inteligências, e daí à própria Primeira Causa, de cuja série e ordem toda a magia e toda a filosofia oculta fluem, pois a cada dia alguma coisa natural é atraída pela arte e alguma coisa divina é atraída pela natureza; e os egípcios, vendo isso chamavam a natureza de maga, isto é, o poder mágico em si, na atração do semelhante pelo semelhante e das coisas apropriadas pelas coisas apropriadas.

Ora, essa espécie de atração por meio da correspondência mútua das coisas entre si, de superiores com inferiores, os gregos chamavam de *συμπάθεια*;² de modo que a Terra combina com a Água fria, a Água com o Ar úmido, o Ar com o Fogo, o Fogo com a Água no céu; não se mistura o fogo com a Água, e sim com o Ar; nem o Ar com a Terra, mas com a Água.³ Tampouco a alma é unida ao corpo, mas sim ao espírito; nem a compreensão ao espírito, mas sim à alma.

Vemos, portanto, que quando a natureza cria o corpo do bebê por meio desse preparativo, ela logo pega do

Universo o espírito. Esse espírito é o instrumento para se obter de Deus a compreensão, e mente na alma, e corpo, assim como na madeira, a secura é adequada para receber óleo, e o óleo, uma vez absorvido, alimenta o fogo, enquanto o fogo é o veículo da luz.

Com esses exemplos, vemos como, por meio de certas preparações naturais e artificiais, nós temos condições de receber determinados dons celestiais do alto. Pois pedras e metais têm uma correspondência com ervas, ervas com animais, animais com os céus, os céus com inteligências, e estas com propriedades e atributos, e com o próprio Deus, de acordo com cuja imagem e semelhança todas as coisas são criadas.

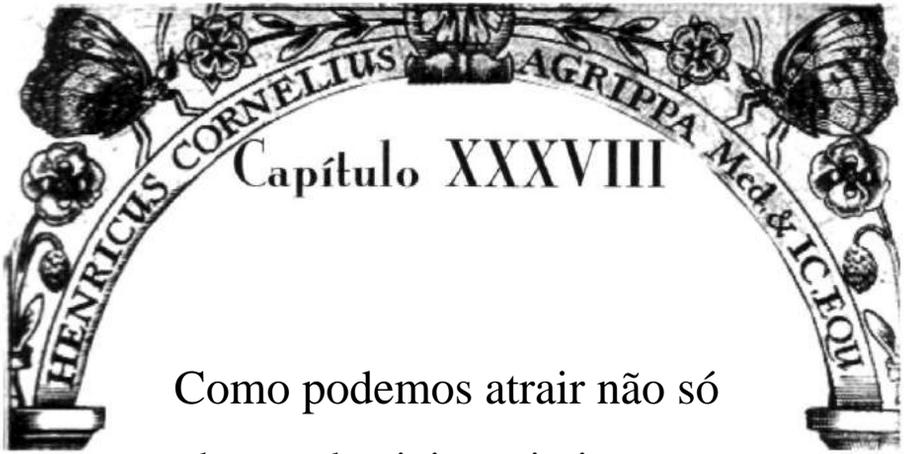
Ora, a primeira imagem de Deus é o mundo; do mundo, o homem; do homem, os animais; dos animais, o zoófito,⁴ ou seja, meio animal, meio planta; do zoófito, as plantas; das plantas, os metais; dos metais, as pedras. E mais uma vez, nas coisas espirituais, a planta combina com animal

em vegetação,⁵ um animal com um homem nos sentidos, o homem com um anjo na compreensão, um anjo com Deus na imortalidade. A divindade se anexa à mente, a mente ao intelecto, o intelecto à intenção, a intenção à imaginação, a imaginação aos sentidos, os sentidos por fim às coisas.

Pois esta é a tendência e a continuidade da natureza: que toda virtude superior flua através de toda inferior com uma longa e contínua série, dispersando seus raios até as últimas coisas; e as virtudes inferiores através de suas superiores, chegando ao Supremo. Pois todo inferior é sucessivamente unido ao seu superior, de modo que uma influência proceda de sua cabeça, a Primeira Causa, como uma espécie de corda esticada, até as mais inferiores de todas as coisas; corda esta cuja extremidade, se tocada, faz tremer toda a corda até a outra extremidade; e ao movimento do inferior, o superior também se move, ao que o outro responde, como todas as cordas de um alaúde bem afinado.

Notas - Capítulo XXXVII

1. Aqueles que são versados na tradição judaica.
2. συμπαθεια - *Sympatheia*: simpatia.
3. Ver apêndice III.
4. Zoófitos: radiados.
5. Crescimento.



Como podemos atrair não só
dons celestiais e vitais, mas
também certos dons intelectuais
e divinos do alto



s magos ensinam que os dons celestiais por meio de seres inferiores em conformidade com superiores são atraídos por influências oportunas do céu; e também por essas influências celestiais, os anjos celestiais, uma vez que esses servos das estrelas podem nos ser apresentados e transmitidos. *Jamblichus*, *Proclo* e *Sinésio*, com toda a escola dos platônicos, confirmam que não apenas os dons celestiais e vitais, mas também alguns intelectuais, angelicais e divinos, tendo um poder natural de divindade, podem ser recebidos do alto por determinadas matérias, tendo um poder natural de divindade, ou seja, que possuem uma correspondência natural com os superiores, sendo devidamente recebidos e oportunamente reunidos de acordo com as regras da Filosofia natural e da Astronomia: e *Mercúrio Trismegisto* escreve¹ que uma imagem feita de coisas apropriadas, atribuída a determinado anjo, em breve será

animada por esse anjo. *Agostinho* faz a mesma menção² em seu oitavo livro *De Civitate Dei*.

Pois esta é a harmonia do mundo: que as coisas supercelestiais sejam atraídas para baixo pelas celestiais, e as sobrenaturais pelas naturais, pois há uma virtude operativa que é difundida através de todo tipo de coisa; virtude por meio da qual se manifestam coisas que são produzidas a partir de causas ocultas; assim, um mago faz uso das coisas manifestas, atraindo coisas que são ocultas, através dos raios das estrelas, de fumaças, luzes, sons e coisas naturais, que são agradáveis às celestiais: nas quais, além das qualidades corpóreas, há uma espécie de razão, sentido e harmonia, e incorpóreas, e medidas e ordens divinas.

Lemos que os antigos eram propensos a receber alguma coisa divina e maravilhosa por meio de certas coisas naturais: assim, a pedra produzida na pupila do olho de uma civeta,³ colocada na língua de um homem, é capaz de fazê-lo profetizar, adivinhar:

o mesmo acontece com a selenita, a pedra-da-lua: e nesse sentido também se diz que as imagens de deuses podem ser invocadas pela pedra chamada *anchitis*, e os fantasmas dos mortos podem ser chamados e mantidos por meio da pedra *synochitis*.

Do mesmo modo funciona a erva *aglauphotis*, que é chamada de marmorita, natural entre os mármorees da Arábia, como diz *Plínio*, e que é usada pelos magos. Existe também uma erva chamada *rheangelida*,⁴ e os magos, ao bebê-la, se tornam capazes de profetizar. Além disso, há algumas ervas que permitem ressuscitar os mortos; de fato, *Xantus*, o historiador, nos fala de uma certa erva chamada *balus*,⁵ que trouxera de volta à vida um dragão ainda jovem, morto; e o mesmo acontece com um homem de *Tillum*, que fora morto por um dragão, e com a pedra voltou à vida. E *Juba* reporta⁶ que, na

Arábia, houve um homem que voltou à vida graças a uma erva. Mas se e como tais coisas podem de fato acontecer com o homem por virtude das ervas, ou de qualquer outra coisa natural, nós abordaremos no capítulo seguinte.

Por ora, fato certo e manifesto é que essas coisas podem ser feitas com animais. Se uma mosca afogada for colocada sobre cinzas quentes, ela revive. E uma abelha afogada também recupera a vida no suco da erva-dos-gatos; e as enguias mortas por falta de água, se tiverem todo o corpo colocado sob lama e vinagre, e for esguichado sobre ele sangue de abutre, em poucos dias voltam à vida. Diz-se também que se o peixe equeneídeo for cortado em pedaços e atirado ao mar, dali a pouco tempo as partes se unem e vivem. Sabemos também que o pelicano jovem, após morrer, recupera a vida com seu próprio sangue.

Notas - Capítulo XXXVIII

1. Nossos ancestrais desviaram muito da verdade acerca dos deuses; não acreditavam neles, e não prestavam atenção a culto e religião. Posteriormente, porém, eles inventaram a arte de criar deuses a partir de alguma substância material própria para esse fim. E a essa invenção eles adicionaram uma força sobrenatural por meio da qual as imagens podem ter o poder de funcionar para o bem ou o mal, e combiná-lo com a substância material; ou seja, sendo incapazes de fazer almas, eles invocavam as almas de demônios e as implantavam nas estátuas por meio de certas palavras santas e sagradas... Elas são induzidas [nas estátuas], Asclépio, por meio de ervas e pedras e odores que trazem em si algo divino. É acaso você sabe por que sacrifícios frequentes são oferecidos para lhes dar prazer, com hinos e louvores e a presença de doces sons que imitam a harmonia do céu? Essas coisas são feitas para que os seres celestes inseridos nas imagens, satisfeitos com os repetidos cultos, possam continuar por muito tempo agradando os homens com sua companhia (Asclépio III 37, 38 a. In Scott [1924] 1985, 1:359, 361).
2. Mas Trismegisto diz que o Deus altíssimo criou alguns deuses, e os homens, outros. Essas palavras, conforme as escrevo, podem ser compreendidas como imagens, pois são obras dos homens. Mas ele chama de imagens visíveis e palpáveis os corpos dos deuses, espíritos que têm o poder de ferir ou agradar, de acordo com suas honras divinas. E portanto, combinar esse espírito invisível, por meio de arte, com uma imagem visível de determinada substância, que ele precisa usar assim como a alma

usava o corpo, isso é criar um deus, diz ele; e esse poder maravilhoso de criar deuses está nas mãos do homem (Agostinho, *Cidade de Deus* 8.23 [Healey, 1:245-6]).

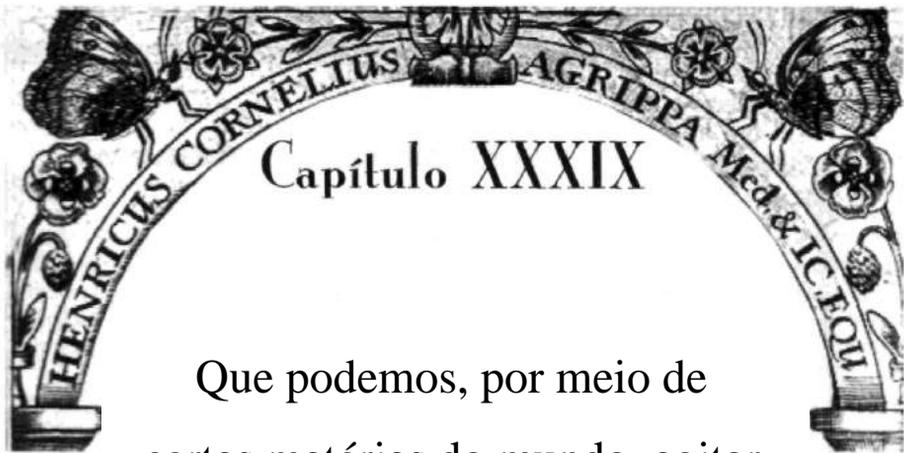
3. Novamente, trata-se aqui não da civeta, mas da hiena, à qual essa virtude é atribuída por Plínio: “A hiena [pedra da hiena] deriva dos olhos da hiena, dizem, e o animal deve ser caçado para que se possa obtê-la. Se a pedra for colocada sob a língua, diz-nos a história, ela permitirá à pessoa prever o futuro” (Plínio 37.60 [Bostock e Riley, 5:64]).

Foi conjecturado que essa erva é a peônia (*Paeonia officinalis*).

4. *Theangelida*. “Diz ele [Demócrito] que a teangelida é natural no monte Líbano na Síria, sobre uma cordilheira chamada Dicte, em Creta, e na Babilônia e Susa, na Pérsia. Uma infusão dele em bebida permite poderes de adivinhação aos Magos (*Ibid.*, 65-6). Essa erva é desconhecida. O nome significa “mensageiro de deus”.

5. Ou balis. “Xantus, o autor de certas importantes obras históricas, nos diz, na primeira delas, que um jovem dragão foi trazido de volta à vida por sua mãe por meio de uma planta à qual ele dá o nome de ‘balis’, e que um certo Tilon, que fora morto por um dragão, também recuperou a vida e a saúde por meios semelhantes” (Plínio 25.5 [Bostock e Riley, 5:82]). Conjetura-se que balis seja uma espécie de pepino (*Momordica elaterium*).

6. “Juba nos assegura que na Arábia um homem foi ressuscitado por intermédio de uma certa planta” (*Ibid.*).



Que podemos, por meio de
certas matérias do mundo, agitar
os deuses do mundo e seus
espíritos ministrantes

Nenhum homem ignora que espíritos malignos, por meio do mal e das artes profanas, podem ser chamados, como dizia *Pselo* ser a tendência dos feiticeiros, aos quais se seguia e acompanhava a mais detestável e abominável agonia, como em épocas passadas nos sacrifícios de *Priapo*¹ e no culto do ídolo chamado *Panor*, ao qual ofereciam sacrifícios com seus membros íntimos desvelados. Tampouco é improvável (se for verdade e não uma fábula) o que se lê a respeito da detestável heresia dos velhos Homens da Igreja,² e semelhante heresia é observada em bruxas e mulheres malévolas,³ às quais se sujeitam as mulheres em geral, por sua natureza tola. E é por esse meio que tais espíritos do mal são invocados. Como disse certa vez a *João* o espírito ímpio de um *Cynops*, feiticeiro, todo o poder de Satanás reside aí, e ele entra em confederação com todas as principalidades juntas, e nós, por nossa vez, com ele, e *Cynops* nos obedece, e nós obedecemos a ele.

Mais uma vez, pelo outro lado, nenhum homem ignora que anjos supercelestiais ou espíritos podem ser conquistados por nós com boas obras, de uma mente pura, orações secretas, devota humilhação e coisas semelhantes. Que nenhum homem, portanto, duvide que do mesmo modo, por certas matérias do mundo, os deuses do mundo podem ser invocados por nós, ou pelo menos seus espíritos ministrantes, ou servos desses deuses; e, como dizia *Mercúrio*, os espíritos do ar,⁴ não supercelestiais, mas muito menos elevados.

Assim, lemos que os antigos sacerdotes faziam estátuas e imagens prevendo as coisas do futuro e infundiam nelas os espíritos dos astros, que não eram aprisionados nelas, mas sim lá se regozijavam, reconhecendo que tais espécies de matérias lhes são apropriadas; e assim, eles lhes fazem coisas maravilhosas: não muito diferente do que os espíritos ímpios tendem a fazer quando possuem o corpo de um homem.

Notas - Capítulo XXXIX

1. O feio filho de Dioniso e Afrodite, era o deus da fertilidade nas plantações e nos animais domésticos. Supostamente dono de poderes proféticos, ele era adorado com o sacrifício dos primeiros frutos dos jardins, das vinhas e dos campos, e com leite, mel e bolos, carneiros, asnos e peixes. Ovídio o chama de “grosseiro Príapo, a divindade e o guardião dos jardins...” (Fasti I, linha 415, traduzido para o inglês por Henry T. Riley [Londres: George Bell and Sons, 1881], 28).

2. Os cavaleiros templários, cuja ordem secreta foi fundada pelo borgonhês Hugo de Payns e pelo cavaleiro francês Godofredo de St. Omer, com o propósito de proteger os peregrinos no caminho para a Terra Santa. Balduino I, rei de Jerusalém, deu-lhes uma parte de seu palácio próxima à mesquita que, dizia-se, teria sido parte do Templo de Salomão. A ordem cresceu rapidamente em riqueza e influência. Em meados do século XII, ela tinha grupos em toda a Europa. Porque de sua singular posição, ela pôde acumular uma imensa fortuna, fazendo comércio entre o Oriente e o Ocidente. Isso atraiu a avareza de Filipe IV da França, e quando seu apoiador, o papa Clemente V, ganhou o papado, os Templários foram denunciados como hereges. Um homem chamado Esquian de Horian foi apresentado para revelar os horríveis segredos da Ordem, que incluíam cuspir e pisar na cruz, comer carne assada de bebês (uma das denúncias mais antigas e favoritas) e venerar uma imagem gravada chamada Baphomet. Deus era renunciado três vezes com as palavras *Je reney Deu*. Sem dúvida, parte de algumas histórias



Príapo



*Bruxa com amante-demônio Extraído de Von den Unholden oder Hexen de Ulrich Molitor
(Constanz, 1489)*



Baphomet Extraído de Dogme et Rituel de la Haute Magie, de Eliphas Levi (Paris, 1855-6)

era verdadeira. Uma estranha fertilização da cruz tinha ocorrido entre o Oriente e o Ocidente nos compartimentos selados dos templários, resultando na ressurreição de alguma forma modificada de gnosticismo. Uma teoria é que Deus era renunciado em meio a uma peça de mistério, na qual o iniciado interpretava um pecador prestes a se converter ao Cristianismo. Mas os reais motivos para a perseguição eram medo e ganância. O processo público começou em Paris na primavera de 1316. Filipe confiscou o tesouro dos templários franceses e, como resultado, ficou fabulosamente rico. A ordem foi suprimida em todos os lugares, embora não com a mesma severidade que na França, e deixou de existir, pelo menos oficialmente.

3. Acreditava-se que as bruxas tinham amantes demônios, e chegavam até a viver com o próprio Satanás. Quanto a isso, o *Malleus Malificarum* afirma:

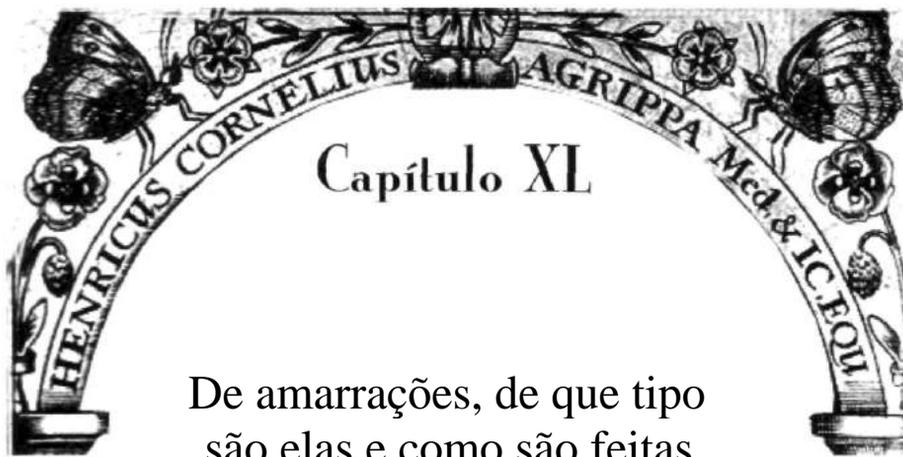
Toda bruxaria advém da luxúria carnal, que nas mulheres é insaciável. Ver *Provérbios XXX*: Há três coisas que nunca se fartam, sim quatro que não diz: Basta: ou seja, na boca do ventre. E para satisfazer seus desejos, eles se deitam até com demônios. (Kramer e Sprender, *Malleus Malificarum* 1.6. traduzido por M. Summers [1928] [Nova York: Dover, 1971], 47).

Supostamente as mulheres não só eram movidas por uma luxúria incontrolável, mas também inerentemente maliciosas, além de ter uma mentalidade de criança:

Outros propõem diferentes motivos para haver mais mulheres supersticiosas que homens. E o primeiro é o fato de serem mais crédulas [*Ibid.*, 43]... O segundo motivo é que as mulheres são naturalmente mais impressionáveis e mais prontas para receber as influências de um espírito desincorporado; [*Ibid.* 44]... O terceiro motivo é que elas falam demais... Terence diz: Sob um aspecto intelectual, as mulheres são como crianças... Mas o motivo natural é que a mulher é mais carnal que o homem [*Ibid.* 45]... Além disso, as mulheres têm memória fraca [*Ibid.* 46]... *et al. ad naudseam.*

O *Malleus* é um dos poucos livros realmente malignos já escritos. Agrippa conhecia bem essa obra alemã, publicada em 1486, e lutou contra ela quando defendeu a bruxa acusada em Metz.

4. “Eu digo que há demônios que vivem entre nós na terra, e outros que vivem acima de nós no ar inferior, e ainda outros, cuja morada é na parte mais pura do ar, onde não pode haver névoa nem nuvem, e onde nenhuma perturbação é causada pelo movimento de quaisquer corpos celestes” (Asclépio 33b [Scott, 1:369, 371]).



De amarrações, de que tipo são elas e como são feitas



ós falamos das virtudes e da maravilhosa eficácia das coisas. Resta agora compreendermos uma coisa de grande deslumbramento: e é a amarração de homens no amor, ou no ódio, na doença ou na saúde e coisas do gênero. Também a amarração de ladros e assaltantes para que não possam roubar¹ em lugar algum; a amarração de comerciantes para que não possam comprar ou vender em lugar algum; a amarração de um exército; a amarração de navios para que nenhum vento, por mais forte que seja, possa arrastá-los para fora da segurança. Também a amarração de um moinho, para que nenhuma força o faça se mover e para que dele não saia nenhuma água; a amarração do solo para não gerar frutos; a amarração de um lugar, para que nada seja nele construído; a amarração do fogo, de modo que por mais forte que seja nada combustível queime nele. Há ainda as amarrações de relâmpagos, tempestades, para que não causem danos. E a amarração de pássaros, animais selvagens, para que não sejam capazes



Mão de Glória

*Extraído de Secrets merveilleux de la magie
naturelle et cabalistique du Petit Albert
(Colônia, 1722)*

de voar ou fugir. E outras desse tipo, difíceis de acreditar, entretanto conhecidas por experiência.

Ora, existem ainda amarrações como as que são feitas por feitiçaria, colírios, unguentos, poções de amor, amarração de coisas, anéis, amuletos,

e amarração por forte imaginação e por paixões, imagens e caráter, por encantamentos, imprecações, luzes, som, números, palavras e nomes, invocações, sacrifícios, juramentos, conjuração, consagrações, devoções e por diversas superstições e observações e coisas do gênero.

Notas - Capítulo XL

1. Ladrões só podem ser amarrados para não roubar, untando-se o limiar da porta e outros pontos de possível entrada em uma casa com um unguento feito da bile de um gato preto, gordura de uma ave branca e o sangue de um mocho, preparado durante os dias de cão do verão - aquele período em que a estrela do Cão Maior, Sírio, nasce e se põe com o Sol. O cálculo varia muito no decorrer da história, mas, em tempos mais recentes, é estimado em 40 dias entre 3 de julho e 11 de agosto. Acreditava-se que esse guardião do limiar, o cão, era fortemente afetado nesse período, e costumava ficar louco.

Era muito mais comum que fossem feitas amarrações para ajudar furtos que para impedi-los. Há cinco feitiços no *Livro dos Segredos* (Best e Brightman, 9, 52, 54, 56, 61) que impedem os cães de latir. É difícil imaginar qualquer outro uso de tal amarração senão o de auxiliar a entrada ilícita à noite.

No mesmo contexto, existe a Mão da Glória, um dispositivo mágico formado da mão amputada de um criminoso condenado. A melhor descrição de seus poderes ocorre no volume outrora popular, mas hoje quase esquecido, *Ingoldsby Legends*:

Agora, abre-te fechadura

Ao bater do morto!

Caí ferrolho, e barra, e correia! -

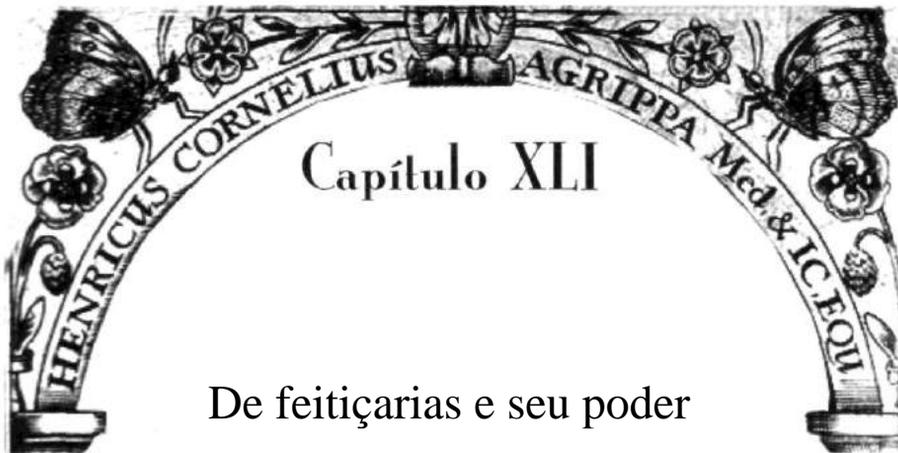
Não vos mexeis juntas, músculos ou nervos,

Ao toque mágico da mão do morto!

Que durmam todos os que dormem! Que acordem todos os acordam!

Mas sede todos como os mortos, em nome do morto!

Em *Petit Albert*, há instruções detalhadas para se fazer a Mão. Pode ser a esquerda ou direita, mas deve ser de um criminoso condenado e morto, e envolta em uma parte do lençol que o envolve, no qual é comprimida para escoar todo o sangue. Em seguida, a mão é guardada em conserva em um recipiente de terra por 15 dias e aquecida, ou pelo Sol ou em uma fornalha, para extrair a gordura, que é misturada com cera virgem e gergelim (!) para fazer uma vela. Essa vela é fixada no estreitamento ou sobre os dedos da mão; ou, em uma versão alternativa, cinco velas são feitas e uma colocada na extremidade de cada dedo estendido. Tudo isso deve ser feito durante os dias de cão, sob a influência de Sírio. Quando a vela (ou as velas) é acesa, uma casa pode ser roubada com relativa facilidade. Ver Waite (1911) 1961, 310-3.



firma-se que a força das feitiçarias é tão grande que, acredita-se, são capazes de subverter, consumir e mudar todas as coisas

inferiores, de acordo com a musa de

Virgílio:¹

Moeris, essas ervas em Ponto escolheu para mim,

E curiosas drogas, crescentes em grandeza e abundância; Por diversas vezes, com elas, em segredo, vi Moeris Virar lobo e se esconder na floresta:

Dos sepulcros as almas dos mortos se manifestavam,

E com encantamento o milho crescia na fazendo vizinha.

Em outro escrito,² lê-se acerca dos companheiros de *Ulisses*, contra os quais:

A cruel deusa Circe investe

Com ferocidade e transformada em feras selvagens.

E um pouco depois:³

Quando não consegui o amor de Pico, Circe

Com sua varinha de condão, e seus venenos infernais

Transformou-se em pássaro, e as asas deles marcou Com cores diversas -

Há também formas de feitiçaria mencionadas por *Lucano*, que dizem respeito àquela bruxa da Tessália⁴ invocando fantasmas, nestas palavras:⁵

Aqui, todos os produtos desafortunados da natureza; Espuma de cachorro louco, ao qual a água causa medo e ódio; Tripas de um linco; entranhas de uma hiena;

Não faltava o tutano de um veado que comeu serpentes Nem a lampreia do mar que para os barcos; tampouco o olho de um dragão.

E também *Apuleio* nos fala⁶ de *Pamphila*, aquela feiticeira que se empenhava em produzir amor; à qual *Fotis*, uma donzela, levou pelos de cabra (arrancados de uma bolsa ou garrafa feita com a pele do animal), em vez dos cabelos de *Baeotius*, um jovem rapaz: estando ela (segundo o escrito) perdidamente apaixonada pelo jovem, sobe até o telhado e, na parte mais alta dele, faz um buraco voltado para tudo o que era oriental, e outros aspectos, e apropriado para suas artes, realiza seus cultos secretos, já tendo equipado sua casa com

os utensílios necessários, todos os tipos de especiarias, placas de ferro com estranhas palavras gravadas, com popas de navio jogadas fora, e muito lamentadas, e com diversos membros de carcaças enterradas lançados ao mar: narizes, dedos, unhas carnudas de pessoas enforcadas e, em outro lugar, o sangue daqueles que foram assassinados e tiveram a cabeça esmagada em meio aos dentes de animais selvagens; ela então oferece sacrifícios (enquanto as entranhas encantadas arfam) e borrija sobre tudo diferentes tipos de licores; às vezes também água de fonte, às vezes leite de vaca, às vezes mel das

montanhas e hidromel; em seguida, ela faz nós nos pelos e os põe no fogo, queimando-se entre diversos odores, e logo, com um poder irresistível de magia, com a força cega dos deuses, os corpos desses pelos assumem o espírito de um homem, e sentem, ouvem, andam, e em vez de Baetotius, o jovem, manifestam-se alegres e saltitantes, cheios de amor, pela casa.

Agostinho também diz que ouviu a respeito de feitiçarias que eram tão exímias nessas espécies de artes que, ao darem queijo aos homens, eram capazes de transformá-los em animais de carga,⁷ e após terminado o trabalho, devolver-lhe a forma original.

Notas - Capítulo XLI

1. Virgílio, *Éclogas* 8, linhas 95-9.

2. E então foram ouvidos claramente os rugidos ferozes de leões, que lutavam por seus limites e gemiam na escuridão da noite, enquanto os javalis e os ursos se agitavam em suas jaulas, e as formas de enormes lobos uivavam: todos eram seres humanos transformados pela cruel deusa, por meio da magia, revestidos de rostos e corpos de animais selvagens (*Eneida* 7, c. linha 18 [Lonsdale e Lee, 178]).

Não há referência à tripulação de Ulisses, mas os homens são mencionados na *Écloga* 8: “Com seu canto, Circe transformou a tripulação de Ulisses...” (*Éclogas* 8, c. linha 69 [Lonsdale e Lee, 26]). Ver também Homero, *Odisseia*, l. 10.

3. *Eneida* 7, linha 189-91. Desprezada por Pico, Circe o transformou em um pica-pau. Ovídio descreve a cena assim:

Virou-se então para o oeste duas vezes e duas vezes para o leste; três vezes ela o tocou com seu bastão mágico e cantou três feitiços. Ele se pôs a correr e ficou espantado ao perceber que corria mais rápido do que nunca antes, e viu asas no corpo, e feroz como estava por ter sido transformado em pássaro, Pico, chegando às florestas latinas, golpeou os carvalhos com seu bico duro, e sua raiva machucou os galhos (*Metamorfoses* 14, p. 292 © Madras Editora Ltda, São Paulo).

4. Isto é, a bruxa da Tessália, Ericto.

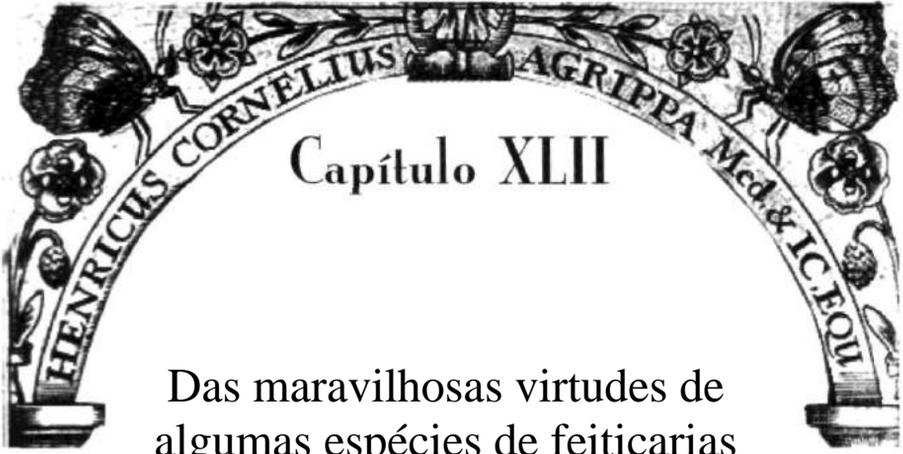
5. Em primeiro lugar, ela lhe enche o peito, aberto em feridas recentes, com sangue

odorífero, e lhe banha o tutano com uma gosma, e supre em abundância veneno da Lua. Aí se mistura, por meio de monstruosa gestação, tudo o que a natureza produziu. Não falta a espuma de cães que temem a água, nem as entranhas do lince, nem a excrescência da temível hiena, nem o tutano do cervo que se alimentou de serpentes; nem o peixe-pegador que detém o navio no meio das ondas, enquanto a brisa do leste faz estender o velame; tampouco os olhos de dragões e as pedras que ressoam, aquecidas sob a ave chocadeira; ou a serpente alada dos árabes e a víbora nativa do Mar Vermelho, guardiã da concha preciosa; ou as praias da serpente com chifres, da Líbia, que ainda vive; ou as cinzas da Fênix, colocadas sobre o altar do leste.

A isso, após misturar abominações vis e sem nome, ela acrescenta folhas embebidas em amaldiçoados feitiços, e ervas sobre as quais, uma vez crescidas, ela cuspiu com sua nefasta boca, e quais outros venenos que ela mesma deu ao mundo... (Lucano, *Pharsalia* 6, c. linha 668 em diante. [Riley, 239-40]). Ver passagem de notável semelhança em Ovídio (livro 7).

6. *O asno de ouro* 15.

7. Pois, quando estive na Itália, ouvi uma história sobre como certas mulheres de determinado lugar costumavam dar a um homem uma pequena droga em queijo, que logo o transformava em um asno; e elas o faziam carregar seus pertences para onde quer que fossem; e terminada a tarefa, elas o traziam de volta à sua forma verdadeira; o tempo todo, porém, ele mantinha a razão humana, como acontecera com Apuleio quando se tornou asno, fato que ele narra em seu livro *O asno de ouro*, seja a história mentira ou verdade (Agostinho, *Cidade de Deus* 18.18). Healey, 2:192).



Mostrarei agora quais são algumas espécies de feitiçarias, de modo que os exemplos abram o caminho para a compreensão de todo o tema.

Destas, a primeira é o sangue menstrual, do qual consideraremos o valor de seu poder na feitiçaria; pois, como dizem, se for colocado sobre vinho novo, este azeda, e se tocar a vinha, estraga-a para sempre, e por seu mero toque torna estéreis todas as plantas e árvores, e as recém-plantadas morrem; esse sangue queima todas as ervas no jardim e faz as frutas caírem das árvores;¹ escurece o brilho de um espelho,² cega o corte das facas e navalhas, ofusca a beleza do marfim e acaba enferrujando o ferro e o bronze, e tem cheiro muito forte:³ se os cães o provarem, enlouquecem, e nesse estado mordem qualquer pessoa, deixando ferimentos incuráveis;⁴ mata colmeias inteiras de abelhas e expulsa aquelas cuja colmeia mal é tocada pelo sangue:⁵ linho nele fervido enegrece:⁶ as éguas por ele tocadas perdem o filhote,⁷ e uma mulher grávida manchada sequer de leve

com ele aborta;⁸ a jumenta fica estéril⁹ enquanto ela comer milho que foi tocado por ele.

As cinzas das roupas menstruais, se forem jogadas sobre vestimentas roxas prontas para serem lavadas, mudam a cor delas, assim como podem mudar também as cores das flores.¹⁰ Dizem que esse sangue afasta também a febre terçã e quartã se for colocado na lã de um carneiro preto e amarrado em um bracelete de prata, ou também se as solas dos pés de pacientes forem untadas com o sangue, principalmente pela própria mulher, desde que os pacientes não saibam; além disso, ele cura qualquer tipo de doença debilitante. Mas, principalmente, cura aqueles que têm medo de água ou líquido após terem sido mordidos por um cachorro louco, se um pano com sangue menstrual for colocado sob a xícara.¹¹ Além disso, dizem, se uma mulher menstruada andar nua no meio do milharal, fará tudo o quanto for verme, inseto, mosca, cancro sair do milho: mas isso deve ser feito antes do nascer do Sol, do contrário o milho murchará.¹²

Dizem também que uma mulher nesse estado pode afastar granizo, tempestades e relâmpagos,¹³ do que aliás fala também *Plínio*.

Que se saiba ainda que o sangue menstrual é um veneno maior se ocorrer durante a Lua minguante, e maior ainda se entre a minguante e a mudança da Lua: se durante o eclipse da Lua ou do Sol, torna-se um veneno incurável.¹⁴ A maior força venenosa dele, porém, é quando nos primeiros anos de sua ocorrência, inclusive nos anos de virgindade,¹⁵ pois, se tocar os batentes da casa,¹⁶ nenhum mal poderá atingi-la.

Também se diz que os fios de uma roupa tocada com esse sangue não podem ser queimados, e se a roupa foi jogada ao fogo, as chamas não se alastram.¹⁷

Além disso, a raiz de peônia misturada com óleo de castor e envolta em pano com sangue menstrual cura doenças debilitantes. E se o estômago de um veado for queimado ou tostado, e a ele se acrescentar um perfume feito com pano menstrual, ficarão inutilizados arcos e flechas para matar qualquer tipo de animal de caça. Cabelos de uma mulher menstruada, postos sob esterco, geram serpentes; e se forem queimados, afastam serpentes¹⁸ por causa do cheiro. Há neles uma força venenosa tão grande que é letal até para criaturas venenosas.

Existe ainda o hipômane,¹⁹ muito apreciado em feitiçaria, que é um pequeno pedaço de carne venenosa do tamanho de um figo, e preta, que aparece na testa de um potro recém-nascido, o qual, se não for comido logo pela égua, esta nunca amará o potro nem o deixará nela mamar. E por esse motivo, dizem que há no hipômane

um magnífico poder de produzir amor, se moído em pó e bebido em uma xícara com o sangue daquele que está apaixonado. Outra feitiçaria é feita com o mesmo material, isto é, o hipômane, que consiste em um humor venenoso,²⁰ extraído da égua no momento em que ela deseja o macho, mencionada aliás por *Virgílio*,²¹ quando entoa:

Eis o veneno que os pastores chamam
De hipômane, que cai das entranhas da égua
E cujo medonho veneno é usado pelas megeras
E com um feitiço, o infundem entre poderosas drogas.

Também *Juvenal*,²² o satirista, menciona-o:

Hipômanes, venenos fervidos, e encantamentos
Que são dados a jovens, grande danos lhes causando.

Apolônio, em a *Viagem da Argo*, faz referência à erva de *Prometeu*,²³ a qual, explica, nasce de sangue corrupto pingando sobre a terra, enquanto o abutre roía o fígado de *Prometeu* na colina do Cáucaso. A flor dessa erva, dizia ele, é como o açafraão, possuindo um caule duplo, sendo uma parte mais longa que a outra à proporção de um cúbito; a raiz debaixo da terra, assim como carne recém-cortada, emite um suco negro como se fosse da faia, com o qual, se alguém marcar o próprio corpo após ter praticado sua devoção a *Prosérpina*,²⁴ se torna imune a ferimentos de espada ou fogo. Também *Saxo Grammaticus* escreve que existia um homem chamado *Froton*, que tinha uma vestimenta que,

quando a usava, não podia ser ferido por nenhuma espécie de arma pontiaguda.

A civeta também se presta a um número de feitiçarias: segundo *Plínio*,²⁵ os batentes de uma porta, uma vez tocados pelo sangue desse animal, tornam inválidas as artes dos ilusionistas e de feiticeiros, os deuses não podem ser invocados e não se deixam de modo algum ser abordados. Também aqueles que forem ungidos com as cinzas do tornozelo esquerdo da civeta, cinzas estas decoadas com o sangue de uma doninha, serão odiados por todos. O mesmo se aplica ao olho, se for decoado. Diz-se também que suas tripas podem ser administradas contra a injustiça e a corrupção dos príncipes, e dos grandes homens em poder, e para o sucesso de petições, bem como para encerrar processos e controvérsias, se alguém tiver boa quantidade delas consigo; se forem amarradas ao braço esquerdo, torna-se um amuleto tão poderoso que, se um homem olhar para uma mulher, ela o seguirá; além disso, a pele da testa do animal é boa para resistência a feitiços.

Dizem também que o sangue de um basilisco,²⁶ chamado de sangue de Saturno, tem tamanha força na feitiçaria que produz, para quem o carregar consigo, excelente sucesso em suas petições feitas a homens de poder e suas orações a Deus, e também remédio contra doenças e concessão de qualquer privilégio.

Também se diz que um carrapato,²⁷ se tirado da orelha de um cão e for totalmente preto, tem grande virtude no prognóstico da vida, pois se o doente responder àquele que lhe traz o carrapato e, de pé à sua frente,

lhe pergunta acerca de sua doença, há uma certa esperança de recuperação; morrerá, porém, se nada responder. Dizem ainda que uma pedra mordida por um cachorro louco²⁸ pode causar desarmonia se for colocada em bebida, e que a pessoa que colocar uma língua de cachorro²⁹ debaixo do dedão do pé, dentro do sapato, verá que os cães não latem para ela, principalmente se estiver acompanhada da erva do mesmo nome, língua-de-cão (cinoglossa). E que as placentas de uma cadela³⁰ têm o mesmo efeito; e os cachorros evitam a pessoa que tem o coração de um cachorro.

Plínio fala de um sapo vermelho³¹ que vive entre as roseiras bravas e as amoreiras-pretas e é cheio de propriedades para a feitiçaria: pois o ossinho em seu lado esquerdo, uma vez embebido em água fria, a torna quente, o que restringe a ferocidade dos cães e atrai seu amor, se tal água for bebida; e se o mesmo ossinho for amarrado a uma pessoa, desperta-lhe a luxúria. Ao contrário, o ossinho do lado direito faz esfriar água quente, de modo que ela só pode ser esquentada novamente se ele for retirado dela; ele é usado para curar febre terça e quarta se for amarrado ao doente em uma pele de cobra, além de todos os outros tipos de febre, e restringe o amor e a luxúria. O baço e o coração são um remédio eficaz contra os venenos do referido sapo. Isso é o que *Plínio* escreve.

Dizem também que a espada que matou um homem tem propriedades magníficas para a feitiçaria: pois, se o bridão das rédeas ou as esporas de um cavalo forem feitas dela, o animal, embora selvagem, pode ser domado e amansado: se um cavalo receber ferra-

duras feitas dela, será muito rápido e ágil e jamais se cansará, por mais que seja cavalgado. É preciso, porém, que certos caracteres e nomes sejam escritos nas ferraduras. Além disso, se um homem mergulhar no vinho uma espada que decapitou outros homens e der, depois, a bebida a um doente, este será curado de febre quartã.

É dito ainda que uma xícara de licor feito com os miolos de um urso³² e servido em uma caveira deixará a pessoa que o beber tão feroz e furioso quanto um urso, acreditando-se ter se transformado no animal, julgando que todas as coisas são ursos, e permanecerá nessa loucura até a força da bebida ser dissolvida, quando então não restará o menor traço de anormalidade em seu temperamento.

Notas - Capítulo XLII

1. Seria realmente difícil encontrar algo produtivo, de efeitos mais maravilhosos que a descarga menstrual. Ao se aproximar uma mulher nesse estado, o vinho novo azeda; sementes por ela tocadas ficam estéreis, os enxertos murcham, plantas de jardim secam, e caem frutas da árvore sob a qual tal mulher se senta (Plínio 7.13 [Bostock e Riley, 2:151]).
2. “Só o próprio olhar dela embaçará o brilho dos espelhos...” (*Ibid.*). “Bithus de Dyrrhachium nos informa que um espelho que foi contemplado pelo olhar de uma mulher menstruada pode recuperar seu brilho se a mesma mulher olhar fixamente por trás dele...” (Plínio 28.23 [Bostock e Riley, 5:306]).
3. “Só o próprio olhar dela... cega o fio do aço e tira a polidez do marfim... bronze e ferro enferrujam logo, e emitem um odor ofensivo” (Plínio 7.13 [Bostock e Riley, 2:151-2]). “Tenho de afirmar, além disso... que o fio de uma navalha ficará cego e que vasos de cobre contrairão um odor fétido, ficando cobertos de verdete se entrarem em contato com ela” (Plínio 28.23 [Bostock e Riley, 5:305]).
4. “... os cães que provaram de matéria assim expelida são tomados por uma loucura, e sua mordida passa a ser venenosa e incurável” (Plínio 7.13 [Bostock e Riley, 2:152]).
5. “... as abelhas, como bem se sabe, abandonam sua colmeia se esta for tocada por uma mulher menstruada...” (Plínio 28.23 [Bostock e Riley, 5:305]).
6. “... linho fervido no caldeirão fica preto... ao entrar em contato com ela” (*Ibid.*). O linho costumava ser fervido para limpeza.
7. Uma égua prenha, se tocada por uma mulher nesse estado, certamente perderá o filhote; mais do que isso, só de ver tal mulher, ainda que a distância, caso esteja menstruada pela primeira vez após perder a virgindade, ou pela primeira vez ainda no estado de virgindade” (*Ibid.*).
8. “De fato, tão perniciosas são suas propriedades que as próprias mulheres, fonte de onde vem esse sangue, não estão isentas contra esses efeitos; uma mulher grávida, por exemplo, se tocada por esse sangue, ou mesmo que apenas pise sobre ele, provavelmente sofrerá um aborto” (*Ibid.*).
9. Lais e Elephantis fazem diversas afirmações acerca de abortivos; mencionam a eficácia abortiva do carvão de repolho, da raiz de murta ou de tamárice, embebidas em sangue menstrual; dizem que as jumentas ficam estéreis por muitos anos se comerem milho de cevada mergulhado nesse fluido; e citam várias outras propriedades monstruosas e irreconciliáveis; mas divergem, por exemplo, quando um diz que a frutescência pode ser assegurada pelos mesmos métodos, enquanto o outro afirma que estes produzem a esterilidade; o que nos leva a recusar o crédito a todas essas histórias (Plínio 28.23 [Bostock e Riley, 5:305-6]).

10. “Também nesse período, o lustre da púrpura é manchado pelo toque de uma mulher: tão mais venenosa é a influência dela nessa época que em qualquer outra” (*Ibid.*, 304). O período referido é a menstruação durante eclipse ou conjunção do Sol e da Lua. Ver segunda citação na nota 570.

11. Segundo Lais e Salpe, a mordida de um cachorro louco, a febre terçã e a quartã podem ser curadas ao se colocar um pouco de sangue menstrual na lã de um carneiro preto e enrolá-la em um bracelete de prata; e Diótimo de Tebas nos ensina que a menor porção de qualquer pano manchado basta, ou mesmo um fio dele, usado como pulseira. A parteira Sotira nos informa que a cura mais eficaz para febre terçã e quartã é esfregar as solas dos pés do paciente com esse sangue, cujo resultado será ainda melhor se a operação for realizada pela própria mulher, sem que o paciente saiba disso; ela diz também que esse é um método excelente para reviver pessoas sofrendo de um ataque de epilepsia.

Icatidas, o médico, empenha sua palavra ao afirmar que a febre quartã pode ser curada por relação sexual, desde que a mulher esteja no início da menstruação. É um consenso universal também que, quando uma pessoa for mordida por um cachorro e manifestar medo de água e todo tipo de líquido, basta colocar sob sua xicara uma tira de pano embebido nesse fluido; cujo resultado é o desaparecimento imediato da hidrofobia (*Ibid.* 306-7).

12. Em qualquer outra época, também, se uma mulher se despir enquanto estiver menstruada e andar por um milharal, as taturanas, vermes, besouros e outras criaturas cairão das espigas de milho. Metrodorus de Scepsos nos diz que essa descoberta foi feita pela primeira vez na Capadócia; e que, em consequência do tamanho número de cantáridas [mosca espanhola] encontradas lá, é hábito as mulheres andarem no meio dos campos com a roupa amarrada acima das coxas. Em outros lugares, é costume elas andarem descalças, com o cabelo desgrenhado e a cinta solta; deve-se tomar a precaução, porém, que isso não seja feito no nascer do Sol; pois, se for, a plantação murcha e seca. Vinhas novas também, dizem, são danificadas imediatamente pelo toque de uma mulher nesse estado; e tanto a arruda quanto a hera, plantas que possuem grandes virtudes medicinais, secam assim que forem tocadas por ela (*Ibid.*, 304-5).

13. Pois, em primeiro lugar, as tempestades de granizo, pelo que se diz, os rodamosinhos e os relâmpagos se afastam temerosos de uma mulher que descubra o corpo enquanto estiver passando por seu período mensal. O mesmo acontece com qualquer outro tipo de clima tempestuoso; e no mar, uma tormenta pode ser aplacada por uma mulher descobrindo seu corpo, mesmo que não esteja menstruada na época (*Ibid.*, 304).

14. “Se a descarga menstrual coincidir com um eclipse da Lua ou do Sol, os males resultantes são irremediáveis; e nada menos acontece quando a Lua está em conjunção com o Sol; o contato com uma mulher nesse período é nefasto e pode ter efeitos fatais para um homem” (*Ibid.*, 304).

15. “... a natureza da descarga é virulenta nas mulheres cuja virgindade foi destruída pelo lapso de tempo” (*Ibid.*, 307).

16. “Outra coisa reconhecida universalmente, e a qual eu não hesito em acreditar, é o fato de que, se os batentes da porta mal forem tocados por fluido menstrual, todos os encantamentos dos magos serão neutralizados” (*Ibid.*).

17. Referência a duas passagens obscuras em Plínio que foram traduzidas por Riley: Além disso, o betume que é encontrado em alguns períodos do ano, flutuando no lado da Judeia, conhecido como asfaltita, uma substância de peculiar tenacidade, e adere a tudo o que toca, só pode ser dividido em partes separadas por meio de um fio que tinha sido embebido nessa matéria virulenta”. (Plínio 7.13 [Bostock e Riley, 2:152]).

E também:

O betume encontrado na Judéia não cede a nada exceto à descarga menstrual, tendo sua tenacidade superada, como já foi explicado, por intermédio de um fio de uma roupa que tenha tido contato com esse fluido. Nem mesmo o fogo, elemento que triunfa sobre todas as outras substâncias, é capaz de tal feito: pois, se reduzido a cinzas e borrifado sobre as

roupas que vão ser fervidas, muda a tintura roxa delas e escurece o brilho das cores (Plínio 28.23 [Bostock e Riley, 5:305]).

Plínio quer dizer que um fio de um pato manchado de sangue menstrual pode ser usado para cortar o betume sem nele grudar. A mesma fábula aparece em Tácito (História 5.6), que a chama de “histórias de velhos autores”. Agrippa parece interpretar nessas passagens uma referência ao piche quente, que é muito difícil de extinguir, mas que pode ser apagado por um fio menstrual. Ele deve ter acrescentado as palavras “Nem mesmo o fogo, elemento que triunfa sobre todas as outras substâncias, é capaz de tal feito” à frase anterior.

18. “O cheiro do cabelo de um mulher, queimado, afasta as serpentes...” (Plínio 28.20 [Bostock e Riley, 5:302]).

19. O cavalo nasce com uma substância venenosa na testa, conhecida como hipômane e usada em filtros de amor; é do tamanho de um figo, e de cor preta; a mãe o devora tão logo o potro nasce e, enquanto não fizer isso, não o deixa mamar. Quando essa substância pode ser retirada da mãe, ela tem a propriedade de deixar o animal frenético pelo cheiro (Plínio 8.66 [Bostock e Riley, 2:321]).

“E as poções nocivas ainda valem; ou quando elas [bruxas] retiram as promessas inchadas com seus sumos da testa da mãe [cavalo] prestes a mostrar seu afeto” (Lucan Pharsalia 6, linha 454 [Riley, 230]).

“... o feitiço de amor é procurado com aquilo que se arranca da testa do potro recém-nascido, e agarrado antes que a égua o coma” (Virgílio, *Eneida* 4, c. linha 516 [Londale e Lee, 138]).

20. “O hipômane foi distinto sob duas espécies; uma delas, uma bebida destilada de uma égua, na época de seu cio” (Gentleman’s Magazine 26:170, 1756, citado de OED, “hipômano”).

21. “E, então, por fim uma substância pegajosa é destilada dos flancos, a qual os pastores chamam de hipômane, geralmente coletada por madrastras maldosas, que a misturam com ervas e feitiços venenosos” (Georgics 3, c. linha 282 [Londsdale e Lee, 59]).

22. “Devo falar dos filtros de amor, das encantações, do veneno misturado com ervas e ministrado ao enteado?” (*Sátiras* 6.8, traduzido para o inglês por L. Evans [New York: Hinds, Noble and Eldridge, n.d.], 44). Um pouco depois dessa passagem, Juvenal diz: “Entretanto, mesmo esta [poção do amor de Tessália] é tolerável, se a pessoa não enlouquecer logo como aquele tio de Nero, a que sua Cesônia deu uma infusão de toda a testa de um potro, recém-caída” (*Ibid.* 6.39 [Evans, 64]). Ele se refere a Calígula, de quem Suetônio faz uma referência mais ampla: “Acredita-se com certeza que ele foi envenenado com uma poção que lhe fora dada por sua esposa Cesônia, que na verdade era um remédio do amor, mas que acabou destruindo-lhe o juízo e enfurecendo-o” (“Caio César Calígula” 50. Em *History of the Twelve Caesars*, traduzido por P. Holland [1606] [London: George Routledge, n.d.], 215).

23. Essa pomada tem seu nome derivado de Prometeu. Bastava a um homem esfregá-la

no corpo, após fazer à única donzela prometida uma oferenda à meia-noite, para se tornar invulnerável à espada e ao fogo e, no decorrer daquele dia, superar-se a si mesmo em força e ousadia. Apareceu pela primeira vez em uma planta que brotou do icor sangrento de Prometeu em seu tormento, que a águia devoradora de carne tinha derrubado no Cáucaso. As flores, que cresciam em caules duplos até um cúbito de altura eram da cor do açafraão córico, enquanto a raiz parecia carne recém-cortada, e o suco se parecia com a seiva escura de um carvalho da montanha. (Apolônio de Rhodes, *Viagem da Argo* 3, c. linha 845 [Rieu, 132-3]).

24. A forma romana da Perséfone grega, deusa do submundo e esposa de Plutão (grego: Hades).

25. Todos esses detalhes se referem à hiena e não à civeta, em Plínio 28.27 [Bostock e Riley, 5:309-14]).

26. Quanto ao basilisco, uma criatura da qual até as serpentes fogem, e que mata até com o odor e é fatal ao homem só por olhar para ele, seu sangue tem inestimável valor para os magos. É um sangue grosso e aderente, como o piche, ao qual se assemelha em cor: dissolvido em água, dizem, ele adquire uma coloração mais vermelho-berrante do que o cinabre. Atribui-se a ele também a propriedade de garantir o sucesso a petições entregues aos potentados e a orações oferecidas aos deuses; e é

considerado um remédio para várias doenças, bem como um amuleto protetor contra todos os feitiços nocivos. Alguns lhe dão o nome de “sangue de Saturno” (Plínio 29.19 [Bostock e Riley, 5:394]).

Parece-me que se tratava de uma tinta seca usada para escrever petições e encantamentos. Talvez o sangue, de um modo geral, fosse usado de forma mágica, desse modo.

27. De acordo com as autoridades [os Magos], um carrapato tirado da orelha direita de um cão, usado como amuleto, alivia todos os tipos de dor. Além disso, com ele é possível pressagiar todas as questões de vida e morte; pois dizem que, se o paciente responder a uma pessoa que tem consigo um carrapato preto e, de pé ao lado de sua cama, perguntar-lhe como está, esse é um sinal infalível de que sobreviverá; enquanto, por outro lado, se o paciente não responder, certamente morrerá. A isso se acrescenta que o cão de cuja orelha o carrapato é tirado deve ser totalmente preto (Plínio 30.24 [Bostock e Riley, 5:449]).

28. Talvez essa superstição se origine nesta passagem de Plínio: “Essas propriedades maravilhosas do veneno ocasionarão menor surpresa quando nos lembrarmos que “uma pedra mordida por um cachorro” se torna uma expressão proverbial para discórdia e discrepância” (Plínio 29.32 [Bostock e Riley, 5:406]).

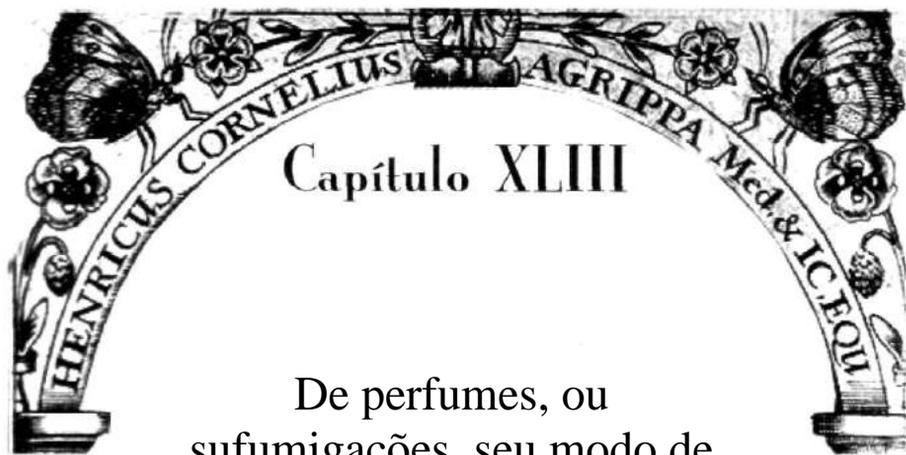
29. “Os cães fogem de qualquer pessoa que tenha consigo um coração de cachorro, e nunca latem para quem leva uma língua de cachorro no sapato, debaixo do dedão...” (*Ibid.*, 405). O mesmo feitiço ocorre em *The Book of Secrets*, mas a língua do cachorro lá se transmuta, por magia, na erva língua-de-cão (*Cynoglossum officinale*): “E se você tiver a erva acima citada sob o dedão do pé, todos os cães ficarão em silêncio e não terão o poder de latir” (*The Book of Secrets* 1.9 [Best e Brightman, 9]). Agrippa misturou os dois.

30. “Um cão não late para uma pessoa que carregue alguma parte da placenta de uma cadela consigo...” (Plínio 30.53 [Bostock e Riley, 5:469]).

31. Por causa de tantos talentos da criatura, Plínio a chama de “sapo das amoreiras”, ver Plínio 32.18 [Bostock e Riley, 6:22-3).

32. “O povo da Espanha tem uma crença, segundo a qual existe algum tipo de veneno mágico no cérebro do urso; e por isso eles queimam as cabeças dos ursos mortos em jogos públicos, pois se alega que o cérebro, misturado a uma bebida, produz no homem a fúria do urso” (Plínio 8.54 [Bostock e Riley, 2:307]). Isso parece ser o vestígio de algum culto ao urso semelhante ao da Europa, onde os guerreiros acreditavam que podiam se transformar em ursos. Eram chamados berserker, vestiam pele de urso e eram propensos a ataques de violenta fúria, que podiam ser voluntários ou involuntários.

Nenhuma espada os feria, nenhum fogo os queimava, só uma clava podia destruí-los, quebrando-lhes os ossos ou esmagando-lhes o crânio. Seus olhos faiscavam como chamas nas órbitas; eles rangiam os dentes e espumavam na boca; mordiam a borda de seus escudos, e dizem que às vezes a mordida até os atravessava; e quando partiam para o conflito, rosnavam como cães ou uivavam como lobos (Baring-Gould [1865] 1973, 40). Baring-Gould se baseia em Saxo Grammaticus, l. 7.



De perfumes, ou sufumigações, seu modo de agir e seu poder

Algumas sufumigações, ou perfumes, que são próprios dos astros, também são de grande força para o recebimento oportuno de dons celestiais sob os raios das estrelas, operando fortemente sobre o Ar e a respiração. Pois nossa respiração é bastante alterada por esses tipos de vapores, se ambos os vapores forem de outra espécie: o Ar também, sendo facilmente impelido pelos referidos vapores, ou afetado com as qualidades de inferiores, ou celestiais, todos os dias, e logo penetrando em nosso peito e nossas entranhas, reduz-nos maravilhosamente a semelhantes qualidades; tais sufumigações devem ser usadas por aqueles que fazem previsões, pois lhes afeta a imaginação que, apropriada para essa ou aquela divindade, nos prepara para receber inspiração divina: por isso dizem que fumaças produzidas com linhaça¹ e fleabane² e raízes de violetas e salsa permitem a uma pessoa prever eventos futuros e conduzem à profecia.

Que nenhum homem se espante com as coisas grandiosas que ás

sufumigações podem fazer no Ar, principalmente quando levar em conta o que *Porfírio* diz, ou seja, que, por meio de certos vapores, exalando das sufumigações apropriadas, os espíritos do ar logo são invocados, bem como trovões e relâmpagos, e coisas semelhantes. Assim como o fígado de um camaleão,³ por exemplo, sendo queimado em cima de uma casa, faz manifestarem-se chuvas e relâmpagos. Do mesmo modo, a cabeça e a garganta desse animal, se queimados com madeira de carvalho, causa tempestades e raios.

Há também sufumigações sob determinadas influências oportunas dos astros que fazem as imagens de espíritos aparecer no ar ou em outro lugar. Dizem, por exemplo, que se for feita uma fumigação de coentro, *smallage* (um tipo de aipo selvagem), henbane e cicuta,⁴ logo aparecerão espíritos, pois estas são chamadas de ervas, dos espíritos. Também se diz que uma fumigação feita da raiz da erva chamada funcho gigante,⁵ com suco de cicuta e henbane e a erva, *tapus barbatus*⁶ e sândalo vermelho⁷ e papoula preta,⁸ faz aparecerem

espíritos e formas estranhas: se for acrescentado *smallage*, expulsa espíritos de qualquer lugar e destrói suas visões. Do mesmo modo, uma fumigação feita de calaminta, peônia, hortelã e palma-crísti⁹ expulsa espíritos malignos e imaginações fúteis.

Além disso, dizem também que, por meio de certas fumigações, alguns animais são atraídos e postos a correr, como menciona *Plínio* ao falar da pedra liparito,¹⁰ dizendo que a fumigação dela chama os animais; ainda, o osso na parte superior da garganta de um veado, sendo queimado, atrai todas as serpentes, mas o chifre do veado,¹¹ se for queimado, afasta com a fumaça todas elas. De modo semelhante, a fumaça do casco queimado de um cavalo afasta os ratos, assim como o casco de uma mula; aliás, se for queimado o casco de uma pata esquerda desse animal, serão afastadas as moscas; e dizem que, se uma casa ou qualquer outro lugar forem defumados com a bile de um choco,¹² misturada com estoraque vermelho,¹³ rosas e aloés ligniformes, e em seguida se um pouco de água do mar ou sangue for jogado no lugar, toda a área parecerá estar cheia de água ou sangue; se for jogado lá um pouco de terra arada, a Terra parecerá tremer.

Ora, devemos considerar que tais tipos de vapores infectam qualquer corpo e infundem nele uma virtude que continua por muito tempo, e o vapor contagiante ou venenoso da pestilência permanece por dois anos na parede da casa, infecta os moradores, assim como o contágio da pestilência ou lepra se oculta nas roupas muito tempo após ter afetado aquele que a usa. Por isso se usavam certas sufumigações em imagens, anéis e

instrumentos semelhantes de magia, e tesouros ocultos, e, como dizia *Porfírio*, com bastante eficácia.

E é por isso também que se diz que, se alguém esconder ouro ou prata ou qualquer outra coisa preciosa, e se a Lua estiver em conjunção com o Sol e o lugar for fumegado com coentro, açafraão, *henbane*, *smallage* e papoula preta, cada qual com igual quantidade, esfregados juntos e temperados com suco de cicuta, aquilo que for escondido nunca será encontrado ou removido, sendo continuamente guardado por espíritos; caso alguém tente pegar, será ferido por eles e entrará em frenesi. E *Hermes* dizia que não há nada como a fumigação de espermacete¹⁴ para invocar espíritos; assim, se for feita uma fumigação disso, acrescida de áloe ligniforme, ervapimenteira,¹⁵ almíscar, açafraão e estoraque vermelho, temperadas com o sangue de um abibe, ela reunirá espíritos do ar, e se usada perto das covas dos mortos, ela atrai espíritos e os fantasmas dos mortos.

Assim, sempre que dirigirmos nossos trabalhos para o Sol, devemos fazer sufumigações com coisas solares; para a Lua, com coisas lunares, e assim por diante. E precisamos estar cientes de que, como existem contrariedade e inimizade nos astros e nos espíritos, o mesmo ocorre nas sufumigações. Existe, por exemplo, uma contrariedade entre aloés ligniformes e enxofre, olíbano e mercúrio, e os espíritos invocados pela fumaça de áloe ligniforme, almíscar, açafraão, estoraque vermelho, temperados juntos, são aplacados pelo enxofre queimado. *Proclo*¹⁶ dá um exemplo de um espírito que costumava aparecer na forma de um leão, mas, quando se

colocava um galo diante dele, ele sumia, cão e prática devem ser observadas em porque existe uma contrariedade entre o coisas iguais. galo e o leão; e igual considera-

Notas - Capítulo XLIII

1. Semente de linho (*Linum usitatissimum*) usada para fazer óleo de linhaça.

2. (*Pulcaria dysenterica*) Uma planta que cresce em lugares úmidos e alcança pouco mais de 30 centímetros de altura, com flores amarelas que têm cheiro de sabão. Acreditava-se que ela repelia pulgas e era usada para tratar disenteria. A *Ópera* latina menciona “psylli” ou “psyllium”, que é uma planta diferente (*Plantago afra*), com poder semelhante sobre as pulgas. *The Book of secrets* aborda as duas como uma (*Marvels of the world* 75 [Best e Brightman, 109]), mas Turner as distingue e chama a última erva de erva-de-pulga.

3. Ver nota 11, cap. XIII, l. I.

4. Cicuta comum (*Conium maculatum*), uma planta grande que mede de 30 centímetros a 1,49 metro, com pequenas flores brancas, folhas divididas, bem finas, e um caule macio, com manchas roxas. Um veneno poderoso, dizem que foi usado na execução do filósofo grego Sócrates. Era consagrada a Hécate e um ingrediente no unguento de voo das bruxas. Os monges e as freiras medievais devem tê-la usado para diminuir o desejo sexual, esfregando o suco nos órgãos genitais.

5. *Ferula persica*. Planta nativa do sul da Europa. A goma-resina, chamada goma sagapenum, vinha em tiras finas, transparentes com um exterior amarelo, e era usada para tratar resfriado.

6. Do gênero tápsia, o verbasco (*Verbascum thapsus*). O poeta Lucano menciona essa erva em uma fumação contra serpentes:

E estas [psylli], de acordo com os padrões romanos, tão logo o general [Cato] ordenava que se betumassem as barracas, purgavam-se as areias que o compasso das trincheiras encerrava, com encantamentos e palavras que faziam as cobras fugir. Uma fogueira feita com drogas cerca a extremidade do acampamento. Nela crepita a trepadeira, e ferve o gálbano estrangeiro, e regozija a tamárice sem folhagem, e o costus oriental, e a pungente erva que cura tudo, e a centáurea da Tessália; e a erva-enxofre arde nas chamas, e a tápsia de Eryx. Também a árvore larch eles queimam, e a madeira do sul, com sua fumaça que sufoca as serpentes, e os chifres de cervos criados a distância (*Pharsalia* 9, c. linha 911 [Riley, 375]).

Eryx é uma ilha próxima à Sicília.

7. *Pterocarpus santalinus*. Madeira usada para tintura e como adstringente e tônico. É de uma árvore que chega a atingir cerca de 18 metros, natural da Índia e do Sri Lanka. O cerne da madeira é de um vermelho profundo, cheio de veias e tão pesado que afunda na água, mas não tem um aroma apreciável.

8. Uma variedade da papoula de ópio (*Papaver somniferum*) distinta por suas flores roxas e sementes escuras que, quando pressionada, solta um óleo comestível (*Oleum papaveris*). O suco leitoso é fortemente narcótico, a fonte do ópio.

9. Também chamada mamoneiro, suas folhas são como as mãos humanas. O rícino (*Ricinus communis*) do qual se faz óleo.

10. Ver nota 14, cap. XIII, l. I.

11. “As fumaças de seus chifres, enquanto queimam, afastam serpentes, como já foi dito [8:50]; mas os ossos, dizem, da parte superior da garganta do cervo, se queimados em uma fogueira, atraem esses répteis” (Plínio 28.42 [Bostock e Riley, 5:329]). O princípio mágico aí é que, como o veado come cobras (embora, claro, isso não seja verdade), os ossos de sua garganta são onde elas se acumulam.

12. Um molusco do mar (*Sepia officinalis*) mede cerca de 60 centímetros, semelhante à lula, com dez braços. Ele solta tinta preta (sépia) quando está em perigo e tem uma concha interna

dura, que era usada pelos ourives para fundir metais preciosos e como pó para polimento. O osso em pó também era tomado como remédio para combater o excesso de ácido estomacal. Também chamado siba.

13. Espécie da família das estiracáceas.

14. Uma substância branca gordurosa encontrada na cabeça dos cachalotes que antigamente costumava ser usado no tratamento de hematomas.

15. Tipo de agrião (*Lepidium latifolium*), às vezes chamado de dictamnus, ainda que Turner diga que isto é um erro. Tem o gosto apimentado e cresce em lugares úmidos perto do mar.

16. Ver nota 25, cap. XVIII, l. I.



A composição de algumas fumigações apropriadas aos planetas



a seguinte maneira fazemos uma sufumigação para o Sol: de açafão, âmbar-gris, almíscar, áloe ligniforme, bálsamo ligniforme,¹ o fruto do loureiro,² cravo-da-índia, mirra e olíbano, todos amassados e misturados em tal proporção que os faça exalar um odor doce, devendo ser incorporados ao cérebro de uma águia ou ao sangue de um galo branco, em forma de pílulas ou trociscos.³

Para a Lua, fazemos uma sufumigação da cabeça de uma rã seca, os olhos de um touro, a semente da papoula branca,⁴ olíbano e cânfora,⁵ que devem ser incorporados com sangue menstrual ou o sangue de um ganso. Para Saturno, pegue a semente da papoula preta, do *henbane*, da raiz da mandrágora, a magnetita e mirra e misture-as com o cérebro de um gato ou o sangue de um morcego.

Para Júpiter, pegue a semente do freixo,⁶ aloés ligniformes, estoraque, a goma benzoína,⁷ a pedra lápis-lazúli, a parte de cima das penas de um pavão e misture-os com o sangue de uma cegonha, ou uma andorinha, ou o cérebro de um veado.

Para Marte, pegue eufórbia, bdélio,⁸ goma amoníaco, as raízes dos dois heléboros, magnetita e um pouco de enxofre e misture-os todos com o cérebro de um veado, o sangue de um homem e o sangue de um gato preto.

Para Vênus, pegue almíscar, âmbar-gris, aloés ligniformes, rosas vermelhas e coral vermelho e misture tudo com o cérebro de pardais e sangue de pombas.

Para Mercúrio, pegue almécega, olíbano, cravos-da-índia e a erva cinco-folhas e a pedra ágata e incorpore-as com o cérebro de uma raposa, ou doninha, e o sangue de uma pega.

Além disso, para Saturno, são apropriadas para fumigações todas as raízes odoríferas, como de *erva-pimenteira* (*Lippidium spp*), etc, e a árvore do olíbano:⁹ para Júpiter, as frutas odoríferas, como noz-moscada e cravo; para Marte, as espécies de madeiras odoríferas, como sândalo, cipreste, bálsamo ligniforme e aloés ligniformes; para o Sol, todas as gomas, olíbano, almécega, benzoína, estoraque, láudano,¹⁰ âmbar-gris e almíscar; para Vênus, as flores, como rosas, violetas, açafão e outras do gênero; para Mercúrio, todas as cascas de

madeira e de fruta, como canela, cássia ligniforme,¹¹ macis, casca de limão e bagas de loureiro e todo tipo de semente odorífera: para a Lua, as folhas de todos os vegetais, como a *Indum*,¹² as folhas da murta¹³ e o louro.

Que se saiba também que, segundo a opinião dos magos, em toda boa matéria, como amor, boa vontade e outras semelhantes, deve haver uma boa fumigação, odorífera e preciosa; e em toda matéria má, como ódio, raiva, amargura e outras semelhantes, deve haver uma sufumigação fétida, que não tem valor algum.

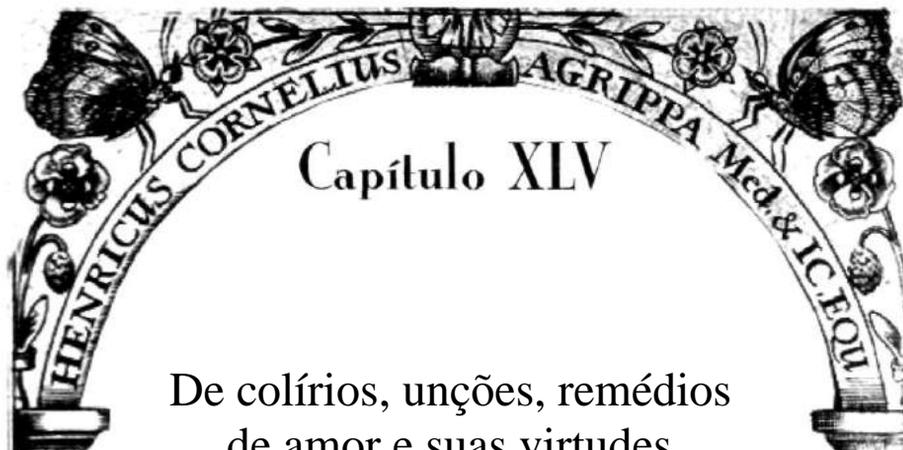
Os 12 signos do zodíaco também têm suas fumigações apropriadas: Áries, mirra; Touro, *erva-pimenteira*; Gêmeos, almécega; Câncer, cânfora; Leão, olíbano; Virgem, sândalo; Libra, gálbano;¹⁴ Escorpião, opópanax;¹⁵ Sagitário, aloe ligniforme; Capricórnio, benzoína; Aquário, eufórbia; Peixes, estoraque vermelho.

Mas Hermes descreve a mais poderosa de todas as fumigações, que é composta de sete aromáticos, de acordo com os poderes dos sete planetas, pois recebe de Saturno, *pepperwort*; de Júpiter, noz-moscada; de Marte, aloe ligniforme; do Sol, almécega; de Vênus, açafraão; de Mercúrio, canela; e da Lua, a murta.

Notas - Capítulo XLIV

1. Provavelmente a madeira de *Liquidambar orientalis*, nativa do leste do Mediterrâneo, da qual se supunha que o líquido estoraque era extraído. Mas talvez a madeira da árvore da qual o bálsamo de Gilead era extraído, considerado *Balsamodendron gileadense*, uma pequena árvore na Arábia e Abissínia ou, por alguns, a árvore *Commiphora opobalsamum*.
2. O loureiro doce (*Laurus nobilis*) produz uma frutinha (baga) oval preto-azulada com 0,5 polegada de comprimento, amarga e adstringente, mas de aroma agradável.
3. Medicamento em pastilha ou tablete.
4. Variedade da papoula do ópio, com sementes de cor clara, diferente da papoula preta, cujas sementes são escuras. As sementes não são narcóticas e costumam ser colhidas e comprimidas, para extração de um óleo comestível.
5. Um extrato de óleo essencial de forte odor, branco e sólido, da canforeira (*Camphora officinarum*), uma árvore grande nativa da China, Japão e Formosa. A cânfora é combustível, emite uma fumaça branca quando queima, é mais leve que a água e altamente nociva aos insetos. Acreditava-se que ela diminuía o desejo sexual.
6. Semente do *Fraxinus excelsior*, com uma peculiar forma alada.
7. Extraída do benjoeiro (*Styrax benzoin*). Chamada de “olíbano de Java” (ou seja, Sumatra) por Ibn Batuta por volta de 1350. Uma substância resinosa seca, quebradiça, com um odor fragrante e um gosto aromático.
8. Goma-resina semelhante à mirra, porém mais fraca e mais acre, com um gosto picante e odor agradável. Era extraída da *Balsamodendron roxburghii*, na Índia, e da *B. africanum*, no Senegal. O *bdélio* egípcio vem da planta da espécie *Hyphaene thebaica*. “O *bdélio* é... uma árvore preta semelhante à oliveira e sua goma é brilhante e amarga” (Trevisa, *Bartholomeus de Proprietatibus Rerum* [1398], citado do OED, “*bdellium*”).
9. O olíbano dos hebreus, gregos e romanos provavelmente vem da árvore *Boswellia serrata*, uma grande árvore com folhas pinadas e pequenas folhas cor-de-rosa, natural da Índia.
10. Goma láudano, não deve ser confundida com o láudano de Paracelso, que é um preparado médico contendo, entre outras coisas, ópio. O nome atualmente se refere à tintura alcoólica do ópio, mas isso era desconhecido na época de Agrippa.

11. Casca de cássia, ou canela da China, uma espécie inferior de canela que é mais grossa, áspera e de sabor menos delicado do que a canela verdadeira. Vem da *Cinnamomum cassia*, uma árvore nativa da China.
12. Folha indiana, uma folha aromática da espécie *Cinnamomum malabathrum*, das Índias Orientais. Também chamada de folha de Malabar.
13. A murta comum (*Myrtus communis*) é um arbusto nativo do sul da Europa, com folhas sempre-verdes brilhantes e flores de aroma adocicado. Era consagrada a Vênus e um emblema de amor.
14. Goma-resina da *Ferula galbaniflua*, do Irã. Cresce com caroços irregulares de coloração amarelada, esverdeada ou marrom-clara e, às vezes, em tiras, tem um odor alniscarado e gosto amargo. Moisés o menciona (Êxodo 30,34) como uma especiaria doce usada em perfume para o tabernáculo, empregando a palavra *chelbenah*, traduzida como “gálbano”.
15. Goma-resina fétida da raiz da *Opopanax chironium*, uma planta com flores amarelas, nativa do sul da Europa. Obtida ao se perfurar a raiz, a goma é amarela por fora e branca por dentro. Era considerada um eficaz antiespasmódico pelos antigos e mencionada por Hipócrates, Teófrasto e Dioscorides.



De colírios, unções, remédios de amor e suas virtudes

Colírios¹ e unguentos² que transmitem as virtudes das coisas naturais e celestiais ao nosso espírito podem multiplicá-lo, transmutá-lo, transfigurá-lo e transformá-lo com facilidade, bem como transpor aquelas virtudes que nele existem, de modo que não atue mais apenas dentro de seu corpo, mas também daquele que estiver perto, afetando-o por meio de raios visíveis, encantamentos e toques, com alguma qualidade semelhante. Pois, como nosso espírito é o vapor sutil, puro, lúcido, aéreo e untuoso do sangue, ele é, portanto, apropriado para fazer colírios dos mesmos vapores, que são adequados ao nosso espírito em substância, pois, em virtude de sua proximidade, eles agitam, atraem e transformam o espírito. As virtudes semelhantes têm certas pomadas e outras confeções.

Assim, por meio do toque, uma doença ou envenenamento, e até o amor, às vezes é induzido, estando as mãos ou roupas unguidas; também por meio de beijos, com algumas coisas seguras na boca, o amor é induzido, como lemos em *Virgílio*, quando *Vênus* reza para *Cupido*.³

Quando a alegre Dido o abraça em seu colo

Nos banquetes reais, coroados de deliciosas uvas,

Quando, ao abraçar, ela dá os mais doces beijos,

Chama oculta e inspirada, enganosa como veneno mortal,

Ele -

Ora, a visão, percebendo com maior pureza e clareza que os outros sentidos e imprimindo sobre nós as marcas das coisas com maior agudez e profundidade, combina mais do que todos os outros com o espírito fantástico, o que se nota nos sonhos, quando as coisas parecem se apresentar a nós com mais frequência do que são ouvidas ou experimentadas por qualquer outro sentido.

Portanto, quando os colírios transformam os espíritos visuais, tal espírito afeta com facilidade a imaginação que, de fato, sendo afetada com diversas espécies e formas, transmite-o por meio do mesmo espírito ao sentido externo da visão, ocasião em que se causa nela uma percepção de tais espécies e formas, como se fosse movida por objetos externos; de

modo que terríveis imagens e espíritos parecem ser vistos, além de outras coisas do gênero: assim, portanto, se fazem colírios⁴ que nos levam a ver as imagens de espíritos no ar, ou em outro lugar, como eu, por exemplo, sei fazer com a bile de um homem e os olhos de gato preto e com outras coisas. O mesmo se faz também com o sangue de um abibe, ou morcego ou um bode e, dizem, se um pedaço brilhante e liso de aço⁵ for esfregado com o suco da flor-de-diana e depois fumegado, fará com que espíritos invocados sejam vistos nele.

Há também algumas sufumigações ou unções que levam os homens a falar enquanto dormem, andar e fazer coisas que normalmente fazem quando estão acordados e, às vezes, fazer coisas que não conseguem ou não se arriscam a fazer em estado normal de vigília. Algumas nos levam a ouvir sons horríveis ou deleitáveis. E essa é a causa de homens maníacos ou melancólicos acreditarem ver e ouvir coisas fora de si, quando na verdade sua imaginação só lhes está pregando peças; daí temerem coisas que não devem ser temidas, desenvolverem suspeitas fantasiosas e falsas, fugirem quando alguém os procura, ficarem zangados e brigarem sozinhos, sem ninguém presente, e ter medo onde não existe o medo.

Semelhantes paixões também podem induzir confecções mágicas por meio de sufumigações, colírios,

unguentos, poções, venenos, lâmpadas e luzes, espelhos, imagens, encantamentos, feitiços, sons e música. Também por meio de diversos ritos, observações, cerimônias, religiões e superstições; tudo o qual será abordado no devido lugar.

E não só por meio dessas artes, paixões, aparições e imagens são as coisas induzidas, mas também as próprias coisas em si, que são de fato mudadas e transformadas em diferentes formas, como relato o poeta⁶ de *Proteu*,⁷ *Periclimenus*,⁸ *Aquelous*⁹ e *Merra*,¹⁰ a filha de *Erisicton*: assim como *Circe*¹¹ mudou os companheiros de *Ulisses*, e desde muito tempo nos sacrifícios de *Júpiter Licaon*,¹² os homens que provavam das entranhas os sacrifícios se transformavam em lobos, o que segundo *Plínio* aconteceu com um certo homem chamado *Demarco*.¹³

Da mesma opinião era *Agostinho*: pois dizia que, enquanto estava na Itália, ouviu falar de algumas mulheres que, quando davam queijo enfeitado aos viajantes, os transformavam em animais de carga e, quando a tarefa deles acabava, voltavam à forma humana; tal sorte se abateu sobre um certo padre chamado *Prestantius*.¹⁴ As próprias Escrituras atestam que os magos do faraó transformavam seus cajados em serpentes¹⁵ e a água em sangue,¹⁶ além de outros feitos do gênero.

Motas - Capítulo XLV

1. Pomadas, gotas ou outros tratamentos aplicados aos olhos.
2. Pomada esfregada no corpo.
3. Atendendo ao pedido de sua mãe, Vênus, Cupido assume a aparência de Ascânio, o filho de Eneo, para fazer a rainha Dido se apaixonar por Eneo. Ele “inala fogo secreto” nela cheio de “poção de amor” quando a beija, mas não há indicação de que haja alguma coisa em sua boca na época. Ver *Eneida* 1, c. linha 695.
4. Um colírio assim é descrito no *Livro dos Segredos*: “Se quiser ver o que os outros homens não veem, pegue a bile de um gato macho e a gordura de uma galinha totalmente branca, misture-as e passe sobre os olhos e verá aquilo que os outros não conseguem ver” (*Marvels of the World* 53 [Best e Brightman, 98]).
5. Agrippa não diz, mas trata-se provavelmente da lâmina de uma espada, ungida e aquecida em um fogo aberto, funcionando como um espelho mágico para refletir os espíritos que estiverem presentes, porém invisíveis ao olho nu. Os espíritos maus gostam de se esconder daquele que os invoca para que, quando a pessoa sair do círculo mágico, eles possam fazer maldades.
6. Ovídio.
7. *Proteu* - Alguns têm o privilégio de tomar muitas formas, como tu, Proteu, habitante do mar que envolve a terra. Tu já foste visto como um jovem e novamente como leão; já houve ocasião em que foste visto como um javali feroz e em outros momentos como serpente; e já houve época em que, com chifres, te transformaste em touro. Frequentemente aparecestes como uma pedra, ou como uma árvore. Às vezes, imitando a aparência da correnteza, tu te fizeste em rio; outras vezes, fogo, o oposto exato da água (Ovídio, *Metamorfoses* 8.6, verso 730 [Riley, 292-3]).
8. *Periclimenus* -... mas a morte de Periclimenus é extraordinária; aquele a quem Netuno havia concedido a capacidade de assumir qualquer forma que quisesse e, uma vez assumida, podia



Lobisomem Extraído de Die Emeis, de Johann Geller von Kaysersberg (Estrasburgo, 1517)

abandoná-la se assim desejasse. E após ter, em vão, se transformado em todas as outras formas, ele finalmente tomou a forma do pássaro que deve carregar o relâmpago em suas garras retorcidas [águia]... O herói de Tiríntia [Hércules] para ele aponta seu arco e certeiro o atinge... (*Ibid.* 12.5 verso 554 [Riley, 435]).

9. *Aquelou (Achelous)* -Ele lutou com Hércules, primeiro em sua verdadeira forma, depois como serpente e, por fim, como um touro, quando Hércules lhe arrancou os chifres e o derrotou (*Ibid.*, 9,1. verso 20 [Riley, 301-3]).

10. *Merra* - Como castigo por ter cortado um carvalho sagrado, seu pai, Erisichton, é amaldiçoado com uma fome insaciável que, para tentar aplacar, vende a filha como escrava. Ela recorre a Netuno, que lhe dá o poder de se transformar e fugir na forma de um homem. Seu pai a vende novamente, várias vezes, mas ela sempre foge, “às vezes como égua, às vezes como pássaro, às vezes como vaca, às vezes como cervo...” (*Ibid.* 8.7, verso 870 [Riley, 298]).

11. *Circe* - *Ibid.* 14.5 verso 376 [Riley, 493]).

12. *Júpiter Licaon* - Pelo sacrilégio de tentar enganar Júpiter, levando-a a consumir carne humana, Licaon, rei da Arcádia, é transformado em lobo: “Suas vestes viram pelos, seus braços patas; ele se transforma em um lobo, mas retém vestígios de sua forma antiga. Suas aspereza ainda é a mesma, a mesma violência aparece em seus traços; seus olhos são brilhantes como antes; ele ainda é a mesma imagem de ferocidade.” (*Ibid.*, 1.7, verso 234 [Riley, 17]).

A princípio, Kekrops deu a Zeus o nome de Supremo e decidiu não oferecer a ele sacrifícios de animais abatidos, mas sim incinerar no altar aqueles bolos de mel que os atenienses ainda hoje chamam de aveia, no entanto, Licaon trouxe uma criança humana ao altar de Zeus Liceu, sacrificou-a e despejou o sangue dela sobre o altar, e dizem que, ao fazer aquele sacrifício, subitamente virou lobo (Pausanias Guia da Grécia 8.2.3 [Levi, 2:372]).

Dizem, por exemplo, que depois de Licaon, alguém sempre virava lobo no sacrifício a Zeus Liceu, mas não por toda a vida, pois, se ele não comesse carne humana enquanto estivesse em seu estado de lobo, voltaria a ser homem depois de nove anos, embora se provasse dela permaneceria como animal selvagem para sempre (*Ibid.* sec. 6 [Levi 2:373]).

13. Euantes (ou Evantes), um autor grego de uma certa reputação nos diz que os árcades afirmam que um membro da família de Antus é escolhido por sorteio e levado a um certo lago naquele distrito, onde, após pendurar as roupas em um carvalho, ele atravessa o lago a nado e sai para o deserto, onde é transformado em um lobo e se mistura com outros animais da mesma espécie durante nove anos. Se ele conseguir não ver um homem durante todo esse tempo, retorna ao mesmo lago e, depois de atravessá-lo a nado novamente, recupera sua forma original, com o acréscimo, porém, de nove anos de idade em sua aparência. A isso, Fábio acrescenta que o homem reassume suas roupas também... Também Agripas [ou Apollas], que escreveu os *Olimpínicos* [vitoriosos olímpicos], informa-nos que Demeneto, o Parto, durante um sacrifício de vítimas humanas que os árcades estavam oferecendo a Júpiter Lucano, provou das entranhas de um garoto que fora sacrificado e imediatamente virou lobo. Mas, dez anos depois, ele voltou à sua forma original e sua vocação de atleta e retornou vitorioso nas competições do pugilato nos jogos olímpicos (Plínio 8.34 [Bostock e Riley, 2:283-4]). Tais transformações não se restringiam à Arcádia. Heródoto também escreve sobre lobisomens:

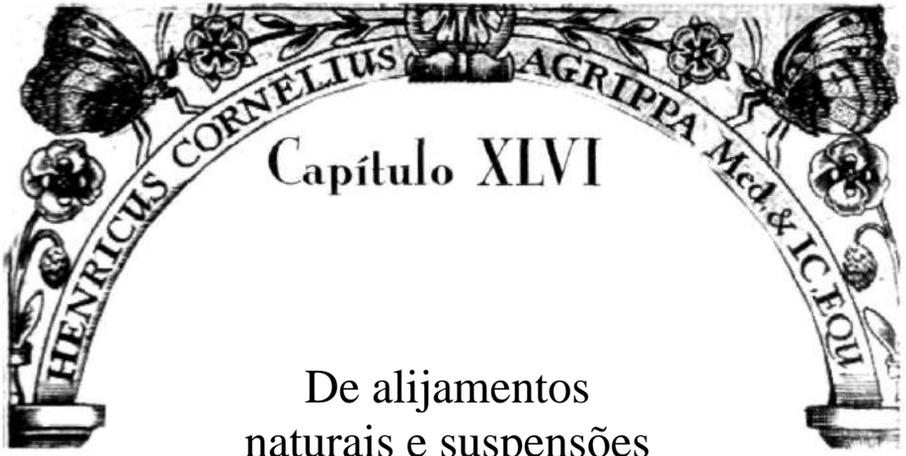
Parece que aqueles indivíduos são conjuradores; pois tanto os citas quanto os gregos que vivem na Cítia dizem que todo neuriano se transforma em lobo uma vez por ano durante alguns dias, voltando depois à sua forma normal (*História* l. 4 [Rawlinson, 236]).

14. Por sua vez, Prestantius me disse que seu pai tomou dessa droga em queijo em sua casa e em seguida ele dormiu tanto que nenhum homem era capaz de despertá-lo: e

depois de alguns dias, acordou sozinho e contou tudo o que tinha sofrido em seus sonhos, nesse tempo; como se transformara em cavalo e carregara as provisões do soldado em uma sacola. Isso tinha de fato acontecido, conforme registrado, mas parecia-lhe apenas um sonho (Agostinho, *Cidade de Deus* 18.18 [Healey 2:192]).

15. Êxodo 7:12.

16. Êxodo 7:22.



Quando a Alma do Mundo, por sua virtude, torna todas as coisas naturalmente geradas ou artificialmente feitas frutíferas, infundindo nelas propriedades celestiais para o funcionamento de alguns efeitos sensacionais, então as coisas em si, não apenas aplicadas por sufumigações, colírios ou pomadas, ou poções, ou qualquer outro meio, mas também quando se encontram convenientemente envoltas ou amarradas ou penduradas no pescoço ou aplicadas de qualquer outra maneira, embora sem um contato fácil, imprimem sua virtude em nós.

Por meio dessas ligações,¹ portanto, suspensões,² emplastos, aplicações e contatos, os acidentes³ do corpo e da mente são convertidos em doença, saúde, coragem, medo, tristeza, alegria e semelhantes: deixa seus portadores graciosos ou terríveis, aceitáveis ou rejeitados, honoráveis e amados, ou detestáveis e abomináveis. Ora, essas espécies de paixões são concebidas, pelo que se lê acima, como infundidas por nenhum outro modo senão pelo que se vê nos

enxertos das árvores, para onde a virtude vital é enviada, e comunicado do tronco ao galho enxertado, por meio de contato e ligação; assim, na palmeira fêmea, quando ela se aproxima da árvore macho, seus galhos se curvam e pendem em sua direção, fato que os jardineiros, ao observarem, amarram cordas entre o espécime macho e a fêmea, que se endireita novamente, como se pela continuação da corda ela tivesse recebido a virtude do macho. Do mesmo modo, vemos que o torpedo,⁴ sendo tocado de longe com uma vara comprida, logo amortece a mão daquele que o toca. E se alguém tocar a lesma-do-mar⁵ com a mão ou uma vara, logo perde o juízo. Também o peixe chamado esteia, dizem, se for preso com sangue de uma raposa e um prego de bronze a um portão, impede o efeito de remédios maléficis. Diz-se ainda que, se uma mulher pegar uma agulha e a cobrir de esterco, depois a enrolar em terra, na qual a carcaça de um homem está enterrada, e carregá-la consigo em um pano que foi usado no funeral, nenhum homem será capaz de se deitar

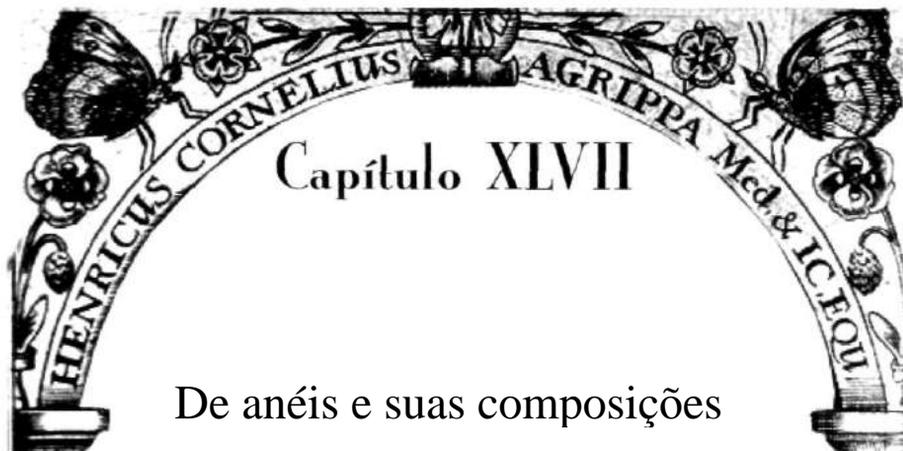
com ela⁶ enquanto a usar. Ora, com esses exemplos vemos como determinadas ligações de certas coisas, bem como suspensões, ou por um simples contato, ou a continuação de algum fio, podemos receber algumas virtudes em nós.

É necessário que conheçamos a regra certa da ligação e da suspensão, e o procedimento exigido pela Arte, isto é, que tudo seja feito sob determinada e apropriada constelação, com fios de metal ou de seda, com pelos ou tendões de certos animais.⁷ E quanto às coisas que são embrulhadas, isso deve ser feito nas folhas de ervas, ou peles de animais, ou panos finos, e coisas desse tipo, de acordo com a conve-

niência das coisas; se, por exemplo, você estiver procurando a virtude solar de alguma coisa, estando ela embrulhada em folhas de louro ou na pele de um leão, pendure-a no pescoço com um fio dourado ou prateado de cor amarela, enquanto o Sol estiver regendo no céu; desse modo, você receberá a virtude solar de qualquer coisa. Mas, se desejar a virtude de algo saturnino, deve, por outro lado, pegar tal coisa enquanto Saturno estiver regendo e embrulhá-la na pele de um asno, ou em um pano usado em um funeral, principalmente se quiser o objeto para tristeza, e, com um fio preto, pendure-a em volta do pescoço. O mesmo se aplica ao restante.

Notas - Capítulo XLVI

1. Conjunção ou contato físico.
2. Coisas penduradas; nesse caso, no corpo.
3. Surgimentos ou efeitos causais; fenômenos.
4. Arraia elétrica (*Torpedo vulgaris*), uma espécie de arraia que chega a pesar quase 50 quilos e tem a capacidade de enviar um choque elétrico quando tocado. É comum no Mediterrâneo.
5. Um molusco (*Aplysia depilans*) com quatro tentáculos e um corpo oval. Plínio o chamava de *lepus marinus*, provavelmente por causa da semelhança de dois lobos aos ouvidos da lebre, e o considerava venenoso. Tal crença não tem o menor fundamento.
6. Talvez o cheiro tenha mais a ver com a efetividade desse feitiço do que com qualquer virtude oculta.
7. Todos são condutores mágicos.



De anéis e suas composições

Também os anéis, que sempre foram muito estimados pelos antigos, se feitos de maneira oportuna, imprimem sua virtude em nós, no sentido de que afetam o espírito daquele que os porta com alegria ou tristeza, e faz dele um indivíduo cortês ou terrível, corajoso ou temerário, amável ou detestável; além disso, os anéis nos fortificam contra doenças, venenos, inimigos, espíritos maus e toda espécie de coisa que fere, ou pelo menos não nos deixam sofrer influências dessas coisas.

Ora, o modo de fazer esses anéis é o seguinte: quando qualquer astro ascende de maneira afortunada, com o aspecto afortunado, ou na conjunção da Lua, devemos pegar uma pedra e uma erva regidas sob tal astro e confeccionar um anel do metal próprio de tal astro, e nele prender a pedra, colocando a erva ou a raiz debaixo dela; não devemos omitir as inscrições de imagens, nomes e caracteres também como sufumigações apropriadas, mas falaremos deles mais adiante, quando abordarmos as imagens e os caracteres.

Lemos em *Filóstrato* que *Jarco*, um sábio príncipe da Índia, mandou confeccionar sete anéis, de acordo com esse

procedimento, marcados com as virtudes e os nomes dos sete planetas, e deu de presente a *Apolônio*, o qual usava um todo dia, distinguindo-os de acordo com os nomes o dias,¹ desfrutando com eles o benefício de viver mais de 130 anos de idade e ainda conservar a beleza de sua juventude.

Do mesmo modo, segundo *Josephus*, *Moisés*, o legislador e governante dos hebreus, habilidoso na magia egípcia, teria feito anéis e amor e esquecimento. Segundo *Aristóteles*, existia também entre os cireneus um anel de *Battus* capaz de produzir amor e honra. Lemos ainda que *Edamo*, um filósofo, confeccionou anéis contra mordida de serpente, feitiço e espíritos malignos. O mesmo relata *Josephus* acerca de *Salomão*.²

Em *Platão*, lemos que *Giges*,³ um pastor na Lídia, tinha um anel de virtudes fantásticas e estranhas que, quando tinha o selo voltado para palma de sua mão, ninguém podia vê-lo, embora ele visse tudo. Aproveitando essa oportunidade, ele deflorou a rainha e matou o rei, seu senhor, além de eliminar quem quer que parecesse se colocar em seu caminho, e nesses atos vis ninguém o via; até que um dia, graças aos benefícios do anel, ele se tornou rei da Lídia.

Notas - Capítulo XLVII

1. “Damis também conta que Iarchus (Jarco) deu a Apolônio sete anéis, gravados respectivamente com os nomes dos sete planetas, e que Apolônio costumava usar cada um deles no devido dia da semana” (Filóstrato, *Life and Time of Apollonius do Tyana* 3.4 [Eells, 86]).



Anel gnóstico

Extraído de Rings for the Finger, de George Frederick Kunz (Filadélfia, 1917)

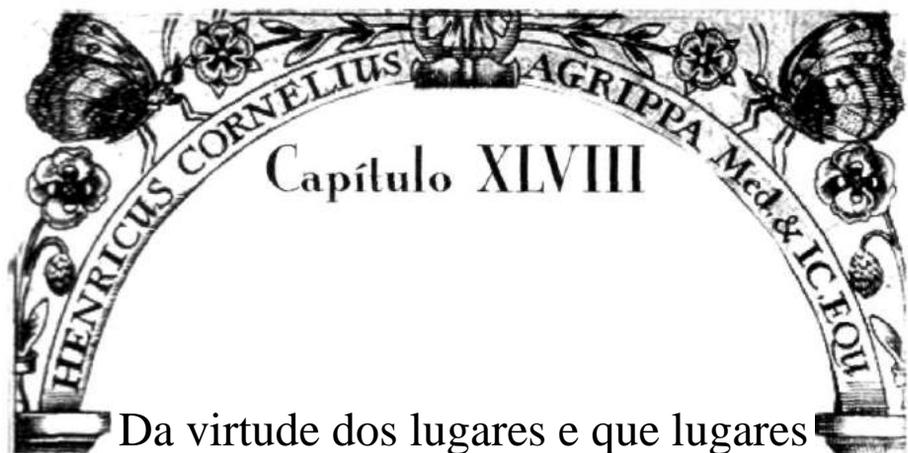
2. Vi um certo homem de meu país, chamado Eleazar, exorcizando pessoas endemoninhadas na presença de Vespasiano e seus filhos, seus capitães e todo o corpo de soldados. O método de cura era assim: ele colocava um anel que tivesse uma raiz da espécie mencionada por Salomão nas narinas da pessoa endemoninhada; e quando o indivíduo caía, livre, ele abjurava o demônio a nunca mais voltar a ele, mencionando ainda Salomão e recitando os encantamentos por ele compostos. E quando Eleazar convencia e demonstrava aos espectadores que tinha esse poder, ele deixava separado um cálice ou uma bacia cheia de água e ordenava ao demônio saído do homem que transbordasse o receptáculo, permitindo aos espectadores que ele tinha de fato deixado a pessoa; isso feito, a habilidade e a sabedoria de Salomão eram mostradas de modo bem claro... (Josephus, *Antiquities of the Jews* 8.2.5 [Whiston, 194]).

3. Era ele [Giges] um pastor que servia em casa do que era então o soberano da Lídia. Por causa de uma grande tempestade e tremor de terra, rasgou-se o solo e abriu-se uma fenda no local em

que ele apascentava o rebanho. Admirado ao ver tal coisa, desceu por lá e contemplou, entre outras maravilhas que por aí fantasiavam, um cavalo de bronze, oco, com umas aberturas, espreitando através destas viu lá dentro um cadáver, aparentemente maior do que um homem, e que não tinha mais nada senão um anel de ouro na mão. Arrancou-lho e saiu. Ora, como os pastores se reuniram da maneira habitual, a fim de comunicarem ao rei, todos os meses, o que dizia respeito aos rebanhos, Gíges foi lá também, com o seu anel. Estando ele, pois, sentado no meio dos outros, deu por acaso uma volta ao engaste do anel para dentro, em direção à parte interna da mão, e, ao fazer isso, tornou-se invisível para os que estavam ao lado, os quais falavam dele como se se tivesse ido embora. Admirado, passou de novo a mão pelo anel e virou para fora o engaste. Assim que o fez, tornou-se visível. Tendo observado esses fatos, experimentou o anel para ver se tinha aquele poder e verificou que, se voltasse o engaste para dentro, se tornava invisível; se o voltasse para fora, ficava visível. Assim, senhor de si, logo fez com que fosse um dos delegados que iam junto do rei. Uma vez lá chegado, seduziu a mulher do soberano e, com o auxílio dela, atacou-o e matou-o, e assim tomou o poder.



Anel de Gíges



Da virtude dos lugares e que lugares são apropriados a cada estrela



s lugares têm virtudes que os acompanham, ou das coisas colocadas, ou das influências dos astros, ou qualquer outro meio. Pois, como *Plínio* relata acerca de um cuco,¹ no lugar em que alguém o ouvir pela primeira vez, se estiver com o pé direito deixando uma impressão na terra próxima, não surgirão pulgas no local. Por isso, dizem que se a poeira do rasto de uma cobra² for juntada e espalhada entre abelhas, isso as fará retornar às colmeias. Também a poeira na qual uma mula³ tenha se rolado, se for esfregada no corpo, mitiga o calor do amor, e a poeira em que um gavião⁴ tenha se esfregado, se colocada em um tecido vermelho berrante e amarrada ao corpo, cura a febre quartã.

Dizem ainda que uma pedra tirada do ninho de uma andorinha⁵ alivia os sintomas de doenças debilitantes e, se for amarrada ao paciente, preserva sua saúde, principalmente se for enrolada no sangue ou no coração de uma andorinha. Como se relata, se alguém, que estiver jejuando, tiver um corte em uma veia e for a um

lugar onde uma pessoa teve um ataque recente de alguma doença debilitante, poderá ter a mesma doença. E *Plínio* relata que se um prego de ferro⁶ for colocado no lugar onde uma pessoa doente caiu e bateu a cabeça, tal pessoa se livrará da doença.

Diz-se, ainda, que uma erva crescendo na cabeça⁷ de uma estátua, se colhida e amarrada em alguma parte da roupa de uma pessoa com um fio vermelho, logo aliviará suas dores de cabeça; e qualquer erva colhida dos riachos ou rios antes do nascer do Sol, desde que ninguém veja a pessoa no ato, curará a febre terçã se for amarrada no braço esquerdo do paciente e desde que ele não saiba o que está sendo feito.

Mas, entre os lugares propícios dos astros, todos os locais malcheirosos, escuros, subterrâneos, religiosos, bem como locais de luto, como cemitérios, tumbas e casas abandonadas, além de casas velhas, em risco de ruir, obscuras, assustadoras e covis solitários, cavernas, buracos fundos e também lagoas, poços, charcos e outros do gênero, são próprios de Saturno.

A Júpiter são atribuídos todos os lugares privilegiados, consistórios⁸

de nobres, tribunais, cadeiras, locais de exercícios, escolas e todos os lugares belos e limpos, repletos ou salpicados de odores diversos.

A Marte, os locais sangrentos, as fornalhas, fornos, matadouros, locais de execução e lugares em que houve grandes batalhas e sacrifícios.

Ao Sol, lugares de luz, ar sereno, palácios de reis e cortes de príncipes, púlpitos, teatros, tronos e todos os locais majestosos e magníficos.

A Vênus, as fontes agradáveis, os prados verdes, jardins em flor, leitões adornados, bordéis (segundo *Orfeu*), o mar, a praia, os banhos públicos, lugares de bailes e todos os lugares que pertencem às mulheres.

A Mercúrio, as lojas, escolas, armazéns, postos de troca de mercadoria e outros do gênero.

A Lua, os lugares ermos, bosques, rochas, colinas, montanhas, florestas, fontes, águas, rios, mares, praias, barcos, arvoredos, estradas e celeiros para milho, e outros.

De acordo com esse relato, aqueles que se empenham em provocar o amor, devem enterrar por algum tempo os instrumentos de sua arte,

sejam eles anéis, imagens, espelhos ou quaisquer outros, escondendo-os em um prostíbulo, pois em tal lugar os objetos adquirirão faculdade venérea; assim como as coisas colocadas em lugares fétidos se tornam fétidas e as colocadas em local aromático se tornam aromáticas e adquirem sabor doce.

Os quatro cantos da Terra também pertencem a essa matéria. Assim, quem quiser colher uma erva saturnina, marcial ou joviana deve olhar para o leste, ou sul, em parte porque desejam ser orientais,⁹ em parte porque suas principais causas, ou seja, Aquário, Escorpião, Sagitário, são signos do sul, assim como Capricórnio e Peixes. Mas aqueles que desejarem uma erva venérea, mercurial ou lunar, devem visar ao oeste, porque eles se deleitam como fato de ser do oeste; do contrário devem olhar para o norte, pois suas principais casas, ou seja, Touro, Gêmeos, Câncer, Virgem, são signos do norte. Assim, em qualquer trabalho solar, devemos mirar o leste, ou Sol, mas particularmente para o corpo e luz solares.

Notas - Capítulo XLVIII

1. “Há outro fato maravilhoso, também mencionado, com referência ao cuco: se no local em que uma pessoa ouve esse pássaro pela primeira vez, deve traçar o espaço ocupado por seu pé direito e depois escavar a terra, evitará a procriação de pulgas, onde quer que seja jogado” (Plínio 30.25 [Bostock e Riley, 5:450]).
2. “A poeira do rastro de uma cobra, salpicada entre as abelhas, as fará retornar à colmeia” (Plínio 30.53) [Bostock e Riley, 5:469-70]).
3. “A poeira na qual uma mula tenha se espojado, se for passada sobre o corpo, alivia as chamas do desejo” (*Ibid.*, 469).
4. “... a poeira, por exemplo, na qual um gavião tenha se espojado, se for amarrada em um pedaço de linho com um fio vermelho e presa ao corpo [é boa contra a febre quartã]...” (Plínio 30.30 [Bostock e Riley, 5:453-4]).

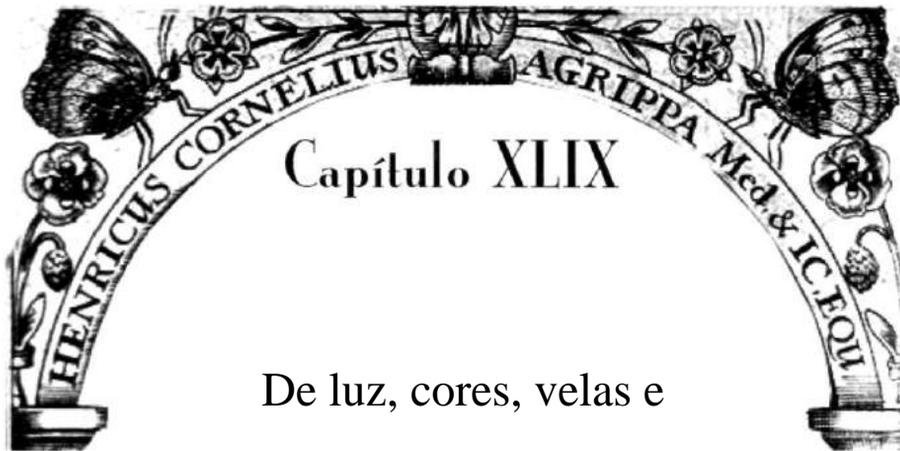
5. “E, ainda mais que isso, uma pequena pedra tirada do ninho de uma andorinha aliviará o paciente no momento em que for aplicada, dizem; também a minhoca, como amuleto, sempre protege contra esse mal” (Plínio 30.27 [Bostock e Riley, 5:451-2]).

6. Se um prego de ferro for enfiado no local onde se apoiou a cabeça de um homem que teve um ataque de epilepsia, supostamente o cura dessa doença” (Plínio 28.17 [Bostock e Riley, 5:299]).

7. Cícero menciona essa erva como um mau presságio: “Muitos outros sinais, nessa época, anunciavam aos espartanos as calamidades da batalha de Leuctra; pois em Delfos, sobre a estátua de Lisandro, que foi o mais famoso dos lacedemônios, apareceu de repente uma guirlanda de ervas espinhosas silvestres” (“De divinatione” 1.34. In *The Treatises of M. T. Cícero*, traduzido para o inglês por C. D. Yonge [Londres: Bell and Daldy, 1872], 176. Ele diz ainda que essas plantas cresciam de sementes depositadas por pássaros (2.32).

8. Câmaras de conselho.

9. “Ser oriental nada mais é que se levantar diante do Sol” (W. Lilly, *Christian Astrology* (1647), cap. 19, p.114, citado do OED, “oriental”). Portanto, a erva deve ser colhida no momento do nascer do Sol.



De luz, cores, velas e
lâmpadas, e a quais estrelas, casas
e elementos várias cores são
atribuídas



luz também é uma qualidade que partilha muito da forma e é um ato simples e uma representação do entendimento: ela é difundida, em primeiro lugar, na mente de Deus para todas as coisas, mas em Deus Pai, o pai da luz, é a primeira luz verdadeira; depois no Filho, um lindo brilho transbordante; e no Espírito Santo, um brilho incandescente, excedendo todas as inteligências, sim, como dizia *Dionísio*, de Serafins.¹

Nos anjos, portanto, ela é uma inteligência brilhante difusa, um gozo abundante além de todos os limites da razão, porém recebida em diferentes graus, de acordo com a natureza da inteligência que a recebe. E, então, ela desce aos corpos celestes, nos quais se torna um depósito de vida e uma verdadeira propagação, até um esplendor visível. No fogo, uma certa vivacidade natural infundida nele pelos céus. E por fim, nos homens, ela é um discurso claro da razão e o conhecimento de coisas divinas e toda a faculdade racional: mas é múltipla, ou

pela disposição do corpo, como afirmam os peripatéticos, ou - o que é mais verdadeiro - pelo grande prazer daquele que a concede, que lhe dá a quem ele quer.

Daí ela passa para a imaginação, porém acima do sentido e apenas imaginável, e de lá para os sentidos, principalmente dos olhos; neles, ela se torna uma claridade visível e é estendida a outros corpos perspicuos,² nos quais se torna uma cor e uma beleza brilhante; mas, nos corpos escuros, ela é sem dúvida uma virtude benéfica e generativa e penetra até o próprio centro, onde, tendo seus raios coletados em um lugar estreito, ela se torna um calor escuro, atormentador e escaldante, de modo que todas as coisas percebem o vigor da luz de acordo com sua capacidade, todas as quais se juntando a ela com um calor vivificante e passando através de todas as coisas que, por sua vez, transmitem sua qualidade e suas virtudes também através de todas as coisas.

Por isso os magos proíbem que a urina de homem doente³ seja

borrifada na sombra de um homem doente ou descoberta sob o Sol ou a Lua, porque os penetrantes raios da luz, trazendo subitamente consigo as nocivas qualidades dos corpos doentes, transmitem-nas ao corpo oposto e o afetam com uma qualidade da mesma espécie. É por essa razão que os encantadores tomam o cuidado de cobrir seus encantamentos com sua sombra. E é assim que a civeta⁴ deixa todos os cães mudos com o mero toque de sua sombra.

Algumas luzes também são artificiais, tais como lâmpadas, tochas, velas e outras, e licores oportunamente escolhidos de acordo com a regência das estrelas e compostos entre si de acordo com a congruência delas, que, quando são iluminadas e brilham por si, tendem a produzir alguns efeitos maravilhosos e celestiais, os quais são muitas vezes admirados pelos homens, como *Plínio* relata de *Anaxilau*, de um veneno das éguas⁵ após a copulação que, ao ser aceso em tochas, representa monstruosamente uma imagem de cabeças de cavalo: o mesmo se pode dizer de asnos e moscas que, misturados com cera e aceso, criam uma estranha imagem de moscas; e a pele de uma serpente acesa em uma lâmpada faz aparecerem serpentes.

E dizem que, quando as uvas estão em flor, se alguém amarrar a elas um frasco cheio de óleo, e lá deixar até elas amadurecerem, e depois o óleo for aceso em uma lâmpada, faz com que sejam vistas uvas. E o mesmo com outras frutas. Se a centáurea⁶ for misturada com mel e sangue de um abibe e colocada em uma lâmpada, quem ficar perto parecerá muito maior do que é: e se ela for acesa em uma noite clara, as estrelas parecerão

mais espalhadas.⁷ A mesma força existe na tintura de um choco, que, ao ser colocada em uma lâmpada, faz aparecer imagens de mouros negros.⁸ Também se relata que uma vela feita de certas coisas saturninas, quando acesa, se for apagada na boca de um homem recém-morto, trará posteriormente grande tristeza e medo àqueles que estiverem perto dela. *Hermes* fala mais dessas tochas e lâmpadas; também *Platão* e *Chyranides*, e dos escritores de época posterior, *Alberto*, em um tratado⁹ desse tema em particular.

As cores também são tipos de luzes que, misturadas com coisas, tendem a expô-las àquelas estrelas com as quais são mais compatíveis. Falaremos, depois, de algumas cores que são as luzes dos planetas, por meio das quais até a natureza das estrelas fixas é compreendida, o que também pode se aplicar às chamas das lâmpadas e das velas. Mas, por ora, explicaremos como as cores de coisas mistas inferiores são distribuídas entre os diversos planetas.

Pois todas as cores, preta, lúcida, terrosa, chumbo, marrom, têm relação com Saturno. A safira e as cores do ar, e aquelas que são sempre verdes, claras, roxas, escuras, douradas, misturadas com prata, pertencem a Júpiter. As cores vermelhas e incandescentes, de fogo ou de chama, violeta, roxa, vermelho-sangue e cores ferrosas, assemelham-se a Marte. Dourado, açafião, roxo e cores brilhantes se assemelham ao Sol. Mas todas as brancas, claras, curiosas, verdes, avermelhadas, entre açafião e roxo, se aproximam de Vênus, Mercúrio e da Lua.

Ademais, entre as casas do céu,¹⁰ a primeira e a sétima têm cor branca; a segunda e a décima segunda, verde; a terceira e a décima primeira, açafião; a quarta e a décima, vermelha; a quinta e a nona, cor-de-mel; a sexta e a oitava, preta.

Os elementos¹¹ também têm cores, pelas quais os filósofos naturais julgam a compleição e a propriedade de sua natureza; pois uma cor terrosa, causada por frio e seca, é marrom e preta, e manifesta cólera negra e uma natureza saturnina; o azul pendendo para o branco denota muco, pois o frio causa o branco, a umidade; e a secura, o preto; cores avermelhadas mostram sangue, mas um vermelho fogo, ardente, produz cólera, que por razão de sua sutileza e aptidão para misturar com outras produz diversas cores, pois se essa cor for misturada com sangue, e o sangue for predominante, cria um vermelho-corado; se a cólera predominar, o resultado é uma

tonalidade avermelhada; se houver uma mistura igual, o resultado é um vermelho triste. Mas se um vermelho cólera adusto for misturado com sangue, produz um vermelho-cânhamo, vermelho, se o tom de sangue predominar, e vermelho mais claro, se o que predominar for o vermelho-cólera. Se, no entanto, for misturado com um humor melancólico e com muco, em igual proporção, produz a cor de cânhamo; na abundância de cânhamo, o resultado é cor-de-lama; no caso de melancolia, um bom azulado; se a mistura for só com muco, em igual proporção, resulta em uma cor citrina; em proporção desigual, um tom pálido.

Todas as cores prevalecem mais em sede, ou em metais, ou em substâncias perspícuas, ou pedras preciosas; e naquelas coisas que se assemelham a corpos celestes em cor, principalmente em seres vivos.

Notas - Capítulo XLIX

1. A ordem angelical superior.
2. Transparentes ou translúcidos.
3. Os adeptos da magia proibem terminantemente que uma pessoa preste a urinar desnuda o corpo na frente do Sol ou da Lua ou que borrife sua urina na sombra de qualquer objeto. Hesíodo [Obras e Dias, linha 727] recomenda que as pessoas que queiram urinar contra um objeto façam a urina descer sempre na frente deles, para que nenhuma divindade se ofenda com a nudez revelada (Plínio 28.19 [Bostock e Riley, 5:301]).
4. Isto é, a hiena.
5. “Anaxilau nos garante que, se um líquido escorrido de uma égua, quando coberta, for aplicado ao pavio de uma lâmpada, produzirá uma representação fantástica de cabeças de cavalo; e o mesmo acontece com a asna” (Plínio 28.49 [Bostock e Riley, 5:339-40]). Trata-se do segundo tipo de hipômane - ver nota 20, cap. XLII, l. I.
6. Planta que recebe o nome de Chiron (ou Quirón), o centauro, que teria descoberto suas propriedades medicinais. Os antigos reconheciam duas espécies, a centáurea maior e a menor, consideradas, respectivamente, centáurea amarela (*Chlora perfoliata*) e centáurea comum (*Erythraea centaurea*). A planta a que Agrippa se refere é provavelmente a centáurea comum.
7. *espalhadas* -

Os bruxos [magos] dizem que essa erva tem uma virtude maravilhosa, pois, se for misturada com o sangue de um abibe fêmea e colocada com óleo em uma lâmpada, todos os que forem por ela iluminados se julgarão bruxos, de modo que um pensará no outro

como tendo a cabeça no céu e os pés na terra. E se tal composição for posta no fogo, quando as estrelas brilham, estas parecerão se chocar e brigar (*Livro dos Segredos* 1.13 [Best e Brightman, 13]).

8. Uma luz que faz os rostos dos homens parecerem pretos é mencionada em “Maravilhas do mundo” 63 (Best e Brightman, 103). Não é necessária a tintura do cocho.

9. Provável referência às “Maravilhas do mundo”, uma obra que é apêndice de *O livro dos Segredos*, atribuído a Alberto Magno.

10. A atribuição de cores às casas do zodíaco mostra uma simetria bilateral em volta do eixo Áries-Libra. Essa estrutura se baseia no sistema de signos que mandam e obedecem na Astrologia (ver nota 8, cap. L, l. II).

11. Essas cores se referem a tons de pele, com base no relacionamento direto entre os elementos e os humores físicos - ver Apêndice IV.

- △ Fogo: Cólera (quente - seco)
- △ Ar: Sangue (quente - úmido)
- ▽ Água: Muco (frio - úmido)
- ▽ Terra: Melancolia (frio - seco)

Cólera queimada parece ser o que Burton chama de humor adoentado, uma forma aberrante de cólera. Às atribuições estão codificadas abaixo. “P” indica o humor predominante.

- ▽ — marrom - preto
- ▽ — azul - branco
- △ — vermelho-opaco
- △ — amarelo-fogo
- adusto △ — amarelo opaco
- △ + △ (P) — vermelho-corado
- △ (P) + △ — avermelhado
- △ + △ — vermelho-triste
- adusto △ + △ — cânhamo
- adusto △ + △ (P) — vermelho
- adusto △ (P) + △ — avermelhado
- adusto △ + ▽ — preto
- adusto △ + ▽ + ▽ — cânhamo
- adusto △ + ▽ + ▽ (P) — lama
- adusto △ + ▽ (P) + ▽ — azulado
- adusto △ + ▽ — citrino
- adusto △ + ▽ (desigual) — pálido
- adusto — pálido + (desigual)



Da fascinação e sua arte



fascinação é uma forma de amarração que vem do espírito do bruxo ou da bruxa, atravessa os olhos daquele que é enfeitiçado e entra em seu coração.

Ora, o instrumento da fascinação é o espírito; ou seja, um certo vapor puro, lícido, sutil, gerado do sangue mais puro pelo calor do coração. Ele sempre emite, através dos olhos, raios como ele mesmo; e esses raios emanados levam consigo um vapor espiritual, e esse vapor, por sua vez, um sangue, como se vê em olhos vermelhos e turvos, cujos raios são emitidos para os olhos de quem está defronte, olha direto para eles, e carrega o vapor do sangue corrupto e, por meio do contágio, infecta os olhos do observador com a mesma doença.

Assim, o olho aberto e fixo em alguém com forte imaginação solta seus raios, que são o veículo do espírito, nos olhos daquele que estiver defronte; e o delicado espírito toca os olhos do enfeitiçado, daquele que se abala pelo coração do que enfeitiça, e toma o peito desse enfeitiçado, fere-lhe o coração e infecta-lhe o espírito. Como dizia *Apuleio*,¹ teus olhos descem por meus olhos até meu peito

mais íntimo e atíça o mais violento ardor em meu tutano.

Sabia, portanto, que é mais comum os homens se tornarem enfeitiçados quando, ao olhar para alguém, miram de soslaio² a pessoa que de soslaio os mira, quando os olhos de ambos se encontram fixamente e quando raios se juntam a raios, e luzes a luzes, pois nesse momento o espírito de um se junta ao espírito de outro, fixando as centelhas: assim são feitas fortes ligações,³ e a maior parte dos amores veementes se inflam com os únicos raios dos olhos, como se fossem dardos, ou com um golpe penetrando todo o corpo, de onde o espírito e o sangue amoroso ferido são projetados para o amante, o encantador, não diferente do sangue e do espírito de vingança daquele que é morto projetados sobre aquele que o matou. É nesse sentido que *Lucrécio* cantava,⁴ referindo-se a tais encantamentos amorosos:

O corpo é atingido, e a mente ferida

Com as flechas de Cupido, cega.

Todas as partes cientes estão da ferida,
mas sabem

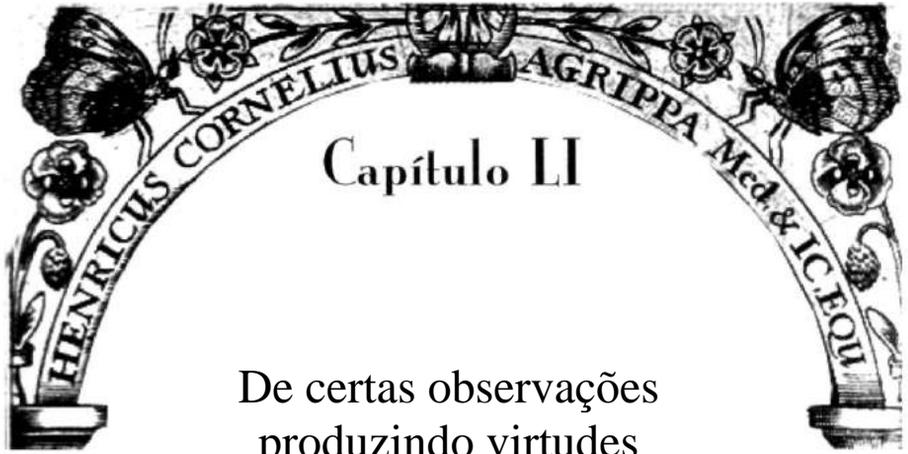
Que o sangue surge naquela que o golpe
recebeu.

Grande assim é o poder da fascinação, principalmente quando os vapores dos olhos são subservientes à afeição. Por isso, bruxas e bruxos usam colírios, unguentos, ligações, e coisas assim, para afetar e corroborar o espírito dessa ou daquela maneira. Para produzir amor, usam co-

lírios venéreos, como hipômanes e sangue de andorinha, de pardal ou outros semelhantes. Para induzir medo, usam colírios marciais, como os olhos dos lobos, da civeta, e semelhantes. Para gerar amargura e tristeza, ou doença, usam saturninos e o resto.

Notas - Capítulo L

1. “Sou tão fascinado e dominado por teus olhos brilhantes, tuas faces ruborizadas e teu cabelo reluzente que nem posso pensar em partir ou distanciar-me de ti, mas acalento o prazer que terei contigo esta noite, acima de todos os prazeres do mundo” (Apuleio, *O asno de ouro*, cap. 15 [Adlington]).
2. Pelo canto dos olhos.
3. Amarrações.
4. *Sobre a natureza das coisas* l. 4, c. linha 1042 em diante. Lucrécio faz uma analogia dizendo que, assim como o sangue corre para a arma e para o inimigo que a sacou em batalha, também o coração pula na direção do indivíduo que o fere de amor.



De certas observações produzindo virtudes maravilhosas



izem que determinados atos e observações¹ têm um certo poder das coisas naturais que, acredita-se, podem ser expelidos e direcionados de uma ou outra maneira. Nesse sentido, diz-se que a febre quartã pode ser afastada se as aparas de unhas do paciente forem amarradas ao pescoço de uma enguia viva em um pedaço de linho e ela for solta na água. E *Plínio* diz que as aparas de unhas² do pé de um homem doente, misturadas com cera, curam a febre quartã, terçã e malária cotidiana;³ se antes do nascer do Sol forem amarradas no portão da casa de outro homem, curarão todas essas doenças. Do mesmo modo, se todas as aparas de unhas forem colocadas em cavernas de formigas,⁴ dizem que aquela que começar a pegar as unhas deve ser pega e amarrada ao pescoço, e assim a doença será eliminada.

Dizem também que com uma madeira atingida por relâmpago⁵ e colocada atrás das costas com as mãos, qualquer doença pode ser curada, e quanto à febre quartã, um pedaço de prego de uma forca envolto

em lã e pendurado no pescoço pode curar. Também uma corda produz o mesmo resultado se for tirada da forca e escondida debaixo do solo para que o Sol não a ilumine.⁶ Também a garganta daquele que teve inflamação ou inchaço grave, se for tocada pela mão de um homem que teve morte prematura,⁷ é curada imediatamente.

Diz-se ainda que uma mulher encontra alívio de suas dores de parto, se alguém colocar na cama em que ela estiver deitada uma pedra, ou um dardo, com os quais um destes animais - homem, javali ou urso - tenha sido morto. O mesmo efeito é produzido por uma lança que seja tirada do corpo de um homem, desde que ela não toque o chão; também se diz que flechas arrancadas do corpo de um homem que ainda não tocaram a terra, se colocadas debaixo de alguém que está deitado, produzirá amor; e, ainda, que qualquer doença debilitante é curada por carne preparada de um animal selvagem, morto do mesmo modo que um homem é morto.⁸

Fala-se também que os olhos de um homem lavados três vezes com uma água que ele tenha usado para

lavar os pés⁹ nunca doerão nem ficarão embaçados. Diz-se que alguns curam doenças das virilhas com um fio tirado do tear de um tecelão, amarrado em nove ou sete nós, com o nome de alguma viúva sendo citado a cada nó.¹⁰ Também o baço de animal de gado estendido sobre o baço dolorido o cura, se aquele que o aplicar disser que está aplicando um remédio ao baço para curá-lo e aliviá-lo: depois disso, dizem, o paciente deve ser trancado em seu quarto, a porta selada com um anel e alguns versos repetidos 19 vezes.¹¹

A urina de um lagarto verde¹² cura a mesma doença, se for colocada em um ponto e pendurada no quarto do paciente para que ele possa, ao entrar e sair, tocá-la com a mão. Também um lagarto morto¹³ na urina de um bezerro, conta-se, restringe a luxúria de quem a usa; aquele que coloca sua urina na urina de um cão¹⁴ torna-se indiferente aos venéreos e experimenta um amortecimento nas virilhas. Dizem que se a urina de uma pessoa for derramada sobre o pé¹⁵ pela manhã, ela é um remédio contra todos os artificios malignos. E uma pequena rã subindo uma árvore, se alguém lhe cuspir na boca e depois deixá-la fugir, supostamente cura tosse.¹⁶

É uma coisa fantástica, mas fácil de experimentar aquilo de que fala *Plínio*, se alguém se arrepender por alguma pancada que desferiu contra outro, perto ou longe, e se em seguida cuspir no meio da mão que desferiu a pancada, a parte agredida logo se livrará da dor. Isso foi verificado em um animal de quatro patas que fora gravemente ferido. Alguns artificios, porém, agravam a pancada antes

mesmo de desferi-la.¹⁷ Do mesmo modo, saliva carregada na mão, ou cuspidas no sapato do pé direito antes de ser calçado, é boa quando alguém passa por algum lugar perigoso.¹⁸

Dizem que os lobos não entram em um campo se um dos animais for pego e tiver uma perna quebrada e dele for tirado, pouco a pouco, com uma faca, sangue, e espalhado pela periferia do campo, sendo o próprio lobo enterrado naquele lugar de onde foi inicialmente tirado.¹⁹ Os metanenses, cidadãos de Trezenium, consideravam o seguinte um remédio para preservação das vinhas contra dos danos do vento sul, tendo com isso experiência comprovada: enquanto o vento soprar, um galo branco for dividido em pedaços pelo meio por dois homens, cada um guardando sua parte e andando em torno do vinhedo até se encontrarem no lugar de onde partiram, e lá enterrar os pedaços do galo. Dizem também que se alguém segurar uma víbora sobre um vapor com um bastão, tal pessoa desenvolverá o dom da profecia, e o bastão com que a víbora foi golpeada é bom contra doenças de mulheres que estão amamentando. Essas coisas são recitadas por *Plínio*.

Também se diz que, ao colher raízes e ervas, devemos desenhar antes três círculos em volta delas com uma espada, depois escavar, sempre atentos para o vento contrário. E dizem também que, se alguém medir um homem morto com uma corda, primeiro do cotovelo ao dedo maior, depois do ombro ao mesmo dedo e, por fim, da cabeça aos pés, fazendo três vezes essas mensurações, caso alguém seja medido com a mesma corda, da

mesma maneira, não prosperará, mas será desafortunado, cairá na miséria e tristeza.

E *Alberto* dizia que, se uma mulher o enfeitiçar para amá-la, pegue os lençóis em que ela se deita e urine através da toca da mulher²⁰ e de sua manga direita, fora de casa, e o feitiço será quebrado. E *Plínio* dizia que, se se sentar ao lado de uma mulher grávida, ou quando um remédio é dado a ela, e juntar os dedos como os dentes de um pente,²¹ é uma espécie de encantamento. Isso se conheceu por experiência, com *Alcmena* criando *Hércules*: e o efeito é muito pior se isso for feito perto de um joelho ou dos dois.

Também sentar com as pernas cruzadas²² é um feitiço; por isso era proibido se sentar nessa posição nos conselhos de príncipes e governantes, pois todos os procedimentos seriam, assim, impedidos. E diz-se ainda que, se alguém ficar de pé diante da porta e chamar pelo nome o homem que estiver do outro lado, deitado com uma mulher, e este responder e, em seguida, for amarrada à porta uma faca ou agulha e depois quebrada, com a ponta sempre para baixo, aquele que estiver na cama com a mulher não poderá copular com ela enquanto tais coisas se encontrarem lá.

Notas - Capítulo LI

1. Observâncias.

2. Eu darei um exemplo de uma das mais sensatas de suas prescrições - Pegue as aparas

das unhas dos pés e das mãos de uma pessoa doente, misture-as com cera, enquanto o paciente diz que está procurando um remédio para a febre terçã, quartã ou malária cotidiana, conforme for o caso; em seguida, grude a mistura com cera, antes do nascer do Sol, sobre a porta de outra pessoa - essa é prescrição que eles dão para essas doenças! Que pessoas mentirosas devem ser, se isso não for verdade! E que criminosas se transferirem doenças de uma pessoa para outra! Algumas dessas pessoas, cujas práticas são de natureza menos culpada, recomendam que as aparas de todas as unhas dos dedos sejam jogadas na entrada de formigueiros, e a primeira formiga que tentar levar uma para dentro, dizem, deve ser aplicada ao pescoço do paciente, e ele terá uma cura rápida (*Plínio* 28.23 [Bostock e Riley, 5:307]).

3. Uma febre que se manifesta todos os dias.

4. Formigueiros.

5. “Um pedaço de madeira que tenha sido atingido por relâmpago, segurado nas mãos atrás das costas, e depois aplicado ao dente, é um remédio infalível para dor de dente” (*Plínio* 28.11 [Bostock e Riley, 5:293]).

6. “Também em casos de febre quartã, eles pegam um fragmento de um prego de uma cruz, ou um pedaço de cabresto usado para crucifixação, e, após envolvê-lo em lã, aplicam-no ao pescoço do paciente; tomando cuidado, quando ele se recuperar, de escondê-lo em algum buraco no qual a luz do Sol não possa penetrar” (*Ibid.*).

7. Escrúfala, inflamações das glândulas parótidas e doenças da garganta, dizem, podem ser curadas pelo contato da mão de uma pessoa que foi levada por uma morte prematura; de fato, alguns afirmam que qualquer cadáver produz o mesmo efeito, desde que seja do mesmo sexo do paciente, e que a parte afetada seja tocada com o dorso da mão esquerda (*Ibid.*, 292-3).

8. Dizem que, se uma pessoa pega uma pedra ou outro objeto arremessado que tenha matado três criaturas — um homem, um javali e um urso — com três pancadas e a jogar por cima do telhado de uma casa na qual se encontra uma mulher grávida, o parto dela, ainda que difícil, será acelerado. Em tal caso, também, um bom resultado será muito provável, se for usada uma lança

de infantaria leve, tirada do corpo de um homem sem tocar a terra; de fato, se ela for levada para dentro de casa, produzirá um efeito semelhante. Do mesmo modo, também, vemos declarado nos escritos de Orfeu e de Arquelau que flechas tiradas de um corpo humano sem tocar o solo e colocadas debaixo da cama terão efeito de um filtro; e, mais importante ainda, é uma cura para epilepsia, se o paciente comer a carne de um animal abatido com uma arma de ferro com a qual um ser humano tenha sido morto (Plínio 28.6 [Bostock e Riley, 5:288]).

9. “Garantem-nos, também, que, se as pessoas, ao lavar os pés, tocarem os olhos três vezes com a água, nunca estarão sujeitas a oftalmia ou outras doenças dos olhos” (Plínio 28.10 5:292).

10. “Para a cura de alguns tumores inguinais, algumas pessoas pegam um fio de velha teia e, após fazer nele sete ou nove nós, mencionando a cada nó o nome de uma ou outra viúva, aplicam-no à parte afetada” (Plínio 28.12 [Bostock e Riley, 5:294]).

11. De acordo com as prescrições dadas pelos magos, um baço fresco de ovelha é a melhor aplicação para dores no baço, com a pessoa que o aplica pronunciando estas palavras:

“Isto eu faço pela cura do baço.” Feito isto, é ordenado que o baço seja coberto com cimento na parede do quarto de dormir do paciente, e selado com um anel, com um encantamento sendo repetido três vezes, por nove vezes (Plínio 30.17 [Bostock and Riley, 5: 439-40]). Marcus Empiricus diz que o encantamento a ser repetido 27 vezes é o mesmo já mencionado por Plínio. Ver também o remédio para baço que envolve um baço de bezerro (Plínio 28. 57 [Bostock and Riley. 5:345]).

12. “Um lagarto verde tem um efeito medicinal, suspenso vivo em um recipiente de terra na entrada do quarto do paciente, o qual, sempre que entrar ou sair, deve tocá-lo com a mão...” (Plínio 30.17 [Bostock e Riley, 5:440]). Para a mesma cura contra a quartã, ver Plínio 30.30 [Bostock e Riley, 5:456]. É um encantamento de transferência. O toque transmite a doença ao lagarto, que morre no ato, supostamente de problemas no baço, mas, na realidade, por fome e falta de água.

13. “Um lagarto afogado na urina de um homem tem um efeito afrodisíaco sobre a pessoa que urinou; pois esse animal pode ser considerado uma espécie de filtro, dizem os magos” (Plínio 30.49 [Bostock e Riley, 5:467]).

14. “Se um homem urina em cima da urina de um cão, ele perderá a vontade de copular, dizem” (*Ibid.*, 468).

15. “Osthames afirma que todo aquele que derramar um pouco de urina em cima do pé, pela manhã, ficará imune contra todos os medicamentos nefastos” (Plínio 28.19 [Bostock e Riley, 5:301]).

16. A doença é, portanto, transferida por meios mágicos à rã, que a carrega consigo. Frazer registra o verdadeiro uso dessa cura:

Em Cheshire, o mal conhecido como asma, que afeta a boca ou a garganta de bebês, costuma ser tratado da mesma maneira [por exemplo, cuspir na boca de uma rã para curar dor de dente]. Uma rã jovem é segurada por alguns momentos com a cabeça dentro da boca do paciente —, ao qual ela trará alívio —, pegando para si a doença. “Eu lhe garanto”, disse uma velha senhora que vivera tal cura, “que nós ouvíamos a pobre rã tossindo e arfando, de um jeito feio, por dias depois; dava uma dor no coração ouvir a pobre criatura tossir daquele jeito no jardim.” (J. G. Frazer, *The Golden Bough*, cap. 55, sec. 4 [Nova York: Macmillan, 1951, edição compacta], 631).

17. O que vamos dizer é fantástico, mas pode ser facilmente testado por experiência: se uma pessoa se arrepende de um golpe desferido contra outra pessoa pela mão ou com projétil, só o que ela tem a fazer é cuspir imediatamente na mão que infligiu o golpe e todos os sentimentos de ressentimento serão aliviados na pessoa agredida. Isso também pode ser verificado com frequência no caso de animais de carga, quando apanham para trabalhar; pois quando tal remédio é adotado, o animal imediatamente acelera o passo e melhora o ritmo. Algumas pessoas, porém, antes de fazer tal esforço, cospem na mão do modo descrito acima, para fazer com que o golpe seja mais pesado (Plínio 28.7 [Bostock e Riley, 5:289]).

18. “Também entre os contra-feitiços são consideradas as práticas de cuspir na urina no momento em que ela é expelida, cuspir no sapato do pé direito antes de calçá-lo e cuspir enquanto uma pessoa estiver passando por um lugar onde corra algum tipo de perigo” (*Ibid.*, 290).

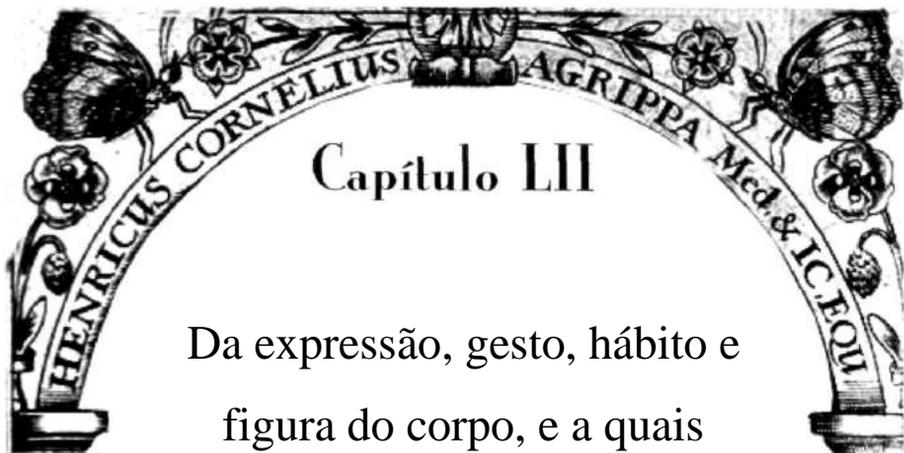
19. “Os lobos nunca se aproximarão de um campo onde um lobo tenha tido uma perna quebrada e a garganta cortada, com o sangue se esvaindo pouco a pouco e derramado na periferia do campo, além de ter o corpo enterrado no ponto de onde foi tirado” (Plínio 28.81 [Bostock e Riley, 5:367]).

20. O livro *Kimmides*, mencionado em *O Livro dos Segredos*: “... Eu pessoalmente, Alberto, descobri a verdade em muitas coisas e suponho que a verdade se encontre em alguma parte do livro de Kiranides...” (*Livro dos Segredos* 1.1 (Best e Brightman, 3). Esse feitiço, ou simpatia, porém, não aparece na edição de Oxford do *Livro dos Segredos*. Talvez apareça uma versão diferente do texto, ou nas próprias obras de Alberto Magno.

21. Sentar-se ao lado de uma mulher grávida ou de uma pessoa que esteja tomando

algum remédio com os dedos das mãos entrecruzados funciona como um encantamento mágico; uma descoberta feita, segundo dizem, quando Alcmena teve Hércules. Os dedos nessa posição, agarrados em um ou nos dois joelhos ou se uma perna for cruzada sobre a outra e depois mudada, o augúrio terá um significado pior ainda. É por isso que nos conselhos, realizados por generais e pessoas de autoridades, os nossos ancestrais proibiam essas posturas, pois elas atravancavam todas as negociações (Plínio 28.17 [Bostock e Riley, 5:298]). Ver também Ovídio, *Metamorfoses*.

22. Ver nota anterior.



Da expressão, gesto, hábito e
figura do corpo, e a quais
estrelas cada um responde; onde se
originam a fisionomia, a
metoposcopia e a quiromancia



expressão, o gesto, o movimento, a disposição¹ e a figura do corpo, sendo-nos accidental, possibilitam o recebimento de dons celestiais e nos expõem aos corpos superiores, produzindo certos efeitos em nós, como, por exemplo, no heléboro, que, quando colhido, se tiver a folha puxada para cima, atrai os humores para cima e causa vômitos; se puxada para baixo, causa purgação, atraindo o humor para baixo.

Ninguém ignora, tampouco, o quanto a expressão e o gesto afetam a visão, a imaginação e o espírito animal. A maioria dos homens é propensa a deixar uma impressão nos filhos gerados, de acordo com a expressão que eles mesmos formam ou imaginam:² nota-se, ainda, que a expressão alegre de um príncipe na cidade deixa o povo alegre; mas, irado e triste, apavora o povo; o gesto e a expressão de alguém se lamentando conduzem facilmente à comiseração, enquanto o

comportamento de uma pessoa amável leva com facilidade ao amor.

Saiba que tais gestos e figuras, como harmonias do corpo, expõem-nos tanto aos celestiais quanto aos odores e o espírito de um medicamento, assim como as paixões interiores o fazem com a alma. Pois assim como os remédios e as paixões da mente são aumentados por certas disposições do céu, também o gesto e o movimento do corpo sofrem efeitos de certas influências dos céus.

Pois há gestos que se aproximam de Saturno, e que são melancólicos e tristes, como o arfar do peito e o latejar da cabeça; outros são religiosos, como curvar os joelhos e o olhar fixo para baixo, como na pessoa que ora, e também o choro e outros do tipo, praticados por um homem austero e saturnino, como descreve o Satirista,³ dizendo:

Cabisbaixo, com os olhos fixos no chão,
Suas palavras ferinas, e seu murmúrio,

Assim ele se expressa com os lábios amuados

Uma expressão animada e honesta, um gesto de devoção, bater palmas, como que em regozijo e louvor; também dobrar o joelho com a cabeça erguida, como quem está em adoração, são atribuídos a Júpiter. Já as expressões e os gestos duros, amargos, ferozes, cruéis, zangados são atribuídos a Marte. Solares são as expressões e gestos honoráveis e corajosos: também o caminhar a passos largos, dobrar o joelho, como em reverência a um rei. Venéreos são as danças, os abraços, o riso e as expressões amáveis e alegres. Mercuriais são as expressões e os gestos inconstantes, rápidos, variáveis e outros do gênero. E lunares são os infantis, venenosos, móveis e do gênero.

E assim como falamos dos gestos, também as formas dos homens são distintas. Pois Saturno induz um homem a ser de uma cor negra e amarela e de pele fraca, irregular e dura, com veias grandes e pelos por todo o corpo, olhos pequenos, testa franzida, barba rala, lábios grandes, olhos fixos no chão, andadura pesada, do tipo que bate os pés ao pisar, ardiloso, esperto, sedutor e assassino.

Júpiter é próprio de um homem de cor pálida, vermelho-escuro, corpo belo, boa estatura, corajoso, olhos grandes, não totalmente pretos, pupilas grandes, narinas curtas, não iguais,⁴ dentes grandes, cabelo ondulado, de boa disposição e boas maneiras.

Marte torna um homem ruborizado, de cabelos ruivos, rosto redondo, olhos amarelados, de aparência acentuada e terrível, audacioso, animado, orgulhoso, ardiloso.

O Sol dá ao homem uma cor fulva, entre amarela e preta, marcada de traços vermelhos, baixa estatura, mas corpo bonito, pouco cabelo e ondulado, olhos amarelos; ele é sábio, fiel e aprecia elogios.

Vênus é próprio do homem com tendência para uma cor negra, porém mais branca, com mistura de vermelho, com um corpo belo, rosto claro e redondo, cabelos claros, olhos claros, cujas pupilas se destacam mais,⁵ boas maneiras e um amor sincero; também é paciente, gentil e animado.

Mercúrio indica um homem não muito branco ou preto,⁶ de rosto alongado, com testa alta, olhos claros, não pretos, nariz reto e longo, barba rala, dedos longos; é engenhoso, um sutil inquisidor, renegado e suscetível a muitos desígnios.

A Lua indica um homem de cor branca, misturada com um pouco de vermelho, estatura mediana, rosto redondo, com algumas marcas, olhos não inteiramente pretos, testa franzida; é gentil, bondoso, sociável.

Os signos também, e suas faces, têm suas próprias figuras e formas; e aqueles que desejam conhecer mais disso devem procurar nos livros de Astrologia. E por último, entre essas figuras e gestos, a fisionomia,⁷ a metoposcopia⁸ e as artes de adivinhação; também a quiromancia, a previsão de eventos futuros não como causas, mas como sinais por meio de efeitos iguais, provocados pela mesma causa.⁹

E embora essas diversas espécies de adivinhações pareçam ser feitas por sinais inferiores e fracos, não devemos julgá-los como errados nem condená-los, quando os prognósticos são feitos por meio deles não por superstição, mas em virtude da

correspondência harmoniosa de todas as partes do corpo. Aquele que imitar melhor os corpos celestes, seja em natureza, estudo, ação, movimento, gesto, expressão, paixão da mente ou oportunidade do momento, mais semelhante será aos corpos celestes, podendo receber maiores dádivas deles.

Notas - Capítulo LII

1. Provavelmente a postura.
2. Esses traços fortes de semelhança provêm, sem dúvida, da imaginação dos pais, pelo que podemos crer, com razão, os quais em muitas circunstâncias casuais têm uma influência muito poderosa; como, por exemplo, a ação dos olhos, dos ouvidos ou da memória ou as impressões recebidas no momento da concepção. Até mesmo um pensamento, passando momentaneamente pela mente de um dos pais, pode produzir uma semelhança a um deles ou a uma combinação dos dois. Por isso, as

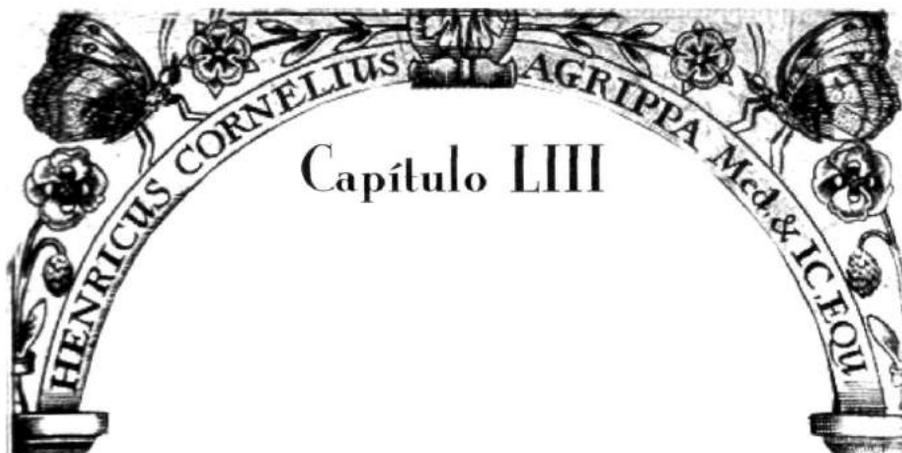


Metoposcopia

Extraído de *Metoposcopia*, de Jerome Cardan (Paris, 1658)

variedades são muito mais numerosas na aparência do homem que nos outros animais, considerando-se que no primeiro a rapidez das ideias, a agilidade de percepção e os variados poderes do intelecto tendem a imprimir nos traços marcas peculiares e diversificadas; enquanto no caso dos outros animais, a mente é imóvel e igual em todos os membros individuais da mesma espécie (Plínio 7.10 [Bostock e Riley, 2:146]).

3. Provavelmente Juvenal, embora eu não consiga localizar essa passagem nos escritos dele.
4. Um nariz torto, provavelmente empinado na ponta.
5. O negro das pupilas destaca-se mais por causa da palidez da íris.
6. Nem de pele muito clara nem de cabelos e olhos muito pretos.
7. Adivinhação pelas linhas e estrutura do rosto.
8. Adivinhação pelas linhas e forma da testa.
9. As linhas da mão ou do rosto não fazem os eventos ocorrerem, mas refletem as circunstâncias nas quais eles surgem, e são o resultado da mesma causa sobrenatural que forma a sorte.



á outras espécies de adivinhação que dependem de causas naturais e que são conhecidas por cada um em sua arte e experiência como sendo existentes nas mais diversas coisas; por meio das quais os médicos, lavradores, pastores, marinheiros e todos prognosticam a partir dos prováveis sinais. Muitas dessas formas de adivinhação *Aristóteles* menciona em seu *Livro dos Tempos*.¹

Entre elas, os augúrios² e os auspícios³ são os principais, os quais antigamente eram tão apreciados pelos romanos, que estes não faziam nenhuma transação pública ou privada sem o conselho dos augúrios: também *Cícero*, em seu *Livro de Adivinhações*, declara em bom tom que o povo de Etrúria nada fazia sem essa arte.⁴

Há diversos tipos de auspícios, alguns são chamados de pedestria,⁵ ou seja, a partir de animais de quatro patas; outros são chamados de auguria,⁶ de pássaros; outros são celestiais,⁷ a partir de trovões e relâmpagos; e alguns ainda de caduca,⁸ isto é, quando caíam no templo ou em outro lugar; alguns eram sagrados, feitos a partir de sacrifícios. Alguns desses auspícios era chamados de

piacula⁹ e auspícios tristes, como no caso de um sacrifício escapar do altar ou, ao ser atingido, soltar um urro, ou o golpe caía sobre uma parte do corpo diferente da que deveria ter caído. A estes se acrescenta a exauguração,¹⁰ ou seja, quando a vara caía da mão do áugure, com a qual era costume ver e registrar o auspício.

Michael Scotus faz distinção de 12 espécies de augúrios, a saber, seis na mão direita, cujos nomes ele cita como: fernova, fervertus, confert, emponenthem, sonnasarnova, sonasarvetus; e os outros seis na mão esquerda, cujos nomes são: confernova, confervetus, viaram, herrenam, scassarnova, scassarvetus.

Em seguida, ele explicava os augúrios. Fernova, por exemplo: se você sai de casa por qualquer motivo e, ao sair, vê um homem ou um pássaro em voo, e um ou outro para ao seu lado esquerdo, isso tem um bom significado em referência ao assunto de que você vai tratar.

Fervertus também é um augúrio. Quando, ao sair de sua casa, você vê um pássaro ou um homem descansando ao seu lado esquerdo, aquilo é um mau sinal em relação ao que você vai fazer.

Viaram: quando um homem ou um pássaro em voo passa diante de você, vindo do lado direito e dirigindo-se ao esquerdo até sair de seu campo de visão, esse é um bom sinal para o que você vai fazer.

O augúrio confervetiva consiste nisto: quando você vê um homem ou um pássaro em voo, e ele para perto de você, do lado direito, é um bom sinal em relação ao que você vai fazer.

Confervetiva também é um augúrio: quando você vê um homem ou um pássaro em voo, vindo do lado esquerdo, é um mau sinal para o que você vai fazer.

Scimasarviva é o seguinte augúrio: quando um homem ou um pássaro passa por trás de você e por você, mas antes disso para para descansar, e você o está vendo do lado direito, é um bom sinal.

Scimasarvetiva é o seguinte augúrio: quando você vê um homem ou pássaro atrás de você, parando naquele lugar antes de passar por você, isso também é um bom sinal.

Scassarvetiva é quando você vê um homem ou pássaro passar por você e parar em um lugar do seu lado esquerdo; isso é um mau sinal para você.

Emponenthem é quando um homem ou um pássaro vem do seu lado esquerdo, passa para o seu lado direito, sai de seu campo de visão sem parar; esse é um bom sinal.

Hartena também é um augúrio: se um homem ou pássaro vier de seu lado direito, passar por trás para o lado esquerdo e parar em qualquer lugar, é um mau sinal. Assim dizia *Scotus*.¹¹

Os antigos também prognosticavam a partir de espíritos, prática que *Homero*¹² menciona no 17º livro de suas *Odes*, pois eles acreditavam que os espíritos vinham de um lugar sagrado, a saber: a cabeça, em que o intelecto é vigoroso e operativo. Daí a pensarem que qualquer fala que viesse ao peito ou à mente de um homem levantando-se logo de manhã seria um presságio e um augúrio.

Notas - Capítulo LIII

1. Talvez uma obra espúria atribuída a Aristóteles. Não encontro menção a ela em lugar algum.

2. Uma espécie específica de adivinhação praticada pelo Colégio de Águres, em Roma, cujo dever era ler os presságios relacionados aos afazeres públicos. Os originais eram três, mas, na época de Júlio César, o número já tinha aumentado para 16, e Augusto César recebeu o poder de escolher quantos ele quisesse.

Havia cinco tipos oficiais de augúrios: (1) *ex coelo* (do céu): trovão, relâmpago, meteoros, cometas e outros fenômenos celestes; (2) *ex avibus* (de pássaros), que se subdividia em duas classes: (a) *alites*, o voo dos pássaros, especificamente a águia e o abutre; (b) *oscines*, a voz dos pássaros, especificamente a coruja, a gralha, o corvo e a galinha; (3) *ex tripudiis* (do toque dos pássaros): se um pássaro evacuava ou não enquanto comia o que era considerado um presságio favorável; (4) *ex quadrupedibus* (de animais): os movimentos e sons de animais e répteis de quatro patas; (5) *ex diris* (de avisos): qualquer incidente casual que pudesse prenunciar desastre.

Esses cinco tipos de augúrios eram divididos pelos antigos em duas classes: (1) *auspicia impetrativa*, sinais pedidos para orientação; e (2) *auspicia oblativa*, sinais ocorrendo de modo espontâneo. Os deveres do Colégio dos Águres giravam mais em torno da primeira classe. Todos os atos oficiais eram sancionados por augúrios favoráveis ou postergados até que os augúrios fossem mais auspiciosos.

3. Os augúrios eram originalmente chamados de auspícios, de *auspex* (observador de pássaros). Quando o termo *auspex* saiu de uso e foi substituído por *augur*, *auspicium* passou a ser usado como termo para a observação de sinais. Não só os áugures, mas também os magistrados de Roma, podiam ler auspícios, porém os augúrios eram exclusividades dos áugures. De um modo geral, os termos são usados como sinônimos.

4. Essa afirmação parece derivar da seguinte passagem:

Em primeiro lugar, dizem que o fundador desta cidade, Rômulo, a fundou não só em obediência aos auspícios, mas também porque ele mesmo era um áugure da mais alta fama. Depois deles, os outros reis também recorriam aos videntes, e depois da expulsão dos reis, nenhuma transação pública era efetuada, em casa ou em guerra, sem referência aos auspícios. E como parecia haver grande poder e utilidade no sistema dos videntes (*haruspices*), em referência ao sucesso das pessoas em alcançar seus objetivos, consultar os deuses, chegar a um entendimento do significado de prodígios e evitar os maus presságios, eles introduziram toda a sua ciência da Etrúria, para impedir que se permitisse a negligência de qualquer espécie de adivinhação (Cícero, *De divinatione* 1.2 [Yonge, 142-3]).

E ele acrescenta:

... tampouco serei convencido a pensar que toda a Etrúria é louca quanto à questão das entranhas de vítimas, ou que a mesma nação esteja totalmente errada acerca dos relâmpagos, ou que interprete os prodígios de modo errôneo...” (*Ibid.*, 1.18 [Yonge, 160]) O povo de Etrúria era renomado por seus poderes de adivinhação.

O modo como os deuses eram venerados era prescrito em certos livros sagrados, que teriam sido escritos por Tages [deus dos etruscos]. Esses livros continham a “Disciplina Etrusca” e davam direções detalhadas acerca de toda a adoração cerimonial. Eram estudados nas escolas dos Lucumones, para as quais os romanos costumavam mandar seus mais nobres jovens para receber instrução, uma vez que era dos etruscos que os romanos imitavam a maior parte de suas artes de adivinhação. (W. Smith, *Classical Dictionary* [Nova York: Harper and Brothers, 1862], 292)

5. *Ex quadrupedibus*.

6. *Ex avibus*.

7. *Ex coelo*.

8. Do latim *caducus* (o que cai, ou que caiu, etc), uma forma de auspica oblativa.

9. *Piacularia auspicia* é mencionado por Pompeius Festus, um gramático romano do século IV, em seu dicionário latino *Sexti Pompeii Festi de verborum significatione*.

10. O cajado do áugure era um símbolo de seu ofício. Chamado de lituus, não tinha nós e era torto na parte de cima. Com ele, o áugure marcava o templum, ou espaço consagrado, sobre o céu e a Terra, em que o augúrio do animal que entrava devia ser lido. Isso era feito na noite anterior ao evento, na presença de um magistrado, à meia-noite. A entrada do animal pelo oeste era favorável. Os áugures romanos observavam o sul, os gregos, o norte; portanto, a esquerda era considerada afortunada em Roma, a direita, afortunada na Grécia.

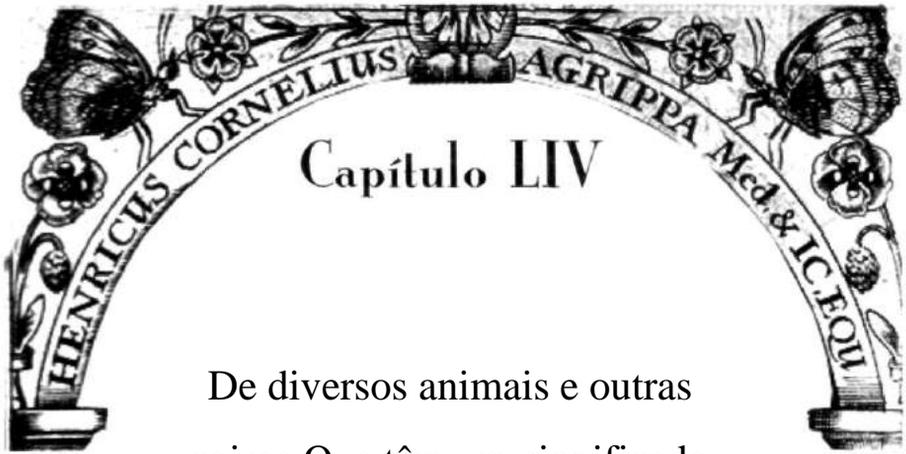
11. Esses seis pares de augúrios são tirados diretamente da obra *Physiognomia*, de Michael Scot, cap. 57, na qual, porém, 11 são descritos, com a omissão de confert. Scimasarvetus é o mesmo que sonasarvetus, e scimasarnova é o mesmo que sonasarnova. A exposição de confert não aparece na *Opera* latina de Agrippa nem na tradução inglesa. Scassarnova aparece na edição latina, mas não na inglesa. Entretanto, por causa do espaço deixado por essa omissão na edição inglesa, o tradutor cometeu um erro e apresentou a exposição que pertenceria a scassarnova (que vem diretamente de scimasarvetus no texto latino) com scimasarvetus, enquanto a exposição de scimasarvetus no texto latino é totalmente omitida do texto inglês. Tentei dar, a seguir, as definições dos dois termos como aparecem, baseadas na *Opera*:

Scimasarvetus é um augúrio: se você vir um homem ou pássaro atrás de você, parado do seu lado direito, é um mau sinal.

Scassarnova é quando você vê um homem ou um pássaro atrás de você, mas, antes de passar por você, ele para naquele lugar; esse é um bom sinal.

A descrição dos augúrios é tirada quase *verbatim* do capítulo 57 de *Physiognomia*, de Michael Scot, uma obra popular que foi publicada pelo menos 19 vezes entre 1477 e 1669. 12. Quando Apolo pega o bebê Hermes, em uma tentativa de descobrir onde Hermes escondeu o gado roubado, o bebê espirra, fazendo Apolo derrubá-lo:

E assim ela falou, e Febo Apolo levantou e carregou o menino, mas o bravo matador de Argus, aconselhando-se devidamente, enquanto o bebê era erguido em seus braços, mandou-lhe um augúrio em suas mãos, uma triste mensagem de seu ventre, um insolente mensageiro. E logo depois disso, ele espirrou. Mas Apolo ouviu e lançou o glorioso Mercúrio de suas mãos ao chão (Homeric Hymns 2, “To Hermes” c. linha 294. Em *The Odyssey of Homer, with the Hymns, Epigrams, and Battle of the Frogs and Mice*, traduzido para o inglês por Theodore Alois Buckley [Nova York: Harper and Brothers, 1872], 377-8).



De diversos animais e outras coisas Que têm um significado em *augúrias*



odos os auspícios que ocorrem no início de qualquer empreendimento devem ser observados; como, por exemplo, se no começo de seu trabalho, você perceber que os ratos roeram suas roupas,¹ desista da atividade; se ao sair, você tropeçar na frente da porta,² ou no caminho enfiar o pé em alguma coisa, abandone a viagem; se qualquer mau presságio acontecer no início de suas empreitadas, adie o que tem a fazer, pois do contrário suas intenções serão totalmente frustradas ou infrutíferas; mas deseje e espere por um momento mais afortunado para se dedicar aos seus negócios, com um presságio melhor. Nós vemos que muitos animais, graças a um poder natural e inato, são proféticos. Acaso, o galo, ao cantar,³ não lhe diz com sabedoria as horas da noite e da manhã, e com suas asas abertas não espanta o leão? E muitos pássaros cantando e gorjeando, e moscas com suas picadas afiadas, não preveem chuva? E os delfins, quando saltam na água, não prenunciam tempestades?

Seria uma lista muito longa a relação de todos os presságios que os frígios, cilicianos, árabes, úmbrios, etruscos e outros povos que seguem os augúrios aprenderam com os pássaros. E isso eles provaram com muitos experimentos e exemplos. Pois em todas as coisas, os oráculos de coisas futuras são consultados: mas esses são os principais que os pássaros proféticos preveem. São aqueles que os poetas afirmam terem se transformado de homens em pássaros.

Portanto, o que a gralha⁴ declara, ouça, marque bem e observe onde ela pousa e sua maneira de voar, se pelo lado direito ou esquerdo, se é clamorosa ou silenciosa, se segue ou é seguida, se espera a aproximação de quem por ela passa ou se foge, e qual caminho ela segue: todas essas coisas devem ser muito bem observadas. *Orus Apollo* disse,⁵ em seus Hieroglifos, que as galhas gêmeas indicam matrimônio, pois esse animal põe dois ovos, dos quais devem sair macho e fêmea: mas, se (o que é raro) saírem dois machos ou duas fêmeas, os machos não copularão com

nenhuma fêmea nem as fêmeas com machos, mais viverão sempre sem parceiro; e solitárias. Por isso, aqueles que encontram uma única gralha, adivinham por meio dela que serão solteiros. O mesmo prenuncia uma pomba negra;⁶ pois, após a morte de seu parceiro, ela sempre vive sozinha.

Observe com a mesma atenção os corvos,⁷ que são tão significativos quanto as gralhas, e em assuntos mais importantes. *Epicteto*, o filósofo, sábio autor, julgava que, se um corvo grasnar contra um homem, é um mau presságio, ou para seu corpo, ou fortuna, ou honra, ou esposa ou filhos. E observe também os cisnes,⁸ que prenunciam os segredos das águas, pois a animação dessas aves pressagia eventos felizes não só para os marinheiros, mas também para todos os viajantes, a menos que sejam superados por presságios de pássaros mais fortes, como a águia,⁹ que pela mais poderosa majestade de sua soberania anula as previsões de todos os outros pássaros, se disser o contrário do que eles dizem; pois a águia voa mais alto que os outros pássaros e tem uma visão mais aguçada e nunca é excluída dos segredos de *Júpiter*: ela prenuncia avanço e vitória, mas com sangue; porque ela não bebe água, e sim sangue.

Uma águia voando por sobre os locrenses, em luta contra os crotonenses, garantiu-lhes a vitória. Uma águia que pousou sobre o alvo¹⁰ de *Hiero*, partindo para a primeira guerra, anunciou que ele seria rei. Duas águias pousadas o dia todo em cima da casa, no dia que nasceu *Alexandre* da Macedônia, pronunciaram-lhe dois reinos, isto é, Ásia e Europa. Outra águia voando por cima do chapéu de *Lucias Tarquinius Priscus*,¹¹ filho de

Demarathus, o coríntio, saindo de casa por motivo de alguma discórdia, passando por Etrúria, indo para Roma, pegando o chapéu e voando longe com ele, para depois colocá-lo de volta em sua cabeça, foi um prenúncio de que ele teria o reino dos romanos.

Os abutres¹² também indicam dificuldade, dureza, voracidade, o que se verificava no início da construção de cidades. Eles também preveem os locais de matanças, chegando lá sete dias antes; e como essas aves nutrem mais respeito pelo local da maior matança, como se procurassem o lugar com o maior número de mortos, os antigos reis costumavam enviar espiões para observar que lugares eram mais respeitados pelos abutres.

A fênix promete um sucesso singular, o que foi muito favorável para a construção de Roma. O pelicano, arriscando-se pelos filhotes, indica que um homem passará por muita dificuldade por amor. O pássaro pintado deu seu nome à cidade de Pictavia e pressagiu a leniência do povo, por sua cor e voz. A garça é um augúrio de coisas difíceis. A cegonha é um pássaro de concórdia e gera concórdia. Os grouns¹³ nos chamam a atenção para a traição que vem dos inimigos. O pássaro cacupha significa gratidão, pois ele expressa amor pela mãe, que fica cansada com o peso da idade. Pelo contrário, o hipopótamo,¹⁴ que mata os pais, indica ingratidão e injustiça. O órix¹⁵ é muito invejoso e, por isso e indica inveja.

Entre os pássaros menores, a pega fala demais e anuncia a chegada de visitantes. Se o pássaro *albanellus* voar perto de alguém, da esquerda para a direita, pressagia diversão; no

sentido contrário, prenuncia o oposto. As corujas-das-torres¹⁶ e os mochos¹⁷ sempre preveem má sorte, pois, assim como vão até os filhotes à noite, despercebidas, também assim vem a morte, daí a se dizer que a coruja prevê a morte:¹⁸ às vezes, porém, como o mocho não é cego à noite, ele indica diligência¹⁹ e vigília, como o fez ao pousar na lança de *Hiero. Dido*,²⁰ quando viu o pássaro de mau agouro, lamentou-se por Enéas, como canta o poeta:²¹

A coruja pousada no alto da casa,
sozinha,

Chora seu lamento, em um tom
melancólico.

E em outro lugar:²²

A indolente coruja é vista pelos
mortais

Como um fatal presságio

O mesmo pássaro cantou no Capitólio, quando as questões romanas estavam abaladas na Numância, e quando Fregélia se envolveu em uma conspiração contra Roma. *Almadel* dizia que as corujas, os mochos e os corvos da noite, entrando em região estranha, preveem a morte dos homens de tal região e das casas do local; pois esses pássaros gostam das carcaças dos mortos e as percebem de antemão. Pois os homens que estão para morrer têm uma afinidade com carcaças já mortas. O gavião também é um arauto de contendas, como canta *Naso*:²³

Nós detestamos o gavião, pois entre
todas as armas

Ele sempre vive

Lélio, o embaixador de *Pompeu*, foi morto na Espanha, entre os fornecedores,²⁴ tragédia que, pelo que se conta, foi prenunciada com um gavião voando acima de sua cabeça. E *Almadel* dizia que essas espécies de pássaros que brigam entre si indicam a mudança de um reino; mas, se os pássaros de outra espécie voarem com eles e nunca mais forem vistos juntos, o presságio é de uma nova condição e de um novo estado do país.

Também os pássaros pequenos, chegando ou se afastando, prenunciam que uma família vai aumentar ou diminuir; e o voo deles, quanto mais sereno for, também mais louvável. Assim conjurava *Melampus*, o áugure, na matança dos gregos, dizendo: veja que nenhum pássaro voa com tempo bom. As andorinhas, que quando estão para morrer providenciam um lugar seguro para os filhotes, prenunciam um grande patrimônio ou legado após a morte de amigos.

Um morcego²⁵ encontrando alguém em fuga significa uma evasão: pois, embora não tenha asas, voa. Um pardal é um mau presságio para aquele que está fugindo, pois ele foge do gavião e voa para a coruja,²⁶ colocando-se em grande perigo: no amor, porém, é um pássaro afortunado, pois, tomado de desejo, copula sete vezes em uma hora. As abelhas²⁷ são bons presságios para os reis, pois significam um povo obsequioso. Moscas²⁸ significam importunidade e insolência, porque às vezes, embora sejam afastadas, elas voltam.

Também os pássaros domésticos não deixam de ser augúrios, pois os gaios, quando cantam, promovem esperança, e esperança na viagem de quem está para partir. Além disso,

Lívia, mãe de *Tibério*, quando estava grávida dele, apanhou um ovo de galinha e o chocou no próprio peito,²⁹ até que finalmente nasceu um pinto macho, e os augúrios interpretaram que o filho nascido dela seria rei. E *Cícero* escreve³⁰ que, em Tebas, os gaios, cantando a noite toda, pressagiaram que os beócios conquistariam a vitória contra os lacedemônios, e o motivo - de acordo com as interpretações dos áugures - era que esse pássaro fica quieto quando é derrotado, mas, quando vence, cacareja.

De modo semelhante, os presságios de eventos são tirados de outros animais. Pois o encontro com uma doninha é ominoso e o encontro com uma lebre é um mau agouro para o viajante, a menos que ela seja abatida. Uma mula³¹ também é ruim, por ser estéril. Um porco é pernicioso, pois essa é a sua natureza, indicando portanto homens perniciosos. Um cavalo anuncia brigas e lutas: nesse sentido, entoou *Anquises*, em *Virgílio*,³² ao ver cavalos brancos:

É a guerra que te aguarda, ó terra que nos recebe,

Com a guerra se armam os cavalos, e de guerra ameaçam.

Mas, quando estão juntos na charrete, puxando na mesma parrelha, indicam que se pode esperar paz.

Um asno é uma criatura improdutiva; e no entanto foi útil a *Mário*,³³ que, quando fora pronunciado inimigo deste país, viu um asno negando a ração que lhe ofereciam, «correndo para a água; por meio de tal augúrio, ele julgou ver uma forma de segurança para si e pediu aos amigos que o levassem ao mar. O pedido foi atendido, ele foi colocado em um peque-

no barco e assim escapou às ameaças de *Sula*, o conquistador. Se um filhote de asno deparar com alguém, é um augúrio que significa trabalho, paciência e obstáculos.

Um lobo no caminho de uma pessoa é um bom sinal, cujo efeito se verificou em *Hiero*, da Sicília, pois, quando um lobo apanhou dele um livro, quando ele estava na escola, o augúrio confirmou-lhe o sucesso do reino: entretanto, o lobo faz perder a fala daquele que o vê primeiro. Um lobo partiu em pedaços um guarda de *P. Africanus* e *C. Fulvius* em Minturn, quando o exército romano foi dominado por fugitivos na Sicília.³⁴ Ele também indica homens pífidos, do tipo a que não se deve dar crédito: o que se verificou na progênie dos romanos. Pois a fé que por muito tempo sugaram de sua mãe loba³⁵ e guardaram para si desde o começo, pela lei da natureza, passaram à posteridade.

Encontrar um leão, sendo ele o mais forte dos animais, capaz de encher de terror todos os outros, é um bom sinal. Mas, para uma mulher, encontrar uma leoa³⁶ é ruim, porque ela impede a concepção, pois a leoa só concebe uma vez.

Encontrar ovelhas e cabras é bom. Isso se verifica também no *Ostentarian*³⁷ dos etruscos. Se esses animais tiverem uma cor incomum, pressagiam ao imperador abundância de todas as coisas, além de grande felicidade. E, nesse sentido, vemos *Virgílio*³⁸ entoando a *Pólio*:

Mas nos prados vestirão escarlate os carneiros,

Mudando às vezes para velos de ouro.

É bom encontrar bois em milhares, mas melhor ainda é encontrá-los no arado, que, embora atrapalhe o percurso do viajante, o privilégio do auspício o recompensará. Um cão no meio da jornada é um sinal afortunado, pois *Ciro*, jogado na floresta, foi alimentado por um cão³⁹ até chegar ao reino que também o anjo, companheiro de *Tobias*,⁴⁰ não considerava companheiro. O castor,⁴¹ arrancando com os dentes os próprios testículos e deixando-os para os caçadores, é um mau presságio e anuncia que um homem será ferido.

Também entre os animais pequenos, os ratos significam perigo. Pois no mesmo dia em que eles roeram ouro no Capitólio, ambos os cônsules⁴² foram interceptados por *Aníbal*, em uma emboscada perto de Tarentum. O gafanhoto pousado em qualquer lugar, ou queimando o lugar, impede a realização dos desejos de uma pessoa, pois é um mau presságio; do contrário, os gafanhotos promovem uma jornada e preveem bons eventos. A aranha tecendo sua teia para baixo indica a esperança de dinheiro entrando. Também as formigas, capazes de se autossustentar e preparar seus ninhos, prenunciam segurança, riqueza, um grande exército. Por isso, quando elas acabaram de devorar um dragão manso⁴³ de *Tibério César*, foi-lhe recomendo que ficasse atento ao tumulto de uma multidão.

Se uma cobra cruzar com você, fique atento para um inimigo de língua ferida; pois esse animal não tem outro poder senão na boca.⁴⁴ Uma cobra rastejando para dentro do palácio de *Tibério* previu sua queda. Duas

cobras⁴⁵ foram encontradas na cama de *Sempronius Gracchus*, que explicou a um vidente que, se ele deixasse o macho ou a fêmea escapar, ele ou sua esposa morreria em breve; preferindo ele a vida da esposa, matou o macho e deixou a fêmea escapar, e, dali a poucos dias, ele morreu. Uma víbora⁴⁶ significa mulher lasciva e filhos perversos; e uma enguia⁴⁷ indica um homem descontente com todas as pessoas: pois esse peixe vive isolado de todos os outros e jamais é visto acompanhado.

Mas entre todos os auspícios e presságios, nenhum é mais eficaz e poderoso que o homem; nenhum indica a verdade de modo mais claro. Observe bem, portanto, a condição do homem que se encontra com você, sua idade, profissão, posto, gesto, movimento, exercício, compleição, hábito, nome, palavras, modo de falar e coisas dessa espécie. Pois, uma vez que existem em todos os outros animais tantas descobertas de presságios, sem dúvida estes são eficazes e claros se infundidos na alma do homem; o que o próprio *Túlio*⁴⁸ atesta, dizendo que existe um auspício natural na alma dos homens de sua eternidade, para o saber de todos os cursos e causas das coisas.

Na fundação da cidade de Roma, a cabeça de um homem⁴⁹ foi encontrada com o rosto inteiro, o que era um presságio da grandeza do Império, e deu o nome à montanha do Capitólio. Os soldados de *Brutus*,⁵⁰ em luta contra *Otávio* e *Marco Antônio*, encontraram um etíope nos portos do castelo; embora não o tivessem matado por ser um presságio de insucesso, foram infelizes na batalha,

e *Brutus* e *Cássio*, ambos generais, foram mortos. Encontrar monges costuma ser considerado um presságio, pior ainda se for pela manhã, pois esses homens vivem a maior parte do tempo dependendo da morte de outros homens, como abutres atrás de carniça.

Notas - Capítulo LIV

1. Cícero zomba do presságio dos ratos roedores:

Nós somos, porém, tão tolos e egoístas que, se os ratos - sempre ativos - roerem alguma coisa, nós logo consideramos isso um prodígio. Assim, como um pouco antes da guerra dos marsos, os ratos roeram os escudos em Lanuvium, os videntes declararam o ato como um importante prodígio; como se fizesse alguma diferença se os ratos, sempre roendo algo, tivessem roído fivelas ou peneiras (Cícero, *De divinatione* 2.27 [Yonge, 224]).

2. “Há algo nos presságios; agora mesmo, quando estava se preparando para sair, Nape se deteve, após prender o pé contra a entrada da porta” (Ovídio “Amores” 1.12. In *The Heroides, The Amours, The Art of Love, The Remedy of Love, and Minor Works*, traduzido para o inglês por Henry T. Riley [Londres: George Bell and Sons, 1883], 291). Para outros exemplos da mesma superstição em Ovídio, ver *Metamorfoses* 10.8, e *The Heroides* 13, linha 88.

3. “Sendo, então, esse animal naturalmente propenso a cacarejar, o que fez Callisthenes afirmar que os deuses deram ao galo um sinal para cantar, uma vez que o acaso ou a própria natureza teria feito a mesma coisa?” (Cícero, *De divinatione* 2.26 [Yonge, 223]).

4. Esse pássaro (*Corvus monedula*) é pequeno, parece um corvo, e tem reputação de ser insano e ladrão. Arne foi transformada em uma gralha, porque traiu sua cidade por ouro. Ver Ovídio, *Metamorfoses* 7.4.

5. Quando queriam representar Ares e Afrodite (Hórus e Athor) de outra maneira, mostravam dois corvos como um homem e uma mulher; como esse pássaro bota dois ovos, dos quais nascem um macho e uma fêmea, e ([exceto] quando produz dois machos ou duas fêmeas, o que raramente acontece), os machos cruzam com as fêmeas e não se relacionam com nenhum outro corvo até a morte; mas aqueles que ficam viúvos, passam o resto da vida sozinhos. Assim, quando um homem encontra um único corvo, vê isso como um presságio, por estar diante de uma criatura viúva...” (Horapolo *Hieroglyphics* 1.8 [Cory 17-8]).

A tradução do nome desse pássaro não é definitiva. “Para indicar casamentos, eles mostram dois corvos pelo mesmo motivo que já foi mencionado” (*Ibid.* 1.9 [Cory 19]).

6. “Quando queriam simbolizar uma mulher que continua viúva até morrer, eles reproduzem uma pomba negra; pois esse pássaro não procura nenhum parceiro após perder o seu” (*Ibid.* 2.32 [Cory 107]). As duas filhas de Anus foram transformadas em pombas por Baco para se libertarem de Agamenon, que as obrigava a usar sua magia para alimentar a frota grega. Ver Ovídio, *Metamorfoses*, 13.5.

7. A virgem Coronis foi transformada em um corvo por Minerva para fugir da luxúria de Netuno (*Ibid.* 2.8, c. linha 580 [Riley, 69]). Virgílio menciona o terrível presságio do corvo: “De fato, se um corvo sobre minha mão esquerda não tivesse me avisado de um azevinho oco com o qual era possível interromper a disputa recém-iniciada, nem eu nem seu Moeris, e nem Menalcas estaríamos vivos” (Virgílio, *Éclogas* 9, linha 14 [Lonsdale e Lee, 27]).

8. Vênus atrai um augúrio feliz dos cisnes, para encorajar Enéas:

Contemple estes 12 cisnes em alegre formação, que o pássaro de Júpiter [águia], ao descer da região do céu, lançou em confusão nos firmamentos abertos, mas agora eles aparentam estar em uma longa fileira, preferindo talvez olhar para o chão, onde pisam. Quando retornam batendo as asas e aos bandos, circundam o mastro e entoam seus cantos, veja que seus barcos e seus joviáls companheiros estão em segurança no porto, ou acabaram de atracar, com todas as velas içadas (Virgílio, *Eneida* 1, c. linha 392 [Lonsdale e Lee, 90]).

Cicno, rei da Ligúria, foi transformado em um cisne por prantejar a morte de Fetón, levado por um relâmpago de Zeus. Ver Ovídio, *Metamorfoses* 2.4. c. linha 372 (Riley, 61).

9. “Eles a usam [a águia] para denotar excelência, pois ela parece superar todos os pássaros por causa do sangue, pois dizem que esse animal não bebe água, mas só sangue, e pela vitória, porque ela se mostra capaz de vencer qualquer criatura alada...” (Horapolo Hieroglyphics 1.6 [Cory, 14]).

10. Um pequeno escudo redondo.

11. O par [Tarquinius e sua esposa] havia chegado a Janiculum [uma colina fora dos limites de Roma, na época] e se sentavam juntos na carruagem, quando uma águia desceu delicadamente e pegou o chapéu que Lucumo [Tarquinius] estava usando. E o pássaro subiu com um grande clangor de asas até que, em um momento seguinte, desceu de novo e, como se enviado pelo céu com tal propósito, colocou-o de volta, de maneira perfeita, sobre a cabeça de Lucumo, para logo depois sumir no azul no céu.” (Lívio, *Early History of Rome* 1.34, traduzido para o inglês por Aubrey de Selincourt [1960] [Harmondsworth: Penguin Books, 1982], 73.

12. “Umbricius, o mais habilidoso entre os áuspices de nossa época, diz que o abutre põe 13 ovos, com um deles purifica os outros e seu ninho, e depois o joga fora; ele afirma que esses pássaros pairam por três dias sobre o local onde serão encontradas carcaças” (Plínio 10.7 [Bostock e Riley, 2:486-7]).

13. “Quando querem simbolizar um homem que se protege das tramas de seus inimigos, eles representam um grou em vigília; pois esses pássaros se protegem alterando na vigília a noite toda” (Horapolo Hieroglyphics 2.94 [Cory, 143]).

14. Para simbolizar um homem injusto e ingrato, eles usam duas garras de um hipopó-

tamo viradas para baixo. Pois esse animal, quando chega ao primor da vida, luta contra o pai para determinar qual dos dois é o mais forte, e, caso o pai perca, um filho lhe concede lugar de residência, permitindo-lhe viver, mas copula com a própria mãe; se no entanto o pai não permitir essa cópula, o filho o mata, sendo o mais forte e vigoroso dos dois (*Ibid.*, 1.56 [Cory, 76-7]).

15. Para denotar impureza, eles delineiam um órix (uma espécie de bode selvagem), pois quando a Lua surge, esse animal dirige um olhar fixo para a deusa e emite uma espécie de grito, nem para louvá-la nem para dar-lhe as boas vindas; e as provas disso são evidentes, pois o animal raspa a terra com as patas dianteiras e fixa o olhar sobre a terra, como indignado e indisposto a contemplar o nascer da deusa. E ele age do mesmo modo ao nascer do Sol (a estrela divina) (*Ibid.* 1.49 [Cory 69-70]).

Nas edições de *Hieroglyphics* de Mercer (1548) e Caussin (1631), é mencionado codorniz (ôpuya) em vez de órix (ôpwyce), o que explica o fato de Agrippa dar tal nome ao pássaro - possivelmente ele usou o mesmo manuscrito como fonte.

16. *Strix flammea* ou estrige.

Grande é a cabeça dessa ave, fixo é o seu olhar, e para caça seus bicos são formados; suas asas são de um cor cinzenta, e seus pés são garras curvadas. Voam à noite e procuram crianças desprotegidas por suas amas, poluem-lhe o corpo, arrastando-as do berço. Com o bico, dizem, elas arrancam as entranhas dos bebês e distendem as garras com o sangue que ingerem. “Estriges” são elas chamadas; e o nome deriva do fato de saírem à noite (Ovídio *Fasti* 6, linhas 133-40 [Riley, 216]) (N. T.: Estrige também significa “vampiro”).

17. Da espécie *Asio otus* ou *Otus vulgaris*. Também chamado de “coruja de chifre”, por causa da forma das penas na cabeça, que se assemelham a chifres.

18. “Um corvo negro noturno é um presságio de morte; pois ele ataca os filhotes dos outros corvos à noite, assim como a morte ataca de súbito os homens” (Horapolo Hieroglyphics 2.25 [Cory 103-4]). As próprias penas macias do mocho lhe permitem se aproximar de sua presa sem alertá-la com o farfalhar de suas asas.

19. A coruja é o símbolo do aprendizado e da deusa Atena. Essa esdrúxula correspondência teria surgido em virtude da abundância de corujas que viviam em Atenas em tempos antigos, por uma associação do nome da deusa ao da cidade. Daí o antigo provérbio “levar corujas a Atenas”,

que foi substituído por outro, com sentido idêntico, “levar carvões a Newcastle” [to carry coals to Newcastle]; ou seja, levar algo a um lugar onde já existe em abundância.

20. Também chamada Elisa, a suposta fundadora e rainha da cidade de Cartago.

21. A rainha Dido pensa no suicídio:

E, de repente, ela sentia ouvir o solene brado e chamado de seu senhor [seu marido morto], quando a noite escura era a senhora do mundo; e ouvia a solitária coruja em seu alto posto soltar seu prolongado lamento sepulcral; enquanto as previsões de muitos profetas antigos a assustavam com seus terríveis presságios. (Virgílio, *Eneida* 4. c. linha 462 [Lonsdale e Lee, 137]).

Para uma descrição parecida da coruja ou do mocho, ver *Georgics* 1, c. linha 402.

22. Não encontro isso em Virgílio, mas em Ovídio: *Metamorfoses* 5.5, c. linha 549 [Riley, 181]).

23. “Não gostamos do gavião, porque ele vive da guerra; os lobos também, que tendem a correr para cima dos rebanhos apavorados” (Ovídio, *Ars Amatoria* 2, c. linha 148 [Riley, 412]).

24. Aqueles que supriam de provisões o exército romano.

25. “Quando querem simbolizar um homem fraco e audacioso, representam um morcego, pois esse animal voa, embora não tenha penas” (Horapolo *Hieroglyphics* 2.53 [Cory, 118]).

26. “Para denotar um homem, procura se refugiar com seu patrão, e dele recebe assistência, eles representam um pardal e uma coruja; pois, quando perseguido, o pardal procura a coruja, e chegando perto, é apanhado” (*Ibid.* 2.51 [Cory, 117]).

27. “Para denotar um povo obediente ao seu rei, eles representam uma abelha, pois essa é a única de todas as criaturas que tem um rei, ao qual o resto da tribo obedece, assim como os homens servem ao rei” (*Ibid.* 1.62 [Cory, 82]).

28. “Para denotar insolência, eles representam uma mosca, pois esse inseto, embora afugentado, sempre retorna” (*Ibid.* 1.51 [Cory, 72]).

29. Quando era ainda muito jovem e estava grávida de Tibério César, por Nero [N. T:

não confundir com o futuro imperador romano, Nero], Júlia Augusta [Lívia] queria muito ter um menino, por isso, empregou o seguinte método de adivinhação, que era muito comum entre as jovens: carregava um ovo no peito, tomando cuidado, sempre que tinha de largá-lo, de dar à criada para aquecê-lo também no peito, de modo que não houvesse uma interrupção no calor: dizem que o resultado prometido por esse tipo de augúrio não era falsificado (Plínio 10.76 [Bostock e Riley, 2:535-6]).

Pois Lívia, grávida de Tibério, entre as diversas tentativas que fez e sinais que observou (para saber se teria um menino ou não), pegou e cuidou de perto de um ovo tirado de uma galinha choca e o manteve aquecido, como chocado, até a casca romper e nascer um pintinho macho, com uma já notável crista (Suetônio, “Tibério César Nero”, sec. 14. In *History of Twelve Caesars*, traduzido para o inglês por Philemon Holland [1606] [Londres: George Routledge and Sons, n.d.], 141)).

30. E no mesmo período, em Lebádia, onde se realizavam ritos divinos em honra a Trophonius, todos os gaios na vizinhança começaram a cantar de modo tão incessante que parecia que nunca iriam parar; e os áugures beócios afirmavam que era um sinal de vitória sobre Tebas, pois esses pássaros só cantam em ocasiões de vitória e se mantêm silenciosos em caso de derrota (Cícero, *De divinatione* 1.34 [Yonge, 176]).

31. “Quando queriam simbolizar uma mulher estéril, eles delineavam uma mula; pois esse animal é estéril [porque o útero dela não é reto]” (Horapolo *Hieroglyphics* 2.62 [Cory, 113]). A passagem em colchetes é citada em latim por Cory, para não chocar a sensibilidade das donzelas vitorianas.

32. “Esta guerra, terra estranha, que tu ofereces; pois cavalos armados indicam guerra, e este rebanho indica guerra. E, no entanto, estes garanhões às vezes se sujeitam à charrete e aceitam o jugo. E, assim, há esperança de paz” (Virgílio. *Eneida* 3, linhas 539-42 [Lonsdale e Lee, 124]. Na *Ópera* latina são apresentadas as linhas 539-40 da passagem acima, mas na tradução de Freaque só aparece a linha 540. Eu acrescentei a linha que falta.

33. Quando ele foi levado à casa de Fania, tão logo o portão se abrisse, surgiu um asno que se apressou a beber de uma fonte próxima, e, dirigindo-lhe um olhar sério e encorajador, se pôs diante dele e logo começou a zurrar e se empinar. Disso concluiu Mário, e disse que a sorte determinava sua segurança por mar em vez de por terra, pois o asno recusou a ração seca e procurou a água (Plutarco, “Caio Mário”. In *Lives of Noble Grecians and Romans*, traduzido para o inglês por John Dryden [Nova York: Modern Library, (1864) n.d.], 518-9).
34. A revolta servil, ou escrava, de 134-132 a.C. foi provocada pelo vasto número de escravos usados na agricultura na Sicília e pela crueldade com que eram tratados. A revolta foi liderada por Eunus, nativo de Apamea, na Síria, a quem seus seguidores atribuíam o poder de profecia e interpretação de sonhos e habilidade para respirar fogo. Proclamado rei pelos escravos, ele derrotou os cônsules C. Fúlvio Flaco e L. Calpúrnio Piso Frugi em seus esforços para destruí-lo, mas foi capturado pelo cônsul P. Rupílio e jogado na prisão por Marganti, na qual morreu.
35. Rômulo e Remo, os irmãos míticos e supostos fundadores da cidade de Roma que, quando bebês, foram amamentados por uma loba na floresta.
36. “Para simbolizar uma mulher que deu à luz uma vez, eles reproduzem uma leoa; pois a leoa nunca concebe duas vezes” (Horapolo Hieroglyphics 2.82 [Cory, 136]).
37. Do latim, *ostentum* (presságio, prodígio, milagre), o livro dos augúrios usado pelo povo de Etrúria, supostamente dado a eles por Tages. Ver nota 4, cap. LIII, l. I.
38. No consulado de Pólio (40 a.C.), nasce uma criança prodígio (talvez o filho de Otávio, futuro marido de Escribônia) que mais tarde anunciará a chegada de uma nova era de paz:
- O solo não sentirá a enxada, nem as vinhas a poda; o robusto lavrador libertará seus bois do jugo; a lã não será tingida em várias cores; mas, por conta própria, o carneiro começará a mudar a brancura de seu velo para o doce tom carmesim e a tonalidade do açafraão. O escarlate, por si só, cobrirá os cordeiros no pasto” (Virgílio, *Éclogas* 4. c. linha 40 [Lonsdale e Lee, 18-9]).
39. Ver nota, bibliográfica.
40. Livro apócrifo de Tobias, 5:16.
41. “Para simbolizar um homem que feriu a si mesmo, eles delineiam um castor; quando perseguido, esse animal arranca os próprios testículos e os atira para despistar seus perseguidores” (Horapolo Hieroglyphics 2.65 [Cory, 126]). “Os castores do Mar Negro, quando se encontram em perigo eminente, cortam de si a mesma parte [sexual], pois sabem que é por causa dela que são perseguidos. Essa substância é chamada de castóreo pelos médicos”(Plínio 8.47 [Bostock e Riley, 2:297]).
42. Os cônsules M. Cláudio Marcelo V e T. Quíntio (Pennus Capitolinus) Crispino foram derrotados por Aníbal, perto de Venusia, em 208 a.C., o 11º ano da Segunda Guerra Púnica.
43. “Entre outros prazeres, ele gostava muito de um dragão-serpente, que costumava alimentar com as próprias mãos; e certa vez o encontrou devorado por formigas. Sentiu que era um alerta para se precaver contra a violência de uma multidão (Suetônio, “Tibério Nero César” 72. In *History of Twelve Caesar* [Holland, 176-7]). Holland acrescenta a nota: “Um dragão rastejante. O que implica que existiam outros alados, ou pelos menos aos quais se atribuía o dom de voar, na opinião comum dos homens; pois o atributo *Serpens* significa rastejante. Ora, como a maioria deles rasteja, o nome genérico para os dragões é serpente” (*Ibid.*, p.60 das notas). *Draco* era um termo usado para designar o píton. Plínio diz: “O dragão é uma serpente destituída de veneno” (Plínio 29.20 [Bostock e Riley, 5:395]). Todas as cobras grandes matam esmagando a presa de modo que ela não possa respirar, sufocando-a até morrer. Nenhuma tem veneno. A jiboia e a anaconda (sucuri) só existem no Novo Mundo, mas o píton reticulado do sudeste da Ásia é uma das espécies maiores, se não a maior, dentre todas as cobras. Já foram encontrados espécimes com mais de 9 metros de comprimento. O píton das rochas africano chega a medir 7,5 metros.
44. “Para representar a boca, eles reproduzem uma serpente, porque a serpente é poderosa somente na boca, e em nenhuma outra parte de seu corpo” (Horapolo Hieroglyphics 1.45 [Cory, 66]).
45. Cícero relata essa história das duas cobras e levanta um ponto lógico: “Mas eu me pergunto: se a libertação da cobra fêmea causou a morte de Tibério Graco, e a do macho foi fatal para

Cornélia, para que, então, deixar uma ou outra escapar?”(Cícero, *De divinatione* 2.29 [Yonge, 225]. Ver também 1.18 (Yonge, 160-1). Para denotar filhos que tramam contra as mães, eles delineiam uma víbora; pois a víbora não nasce da maneira usual, mas sim se desprende roendo o corpo da mãe (*Ibid.*, 2.60 [Cory, 123-4]).

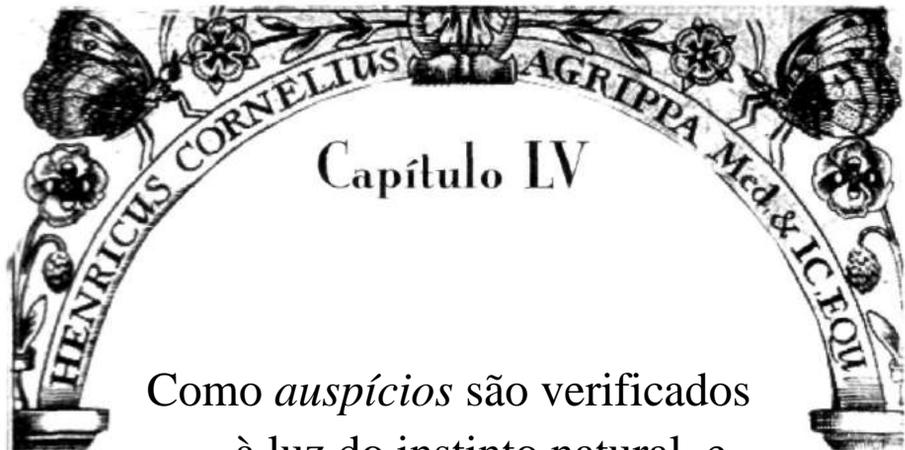
46. Quando queriam simbolizar uma mulher que odeia o marido e planeja sua morte, só sendo complacente quando se deita com ele, eles delineavam uma víbora; pois, em cópula com o macho, a fêmea dessa cobra coloca a cabeça dele inteira na boca e, após o ato, ela morde a cabeça do macho e o mata (Horapolo Hieroglyphics 2.59 [Cory, 123]).

47. “Para simbolizar um homem que é hostil a todos os outros, e isolado, eles representam uma enguia; pois esse peixe não se socializa com nenhum outro” (*Ibid.* 2.103 [Cory, 149]).

48. “Pois há um certo poder e natureza, que, por meio de indicações observadas há muito tempo, também por instinto e inspiração divina, permite pronunciar um julgamento acerca de eventos futuros” (Cícero. *De divinatione* 1.6 [Yonge, 147]).

49. Durante a escavação da colina de Tarpeia para a construção de um templo, uma cabeça humana foi encontrada; imediatamente foram enviados delegados a Olenus Calenus, o mais célebre vidente de Etrúria. Este, antevendo a glória e o sucesso associados a tal presságio, tentou por meio de uma pergunta; transferir o benefício do presságio à sua terra natal. Desenhando primeiro, no solo [etrusco] à sua frente, o contorno de um templo com seu cajado, ele perguntou; “Seria assim, romanos, como dizem?” e acrescentou, “Então aqui deve ficar o templo de Júpiter, bom e todo-poderoso; foi aqui que encontramos a cabeça” - e é constatado com frequência nos Anais que o destino do império romano teria com certeza sido transferido para Etrúria se a delegação enviada, alertada pelo filho do vidente, tivesse respondido: “Não, não foi bem aí, mas em Roma, que a cabeça foi encontrada” (Plínio 28.4 [Bostock e Riley, 5:280-1]).

50. Soldados sob o comando de Marcus Junius Brutus, que junto aos soldados de C. Cássio Longino enfrentaram as forças de Caio Júlio César Otávio (posteriormente conhecido como Augusto) e de Marco Antônio na Macedônia, 42 a.C. Houve dois grandes confrontos. No primeiro, Cássio foi derrotado por Marco Antônio, enquanto Brutus, que comandava a outra ala do exército, saiu vitorioso contra Otávio. Pensando que Brutus também tinha perdido na confusão da batalha, Cássio pediu aos seus próprios libertos que o matassem. No segundo confronto, Brutus foi derrotado. Ele caiu sob a espada de seu amigo, Estrato, e acabou tirando a própria vida.



Como *auspícios* são verificados à luz do instinto natural, e algumas regras para descobri-los



Auspícios e augúrios, que predizem coisas futuras por meio de animais e pássaros, o próprio adivinho *Orfeu*¹ (pelo que lemos) os ensinava ou mostrava em primeiro lugar, para serem depois considerados em alta estima em todas as nações. Eles podem ser verificados à luz do instinto natural, como se a partir desse instinto algumas luzes divinatórias descessem sobre animais de quatro patas, alados e outros, por meio das quais eles podem pressagiar para nós eventos futuros: o que *Virgílio*² parece saber, quando entoa:

Nem os céus sobre eles afirmam tal conhecimento,
Nem sua prudência escapa ao destino.

Ora, esse instinto da natureza, como dizia *Guilherme de Paris*, é mais sublime que toda a apreensão humana e muito parecido e semelhante à profecia. Por meio de tal instinto, há uma certa luz divinatória magnífica em alguns animais, naturalmente,

como se nota nos cães, que conhecem por instinto os ladrões, descobrem homens escondidos, que até então nem conheciam, e os apreendem, caindo sobre eles com a boca aberta.³ Pelo mesmo tipo de instinto, os abutres preveem futuras matanças em batalhas e se reúnem em lugares onde elas ocorrerão, como se antevissessem a carne das carcaças mortas. E com o mesmo instinto, as perdizes conhecem a própria mãe, e abandonam a perdiz que roubou os ovos da mãe e os chocou.

Pelo mesmo instinto, também algumas coisas dolorosas e terríveis são percebidas (das quais a alma dos homens é totalmente ignorante), infligindo terror e horror nos homens, que nada sabem delas. Um ladrão escondido em uma casa, por exemplo, ainda que ninguém saiba, provoca medo e uma sensação incômoda nos moradores, embora não em todos, pois a vivacidade desse instinto não existe em todos. Uma meretriz escondida em uma casa muito grande às vezes é percebida por alguém que não tem a menor ideia da presença dela lá.

É mencionada na história que um certo egípcio chamado *Heraius*, homem com dons divinatórios, era capaz de detectar mulheres impuras não só pelos olhos delas, mas também pela voz, ouvida a uma distância, o que lhe provocava uma forte dor de cabeça.

Guilherme de Paris também menciona uma certa mulher em sua época que, pelo mesmo instinto, percebia a chegada do homem que ela amava, mesmo a 2 milhas de distância.⁴ Ele também relata que naqueles dias uma cegonha foi acusada de infidelidade pelo cheiro do macho, que reuniu uma assembleia de cegonhas e, julgando-a culpada, as outras cegonhas arrancaram-lhe as penas e fizeram-nas em pedaços. Ele também menciona um certo cavalo,⁵ o qual copulou com a própria mãe por não conhecê-la; quando, depois, sentindo o que tinha feito, mordeu e arrancou os próprios testículos para vingar-se contra si mesmo pelo incesto. O mesmo contam *Varro*, *Aristóteles* e *Plínio* a respeito dos cavalos.

E *Plínio* menciona uma certa serpente,⁶ chamada áspide, que fazia coisa semelhante, pois, ao se aproximar da mesa de um determinado homem no Egito, era alimentada todos os dias. Quando teve filhotes, um deles matou o filho de seu anfitrião; e quando ele soube disso, matou o filhote e nunca mais voltou àquela casa.

Com esses exemplos, você pode ver como as luzes dos presságios descem sobre alguns animais, como sinais ou marcas de coisas, e se manifestam em seus gestos, movimentos, vozes, voo, passo, carne, cor, etc, pois de acordo com os platônicos, há um certo poder colocado em coisas inferiores, por meio do qual elas geralmente se tornam compatíveis com as superio-

res. A mesma harmonia tácita dos animais parece condizer com corpos divinos, e seus corpos e afeições afetados por seu poder, pelo nome que são atribuídos às divindades.

Devemos considerar, portanto, quais animais são saturninos, quais jovianos e quais marcianos, assim como o resto, e, de acordo com suas propriedades, entender seus presságios: assim, os pássaros que se assemelham a Saturno e a Marte são todos chamados de terríveis e mortais, como a coruja-das-torres, a corujinha⁷ e outros que já mencionamos, bem como o mocho, por ser um pássaro solitário saturnino, noturno e com fama de trazer mau augúrio, como canta o poeta:

O feio mocho, do qual nenhum pássaro se ressentia,

Prevê má sorte e tristes eventos.

Mas o cisne é um pássaro delicioso, venéreo e dedicado a *Febo*, considerado portador de presságios felizes, principalmente nos auspícios dos marinheiros, pois nunca se afoga na água. *Ovídio* canta:

Feliz é alegre e cantador cisne em seus presságios

Há também alguns pássaros que pressagiam com a boca, cantando, como o galo, a pega, a gralha, segundo *Virgílio*:⁸

_____ assim previa

Com frequência, do fundo do elmo, o ominoso corvo.

Ora, os pássaros que preveem as coisas futuras com seu voo são os urubus,⁹ os quebra-ossos,¹⁰ as águias, os abutres, grous, cisnes e outros do gênero; deve-se considerar seu modo de voo, se devagar ou veloz, da direita

para a esquerda, ou o contrário, quantos voam juntos: nesse sentido, se os groux¹¹ voam em formação, indicam tempestade; se o voo é lento, indicam bom tempo. Também quando duas águias voam juntas, diz-se que elas pressagiam o mal, pois esse é um número de confusão. Do mesmo modo, o mesmo deve ser observado dos demais, levando sempre em conta o número. Além disso, cabe a um artista observar uma semelhança nessas conjeturas, como em *Virgílio*,¹¹ na dissimulação de *Vênus*, ela ensina seu filho *Enéas*, nestes versos:

___ e nada disso é em vão,

Pois se o fosse, meus pais em vão teriam me ensinado os augúrios, Eis, pois, que seis cisnes em feliz companhia

O pássaro de Júpiter perseguiu pelo céu etéreo

Nas amplas trilhas do firmamento: e no caminho parecem Desdenhar a terra: Quando retornam com suas asas barulhentas, e se divertem Com o céu à sua volta, velha consorte.

E assim, teus amigos e tua frota, eu te digo

O porto conquistaram e, com todas as velas, a baía ganharam.

Mais maravilhoso ainda é aquele tipo de augúrio daqueles que ouvem e compreendem as falas dos animais, arte na qual *Melampus*, *Tirésias*, *Tales* e *Apolônio* eram versados. Tais homens, pelo que se diz, tinham excelente domínio da língua dos pássaros: e deles falam *Filóstrato* e *Porfírio*, contando que certa vez Apolônio estava sentado com os amigos, vendo os pardais pousarem em uma árvore próxi-

ma, quando veio um pardal de outro lugar, gorjeando e batendo ruidosamente as asas, e depois voou, para longe, se afastando, seguido de todos os outros. Apolônio explicou, então, aos companheiros que um asno carregando trigo havia caído em um buraco perto da cidade, e que o trigo tinha se espalhado pelo chão. Muitos, impressionados com essas palavras, foram verificar, e de fato *Apolônio* estava certo,¹³ para o espanto de todos.

Também *Porfírio*, o Platônico, em seu terceiro livro de *Sacrifícios*,¹⁴ diz que se tratava de uma andorinha: no que devia estar certo, pois a voz de qualquer animal significa alguma paixão de sua alma, tal como alegria, tristeza, raiva ou outras, o que não deve ser difícil para um homem versado nessa arte identificar.

Mas *Demócrito* declarou que essa arte de perscrutar os pássaros, como dizia *Plínio*,¹⁵ se acompanhada do uso do sangue deles, produzia uma serpente, a qual, se comida, permitia a uma pessoa conhecer as vozes dos pássaros. E *Hermes* dizia que, se alguém sair para caçar pássaros em determinado dia das Calendas¹⁶ de novembro e cozinhar o primeiro pássaro apanhado com o coração de uma raposa, todos os que dele comerem compreenderão as vozes dos pássaros e de todos os outros animais. Também os árabes dizem que aquele que comer o coração e o fígado de dragões¹⁷ entenderá o que os animais dizem. *Proclo*,¹⁸ o Platônico, acreditava - chegando a escrever a respeito - que o coração de uma toupeira produzia presságios.

Também algumas adivinhações e auspícios extraídos das entranhas dos sacrifícios, cujo inventor era *Tages*,¹⁹ de quem *Lucano cantou*.²⁰

E se as entranhas de nada servem,
Com tal arte então mentiu Tages.

A religião romana pregava que o fígado era a cabeça das entranhas.²¹ Por isso os videntes olhavam primeiro o fígado para prever eventos futuros. Nesse órgão se viam duas cabeças, uma chamada de cabeça da cidade e a outra, do inimigo; e com a leitura das cabeças combinadas, ou quaisquer outras duas partes comparadas, eles pronunciavam a vitória, como se lê em *Lucano*, que as entranhas examinadas indicavam o massacre sofrido pelos homens de *Pompeu* e a vitória de *César*, segundo estes versos:²²

Nas entranhas, todos os defeitos são
ominosos.

Uma parte inflama e outra é fraca e
flácida.

Enquanto pulsam aceleradamente as
artérias.

Após examinar os intestinos, eles procuram o coração. Se em sacrifício não fosse encontrado o coração, ou se faltasse uma cabeça no fígado, esses sinais eram presságios mortais, chamados de piaculares.²³ Também se o animal a ser sacrificado fugisse do altar ou fosse abatido soltando um gemido, ou se caísse sobre uma parte do corpo diferente da pretendida, era também um sinal ominoso.

Conta-se que certo dia *Júlio César* saiu em procissão com sua túnica púrpura e, ao se sentar em uma cadeira dourada e fazer sacrifício, por duas vezes faltou o coração;²⁴ e

quando *C. Mário* estava sacrificando em *Utica*, faltou um fígado.²⁵ Quando *Caio*, o príncipe, *M. Marcelo*, *C. Cláudio* e *L. Petellius Coss* estavam fazendo oferendas em sacrifício, o fígado se consumiu de repente; e não muito tempo depois, um deles morreu de doença, outro foi morto pelos homens da *Ligúria*, tudo previsto pelas entranhas do animal sacrificado: o que se atribuía ao poder dos deuses ou à ajuda do Diabo. Também era motivo de grande preocupação entre os antigos, quando alguma coisa incomum era encontrada nas entranhas: como na ocasião em que *Sula* estava sacrificando em *Laurentum*, a figura de uma coroa²⁶ apareceu na cabeça do fígado; o que *Posthumius*, o vidente, interpretou como um sinal da vitória com um reino, e recomendou a *Sula* que comesse as entranhas.

A cor das entranhas também deve ser observada. *Lucano* faz a seguinte menção:²⁷

Ao deparar com as cores, os profetas foram tomados de pânico. Pois tingidas de manchas nefastas se encontravam as pálidas entranhas. Pretas e azuis, com gotículas de sangue eram.

No passado, essas artes eram tão veneradas que os mais poderosos e sábios homens recorriam a elas, incluindo o Senado, e os reis nada faziam sem o conselho dos áugures. Mas hoje em dia, em parte por causa da negligência dos homens, em parte pela autoridade dos pais da Igreja,²⁸ tudo isso foi abolido.

Notas - Capítulo LV

1. Horácio chama Orfeu de intérprete dos deuses, e Filóstrato diz que a cabeça dele foi preservada após sua morte em Lesbos para servir de oráculo.
2. ... eles [corvos negros] apreciam quando a chuva acaba, pois podem voltar aos filhotes e aos seus amados ninhos. Não que eu acredite que eles tenham alguma inspiração do céu, ou que o destino lhes permita antever coisas futuras; mas quando o tempo e a umidade mutável do céu alteram o curso da natureza, e o deus do ar com os ventos úmidos condensa o que até então era raro, e logo rarefaz o que era denso, as imagens da mente são mudadas, e o peito concebe impulsos diferentes do que sentiam, enquanto o vento espalhava as nuvens... (Virgílio, *Georgics* l. c. linha 415 [Lonsdale e Lee, 40]).
3. Ou seja, latindo.
4. Uma descrição antiga do que hoje é conhecido como percepção extrassensorial de aproximação.
5. “Outro cavalo, quando teve as bandagens tiradas dos olhos, descobriu que tinha copulado com a própria mãe; ele, então, saltou de um precipício e morreu. Dizem-nos também que por motivo semelhante um cavaliço foi feito em pedaços no território de Roma” (Plínio 8.64 [Bostock e Riley, 2:318]).
6. Plínio relata essa história e a atribui a Phylarchus, um escritor grego. Ver Plínio 10.96 [Bostock e Riley, 2:552].
7. Uma coruja jovem ou pequena, possivelmente da espécie *Carine noctua*, a pequena coruja representada nas moedas e esculturas como o pássaro de Palas Atena e da cidade de Atenas.
8. Ver nota 7, cap. LIV, l. I.
9. O urubu comum (*Buteo vulgaris*) era considerado uma espécie inferior de gavião, pouco valorizado por causa de seu bico e garras, que são fracas, e pela falta de coragem, que o torna um pássaro inútil para falcoaria. Dele, diz Plínio:

“... também o *triochis*, assim chamado por causa do número de seus testículos, ao qual Phemonoe atribuía o primeiro lugar em augúrios. Ele é conhecido pelos romanos como “búteo”; na verdade, há uma família cujo sobrenome vem desse pássaro, pelo fato de ter trazido a eles um augúrio favorável, pousando no navio de um deles, quando este estava no comando (Plínio 10.9 [Bostock e Riley, 2:487]).
10. *Pandion haliaetus*. Plínio descreve essa espécie de águia, quando diz: “Alguns escritores acrescentam à lista acima uma terceira espécie, a qual chamam de “águia barbada”; já os etruscos a chamam de quebra-ossos [ossifraga: quebra-ossos] (Plínio 10.3 [Bostock e Riley, 2:484]). Especula-se que o pássaro ao qual ele se referia originalmente era abutre de barba (*Gypaetus barbatus*), que quebra os ossos abertos, soltando-os de uma grande abutre, mas, no fim do século XVI, o nome quebra-ossos foi transferido, por escritores ingleses e franceses, para a águia do mar.
11. Plínio diz que, quando os groux “voam para o interior”, estão anunciando tempestade, mas “quando os groux voam alto em silêncio, anunciam tempo bom...” (Plínio 18.87 [Bostock e Riley, 4:124]).
12. Ver nota 8, cap. LIV, l. 1.
13. Os pardais estavam sentados em silêncio nas árvores das redondezas, quando outro pardal voou até eles e fez como se convidasse os outros a fazer algo; e assim que o ouviram, todos os pássaros começaram a gorjear, abriram as asas e voaram. Apolônio sabia por que eles tinham voado, mas não fez comentário algum, e prosseguiu com seu assunto; vendo, então, que todo o seu público seguia os pássaros com o olhar, e algumas pessoas supersticiosas previam maus presságios pela partida dos groux, ele deu a seguinte explicação: “Um garoto que estava carregando grãos em um cocho caiu e, após recolher os grãos sem muito cuidado, foi embora, deixando boa parte espalhada pela estrada. O primeiro pardal encontrou os grãos e voltou para convidar os outros como seus convidados para aquele banquete inesperado”. Muitos de seus ouvintes correram para investigar, enquanto Apolônio continuou com

seu discurso a respeito do bem comum disponível a todos, para aqueles que ficaram. (Filóstrato, *Life and Time of Apolloniuss of Tyana* 4.3 [Eells, 93])

14. *De Abstinentia* (Abstinência de alimento animal), uma das poucas obras ainda existente de Porfírio, que foi traduzida para o inglês por Thomas Taylor em 1823.

15. "... também o que diz Demócrito, quando cita os nomes de certos pássaros, com cujo sangue misturado se produz uma serpente; e a pessoa que disso se alimenta será capaz de compreender a língua dos pássaros..." (Plínio 10.70 [Bostock e Riley, 2:530]). "Demócrito cita uma preparação monstruosa de cobras, com cujo uso a língua dos pássaros pode ser compreendida" (Plínio 29.22 [Bostock e Riley, 5:397]).

16. O primeiro dia de qualquer mês no calendário romano; portanto, 1º de novembro.

17. "Até hoje, é costume dos árabes escutar as vozes de pássaros como oráculos, para prever eventos futuros, e interpretam animais, pois, como dizem, alguns comem o fígado de dragões e outros, o coração" (Filóstrato, *Life and Time of Apolloniuss of Tyana* 1.20 [Eells, 21]).

18. "O coração de uma toupeira é subserviente à adivinhação" (Proclus *De sacrificio et magia*, frag. preservado por Ficinus e dado integralmente em Jamblichus *Life of Pythagoras*, trad. Thomas Taylor [1818] [Londres: John M. Watkins, 1926], 213-8). Taylor também cita este fragmento no fim de sua tradução de *On the Mysteries*. Veja também nota 7, cap. XXI, I.

19. Dizem que certa vez um lavrador estava arando em um campo no território de Tarquinium e acabou fazendo uma vala mais profunda do que o normal, de onde surgiu um certo Tages que, conforme está registrado nos livros dos etruscos, pos suía o semblante de uma criança, mas a prudência de um sábio. Como se surpreendeu desse o lavrador ao vê-lo, e com espanto soltasse um grito, várias pessoas se reuniram em torno dele, e logo todos os etruscos se reuniram no local. Tages, então, discursou na presença de uma imensa multidão, a qual recebeu suas palavras com a maior atenção, e depois ele as registrou por escrito. As informações passadas por esse Tages formaram a base da ciência de adivinhação, sendo mais tarde aperfeiçoada pelo acréscimo de muitos fatos novos, todos os quais confirmavam os princípios (Cícero, *De divinatione* 2.23 [Yonge, 220-1]).

O vidente etrusco que examinava as entranhas era chamado de arúspice e a prática em si, de aruspicação.

20. Descrito por Arruns, o decano dos videntes, ao ver o infeliz duplo, ou o fígado de dois lóbulos, em um sacrifício: "Que os deuses concedam um resultado próspero ao que foi visto, e que não haja verdade nas entranhas; pois Tages, o fundador da arte, inventou de bom grado todas essas coisas!" (Lucano, *Pharsalia* 1, linha 636 [Riley, 42]).

21. "O fígado é do lado direito: nessa parte está situado o que se chama de 'a cabeça das entranhas', e passa por consideráveis variações" (Plínio 11.73 [Bostock e Riley, 3:67-8]).

22. "... e, um sinal chocante! Aquilo que não apareceu com impunidade nas entranhas! Eis que ele [Arruns] vê crescendo na cabeça das entranhas [fígado] a massa de outra cabeça - uma parte se estende, fraca e flácida, outra parte pulsa e, com pulsação rápida, move incessantemente as veias" (Lucano, *Pharsalia* 1, linha 626 [Riley, 41]).

23. Ver nota 9, cap. LIII, l. 1.

24. No primeiro dia em que o ditador César apareceu em público, vestindo púrpura, e se sentou em um trono de ouro, por duas vezes faltou o coração enquanto ele sacrificava. Tal circunstância levantou uma grande polêmica entre os que discutem questões pertinentes à adivinhação - se era possível a vítima ter vivido sem aquele órgão, ou se o tinha perdido no momento em que morreu (Plínio 11.71 [Bostock e Riley, 3:66]).

.. no mesmo dia em que César se sentou pela primeira vez no trono de ouro e vestiu uma toga púrpura, ao fazer o sacrifício verificou que não havia coração nas entranhas de uma gorda raposa... Ele mesmo se surpreendeu com o fenômeno inusitado; ao que Spurinna [vidente que alertou: "Cuidado com os Idos de março" (N.T.: idos - no antigo calendário romano, o dia 15 de março, maio, julho e outubro, e o dia 13 dos outros meses)] observou que tinha motivo para temer a perda do juízo e da própria vida, uma vez que ambos se originam no coração. No dia seguinte, o fígado da vítima foi encontrado com defeito na extremidade superior (Cícero, *De divinatione* 1.52 [Yonge, 13-4]).

Quando César estava sacrificando, notou-se que faltava o coração da vítima, um presságio muito ruim, pois nenhum ser vivo pode subsistir sem o coração (Plutarco “César”, In *Lives* [Dryden, 890]).

25. Não foi encontrado o fígado de uma vítima sacrificada por M. Marcelo, por volta da época em que ele foi morto em uma batalha contra Aníbal; enquanto na vítima sacrificada no dia seguinte foi encontrado um fígado duplo. Também faltou o fígado em uma vítima sacrificada por C. Mário, em Utica, e na vítima oferecida pelo imperador Caio [Calígula], nas calendas de janeiro, por ocasião de sua entrada no ano do consulado em que ele foi morto: a mesma coisa ocorreu com seu sucessor, Cláudio, no mês em que ele foi morto por envenenamento (Plínio 11.73 [Bostock e Riley, 3:68]).

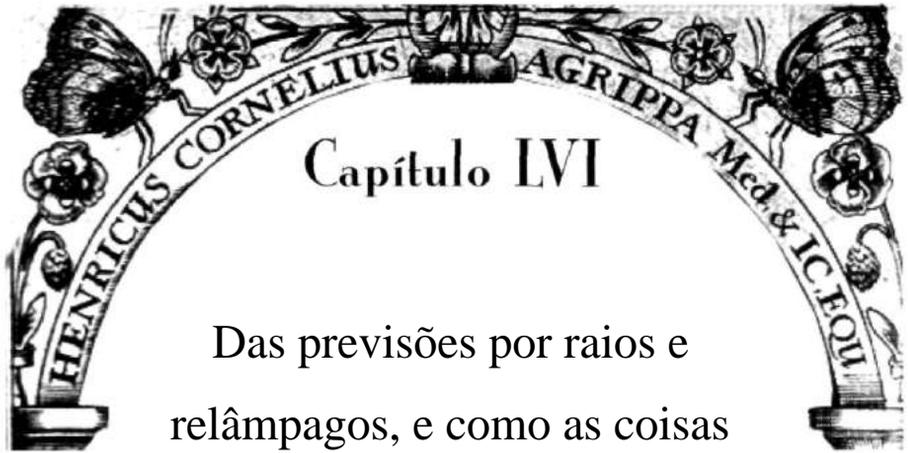
26. Confiando no testemunho de Sula em suas *Memórias*, Plutarco escreve: “Pois quando ele estava sacrificando, logo após atracar perto de Tarentum, o fígado da vítima mostrou a figura de uma coroa de louro com dois filetes dela escorrendo” (Plutarco “Sylla”. In *Lives* ... [Dryden, 566]).

Plutarco menciona Posthumius fazendo um sacrifício em Nola (leste da atual Nápoles), um pouco antes do sacrifício citado acima. “Quando ele [Sula] estava sacrificando, Postumius, o vidente, após examinar as entranhas, pegou nas mãos de Sylla [Sula] e mandou que fossem amarradas e ficassem sob custódia até o fim da batalha, como que dispostas, caso não houvesse o sucesso completo, a sofrer a pior punição” (*Ibid.*, 552). Cícero faz outra referência aos dois:

Pois quando Sula se encontrava no território de Nola, sacrificando em frente à sua tenda, uma serpente, de súbito, deslizou saindo de debaixo do altar. Posthumius então recomendou-lhe que desse ordens para que o exército marchasse imediatamente. Sula obedeceu e derrotou de vez os samnitas que se encontravam diante de Nola e tomou posse do rico acampamento deles (Cícero *De divinatione* 1.33 [Yonge, 175]).

27. Lucas faz menção - “A mesma cor alarmou o profeta; pois uma lividez impregnante manchava com pontos de sangue os vitais pálidos, machando-os com repugnantes pontos, empanturrados com sangue coagulado. Ele percebe o fígado fedendo a corrupção e contempla as veias ameaçadoras do lado do inimigo”.

28. Os primeiros líderes e autores da Igreja Cristã.



Das previsões por raios e relâmpagos, e como as coisas monstruosas e prodigiosas devem ser interpretadas



amos agora para as previsões por meio de relâmpagos e raios, de feitos fantásticos e de como as coisas monstruosas e prodigiosas devem ser interpretadas e os profetas e sacerdotes de Hetruscus¹ ensinavam a arte. Eles definiram 16 regiões² dos céus e atribuíram deuses a cada uma delas e ainda 11 espécies³ de relâmpagos e nove deuses que os lançavam, apresentando regras para se entender o significado desses sinais. Mas, sempre que acontecem coisas monstruosas, prodigiosas e fantásticas, elas pressagiam algo de grande importância.

O intérprete de tais coisas deve ser um excelente conjurador de similitudes, além de um explorador curioso, trabalhando a serviço de príncipes e províncias. Pois os celestiais providenciam para que os príncipes, os povos e as províncias sejam em primeiro lugar prefigurados e admoestados pelos astros, pelas constelações, por feitos fantásticos e prodígios. Ora, se a mesma coisa, ou semelhante, foi vista em tempos

passados, devemos levar em conta tal coisa e o que aconteceu depois; e, de acordo com ela, prever o mesmo ou semelhante, pois os mesmos signos são para as mesmas coisas, e o igual serve para o igual.

Assim, os prodígios têm aparecido antes do nascimento e da morte de muitos homens eminentes e reis; como *Cícero* menciona *Midas*, um garoto, em cuja boca, enquanto ele falava, uma formiga colocou grãos de trigo,⁴ o que constituía um sinal de grandes riquezas. Quando algumas abelhas pousaram na boca de *Platão*,⁵ enquanto ele dormia no berço, se previu a doçura de sua fala. *Hécuba*, quando estava dando à luz Páris, viu uma tocha ardente,⁶ que incendiaria Troia e toda a Ásia. Apareceu para a mãe de *Phalaris*⁷ a imagem de Mercúrio derramando sangue sobre a terra, com o qual toda a casa foi inundada. A mãe de *Dionísio*⁸ sonhou que deu à luz um sátiro, um prodígio de coisas boas que aconteceriam em seguida.

A esposa de *Tarquinius Priscus* viu uma chama roçar a cabeça de *Sérvio Túlio*,⁹ pressagiando que ele teria o rei-

no. Da mesma maneira, após a tomada de Troia, enquanto *Enéas* disputava com *Anquises*, seu pai, a questão de uma fuga, apareceu uma chama roçando a coroa da cabeça de *Ascânio*,¹⁰ não lhe ferindo: e tal presságio, indicando o reino para as mãos de *Ascânio*, convenceu-o a partir, pois prodígios monstruosos previam uma grande e iminente destruição.

Lemos em Plínio que, enquanto *M. Atílio* e *C. Pórcio* eram côsules, houve uma chuva de leite e sangue,¹¹ anunciando que uma grande pestilência se espalharia por Roma no ano seguinte. Também em Lucânia choveu ferro esponjoso,¹² um ano antes de *Marco Crasso* ser morto na Pártia, o que levou também a morte de todos os soldados de Lucania, que formavam um exército numeroso. Também enquanto *L. Paulo* e *C. Marcelo* eram côsules, choveu lâ¹³ em volta do castelo de *Corisanum*, perto do local onde no ano seguinte *T. Annius* foi morto por *Milo*. Também nas guerras da Di-

namarca, o barulho de armas¹⁴ e o som de trombeta foram ouvidos no ar. E *Tito Lívio*, falando das guerras da Macedônia, disse que, quando *Aníbal* morreu, choveu sangue por dois dias. Também acerca da segunda guerra púnica, ele diz que água misturada com sangue caiu do céu como chuva, na época em que Aníbal pilhava a Itália. Pouco antes da destruição de Leuctra, os lacedemônios ouviram um barulho de armas no tempo de *Hércules*,¹⁵ enquanto nesse mesmo momento as portas que estavam fechadas com trancas se abriram sozinhas, e as armas que estavam penduradas na parede se encontravam agora no chão.

Eventos semelhantes podem ser prognósticos de outras coisas, como acontecia com frequência no passado, anunciando eventos. Mas também nesses casos, o julgamento das influências celestiais não deve ser negligenciado, o que abordaremos melhor nos capítulos seguintes.

Notas - Capítulo LVI

1. Etrúria.

2. Em relação a esse fenômeno [relâmpago], os etruscos dividem o céu em 16 partes. A

primeira grande divisão é de norte a leste; a segunda até o sul; a terceiro até o oeste; e a quarta ocupa o que sobra entre oeste e norte. Cada uma delas é subdivida em quatro partes, das quais as oito a leste são chamadas de divisões esquerdas, e as oito a oeste, divisões direitas. Aquelas que se estendem do oeste para o norte são consideradas as mais inapropriadas. Por isso, é muito importante determinar de que setor procede o trovão e em que direção ele cai. É considerado um presságio muito favorável quando o trovão retorna à divisão leste. Mas o prognóstico é da maior felicidade quando o trovão procede da primeira parte mencionada do céu e a ela retorna; foi um presságio desse tipo que, segundo ouvimos dizer, foi dado a Sula, o Ditador. Os demais setores do céu são menos propícios, mas também podem ser menos temidos (Plínio 2.55 [Bostock e Riley, 1:85]). Ver também a história de Attus Navius em Cícero, *De divinatione* 1.17.

3. Os livros etruscos nos informam que existem nove deuses que desencadeiam tempestades com trovões e relâmpagos, e que há 11 diferentes espécies deles; e três dessas tempestades são provocadas por Júpiter. Os romanos reconhecem apenas duas, atribuindo as do tipo diurno a Júpiter e do tipo noturno a Summanus... (Plínio 2.53 [Bostock e Riley, 1:82]).

4. “Quando Midas, futuro rei da Frígia, ainda era bebê, algumas formigas deixaram grãos de trigo em sua boca, enquanto ele dormia” (Cícero, *De divinatione* 1.36 [Yonge, 177]).

5. “Platão ainda era criança, quando um dia, dormindo no berço, chegou um enxame de abelhas, que pousaram em seus lábios; e os videntes explicaram que ele se tornaria extremamente eloquente...” (*Ibid.*)

6. Cícero cita um poeta não identificado:

A rainha Hécuba sonhou - e foi um sonho portentoso Que tinha dado à luz não uma criança humana. Mas uma abrasadora tocha ardente. (Cícero *De divinatione* 1.21 [Yonge, 163]).

7. Heráclides de Ponto, um homem inteligente que foi discípulo e seguidor de Platão,

escreve que a mãe de Phalaris imaginava ter visto em sono as estátuas dos deuses que Phalaris tinha consagrado em sua casa. Entre eles, parecia-lhe que Mercúrio tinha um cálice na mão direita, da qual ele despejava sangue, o qual, ao tocar a terra, jorrava como uma fonte e inundava a casa (Cícero, *De divinatione* 1.23 [Yonge, 164]).

8. Refiro-me àquele Dionísio que foi o tirano de Siracusa, conforme registrado por Philistus, um homem sábio e culto, contemporâneo de Dionísio - estando grávida dele, sonhou que se tornara mãe de um sátiro (Cícero *De divinatione* 1.20 [Yonge, 162]). Os sátiros são servos do deus Dioniso.

9. “E todos os nossos relatos históricos contam que a cabeça de Sérvio Túlio, enquanto este dormia, parecia estar em fogo, o que era um sinal dos eventos extraordinários que se seguiram” (Cícero *De divinatione* 1.53 [Yonge, 194]).

“... quando Sérvio Túlio, ainda criança, estava dormindo, uma chama saiu de sua cabeça...” (Plínio 2.111 [Bostock e Riley, 1:143]).

Conta-se que a cabeça de um menino chamado Sérvio Túlio certa vez brilhou como fogo enquanto ele dormia, fenômeno testemunhado por muitas pessoas. E após a comoção provocada pelo evento miraculoso, a família real acordou; e quando um dos servos trazia água para apagar o fogo, a rainha o proibiu de prosseguir, não querendo que o menino fosse perturbado até acordar sozinho. Assim que ele acordou, a chama desapareceu. (Tito Lívio, *História de Roma* 1.39, traduzido para o inglês por D. Spillan e Cyrus Edmonds [Nova York: Noble and Eidridge, n.d.], 52-3)

10. “... uma leve crosta de fogo parece projetar um brilho da coroa da cabeça de Iulus [Ascânio] e, sem feri-lo, roçar seus cabelos ondulados e se estender às têmporas” (Virgílio, *Eneida* 2. c. linha 682 [Lonsdale e Lee, 111]).

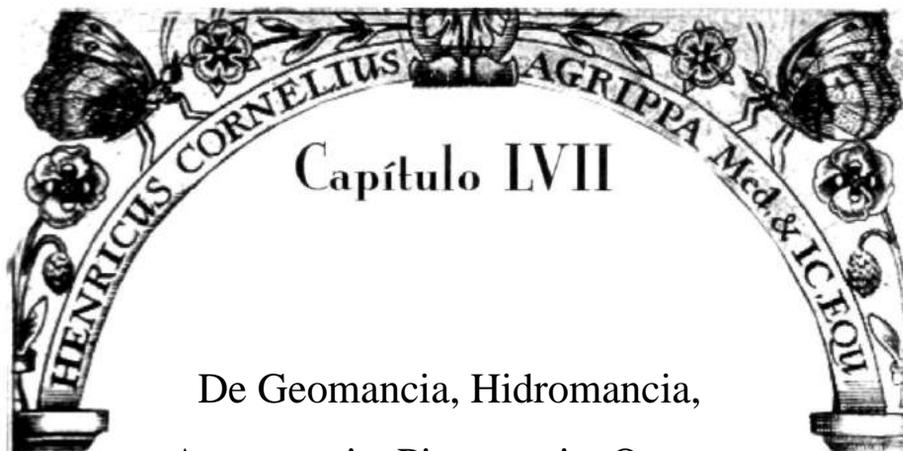
11. “Além destes, aprendemos através de certos monumentos que, da parte inferior da atmosfera, choveu leite e sangue no consulado de M. Acilius e C. Porcius [114 a.C] e, com frequência, em outras épocas (Plínio 257 [Bostock e Riley, 1:87]).

12. Também choveu ferro na terra dos lucanos, no ano anterior à morte de Crasso nas mãos dos partos [53 a.C], bem como de todos os soldados lucanos, que formavam um grande exército. A substância que caiu tinha a aparência de esponja; os augúrios alertavam o povo do perigo de ferimentos que poderiam ir do alto (*Ibid.* 87-8).

13. “No consulado de L. Paulo e C. Marcelo, choveu lã em volta do castelo de Carissanum, perto do local onde, um ano depois, T. Annius Milo foi morto” (*Ibid.*, 88).

14. “Soubemos que, durante a guerra com os cimbrós, o barulho de armas e o som de trombetas foram ouvidos no céu, a mesma coisa já havia acontecido antes e tem acontecido desde então” (Plínio 2.58 [Bostock e Riley, 1:88]).

15. “Quantas intimações foram feitas aos lacedemônios pouco tempo antes do desastre de Leuctra, quando armas foram ouvidas no templo de Hércules, e sua estátua se umedeceu com suor profuso! Ao mesmo tempo, em Tebas (como relata Callisthenes), as portas dobráveis do templo de Hércules, que estavam fechadas com trancas, abriram-se sozinhas, e todas as armas que antes estavam penduradas nas paredes se encontravam agora no chão” (Cícero *De divinatione* 1.34 [Yonge, 176]).



De Geomancia, Hidromancia, Aeromancia, Piromancia, Quatro adivinhações de elementos



lém de tudo isso, os próprios elementos nos ensinam eventos fatais, e deles derivam-se os nomes daquelas quatro famosas espécies de adivinção: Geomancia, Hidromancia, Aeromancia e Piromancia, das quais a famosa feiticeira em *Lucano* parece se gabar, quando diz:¹

A terra, o ar, o caos e o céu,
Os mares, os campos, as rochas e as
montanhas altas
Preveem a verdade

A primeira dessas formas de adivinção é a Geomancia, que mostra as coisas futuras pelos movimentos da Terra, bem como pelo barulho, inchaço, tremor, rachaduras, precipícios e exalação, e outras impressões, cuja arte *Almadel*, o Árabe, pratica. Mas há outro tipo de Geomancia, que funciona com pontos escritos na terra, por meio de um certo poder na queda dela, que não será tema da presente especulação, mas ao qual voltaremos mais tarde.²

Já a Hidromancia realiza seus presságios pelas impressões da água, seu fluxo e refluxo, seus aumentos e depressões, suas tempestades, cores, e coisas assim; a qual se acrescenta também visões que são feitas nas águas. Por meio de uma adivinção encontrada pelos persas,³ conforme relata *Varro*, um garoto viu na água as efígies de *Mercúrio*, prevendo em 150 versos todo o evento da guerra de *Mithridates*. Também lemos que *Numa Pompílio*⁴ praticava a hidromancia; pois na água ele invocava os deuses e com eles aprendia acerca das coisas futuras; arte que também *Pitágoras*, muito tempo depois de *Numa*, praticava.

Há muito tempo havia um tipo de Hidromancia que era de grande estima entre os assírios, sendo chamada de Lecanomancia, e que consistia no uso de uma pele cheia de água, sobre as quais eles punham pratos de ouro e prata e pedras preciosas, sobre as quais vinham inscritas certas imagens, nomes e caracteres. A essa arte se associava o uso de chumbo e

cera, que eram derretidos e jogados na água,⁵ expressando marcas de imagens do que desejamos saber. Também no passado havia fontes que previam as coisas futuras, como a Fonte do Pai em Acaia e aquela que era chamada de a Água de Juno em Epidaurus; mas falaremos mais disso nos capítulos seguintes, quando trataremos dos oráculos.⁶

Também há referências à adivinhação pelos peixes, do tipo que era usada pelos lícios em um lugar chamado Dina, perto do mar, em um bosque dedicado a Apolo, feito oco na areia seca e dentro do qual aquele que ia consultar acerca de coisas futuras colocava carne assada e logo o lugar se enchia de água; e uma miríade de peixes e de estranhas formas desconhecidas do homem aparecia, por meio das quais o profeta previa o que estava para acontecer. Essas coisas são relatadas por *Ateneu* em *Policarmo*, na história dos lícios.

Pelo mesmo processo, a Aeromancia adivinha por meio de impressões no ar, pelo sopro dos ventos, pelos arco-íris, por círculos em volta da Lua e das estrelas, neblinas e nuvens, imagens nas nuvens e visões no ar.

A Piromancia, por sua vez, adivinha por meio de impressões do fogo, pelas estrelas com longas caudas,⁷ por cores incandescentes, visões e imagens no fogo. Foi assim que a esposa de *Cícero*⁸ previu que ele seria cônsul no ano seguinte, pois, quando um certo homem olhava as cinzas após o término de um sacrifício, subitamente se levantou uma chama. É desse tipo de adivinhação que fala

Plínio,⁹ quando menciona que fogos terrenos, pálidos e sibilantes pressagiam tempestades, e que os círculos em volta do pavio de uma vela¹⁰ são um prenúncio de chuva; se a chama vira e se curva, é um prenúncio de vento. O mesmo fazem as tochas logo que são acesas e não alimentadas; também quando um pedaço de carvão gruda no pote tirado do fogo, quando o fogo lança longe as cinzas e as fagulhas, ou quando as cinzas endurecem na lareira, ou o carvão brilha muito.

A essas artes se acrescenta a Capnomancia,¹¹ cujo nome deriva da fumaça, pois ela procura a chama e a fumaça, cores delicadas, sons e movimentos, quando estes são levados para cima, ou para um lado, ou voam em volta, o que lemos nestes versos em *Statius*:

Que a piedade apanhada e posta sobre o altar,

Imploremos aos deuses por seu divino auxílio.

Ela faz chamas acentuadas, vermelhas, e altas e brilhantes. Alimentada pelo ar, branca no meio; E apanha todas as chamas externas, Serpenteando-as dentro e fora, fazendo-as deslizar como uma serpente.

Também nas cavernas de Atenas e nos campos das ninfas em Apolônia, augúrios foram extraídos do fogo e das chamas; bons, se receberam o que neles foi jogado; ruins, se recusaram. Mas disso falaremos mais tarde, nos capítulos seguintes, quando trataremos das respostas dos oráculos.¹²

Notas - Capítulo LVII

1. Ericto, falando com Sexto Pompeu, diz: “Mas, se queres antever os eventos, caminhos fáceis e múltiplos se abrirão para a verdade, e as rochas de Rhodope conosco conversarão”. (Lucano, *Pharsalia* 6, linha 615 [Riley, 237]).

2. Ver apêndice VIII.

3. A respeito da Hidromancia, Agostinho diz: “Forma de adivinhação, segundo Varro [*De cultu deorum*], que veio da Pérsia e era usada por Numa e, depois, por Pitágoras” (*Cidade de Deus* 7.35, [Healey 1:224]).

4. “O casamento de Nuna com a ninfa Egéria (segundo Varro) nada mais foi que seu uso

da água na Hidromancia. Pois tais histórias são propensas a muita falsidade e a se tornarem fábulas. Foi por meio dessa Hidromancia que esse rei curioso aprendeu as leis religiosas que ele depois passaria aos romanos, e que os sacerdotes têm em seus livros...” (*Ibid.*)

5. Pequenas quantidades de material derretido são rapidamente colocadas em um receptáculo com água, no qual se solidificam quase que de imediato. A adivinhação deriva das formas curiosas que as massas endurecidas assumem.

6. Ver notas 14 e 15, cap. XLVIII, l. III.

7. Cometas, sobre cujos presságios fala Plínio: “É importante observar para que lado essa estrela projeta seus raios, ou de qual estrela ela recebe influência, com que se assemelha e em quais lugares ela brilha (Plínio 2.23 [Bostock e Riley, 1:57]). Na Astrologia antiga, havia uma classificação sofisticada de cometas de acordo com a forma, o que lhes rendia seus nomes; por exemplo, “estrelas com cabelos longos”, quando a cauda aparecia para cima; “estrelas barbadadas”, quando se voltava para baixo; “estrelas-dardo”, quando a cauda era longa e estreita; “estrelas-adaga”, quando era curta e inclinada a um ponto, e assim por diante. Para uma lista de algumas dessas estrelas, ver Plínio 2.22 (Bostock e Riley, 1:55-6). Ptolomeu também as menciona em *Tetrabiblos* 2.9, mas com menos detalhes que Plínio. Para um relato completo, consultar Efestião de Tebas.

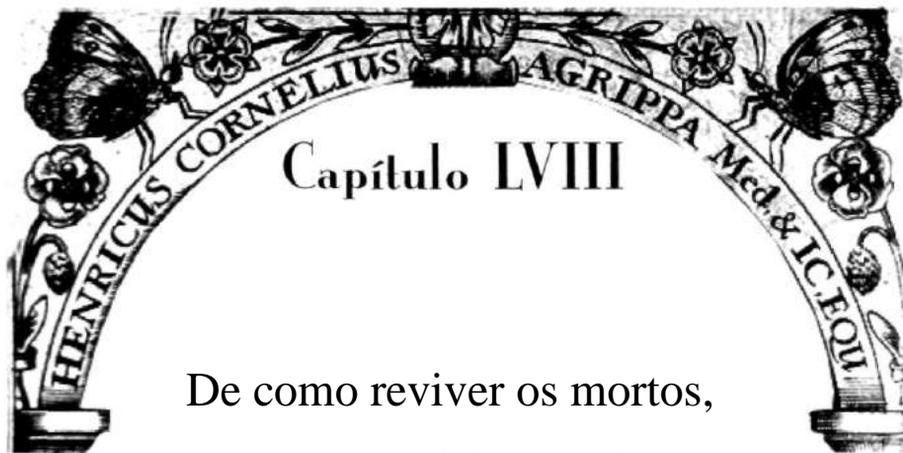
8. Terência, a primeira esposa de Cícero. Ele foi cônsul em 63 a.C. É curioso ele não mencionar essa história em *De divinatione* (44 a.C.). Talvez o divórcio de Terência em 45 a.C., acompanhado do divórcio de Publília, sua segunda esposa, no mesmo ano, tinha desviado-lhe a cabeça de reminiscências domésticas.

9. Além dessas, existem os prognósticos extraídos do fogo alimentado sobre a terra. Se as chamas forem pálidas e emitirem um som murmurante, são consideradas um presságio de tempestade; e a presença de fungos no pavio ardente da lâmpada é um sinal de chuva. Se a chama for espiral e trêmula, é um indício de vento, o mesmo caso quando a lâmpada se apaga sozinha ou é acesa com dificuldade; também se o pavio se dependurar e se formarem fagulhas nele ou os carvões ardentes aderirem aos potes tirados do fogo, ou se o fogo, quando coberto, lançar brasas ou emitir fagulhas, ou se as cinzas formarem uma massa na lareira, ou o carvão arder com muito brilho (Plínio 18.84 [Bostock e Riley, 4:122]).

10. “E eis que, quando Pamphiles viu a vela na mesa, ela disse: Com certeza, teremos muita chuva amanhã. Seu marido, ao ouvir tais palavras, indagou dela como sabia de tal coisa. Maria (disse ela), a luz sobre a mesa, assim mostrou” (Apuleio, *O asno de ouro*, cap. 10 [Adlington]).

11. Quando a chama subiu, delicada, em uma coluna vertical do sacrifício sobre o altar, foi um bom sinal, mas, se a fumaça descesse muito, seria mau. Outra espécie de capnomancia é realizada com a fumaça de sementes de papoula ou jasmim. A fumaça do sacrifício também era inalada para produzir um estado exaltado.

12. Todas essas formas de adivinhação são descritas em uma obra curta, que os editores da *Opera* latina acharam conveniente afixar como um tipo de apêndice em *Filosofia Oculta*. Ele tem o título *De speciebus magiae ceremonialis, quam geotiam uocant, epitome per Georgiu Pictorium Villinaganum, doctorem medicum, nuperrime conscripta*. Seis das obras de magia anexadas ao primeiro volume da *Opera* foram reunidas e traduzidas para o inglês em 1655 por Robert Turner, sob o título enganoso de *Agrippa, seu quarto livro de filosofia oculta (Agrippa His Fourth Book of Occult Philosophy)* - enganoso porque é apenas um dos seis tratados, e Agrippa nem sequer o escreveu - mas, por algum motivo, parece que o *De speciebus* foi ignorado.



De como reviver os mortos, do sono e da falta de víveres por muitos anos



s filósofos árabes concordam que alguns homens conseguem se elevar acima dos poderes de seu corpo e de seus poderes sensitivos; e, tendo superado tais poderes, esses indivíduos recebem por meio da perfeição dos céus e das inteligências um vigor divino. Uma vez que todas as almas dos homens são perpétuas e todos os espíritos obedecem às almas perfeitas, os magos acreditam que os homens perfeitos podem, pelo poder de sua alma, recuperar seus corpos moribundos e inspirá-los novamente; assim como uma doninha morta é revivida pela respiração e chama pela mãe, e os leões revivem seus filhotes mortos¹ respirando neles.

Isso acontece porque, como dizem, todas as coisas iguais aplicadas às suas iguais são feitas da mesma natureza; e todo paciente e toda coisa que recebem em si a ação de qualquer agente são dotados com a natureza desse agente, tornando-se conaturais. Por isso, pensam eles que algumas ervas e confeções mágicas, como as

feitas das cinzas da fênix² e da pele arrancada de uma cobra, conduzem a essa revivificação, o que parece fabuloso demais, e para alguns até impossível, a menos que seja comprovado por fé histórica.

De fato, lemos a respeito de algumas pessoas que se afogaram na água, outras que morreram no fogo, em guerra, e diversos modos, e após alguns dias estavam vivas novamente, como atesta Plínio³ acerca de *Aviola*, um homem pertencente ao cônsul, também de *L. Lamia*, *Callius Tubero*, *Corfidius*,⁴ *Gabienus*⁵ e muitos outros. Também lemos que *Esopo*, o fabulista, *Tindoreus*,⁶ *Hércules*⁷ e *Palicy*,⁸ os filhos de *Júpiter* e *Tália* (ou *Talia*), estando mortos, foram trazidos de volta à vida; e tantos outros foram revividos por médicos e magos, como nos relatam os historiadores acerca de *Esculápio*,⁹ e a mesma menção fazem *Juba*, *Xanthus* e *Filóstrato* a respeito de *Tilo*, de um certo árabe e de *Apolônio*¹⁰ de Tiana.

Lê-se também que *Glauco*,¹¹ um homem que havia morrido, sem es-

perança de recuperação, ao ser visto assim pelos médicos, estes lhe administraram erva-de-dragão e o trouxeram de volta à vida. Alguns dizem que ele reviveu quando inseriram em seu corpo um remédio feito de mel, de onde surgiu o provérbio: *Glauco* voltou à vida quando tomou mel.

Apuleio, também relatando essa forma de revivificação, disse que *Zachla*,¹² o profeta egípcio, certa vez colocou uma erva na boca de um jovem morto e outra no peito, depois, voltando-se para o Sol, rezando em silêncio (com uma grande assembleia de pessoas tentando ver), conseguiu fazer o paciente arfar o peito; suas veias começaram a pulsar e todo o corpo se encheu do sopro de vida, o corpo até então inerte se levantou; e o jovem falou.

Se essas histórias são verdadeiras, as almas devem, às vezes, escondidas no corpo, ser oprimidas com êxtases veementes e libertadas de toda ação física - de modo que a vida, o sentido e o movimento abandonam o corpo, embora o homem não esteja realmente morto, mas apenas aturdido,¹³ como se morresse por algum tempo. E com frequência se verifica em tempos de pestilência que muitos indivíduos tidos como mortos são enterrados para depois reviver. O mesmo também ocorre com as mulheres, por ataques da mãe.¹⁴

E o rabino *Moisés*,¹⁵ no livro de *Galeno*, traduzido por *Patriarcha*, menciona um homem que ficara sufocado por seis dias, e não comeu nem bebeu, e suas artérias endureceram. E o mesmo livro fala de um homem que, após se encher de água, perdeu a pulsação do corpo todo, de modo que não se percebia seu coração bater, e

ele jazia como morto. Também há casos de homens que, após uma queda de um lugar alto, ou grande comoção, permanência prolongada na água, às vezes entram em um estado de torpor, que pode durar 48 horas, e eles ficam deitados como se estivessem mortos, com o rosto até verde.

E na mesma fonte há menção de um homem que enterrou outro, o qual parecia estar morto ainda 72 horas após seu aparente passamento, assim o matando, pois o enterrara vivo; e há sempre sinais que indicam se o indivíduo ainda está vivo; embora pareçam mortos, e cheguem de fato a morrer, a menos que seja empregado algum meio para recuperá-lo, como flebotomia ou alguma outra cura. Esses são acontecimentos raros. Esse é o modo como entendemos que os magos e médicos revivem os mortos, como aqueles que, feridos pela mordida de serpentes, tiveram a vida restaurada na nação dos marsos e dos psilos.¹⁶

Ora, nós podemos imaginar que algumas formas de êxtase continuam por muito tempo, embora um homem não esteja de fato morto, mas apenas dormente, como o fazem os crocodilos, e muitas outras serpentes,¹⁷ que dormem o inverno todo e se encontram em sono tão profundo que nem o fogo os desperta. E eu já vi várias vezes uma ratazana ser dissecada e continuar imóvel, como se estivesse morta, até ser fervida e, de repente, na água fervente, seus membros começaram a se mexer.

Além disso, embora seja difícil de acreditar, também lemos em textos de renomados historiadores que alguns homens dormiram por muitos anos e, enquanto dormiam, até o momento em que despertaram, não

houve alteração alguma neles que os fizesse parecer mais velhos: o mesmo testifica *Plínio*, relatando o caso de um rapaz que, cansado do calor e de sua jornada, dormiu 57 anos em uma caverna. Também lemos que *Epimenides Gnosius*¹⁸ dormiu 57 anos em uma caverna. De onde vem o provérbio: dormir mais que *Epimenides*. *M. Damascenis* conta que em sua época um certo conterrâneo exausto, na Alemanha, dormiu durante todo o outono e o inverno, sob uma pilha de feno, até o verão, quando o feno começou a ser comido, e ele foi encontrado desperto, como semimorto, e sem juízo.

A história eclesiástica confirma essa opinião a respeito dos Sete Adormecidos,¹⁹ os quais, dizem, dormiram 196 anos. Havia na Noruegia²⁰ uma caverna localizada em uma enseada alta onde, pelo que escrevem *Paulo Diácono* e *Metódio*, o mártir, sete homens dormiram por muito tempo sem seu corpo envelhecer, e as pessoas que lá entravam para perturbá-los sofriam contrações, ou espasmos, e assim alertadas pela punição, não ousavam buli-los.

Xenócrates, um homem de grande reputação entre os filósofos, era da opinião que esse longo sono foi designado por Deus como castigo por alguns tipos de pecados. Mas *Marco Damasceno* prova por muitas razões que é possível, natural, e nada irracional, que alguns indivíduos possam passar muitos meses sem comer e beber e evacuar, não se consumindo

nem sofrendo corrupção do corpo. E isso pode acometer um homem, por meio de alguma poção venenosa, ou doença de sono, ou causas semelhantes, por dias, meses ou anos, de acordo com a intenção, ou a remissão do poder do remédio, ou das paixões da mente.

E os médicos dizem que existem antídotos dos quais aqueles que tomam dose muito grande da poção conseguem aguentar a fome por muito tempo, como no passado aconteceu com *Elias*,²¹ sendo alimentado por um anjo, caminhou e jejuou com a força de tal repasto por 40 dias. E *João Bocácio* menciona um homem em sua época, em Veneza, que uma vez por ano fazia jejum por 40 dias. Feito mais fantástico, porém, foi o de uma mulher na baixa Alemanha, na mesma época, que não comeu alimento algum até completar 13 anos de vida, o que pode nos parecer incrível, mas ela confirma o fato; e conta também de um milagre de nossos tempos, de seu irmão *Nicolaus Stone*, um helvécio, que viveu 20 anos em terra selvagem sem comer, até que morreu. Também é fantástico o fato mencionado por *Teófrasto*, envolvendo um homem chamado *Philinus*, que nada comia nem bebia além de leite. E há autores sérios que descrevem determinada erva de Esparta, com a qual, dizem, os citas são capazes de passar 12 dias com fome, sem comida ou bebida, se apenas a provarem ou segurarem na boca.

Notas - Capítulo LVIII

1. Acreditava-se que certos animais, particularmente o leão e o urso, davam à luz pequenas massas de carne, sem forma. “Após nascerem, esses animais aquecem os filhotes, lambendo-os, e assim lhes dando a forma apropriada” (Plínio 10.83 [Bostock e Riley, 2:542]). Em referência a esse comentário a respeito da doninha e do leão, feito por Agrippa, Plínio diz: “Aristóteles nos informa... Os filhotes, ao nascerem, são sem forma e extremamente pequenos, não maiores que uma doninha...” (Plínio 8.17 [Bostock e Riley, 2:265-6]).

2. ... entre os primeiros remédios mencionados, encontramos aqueles que, segundo

dizem, são feitos das cinzas e do ninho da fênix, como se sua existência fosse um fato comprovado, e não uma fábula. E, além disso, seria zombaria citar remédios que só retornam a cada mil anos (Plínio 29.9 [Bostock e Riley, 5:382]).

3. Aviola, homem de patente consular, voltou à vida quando estava já na pira funerária;

mas, por causa da violência das chamas, ninguém lhe pôde prestar assistência e ele foi queimado vivo. A mesma coisa teria acontecido a L. Lamia, homem de patente pretoriana. Messala, Rufo e muitos outros autores nos informam que C. Aelius Tubero, que ocupava o ofício de pretor, também foi resgatado da pira funerária (Plínio 7.53 [Bostock e Riley, 2:210]).

4. “Varro nos informa... que Corfidius, que desposara sua tia materna, voltou à vida depois que o funeral já havia sido providenciado e que posteriormente foi ao funeral da pessoa que preparou o dele” (*Ibid.*, 212).

5. Na guerra da Sicília, Gabienus, o mais bravo de todos os comandantes navais de César,

foi feito prisioneiro por Sexto Pompeu, que ordenou que lhe cortassem a garganta. Depois de tal ato, com a cabeça quase separada do corpo, seu corpo ficou estendido o dia todo na praia. Quase à noite, com gemidos e súplicas, ele pediu às multidões de pessoas que tinha se juntado que solicitassem a Pompeu que fosse até ele ou mandasse um de seus amigos de maior confiança, pois ele acabara de retornar das sombras abaixo e tinha notícias importantes para comunicar. Pompeu mandou vários de seus amigos, aos quais Gabienus declarou que a boa causa e os virtuosos partidários de Pompeu agradavam as divindades infernais, e que o evento logo se realizaria segundo seu desejo: ele recebera ordens de anunciar que, como prova de sua honestidade, ele próprio expiraria assim que tivesse cumprido seu encargo; e sua morte de fato ocorreu (*Ibid.*, 213).

6. “... Esculápio foi atingido por um raio por tentar reviver Tindoreu” (Plínio 29.1 [Bostock e Riley, 5:370]). Hipólito também foi revivido por Esculápio.

7. Envenenado pelo truque de Nesso, o centauro, o herói construiu sua pira funerária e subiu nela.

Do modo como uma serpente brilha, quando perde a pele velha, a nova criatura cintilava. Hércules então abandonou o corpo mortal, ficou fluorescente, mais digno de veneração. (Ovídio *Metamorfoses* 9 [p. 187] © Madras Editora Ltda, São Paulo).

8. Os Palici, dois filhos nascidos da união de Zeus com a ninfa Talea. Temendo a ira de Hera, a ninfa rezava para que pudesse ser engolida pela Terra. Com o passar do tempo, a Terra se dividiu e mandou para fora dois meninos, que eram venerados na Sicília, onde o evento teria ocorrido. Segundo escritores antigos, o nome deles deriva do termo grego “vir novamente”, ou seja, renascer. Dois lagos sulfurosos, supostamente os lugares de onde emergiram os gêmeos, foram nomeados a partir dos dois.

9. O deus da cura, filho de Apolo e Corônís. Ovídio diz que, em um ataque de ciúme furioso, o deus matou sua amante grávida. “Não conseguia suportar saber que seu próprio filho ia morrer naquela pira, sem ter nascido; e então ele o arranca do ventre da mãe e leva o bebê para a caverna do centauro, aos cuidados de Chiron” (Ovídio, *Metamorfoses* 2 p. 45 © Madras Editora São Paulo). Chiron, o centauro, ensinou à criança Esculápio a arte da Medicina. Seu símbolo era a serpente “rastejando e deslizando sobre o cajoado retorcido” (Apuleio, *O asno de ouro* 2), o lugar

principal de culto era Epidauro, em Argolis, de onde o deus era carregado na forma de uma serpente para salvar Roma de uma peste em 293 a.C., como relata Ovídio (*Metamorfoses*).

10. Uma donzela em idade de casamento tinha morrido, ao que parecia, e seu noivo acompanhava o séquito funerário, lamentando as núpcias que não se completaram, como é o costume, e toda a cidade estava de luto com ele, pois a garota era de família consular. Apolônio, vendo a cena triste, disse: “Coloquem o ataúde no chão e eu darei um fim às suas lágrimas pela donzela!” Ao mesmo tempo, ele perguntou o nome dela, muitos imaginaram que ele pretendesse fazer a habitual oração funerária, aumentando a dor de todos; mas simplesmente tocando o corpo da moça e murmurando algumas palavras, ele a despertou de sua aparente morte, e ela imediatamente recuperou a voz, retornando em seguida à casa de seu pai, como Alceste fizera quando foi revivificado por Hércules (Filóstrato, *Life and Times of Apollonius of Tyana* 4.45 [Eells, 119]).

11. Um dos filhos do rei Minos de Creta. Quando criança, ela caiu em um barril de mel e morreu. O vidente Polyidus foi encarregado de trazer o menino de volta à vida e ficou fechado em uma câmara sozinho com o cadáver. Entrou uma cobra e ele a matou. Logo, outra cobra apareceu e colocou uma erva sobre a primeira cobra, e esta voltou à vida. Polyidus cobriu o corpo de Glauco com a mesma erva, e o menino reviveu. Pode-se presumir que a segunda cobra serpente era Esculápio. Ovídio refere-se à história de Glauco quando relata como Esculápio restaurou a vida de Hipólito, filho de Teseu:

E, então, ele tira de seu cesto de marfim as ervas que antes haviam beneficiado as manes (N. T.: Almas dos mortos, segundo os antigos romanos) de Glauco: Foi naquele momento que o águere se agachou para examinar as ervas, e a cobra usufruiu o benefício do remédio trazido por outra cobra. Por três vezes, tocou-lhe o peito; três vezes repetiu os encantamentos de cura; e do chão, o outro por fim ergueu a cabeça (Ovídio, *Fasti* 6, linhas 748-54 [Riley, 243]).

12. Ou Zachlas.

O Profeta, então, resolveu apanhar uma certa erva e colocá-la três vezes sobre a boca do morto, pondo outra em cima de seu peito. Tendo feito isso, ele se voltou para o oriente e suplicou ao Sol, que deslumbra todos os homens, que permitisse a realização daquele milagre. Comprimi-me entre a multidão, em torno do ataúde, e subi em uma pedra para ver esse mistério, sem dúvida, contemplei o cadáver começar a receber de volta o espírito, suas veias se mexerem, a vida aos poucos retornar; e ele levantou a cabeça e falou... (Apuleio, *O asno de ouro* cap. 11 [Adlington]).

13. Amortecido, paralisado.

14. Antigamente, acreditava-se que a histeria vinha da “mãe”, ou do ventre.

15. Maimônides. A referência é ou à sua obra acerca de Venenos ou aos Aforismos, ambas baseadas em grande parte no trabalho de Galeno. Provavelmente os Aforismos, permeado de magníficas anedotas.

16. Crato de Pérgamo relata que antigamente existia nas cercanias de Pário, no Helesponto, uma raça de homens que ele chama de Ofiôgenos, os quais, pelo mero toque, eram capazes de curar aqueles que haviam sido mordidos por serpentes, extraíndo o veneno só com a imposição da mão. Varro nos diz que ainda existem alguns indivíduos naquele distrito cuja saliva cura mordida de serpente. Era o mesmo caso com a tribo dos psilos, na África, segundo relato de Agatárquides; o nome desse povo deriva de seu rei Psyllu, cuja tumba ainda existe no distrito das Sirtes Maiores. Nos corpos dessas pessoas, existia uma espécie de veneno que era fatal para as serpentes e cujo odor as entorpecia; era costume desse povo expor as crianças, logo após o nascimento, às mais ferozes serpentes, prova da fidelidade das esposas, uma vez que as serpentes não repelidas pela presença dos bebês era sinal de adultério... Os marsos, na Itália, ainda possuem o mesmo poder, o qual, dizem, herdaram do filho de Circe, do qual eles descendem [Agrius, filho de Odisseu], e de quem adquiriram como uma qualidade natural (Plínio 7.2 [Bostock e Riley, 2:125-6]).

17. Plínio menciona a hibernação dos ursos (8.54 [Bostock e Riley, 2:306]), ratos (8.55 [Bostock e Riley, 2:308]) e cobras (8.59 [Bostock e Riley, 2:311]).

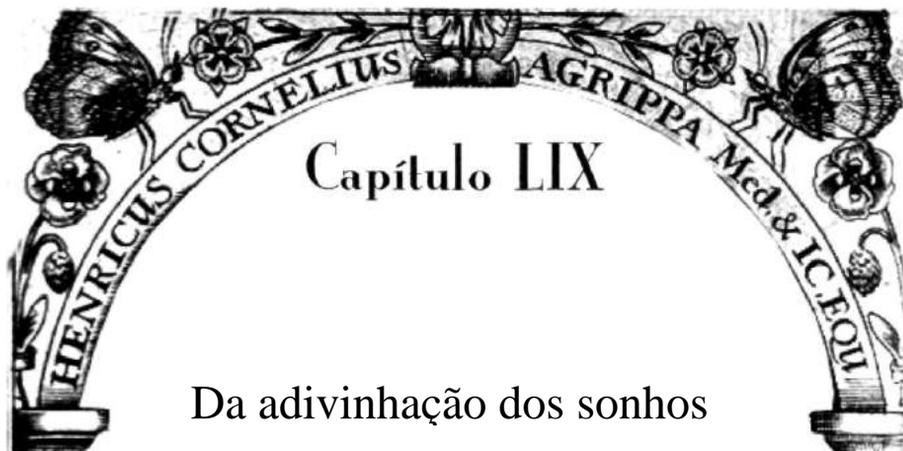
18. Agrippa faz duas referências separadas a uma única passagem em Plínio:

Conta-se que, quando Epimênides de Cnossos era criança, fatigado pelo calor depois de tanto andar, adormeceu em uma caverna, na qual dormiu por 57 anos; e quando acordou, como se fosse no dia seguinte, ficou abismado com as mudanças que viu em todas as coisas ao seu redor: depois disso, dizem, a velhice chegou a ele em número igual de dias aos anos que havia dormido, mas sua vida foi prolongada até o 157º ano (Plínio 7.53 [Bostock e Riley, 2:211]).

19. A lenda dos Sete Adormecidos foi registrada pela primeira vez por Gregório de Tours, no fim do século VI, em seu livro *De Gloria Martyrum*. Tal obra ele teria traduzido do siríaco. Segundo a história, na época das perseguições contra os cristãos pelo imperador Décio (249-251), sete jovens nobres de Éfeso fugiram para uma caverna no Monte Célio. A entrada da caverna foi emparedada para que eles morressem lá. Durante o reinado de Teodósio, no ano 447, as pedras foram removidas para serem usadas como material de construção, e os sete, adormecidos todo esse tempo, acordaram. Imaginando que só algumas horas tinham se passado e sentindo fome, eles enviaram um do grupo, Jamblichus, à cidade para comprar comida. Quando ele tentou pagar ao padeiro com uma moeda de dois séculos de idade, foi questionado diante de um juiz e por fim levou os oficiais da cidade até a caverna, onde a verdade foi descoberta. O próprio Teodósio se apressou em conversar com esses jovens prodígios, mas tão logo fez isso, os sete morreram (ou, segundo outra versão, voltaram a dormir). Seus corpos supostamente foram colocados em um caixão de pedra e levados a Marselha. De acordo com a Cronologia de Al-Biruni, os corpos de sete monges foram exibidos em uma caverna no século IX, como os Sete Adormecidos. A história é contada em detalhes em *Decline and Fall of the Roman Empire*, cap. 33, de Gibbon, e com acréscimos pitorescos, como, por exemplo, a presença de um cão de guarda, no Alcorão, sura 18.

20. Noruega.

21. Ver I Reis 19:5-8.



Da adivinhação dos sonhos

Má também uma espécie de adivinhação por meio dos sonhos, confirmada pelas tradições dos filósofos, pelas autoridades dos adivinhos, exemplos encontrados na história e pela própria experiência diária. Por sonho, nesse sentido, não me refiro aos sonhos vãos ou à imaginação ociosa, pois estes são fúteis e nada têm de divinatório, surgindo apenas das observações diárias e de algum distúrbio no corpo. Pois quando a mente está ocupada demais e esgotada de tanta preocupação, ela provoca sugestão naquele que dorme. Chamo de sonho, aqui, aquilo que é causado pelas influências celestiais no fantástico espírito, mente ou corpo, se estão todos bem dispostos.

A regra para interpretar isso é encontrada entre os astrólogos naquela parte que é escrita em relação às questões; mas não é suficiente, pois esses tipos de sonhos ocorrem com diferentes homens por diversas maneiras, de acordo com as mais diversas qualidades e disposições do fantástico espírito: portanto, não pode haver uma regra comum para todas as interpretações de sonhos.

Mas, segundo a opinião de *Sinésio*, o mesmo tipo de acidente que se abate sobre uma coisa acomete outra coisa igual; aquele que cai sobre a mesma coisa visível atribui para si a mesma opinião, paixão, fortuna, ação, evento. E, como dizia *Aristóteles*, a memória é confirmada pelo sentido, e quando guardamos na memória a mesma coisa, obtemos conhecimento; assim como pelo conhecimento de muitas experiências, pouco a pouco, as artes e as ciências são obtidas. O mesmo processo devemos conceber em relação aos sonhos. Por isso, *Sinésio* recomenda que todos observem seus sonhos, seus eventos e regras pertinentes; isto é, guardar na memória todas as coisas que são vistas e acidentes sofridos, tanto no sono quanto na vigília, com especial atenção considerem as regras para examinar tais coisas, pois por meio disso um vidente poderá, pouco a pouco, interpretar os sonhos, desde que nada escape da memória.

Ora, os sonhos são mais eficazes quando a Lua passa pelo signo que se encontra no nono número¹ da natividade, ou revolução desse ano,² ou no nono signo a partir do signo da perfeição.³ Pois certamente é verdade,

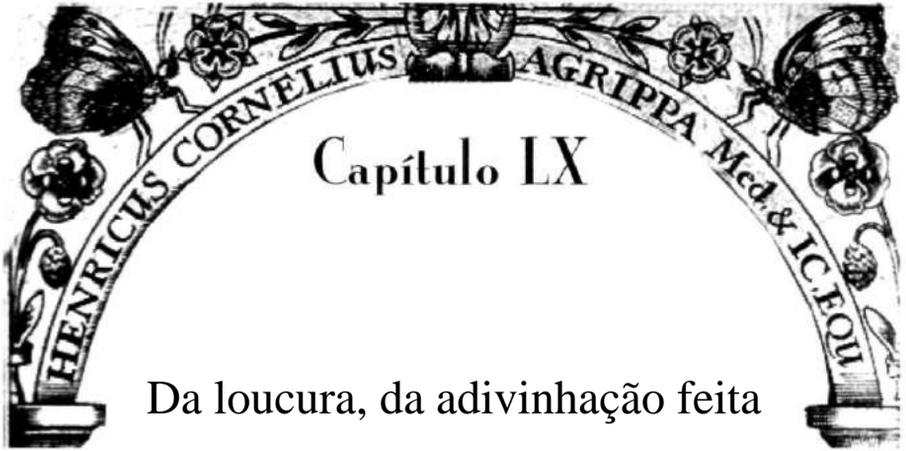
e uma forma de adivinhação garantida, piração divina. Discutiremos agora que tal sonho não procede da natureza aquilo que pertence às profecias e aos nem das artes humanas, mas sim de uma oráculos.
mente purificada, por ins-

Notas - Capítulo LIX

1. Há 12 signos astrológicos no zodíaco. O signo da natividade, ou nascimento, é aquele pelo qual o Sol passa no momento do nascimento. Seguindo o círculo do zodíaco em sentido anti-horário, descobriremos o nono signo a partir do signo de nascimento. Por exemplo, se a natividade ocorrer em 2 de abril, o signo de nascimento é Áries, e o nono signo é Capricórnio. Como a Lua faz um círculo do céu, em um período de aproximadamente 28 dias, ela passa por cada signo em todo mês lunar, levando um pouco mais que dois dias.

2. Ano de nascimento.

3. Quando a Lua é cheia, diz-se que é perfeita, no sentido de ter chegado à maturidade. Portanto, o signo da perfeição seria o signo do zodíaco no qual a Lua é cheia naquele específico ciclo lunar. O nono signo é obtido contando-se em sentido anti-horário a partir desse signo.



Da loucura, da adivinhação feita
Quando os homens estão
Acordados e do poder de um
humor melancólico, por meio do
qual os espíritos às vezes são
induzidos ao corpo do homem



s vezes, não só os que estão adormecidos, mas também aqueles que estão acordados, com uma espécie de instigação da mente, adivinham; e essa espécie de adivinhação *Aristóteles* chama de arroubo ou um tipo de loucura, ensinando que ela procede de um humor melancólico e dizendo em seu tratado *De Adivinhação*:¹ os homens melancólicos, em virtude de sua fraqueza, conjeturam muito melhor e rapidamente concebem um hábito e recebem com mais facilidade uma impressão dos celestiais. E em seus *Problemas*² diz que as sibilas³ e as bacantes,⁴ e *Niceratus*, de Sicarusa, e *Amon*,⁵ eram, em virtude de sua melancolia natural, profetas e poetas.

A causa dessa loucura, se existe em alguma parte do corpo, é um humor melancólico, não do tipo que se chama de cólera negra, que é

obstinado e terrível, e cuja violência, dizem os médicos e filósofos naturais, induz, além de loucura, a tomada por espíritos malignos dos corpos dos homens. Compreendemos, portanto, que um humor melancólico é uma cólera branca e natural.

Pois, quando incitada, ela arde e induz uma loucura conducente ao conhecimento e à adivinhação, principalmente se for ajudada por algum influxo celestial, de modo especial de Saturno, que, vendo a frieza e secura próprias de um humor melancólico, aumenta-o e preserva-o. Além disso, sendo Saturno o autor de secreta contemplação e alienista de todas as questões públicas, além de ser o planeta mais alto, sempre se coloca acima das questões externas e concede ao homem o conhecimento e a visão de coisas futuras.

E é a isso que *Aristóteles* se refere⁶ em seu livro dos *Problemas*. Por

meio da melancolia, dizia ele, alguns homens são como adivinhos, prevendo coisas futuras, e outros são como profetas. Diz o filósofo também que todos os homens excelentes em qualquer ciência eram, na maioria, melancólicos. *Demócrito*⁷ e *Platão*⁸ atestam a mesma coisa, dizendo que os homens melancólicos tinham excelente perspicácia e que eram considerados - e de fato pareciam - mais divinos que humanos.

Hesíodo,⁹ *Íon*,¹⁰ *Tynnichus Calcinenses*,¹¹ *Homero* e *Lucrecio*,¹² Existiram homens melancólicos, como que a princípio eram rudes, ignorantes e intratáveis, mas de repente foram tomados por uma loucura e se tornaram poetas, profetizando coisas fantásticas e divinas, que nem eles próprios entendiam. De onde *Platão*, em *Íon*, dizia que muitos profetas, após a violência de tal loucura amainar, não compreendiam mais o que tinham escrito; e, no entanto, abordavam muito bem qualquer arte em suas loucuras, como qualquer artista pode atestar.

Tão grande é o poder da melancolia que, por sua força, os espíritos celestes às vezes também são atraídos para os corpos dos homens, por cuja presença e instinto a antiguidade testifica, muitos homens se tornaram bêbados e pronunciaram coisas fantásticas. E, pelo que dizem, tal coisa acontece de três maneiras diferentes, de acordo com a apreensão tripla da alma: imaginativa, racional e mental.

Dizem, portanto, que, quando a mente é forçada com um humor melancólico, em nada moderando o poder do corpo e passando além dos limites dos membros, ela cede totalmente à imaginação, tornando-se de

súbito um refúgio para espíritos inferiores, dos quais, com frequência, recebe fantásticos meios e formas de artes manuais. Assim, vemos às vezes os homens mais ignorantes se tornarem, de repente, excelentes pintores ou construtores de edifícios, verdadeiros mestres dessas artes. Mas quando esses tipos de espíritos nos pressagiam eventos futuros, mostram-nos aquelas coisas que pertencem à perturbação dos elementos e às mudanças dos tempos, tais como chuvas, tempestades, inundações, terremotos, grande mortalidade, fome, matanças e outros do gênero. Lemos, por exemplo, em *Aulus Gellius*, que o sacerdote *Cornelius Patarus*¹³ assim foi acometido quando *César* e *Pompeu* estavam para lutar na Tessália,¹⁴ sendo tomado de uma loucura e prevendo o momento, a ordem e o motivo da batalha.

Mas, quando a mente se volta totalmente para a razão, ela se torna um receptáculo para o espírito do meio. Daí, obtém o conhecimento, a compreensão das coisas naturais e humanas. É quando vemos, por exemplo, um homem de repente se tornar filósofo, médico ou um excelente orador e prever mutações de reinos, e restituições de eras, e coisas a elas pertencentes, como a Sibila fazia para os romanos.

Mas, quando a mente é plenamente elevada à compreensão, torna-se um receptáculo de espíritos sublimes e aprende com eles os segredos das coisas divinas, como a Lei de Deus, as ordens dos anjos e coisas que pertencem ao conhecimento do etéreo e à salvação das almas. Ela prevê coisas que são determinadas pela predestinação especial de Deus, como

prodígios futuros, milagres, o profeta que virá, a mudança da Lei. Foi assim que as sibilas profetizaram Cristo¹⁵ muito antes de ele vir. *Virgílio*, compreendendo que Cristo estava próximo e lembrando-se de que a Sibila *Cumea*¹⁶ tinha dito, canta *Pólio*:

Os tempos são chegados, a profecia de Cumea

Do alto dos céus agora gera nova progênie

E a grande ordem do tempo agora renasce,

A Donzela retorna, os reinos de Saturno retornam.

E um pouco depois,¹⁷ insinuando que o pecado original não mais terá efeitos, diz:

Se quaisquer resquícios de nossos velhos vícios permaneciam,

Por ti são agora varridos, e o medo para sempre se irá;

Pois ele, a vida de um deus terá, e com os deuses

Verá heróis mistos, e objeto deles ele mesmo será,

E com poder paterno aplacará a Terra.

E depois acrescenta¹⁸ que a queda da serpente e o veneno da árvore da morte, ou o conhecimento do bem e do mal, serão todos anulados, dizendo:

A serpente e a erva mentirosa do veneno cairão.

Contudo, ele insinua¹⁹ que algumas centelhas do pecado original permanecerão, quando diz:

Algumas marcas do antigo ardil ainda serão vistas.

E, por fim, com uma grandiosa hipérbole, ele clama a essa criança, o filho de Deus, adorando-o nestas palavras:²⁰

Querida raça de deuses, grande confraria de Júpiter,

Contemplem! O mundo treme em seu eixo,

Veja terra, e imensos céus, e vastos oceanos,

Como todas as coisas se rejubilam diante da chegada da próxima era! Oh, quem me dera minha vida durasse até então, e minha voz Pudesse tuas ações anunciar.

Há também alguns prognósticos que se encontram no meio, entre a adivinhação natural e sobrenatural, como naqueles que estão para morrer e, já enfraquecidos pela idade, às vezes prenunciam coisas futuras, pois, como dizia *Platão*,²¹ quanto mais os homens têm seus sentidos tolhidos, mais bem os compreendem; e como já estão mais perto do lugar para onde devem ir, e seus vínculos já se soltam, uma vez que não estão mais sujeitos ao corpo, eles facilmente percebem a luz da revelação divina.

Notas - Capítulo LX

1. Quanto ao fato de algumas pessoas insanas estarem sujeitas a esse dom de previsão, a explicação é que os movimentos mentais normais não impedem [os movimentos alheios], mas são superados por eles. É assim, portanto, que tais pessoas têm uma percepção particularmente acentuada dos movimentos alheios (Aristóteles, *De divinatione per somnum* [Sobre a profecia no sono] 2.464 a. Em *Basic Works*, 629).

Em passagem anterior, no mesmo capítulo, Aristóteles diz:

... o poder de prever o futuro e ter sonhos vividos existe em pessoas de tipo inferior, o que implica que Deus não envia os sonhos; mas apenas que todos aqueles cujo temperamento físico é afoito e excitável têm visões de todas as espécies; pois, enquanto experimentam muitos movimentos de todo tipo, eles têm visões que se assemelham a fatos objetivos... (*Ibid.*, 628).

Aristóteles pensa que aqueles que entram em êxtase ou se tornam furiosos por causa de alguma doença, particularmente pessoas melancólicas, possuem um dom divino de pressentimento na mente (Cícero, *De divinatione* 1.37 [Yonge, 179]).

2. Muitos também, se esse calor se aproximar da região do intelecto, são afetados pelas doenças de frenesi e possessão; e essa é a origem das Sibilas e dos videntes e de todas as pessoas inspiradas, quando afetadas não por doença, mas por temperamento natural. Maracus de Siracusa, na verdade, tornou-se um poeta melhor quando perdeu o juízo (Aristóteles, *Problemas* 30.1.95 a, linhas 35-40 [Forster, vol. 7]).

3. Mulheres com o poder de profecia. Geralmente em grupo de dez, distintas por seus lugares de residência: (1) Cumeia, (2) Babilônia, (3) Líbia, (4) Delfos (uma mais velha e uma mais jovem), (5) Ciméria, (6) Eritreia (uma mais velha e uma mais nova), (7) Samos, (8) Helesponto, (9) Frígia e (10) Tíbure.

4. As sacerdotisas de Baco, que com vinho e dança entravam em frenesi nos festivais desse deus. Foram essas mulheres que partiram Orfeu em pedaços. Em seu culto, elas gritavam: “Evoë, Bacche! O Iache! Io, Bacche! Evoë sabae!” Por esse motivo, às vezes Baco era chamado de Bromius, do termo grego que significa “gritar”. A famosa invocação “Evie, Evoë” das bacantes se originaria de uma frase dita por Júpiter a Baco quando Baco matou um gigante: “Muito bem, filho”. Ver Ovídio, *Metamorfoses*; também *Ars amatoria* 1.

5. O oráculo de Zeus Amon no Egito.

6. “A biles negra, que é naturalmente fria... quando superaquecida, produz animação e alegria acompanhadas por música e frenesi...” (Aristóteles, *Problemas* 30.1.945 a. [Forster, vol. 7]. Ver nota anterior.

7. Hipócrates relata em detalhes em epístola a Damagetus, na qual expressa que, em uma visita a Demócrito um dia, ele o encontrou em seu jardim em Abdera, nos subúrbios, sob um pavilhão sombreado, com um livro sobre os joelhos, ocupado em seu estudo, às vezes escrevendo, às vezes andando. O tema do livro era melancolia e tristeza; em volta dele jaziam as carcaças de vários animais abatidos, recém-dissecados por ele; não que ele desprezasse as criaturas de Deus, como disse a Hipócrates, mas para encontrar a sede dessa atra bñlis [bñlis negra], ou melancolia, de onde ela procede, e como foi engendrada no sangue humano, a fim de poder curá-la melhor nele mesmo, e com seus escritos e observações ensinar os outros a preveni-la e evitá-la (Burton, *Anatomy of Melancholy* [Londres: J. M. Dent and Sons, 1961 (1621)], 1:19-20).

8. ... os poetas épicos, os bons, não ganham sua excelência da arte, mas são inspirados,

possuídos, e assim exprimem todos esses admiráveis poemas. O mesmo acontece com os bons poetas líricos; assim como os Coribantes [sacerdotes frígios de Cibele] em adoração saem de seus sentidos quando dançam, também os poetas líricos não estão em juízo perfeito quando compõem esses adoráveis poemas líricos. Na verdade, quando entram em harmonia e ritmo, são tomados pelo arrebatamento de Baco e ficam possuídos (Platão, *Íon* 534 a [Hamilton and Cairns, 220]).

9. Hesíodo - Segundo suas próprias palavras, Hesíodo era um poeta inspirado sem prática:

As Musas certa vez ensinaram Hesíodo a cantar Doces canções, enquanto ele pastoreava suas ovelhas No sagrado Hélicon;

(Hesíodo *Teogonia*, c. linha 20. In *Hesiod and Theogonis*, traduzido para o inglês por Dorothea Wender [Harmondsworth: Penguin Books, 1973], 23)

10. Mas a maioria é possuída e mantida por Homero, e, Íon, você é possuído por Homero. E sempre que alguém canta a obra de outro poeta, você adormece, e nada tem a dizer, mas se alguém sequer balbucia as palavras deste, você imediatamente desperta, seu ânimo retorna e você logo tem muito a dizer, mas por dispensação do alto e possessão divina (Platão, *Íon* 536b [Hamilton and Cairns, 222]).

11. Tynnichus Chalcidensis ou Tínico de Cálcis.

Ele nunca compôs um único poema que valesse a pena registrar, exceto o cântico de louvor que todos repetem, sem dúvida o mais belo de todos os poemas líricos, e absolutamente o que ele chamava de uma “Invenção das Musas”. Por esse exemplo, parece-me que o deus quer nos mostrar, sem a menor sombra de dúvida, que esses adoráveis poemas não são do homem nem da proeza humana, mas sim divinos e dos deuses, e que os poetas nada mais são que intérpretes dos deuses, cada um possuído pela divindade à qual ele se apegou. E, para provar isso, a divindade em questão cantava os mais belos de todos os poemas líricos através do mais miserável poeta (Platão, *Íon* 534d-e [Hamilton and Cairns, 220-1]).

12. Ver nota bibliográfica.

13. Um águere [Caio Cornélio], caso se possa dar crédito àqueles que assim contam, sentado certa vez na colina Euganea, onde o fervente Aponus sobe da terra e as águas de Tínavus de Antenor se dividem em vários canais, exclamou: “O dia crítico chegou, um combate momentoso está sendo travado, os ímpios exércitos de Pompeu e de César estão se encontrando” (Lucano, *Pharsalia* 7, linha 192 [Riley, 259]).

14. César e Pompeu se enfrentaram em batalha na Tessália, nas planícies de Pharsalus, no dia 9 de agosto de 48 a.C. O resultado foi a derrota completa de Pompeu.

15. A versão cristã das profecias sibílicas são invenções monásticas. Os monges reconheciam 12 sibilas: (1) da Líbia - “O dia virá em que os homens verão o Rei de todas as criaturas vivas.” (2) de Samos - “Aquele que é Rico nascerá de uma virgem pura.” (3) de Cumana - “Jesus Cristo virá do céu e viverá e reinará em pobreza na terra.” (4) de Cumeia - “Deus nascerá de uma virgem pura e conversará com os pecadores.” (5) de Eritreia - “Jesus Cristo, Filho de Deus, o Salvador.” (6) da Pérsia - “Satanás será derrotado por um verdadeiro Profeta.” (7) de Tífbure - “O Altíssimo descerá dos céus, e uma virgem aparecerá nos vales dos desertos.” (8) de Delfos - “O Profeta nascido da virgem será coroado com espinhos.” (9) de Frígia - “Nosso Senhor ressuscitará.” (10) da Europa - “Uma virgem e seu Filho fugirão para o Egito.” (11) Agripina - “Jesus Cristo será insultado e surrado.” (12) do Helesponto - “Jesus Cristo sofrerá vergonha na cruz.” Agripina talvez seja uma referência a Agripinensis (atual Colônia, Alemanha). Ver Brewer 1870.

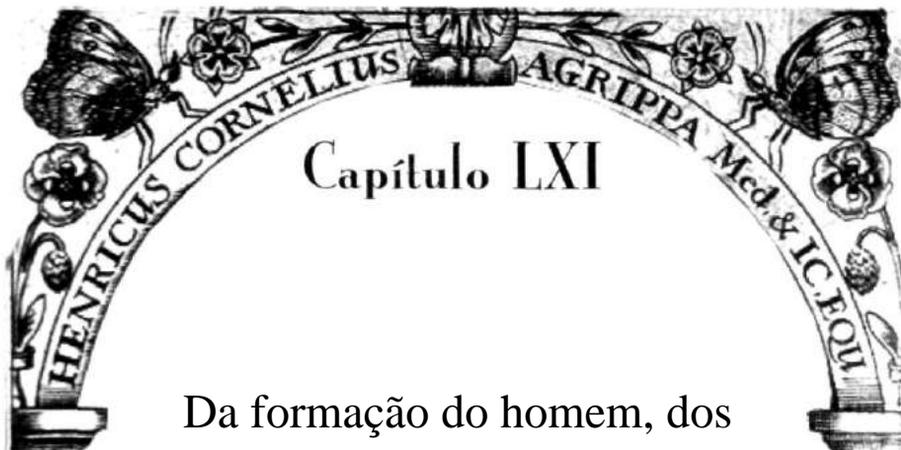
16. “É chegada a última era do hino de Cumea; a poderosa sequência de ciclos recomeça. Também a donzela Astraea retorna, o reino de Saturno retorna...” (Virgílio, *Éclogas* 4, linhas 4-7 [Lonsdale e Lee, 18]).

17. “... sob teus auspícios, todos os traços da culpa de nossa nação serão apagados, e a terra será libertada do medo eterno. Ele receberá a vida dos deuses, e com os deuses verá heróis mistos e por eles mesmos vistos será, e com as virtudes de seu pai governará um mundo reconciliado” (*Ibid.*, linhas 13-7).

18. “A serpente também perecerá, e a traiçoeira planta venenosa também perecerá...” (*Ibid.*, linha 24).

19. “Algumas marcas do antigo ardid, porém, ainda serão vistas...” (*Ibid.*, linha 31).

20. Começa a assumir, rogo-te, tuas honras soberanas (logo chegará o momento), caríssimo filho dos deuses, majestoso filho de Júpiter! Vê o mundo a ti se curvar, com suas majestosas abóbadas, e suas terras, mares e o céu profundo! Vê como todas as coisas exultam pela era que está por vir! Ah, quem me dera me sobrasse ainda um sopro de vida para cantar em louvor de tuas obras! (*Ibid.*, linhas 49-54 [Lonsdale e Lee, 19]).
21. Sem dúvida, a alma pode refletir melhor quando se encontra livre de todas as distrações, tais como sons ou visuais ou dor ou qualquer espécie de prazer - ou seja, quando ignora o corpo e se torna o mais independente possível, evitando ao máximo todos os contatos físicos e ligações em sua busca pela realidade... Na verdade, nós estamos convencidos de que se algum dia tivermos o conhecimento puro de alguma coisa, devemos nos livrar do corpo e contemplar as coisas por si, com a alma por si (Platão, *Fédon* 65c, 66d [Hamilton and Cairns, 48-9]).



Da formação do homem, dos sentidos externos, e também dos internos e da mente; do apetite triplo da alma, e das paixões da vontade



a opinião de alguns adivinhos, Deus não criou imediatamente o corpo do homem, mas por meio da assistência dos espíritos celestes o compôs e o estruturou; posição que defendem *Alcino* e *Platão*, acreditando que Deus é o principal criador de todo o mundo, dos espíritos bons e maus e, portanto, os imortalizou; mas todas as espécies de animais mortais foram feitas pela vontade de Deus;¹ pois, se ele os criou, deviam ser imortais.

Os espíritos, portanto, misturando Terra, Fogo, Ar e Água,² juntaram tudo em um corpo, o qual sujeitaram ao serviço da alma, atribuindo a ele várias províncias para cada poder, os poderes mais vis às partes mais vis e inferiores do corpo: para a raiva o ventre; para a luxúria o útero, mas aos sentidos mais nobres à cabeça,³ como torre de todo o corpo, e, em seguida, vem os múltiplos órgãos da

fala. Os sentidos são divididos em externos e internos.

Os externos são divididos em cinco, conhecidos por todos, aos quais são atribuídos cinco órgãos, ou sujeitos, como bases. Estão de tal forma ordenados que aqueles que se encontram na parte mais eminente do corpo possuem um grau maior de pureza. Os olhos, estando na parte mais alta, são os mais puros e têm uma afinidade com a natureza do Fogo e da luz; em seguida, os ouvidos se encontram na segunda ordem de colocação e pureza e são comparados ao Ar; as narinas são da terceira ordem e têm uma natureza intermediária entre o Ar e a Água; depois, o órgão do paladar, que é mais pesado e da natureza próxima da Água: por último, o tato se difunde por todo o corpo e é comparado à corporalidade da Terra.

Os sentidos mais puros são aqueles que percebem os objetos mais distantes, como a visão, a audição; depois o olfato e o paladar, que só per-

cebem o que está perto. O tato, porém, percebe ambos, incluindo os corpos próximos; e, assim como a visão discerne por meio do ar, o tato percebe pela intermediação de um mastro ou vara, de corpos duros, moles e úmidos. Ora, o tato é comum em todos os animais. Pois é certo que o homem tem esse sentido, e nele, bem como no paladar, supera todos os animais, mas, nos outros três sentidos, ele é superado pelos outros animais, como, por exemplo, o cão, que vê, ouve e cheira com mais acuidade que o homem; e o lince e as águias enxergam melhor que todos os outros animais e que o homem.

Agora os sentidos interiores são, segundo *Averrois*, divididos em quatro, o primeiro dos quais sendo o senso comum, pois capta e depois aperfeiçoa todas as representações que chegam por meio dos sentidos externos. O segundo é o poder imaginativo, cuja função - uma vez que representa o nada - é reter aquelas apresentações que são recebidas pelos primeiros sentidos e apresentá-las à terceira faculdade de sentido interno, que é a fantasia, ou o poder de julgamento, cujo trabalho é também perceber e julgar, de acordo com as representações recebidas, que tipo de coisa elas são e enviar as coisas assim discernidas e julgadas à memória, para lá serem guardadas.⁴

As virtudes a eles pertencentes, em geral, são discurso, disposição, perseguição, fuga e incitamento à ação; mas, de modo específico, a compreensão dos intelectuais, as virtudes, a forma de disciplina, o aconselhamento, a escolha. E é isso que nos mostram as coisas futuras por meio dos sonhos: daí a se chamar a imaginação, às vezes,

de intelecto fantástico.⁵ Pois é a última impressão do entendimento que, segundo *Jamblichus*, pertence a todos os poderes da mente e forma todas as figuras, semelhanças das espécies, operações e coisas vistas, e enviando as impressões de outros poderes a outras pessoas. E aquelas coisas que aparecem pelos sentidos, ele incita a uma opinião, mas de si mesmo não recebe nenhuma imagem, e, por sua propriedade, aloca-as devidamente, de acordo com sua assimilação, forma todas as ações da alma e acomoda o externo ao interno e imprime no corpo sua impressão.

Ora, esses sentidos têm seus órgãos na cabeça, pois o senso comum e a imaginação ocupam as duas células anteriores do cérebro, embora *Aristóteles* coloque o órgão do senso comum no coração,⁶ mas o poder cogitativo possui a parte mais alta e intermediária da cabeça; e, por último, a memória fica na parte mais anterior dela.

Além disso, os órgãos da voz e da fala são muitos, tais como o tórax, entre as costelas, o peito, os pulmões, as artérias, a traqueia, o arco da língua e todas as partes e músculos que servem para respirar. Mas o órgão próprio da fala é a boca, na qual se estruturam as palavras, os discursos, a língua, os dentes, os lábios, o palato, etc.

Acima da alma sensível, que expressa seus poderes por meio dos órgãos do corpo, a mente incorpórea possui o lugar mais alto e tem uma natureza dupla: uma que investiga as causas, propriedades e o progresso daquelas coisas que estão contidas na ordem da natureza e aprecia a contemplação da verdade, sendo portan-

to chamada de intelecto contemplativo. A outra é um poder da mente, que, discernindo quais coisas devem ser feitas e quais devem ser evitadas, é totalmente absorto em consulta e ação, sendo chamada de intelecto ativo.

Essa ordem de poderes, portanto, foi ordenada no homem pela natureza, de modo que pelos sentidos externos nós possamos conhecer coisas físicas; pelo intelecto, as representações dos corpos e também as coisas abstraídas pela mente e pelo intelecto, que não são corpos nem coisa alguma parecida.

E, de acordo com essa ordem trina dos poderes da alma, existem três apetites nela: o primeiro é natural, uma inclinação da natureza para o seu fim, como de uma pedra caindo para baixo, traço presente em todas as pedras; outro é animal, seguido pelo sentido e dividido em irascível e concupiscível; o terceiro é intelectivo, chamado de vontade, diferente do sensitivo, uma vez que o sensitivo o é de si mesmo, dessas coisas que podem ser apresentadas aos sentidos, nada desejando além de ser de alguma maneira compreendido. Mas a vontade, embora ciente de si mesma e de todas as coisas que são possíveis, é livre por sua essência, podendo também ceder a coisas que são impossíveis, como foi o caso do Diabo, que desejou ser igual a Deus e foi, por isso, alterado e privado do prazer, mergulhado em contínua angústia, enquanto cede aos poderes inferiores.

De seu apetite depravado, surgem quatro paixões que de modo igual, às vezes, afetam o corpo. A primeira é chamada de comprazimento,⁷ que é uma certa aquiescência ou assentimento da mente ou vontade, obedecendo e, ainda que hesitante, consentindo ao prazer que os sentidos captam; que é portanto definida como uma inclinação da mente para o prazer efeminado. A segunda é chamada de efusão, que é uma remissão ou dissolução do poder, isto é, além do comprazimento, todo o poder da mente e a intensidade do presente se dissolvem e se difundem para ser desfrutados. A terceira é vanglória, ou imponência, considerando já ter alcançado um grandioso bem, no desfrute do qual se vangloria e se orgulha. A quarta e última é a inveja, ou um certo tipo de prazer ou deleite pela desgraça alheia, sem a menor vantagem para si. Diz-se dela que não traz o menor bem para si, pois se alguém, por benefício próprio, se compraz do mal de outro, seria por amor a si e não por má vontade em relação ao outro.

E enquanto as quatro paixões surgem de um apetite depravado de prazer, a dor ou a perplexidade em si também geram muitas paixões contrárias, tais como horror, tristeza, medo e mágoa, pelo bem de outro, sem prejuízo próprio, e que chamamos de inveja, ou seja, tristeza pela prosperidade de outra pessoa, assim como por outro lado a pena é uma espécie de tristeza pela miséria do outro.



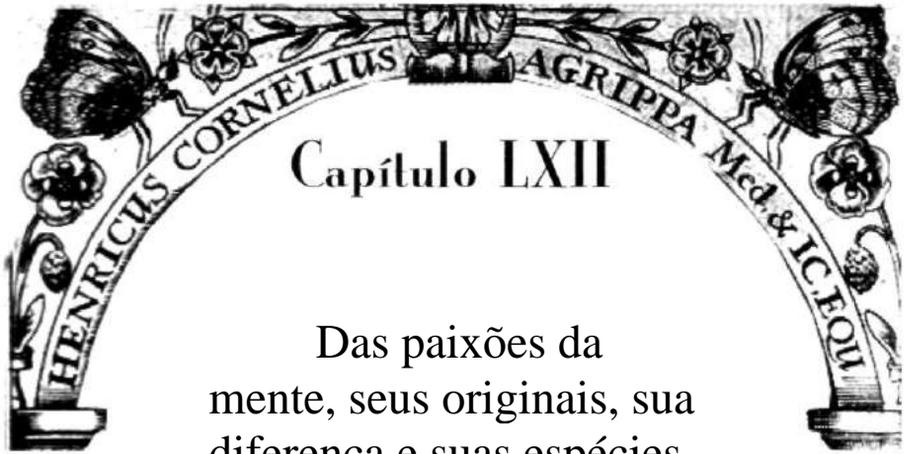
Partes da cabeça

Segundo Tomus Secundus de supernaturali, naturali, praeternaturali et contranaturali

microcosmi historia, de Robert Fludd (Oppenheim, 1619)

Notas - Capítulo LXI

1. Deuses, filhos de deuses, que são minhas obras e das quais sou o artífice e o pai, minhas criações são indissolúveis, se eu assim determinar. Tudo o que é feito pode ser desfeito, mas somente um ser maligno desejaria desfazer aquilo que é harmonioso e feliz. Sendo vocês apenas criaturas, não são totalmente imortais e indissolúveis; mas com certeza não se dissolverão nem sofrerão o destino da morte, tendo em minha vontade um vínculo maior e mais poderoso do que aquele com o qual nasceram. E, agora, ouçam minhas instruções. Três tribos de seres mortais ainda precisam ser criadas - sem as quais o Universo estará incompleto, pois não incluirá toda espécie de animal que deveria ter para ser perfeito. Por outro lado, se fossem eles criados por mim e recebessem a vida de minhas mãos, estariam em igualdade com os deuses. Enfim, para que sejam mortais e para que esse Universo seja verdadeiramente universal, empenhem-se, de acordo com sua natureza, em formar animais, imitando o poder que eu mostrei ao criar vocês. A parte deles, digna do nome imortal, que é chamada divina e é o princípio daqueles que estão dispostos a seguir a justiça e a vocês - dessa parte divina, eu próprio plantarei a semente, e tendo me encarregado do começo, passarei a vocês o resto. E vocês, então, entrelaçarão o morto com o imortal, gerarão seres vivos, e lhes darão comida e os deixarão crescer e, quando da morte, os receberão de volta (Platão, *Timaeus* 41 [Hamilton and Cairns, 1170]).
2. Quando o criador tinha assim tudo determinado, ele permaneceu em sua natureza costumeira, e seus filhos ouviam e eram obedientes à palavra do pai, dele recebendo o princípio imortal de uma criatura mortal, imitando seu criador, que dele tomaram emprestadas partes de fogo e terra e água e ar do mundo para ser depois restauradas. E estas eles mesclaram, não as prendendo com as correntes indissolúveis que a eles próprios limitavam, mas com prendedores pequenos demais para ser visíveis, compondo a partir dos quatro elementos cada corpo individual e inserindo a jornada da alma imortal em um corpo que vivia em estado de perpétuo influxo e efluxo (*Ibid.*, *Alt* - 43 a [Hamilton and Cairns, 1171]).
3. Em primeiro lugar, os deuses, imitando a forma esférica do Universo, encerram os dois cursos divinos em um corpo esférico, o qual chamamos de cabeça, sendo ela a parte mais divina em nós e a nossa regente. Quando compuseram o corpo, os deuses deram a ela todos os outros membros como servos, considerando que a ela cabe conhecer todo tipo de movimento (*Ibid.*, 44d [Hamilton and Cairns, 1173]).
4. Ver Aristóteles, *De anima* 3.3-8, percepção, discriminação e pensamento.
5. “Sendo a visão o sentido mais desenvolvido, o nome phantasia (imaginação) se formou a partir de phaso (luz), porque não é possível ver sem luz”(Aristóteles *De anima* 3.3 [McKeon, 549]).
6. Novamente, enquanto a faculdade sensória, a faculdade motora, a faculdade nutritiva estão todas alojadas na mesma parte do corpo... é o coração que, em animais sanguíneos, constitui essa parte central, e nos animais sem sangue é aquilo que ocupa o lugar do coração (Aristóteles, *De partibus animalium* [Partes de animais] 2.1.647 a [McKeon, 661]).
7. Deleite, prazer, desfrute.



Capítulo LXII

Das paixões da mente, seus originais, sua diferença e suas espécies



As paixões da mente nada mais são do que determinados movimentos ou inclinações procedentes da apreensão de alguma coisa, do bem ou do mal, conveniente ou inconveniente. Ora, essas formas de apreensão são de três espécies: sensual, racional e intelectual.

E, de acordo com estas, são três as espécies de paixão na alma; pois, quando seguem a apreensão sensitiva, elas respeitam um bom ou um mal temporal, sob a noção de vantajoso ou desvantajoso, agradável ou ofensivo, e são chamadas de paixões naturais ou animais. Quando seguem a apreensão racional e respeitam o bem ou o mal, as noções de virtude ou vício, louvor ou desgraça, vantajoso ou desvantajoso, honesto ou desonesto, são chamadas de paixões racionais ou voluntárias. Quando seguem a apreensão intelectual e respeitam o bem ou o mal, sob a noção de justo ou injusto, verdadeiro ou falso, são chamadas de paixões intelectuais e sindérese.¹

Ora, o sujeito das paixões da alma é o poder concupiscente da alma

dividido em concupiscível e irascível,² e ambos respeitam o bem e o mal, mas sob uma noção diferente.

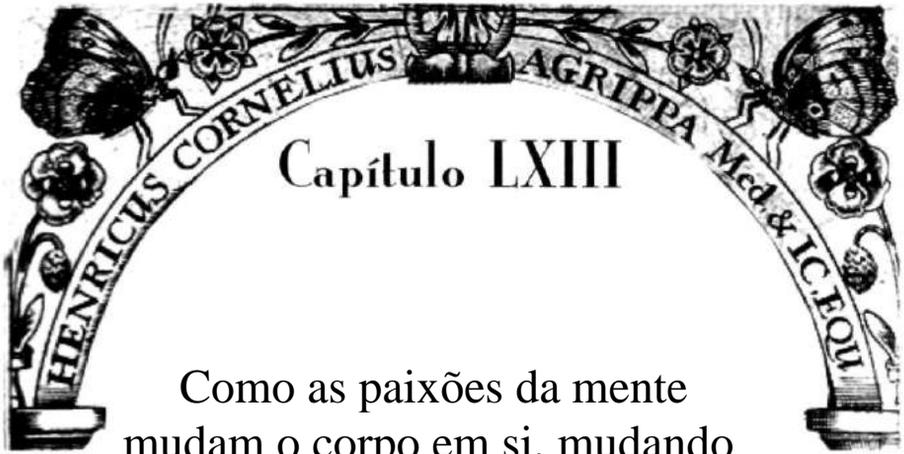
Pois quando o poder concupiscível respeita o bem e o mal de modo absoluto, ou o amor e o desejo, ou seu oposto, o ódio, são causados: quando respeita o bem, como ausente, é causado o desejo; ou o mal, como ausente, ou à mão, é causado horror, fuga ou desprezo: ou se respeita o bem, presente, então são causados deleite, alegria ou prazer; mas se o mal, tristeza, ansiedade, dor.

O poder irascível respeita bem ou mal sob a noção de certa dificuldade; para obter um ou evitar o outro, e isso às vezes com confiança: e é assim que são causadas esperança ou bravura; mas com difidência, segue o desespero e depois o medo. Mas quando esse poder irascível se desenvolve em vingança contra algum mal cometido no passado, como uma injúria ou mágoa provocada, o resultado é a raiva.

E assim encontramos 11 paixões³ na mente, que são amor, ódio, desejo, horror, alegria, dor, esperança, desespero, bravura, medo e raiva.

Notas - Capítulo LXII

1. “Sindérese é o poder natural da alma, localizado em sua parte mais alta, uma aptidão natural para o bem e a retidão e uma evitação do mal” (Saint-Germain, *Fyrst dyalogue in Englisshe betwyxt a doctoure of dyvnyte and a student in the laws of Englande* (1531).
2. “O apetite sensitivo é um poder genérico, chamado de sensualidade; mas é dividido em dois poderes, que são espécies de apetite sensitivo - a irascível e o concupiscível”(Tomás de Aquino “Suma teológica” 81.2. Em *Introduction to Saint Thomas Aquinas*, ed. Anton C. Pegis [Nova York: Random House, 1948], 356).
3. Perturbações e paixões que afetam a fantasia, embora residam entre os confins do senso e da razão, seguem antes o sentido que a razão, porque se encontram mergulhados nos órgãos corpóreos do sentido. Costumam ser reduzidas em duas inclinações, irascível e concupiscível. Os tomistas [discípulos de Tomás de Aquino] as subdividem em 11, seis para a cobiça e cinco para a invasão. Aristóteles reduzia tudo a prazer e dor, Platão a amor e ódio, Vives ao bem e mal. Quando bem, se presente, a alegria e o amor são absolutos; se futuro, a desejaremos e esperaremos. Quando mal, o ódio será absoluto; se presente, será a tristeza; se futuro, medo. Essas quatro paixões [alegria, desejo, tristeza, medo] são comparadas por Bernardo às rodas de uma charrete, por meio das quais somos transportados neste mundo. Todas as outras paixões são subordinadas a essas quatro, ou seis, como afirmam alguns: amor, alegria, desejo, ódio, tristeza, medo; as restantes, tais como raiva, inveja, imitação, orgulho, ciúme, ansiedade, misericórdia, insatisfação, desespero, ambição, avareza, etc, são reduzíveis às primeiras; e se forem imoderadas, consomem o espírito e causam uma particular melancolia (Burton, *Anatomy of Melancholy* 1.2.3.3, 1:258).



Como as paixões da mente mudam o corpo em si, mudando os acidentes e movendo o espírito

A fantasia, ou o poder imaginativo, rege as paixões da alma, quando seguem a apreensão sensual. E isso muda, em primeiro lugar por força própria e de acordo com a diversidade das paixões, o corpo em si, com uma considerável transmutação, mudando os acidentes no corpo e movendo o espírito para cima ou para baixo, para dentro ou para fora, produzindo diversificadas qualidades nos membros.

Assim, na alegria, os espíritos são impelidos para fora, no medo se recolhem, na timidez passam para o cérebro. Na alegria, o coração é dilatado para fora pouco a pouco; na tristeza, é constringido para dentro, aos poucos. O mesmo acontece na raiva ou no medo, mas de maneira súbita. E a raiva, ou o desejo de vingança, produz calor, vermelhidão, gosto amargo e indiferença. O medo induz o frio, o tremor no coração, a perda da fala e a palidez. A tristeza causa suor e uma brancura azulada. A pena, que é uma espécie de tristeza,

costuma afetar de modo tão negativo o corpo daquele que a sente que fica parecendo o corpo da pessoa por quem se sente pena. Também se verifica que, entre alguns amantes, há um vínculo tão forte de amor que, aquilo que um sofre, o outro indivíduo também passa a sofrer. A ansiedade provoca secura e negridão. E os médicos sabem como o amor provoca um grande calor no fígado e no pulso, discernindo por esse julgamento o nome daquela que é amada, em uma paixão heroica.¹ Foi assim que *Naustratus* soube que *Antíoco* se apaixonara por *Estratônica*?

Também se sabe que tais paixões, quando muito veementes, podem causar a morte. E todos sabem que com um excesso de alegria, tristeza, amor, ódio, muitas pessoas morrem e, às vezes, livram-se de uma doença. Lemos, por exemplo, que *Sófocles* e *Dionísio*, o tirano da Sicília, morreram de repente ao receberem a notícia de uma vitória em tragédia. Também há o caso de uma mulher que, ao ver seu filho retornando de

uma batalha, morre, de repente.³ Quanto à tristeza, o que ela pode fazer todos sabem. Ouvimos falar de cachorros que morrem de tristeza⁴ após a morte de seus donos. Às vezes, também por paixões dessa natureza, seguem-se longas doenças, e às vezes, estas são curadas.

De grandes alturas,⁵ homens olhando a distância, às vezes ficam com a vista escura e enfraquecem, tremendo e até perdendo os sentidos, por medo. Portanto, os medos e as doenças debilitantes às vezes surgem após o choro com solução. Às vezes, efeitos fantásticos são produzidos, como no filho de *Croesus*, que fora criado pela mãe como se fosse mudo; um dia, um

medo veemente, uma afeição ardente, o fez falar, o que até então ele não era capaz de fazer. Às vezes, uma queda súbita paralisa a vida, os sentidos, o movimento, os membros e depois tudo volta ao normal.

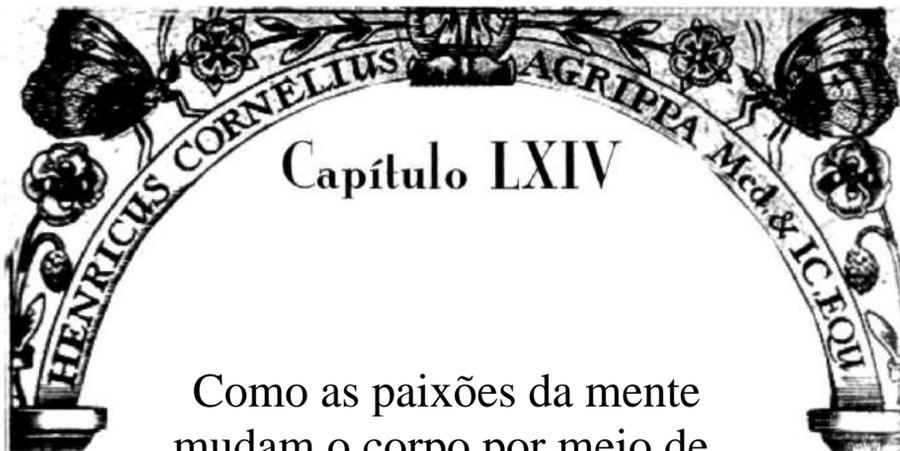
E a que ponto uma raiva veemente, aliada a grande audácia, pode afetar um homem, *Alexandre, o Grande*, demonstra, pois estando cercado em uma batalha na Índia, foi visto emitindo relâmpago e fogo.⁶

Dizem que o pai de *Teodorico*⁷ emitia de seu corpo centelhas de fogo que chegavam a produzir barulho. E essas coisas às vezes aparecem nos animais, como no caso do cavalo de *Tibério*, que soltava chamas pela boca.

Notas - Capítulo LXIII

1. A respeito dos efeitos fisiológicos das paixões, ver as definições individuais em *Anatomy of Melancholy*, 1.2.3.4-14, de Burton.
2. Estratônica era esposa do rei sírio Seleucus I (312-280 a.C.) e madrasta de seu filho Antíoco, que desenvolveu uma paixão secreta pela jovem esposa de seu pai, mas por vergonha a manteve em segredo, e começou a definhar com uma doença gerada por amor. O médico da corte, Erasistratus, compreendeu pelos sintomas da doença que a causa era o amor e, observando o jovem quando estava ao lado da madrasta, logo identificou a fonte. Ele convenceu Seleucus a dar Estratônica em matrimônio ao seu filho como o único meio de preservar a vida de Antíoco, ao que o velho rei concordou, por afeição ao filho. A história é relatada em *Vida de Demétrio*, de Plutarco. Juliano, o Apóstata, em Misopogon, diz que Antíoco esperou o pai morrer, para só depois se casar com Estratônica.
3. Além de Chilo, já mencionado [Plínio 7.32 (Bostock e Riley, 2:178-9)], Sófocles e Dionísio, o tirano de Sicília, morreram de alegria ao descobrir que tinham obtido o prêmio por uma tragédia. Após a derrota em Cannae, uma mulher morreu de alegria ao ver que seu filho tinha voltado são e salvo, após ela ter ouvido um falso relato de sua morte (Plínio 7.54 [Bostock e Riley, 2:213-4]).
4. “Após a morte da Jasão, o lício, seu cão se recusou a comer e morreu de fome” (Plínio 8.61 [Bostock e Riley, 2:312-3]).
5. Acrofobia.
6. Mas em uma cidade sitiada dos Mallians, famosos por serem o povo mais bravo da Índia, ele [Alexandre] correu grande perigo de vida. Pois, após rechaçar os defensores com chuvas de flechas, ele foi o primeiro homem a subir à muralha com uma escada de corda, que quebrou e o deixou quase sozinho, exposto aos dardos arre messados contra ele. Nessa situação precária, ele pulou no meio de seus inimigos, mas teve a boa sorte de cair de pé. O brilho e o barulho de sua armadura quando chegou ao chão fez os bárbaros pensar que tinham visto raios de luz ou algum fantasma brilhante diante de seu corpo, o que os deixou tão assustados que eles correram e se dispersaram. (Plutarco “Alexandre”. In *Lives* [Dryden, 846])

7. Provavelmente Teudemir, pai de Teodorico, o Grande, rei dos ostrogodos (?454-526). Muitas lendas foram criadas em torno da vida e das aventuras de Teodorico, sob o nome de Dietrich de Berna: por exemplo, dizia-se que ele soltava chamas ao respirar, quando estava zangado. Os historiadores bizantinos cometeram um engano, chamando Walamir, tio de Teodorico, de seu pai.



Como as paixões da mente mudam o corpo por meio de imitação de alguma semelhança; também da transformação e translação do homem, e Que força o poder imaginativo tem não só sobre o corpo, mas também sobre a alma



As paixões supracitadas às vezes alteram o corpo por meio de imitação, pela semelhança da coisa com ele, poder que é impelido por veemente imaginação, como quando se rangem os dentes ao ver ou ouvir algo, ou porque vemos ou imaginamos alguém comendo algo azedo ou amargo; de modo que aquele que vê alguém bocejar, também boceja; e algumas pessoas, ouvindo alguém falar de coisas amargas ou azedas, sentem uma aflição na língua. Também a visão de alguma coisa imunda causa náusea. Muita gente, diante da visão do sangue humana, desmaia. Algumas pessoas, vendo comida amarga sendo oferecida a outra pessoa, sentem um gosto amargo na

boca. E *Guilherme de Paris* contava sobre um homem que, só de ver determinado remédio,¹ tinha de evacuar; não precisava da substância do remédio, nem do odor, nem do gosto; só a semelhança (associação) do remédio lhe bastava.

Nesse sentido, algumas pessoas que sonham que estão se queimando ou estão em meio a um incêndio sentem-se terrivelmente atormentadas, como se de fato se queimassem, enquanto a substância do fogo não está sequer perto delas, é apenas uma associação apreendida pela imaginação. E às vezes o corpo de um homem é transformado, transfigurado e até transportado, geralmente enquanto sonha, mas às vezes até quando está acordado. Foi assim que *Cipo*,² apôs

ser escolhido rei da Itália, passou uma noite pensando e meditando na luta e na vitória dos touros, e assim adormeceu. Quando ele acordou pela manhã, foi constatado que tinha chifres, fenômeno provocado pelo poder vegetativo atizado por uma imaginação veemente, elevando humores corníferos³ à cabeça, produzindo chifres.

Pois uma cogitação firme, veementemente movendo as espécies, projeta a figura da coisa pensada, que elas representam no sangue, e o sangue por sua vez a imprime sobre si mesmo, sobre os membros por ele nutridos, tanto do próprio corpo quanto do corpo dos outros. Assim como a imaginação de uma mulher grávida imprime no bebê a marca da coisa desejada e a imaginação de um homem mordido por um cachorro louco imprime em sua urina a imagem de cachorros. É assim que os homens às vezes se tornam grisalhos de uma hora para outra. E alguns, por meio do sonho de uma noite, de rapazes se tornam homens perfeitos. Foi assim que surgiram, por exemplo, as cicatrizes do rei *Dagoberto* e as marcas de *Francisco*, o primeiro recebendo-as quando temia correção e o segundo, enquanto meditava nas chagas de Cristo.⁴

Muitos são transportados de um lugar para outro, passando sobre rios, fogo e lugares intransponíveis, ou seja, quando as espécies de qualquer veemente desejo, ou medo, ou coragem são impressas em seus espíritos, sendo misturadas com vapores, movem o órgão do toque original, junto à fantasia, que é o original do movimento local. Daí são incitados os membros e os órgãos, de movimento para movimento, e impelidos sem

erro ao lugar imaginado, não fora do alcance da visão, mas da fantasia interior. Poder tão grande é o da alma sobre, que, de acordo com o que é imaginado e sonhado, responde.

Lemos muitos outros exemplos nos quais o poder da alma sobre o corpo é explicado de modo magnífico, como o que *Avicena* descreve, de um certo homem que, quando queria, era capaz de afetar o próprio corpo com paralisia. Também se fala de *Gallus Vibius*, que entrava em loucura não por acaso, mas de propósito: pois, quando imitava os homens loucos, assimilava a loucura deles para si e se tornava de fato louco.

E *Agostinho* menciona alguns homens que eram capazes de mexer as orelhas como bem entendiam, outros que mexiam a coroa da cabeça, trazendo-a à testa, sendo capazes de trazê-la de volta ao lugar quando queriam, e de outro que suave quando queria. É fato sabido também que algumas pessoas podem chorar quando têm vontade, produzindo uma abundância de lágrimas; e algumas põem para fora o que engoliram quando bem entenderam, como se tirassem algo de uma mala, aos poucos. E vemos que hoje em dia há muitos indivíduos que imitam e expressam tão bem as vozes de pássaros, gado, cães e outros homens que mal podem ser diferenciados deles.

Também *Plínio* relata, com diversos exemplos, que algumas mulheres viraram homens.⁵ *Pontanus* atesta que em sua época uma mulher chamada *Caietava* e outra de nome *Emília*, muitos anos depois de casadas, transformaram-se em homens.

Ora, o que a imaginação pode fazer à alma, ninguém ignora, pois ela

é mais próxima da substância da alma que o sentido; assim, ela tem mais atuação sobre a alma que o sentido. É assim que as mulheres, por meio de certas imaginações, sonhos e sugestões dirigidas a elas por certas artes mágicas, são induzidas a amar alguém. Dizem, por exemplo, que *Medeia*, por meio de um sonho, ardeu em amor por *Jasão*.⁶

Às vezes, por meio de uma imaginação veemente, a alma é abstraída

do corpo,⁷ como relata *Celso* acerca de um certo presbítero que, quando bem entendia, se fazia perder os sentidos e ficar deitado como morto, de modo que, se alguém o espetasse ou queimasse, ele não sentia dor, mas permanecia sem se mover ou respirar, embora pudesse ouvir as vozes das pessoas, como se estivessem a distância, desde que falassem alto. Mas dessas abstrações falaremos mais nos capítulos seguintes.

Motas - Capítulo LXIV

1. Laxante.

2. Genucius Cippus, pretor de Roma, ao sair ou retornar a Roma, descobriu que tinha chifres na cabeça. Alarmado por tal prodígio, ele consultou um vidente que previu que, se ele entrasse em Roma novamente, sem dúvida se tornaria rei. Cipo tinha horror aos reis, bem como todos os bons romanos, uma vez que associavam o título à tirania. Como Ovídio diz: “Mas Cipo manteve seu olhar distante, recuando: “Possam os deuses obstar tal destino! Oh, seria muito, mas muito melhor eu estar no exílio do que ser rei no Capitólio!” (Ovídio, *Metamorfoses*, p. 319-320 © Madras Editora Ltda.). Tão comovidos ficaram os cidadãos de Roma com seu nobre sacrifício que erigiram uma estátua com chifres sobre o portão pelo qual ele saiu pela última vez e deram ao portão o nome de Porta Raudusculana (latim: raudus = bronze). Essa estranha história é contada por Valério Máximo. Plínio a considerava uma mera fábula.

3. Que gera chifres.

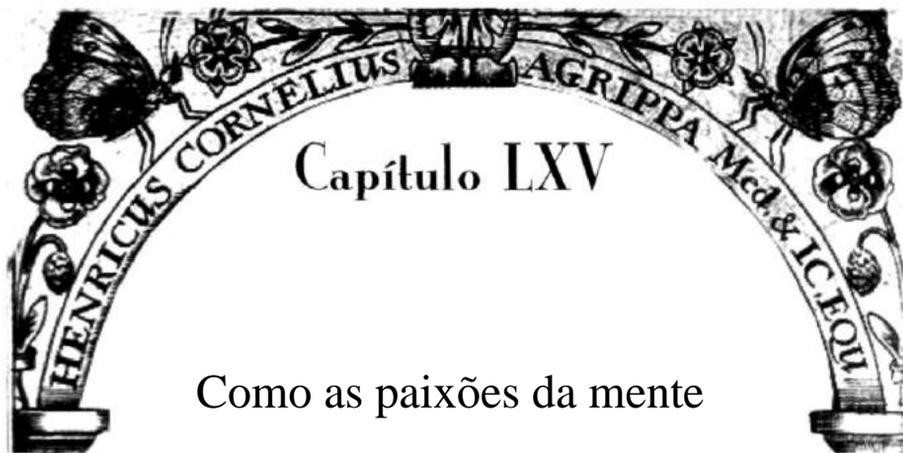
4. Pois logo nas mãos e pés de São Francisco começaram a aparecer as marcas dos pregos, nos lugares correspondentes das de Jesus Cristo, o Crucificado, o qual se mostrara em pessoa a ele na forma de um Serafim: e daí suas mãos e seus pés pareceram ser perfurados no meio por pregos, estando a cabeça dos pregos nas palmas e nas solas, fora da carne, enquanto as pontas se projetavam no dorso das mãos e dos pés, criando uma espécie de espaço no qual se poderia inserir, com facilidade, um dedo da mão, como se fosse um anel; e as cabeças dos pregos eram redondas e pretas. Do mesmo modo, no lado direito apareceu uma imagem de um ferimento feito por lança, não cicatrizado, vermelho e sangrando, do qual costumava escorrer, depois, sangue do peito sagrado de São Francisco, manchando de sangue sua túnica e suas roupas (Autor anônimo, *Little Flowers of S. Francis of Assisi*, traduzido para o inglês por T. W. Arnold [Londres: Chatto and Windus, 1908], 186-7).

5. A mudança de mulheres em homens, sem dúvida, não é fábula. Vemos registrado nos Anais que, no consulado de P. Lício Crasso e C. Cássio Longino [17 a.C.], uma moça que vivia em Casinum com os pais foi transformada em menino; e que, sob a determinação dos Arúspices, ele foi mandado para uma ilha deserta. Licínio Musciano nos informa que certa vez viu em Argos uma pessoa cujo nome era Arescon, embora antes se chamasse Arescusa: essa pessoa tinha sido casada com um homem, mas, pouco depois, barba e marcas de virilidade começaram a aparecer nela, que acabou se casando com uma mulher. Ele também tinha visto um garoto em Smyrna, ao qual a mesma coisa se passara. Eu mesmo vi na África um tal L. Cossicius, cidadão de Thysdris, que se transformara em homem no dia em que tinha se casado com um homem (Plínio 7.3 [Bostock e Riley, 2:138]).

É difícil de acreditar que Plínio não entendeu que se tratava de um caso de personificação sexual, descoberta no leito nupcial - podemos imaginar o choque do marido. Provavelmente todos os casos desse tipo podem ser explicados do mesmo modo.

6. Quando o herói Jasão velejou até Cólquida atrás do velocino de ouro, a deusa Hera convenceu Afrodite a enviar Cupido à Terra para disparar uma de suas flechas no coração de Medeia e fazê-la amar Jasão, garantindo-lhe assim a segurança graças ao poder de sua feitiçaria: “O coração dela latejava de dor, e, quando ele passou por ela, sua alma saiu do corpo, como em sonho, e flutuou ao encalço dele” (Apolônio de Rhodes, *The Voyage of Argo* 3, c. linha 448 [Rieu, 121]).

7. Ver notas 5, 6 e 7, cap. L, I III.



Como as paixões da mente podem influir por si sós o corpo de outra pessoa



As paixões da alma que seguem a fantasia, quanto mais veementes, não só podem mudar seu próprio corpo, mas também transcender e influir no corpo de outro, de modo que algumas impressões fantásticas são assim produzidas em elementos e em coisas extrínsecas, além de poderem remover ou trazer algumas doenças da mente e do corpo. Pois as paixões da alma são a principal causa do temperamento de seu devido corpo. Assim, estando a alma suficientemente elevada e inflamada com uma imaginação forte, ela envia saúde ou doença não apenas em seu corpo devido, mas também em outros. *Avicena* é da opinião de que um camelo pode cair provocado pela imaginação de alguém. Do mesmo modo, o indivíduo que for mordido por um cachorro louco logo também fica louco e em sua urina aparecem imagens de cachorros. O anseio de uma mulher grávida influencia o corpo do bebê, deixando nele marcas de seu desejo. Muitas gerações monstruosas procedem de imaginações monstruosas de mulheres grávidas,

como *Marco Damasceno* relata que foi o caso em *Petra Sancta*, uma cidade situada nos territórios de *Pisa*: uma moça foi apresentada a *Carlos*, rei da *Boêmia*, que tinha a pele áspera e era peluda como um animal selvagem; sua mãe, afetada com uma espécie religiosa de horror diante da imagem de *João Batista*, grávida na época, influencia a gestação da jovem.

E isso não acontece apenas entre os homens, mas também com os animais. Lemos, portanto, que *Jacó*, o patriarca, com sua vara nos veios de água, descoloriu as ovelhas de *Labão*.¹ Os poderes imaginativos dos pavões e de outros pássaros, quando em cópula, imprimem uma cor nas asas. E assim que criamos pavões brancos,² pendurando-os nos lugares onde eles copulam panos brancos.

Ora, por esses exemplos, nota-se que a afetação da fantasia, com veemente intento, não se estende apenas ao próprio corpo, mas também ao de outras pessoas. Assim também, o desejo das bruxas causa mal,³ enfeitiça os homens da maneira mais perniciosa, com um olhar fixo. Com essas coisas concordam *Avicena*, *Aristóteles*, *Algazel* e *Galeno*. Pois se sabe que um

corpo pode facilmente ser afetado com o vapor do corpo doente de outra pessoa, o que se observa na peste e na lepra. No vapor dos olhos, por exemplo, há um poder tão grande que eles podem enfeitiçar e infectar qualquer um que esteja por perto, como a cocatrice, ou basilisco, que mata os homens com o olhar. E algumas mulheres na Cítia, entre os ilíricos e Triballi, matavam qualquer um a quem elas dirigissem um olhar irado.

Portanto, que ninguém se espante pelo fato de o corpo e de a alma de uma pessoa serem afetados pela mente de outra, uma vez que a mente é muito mais poderosa, forte, fervorosa e dominante por seu movimento que os vapores exalados do corpo; tampouco faltam meios para que ela opere assim, nem é o corpo de uma pessoa menos sujeito à mente de outra do que ao corpo. Com base nisso, dizem que um homem, só por sua afetação e hábito, pode influir outro.

É por isso que os filósofos aconselham evitar a companhia de homens maus e maldosos, pois a alma deles,

cheia de raios nefastos, infecta aqueles que estão próximos com um contágio doloroso. Por outro lado, a companhia de homens bons e afortunados deve ser valorizada, pois sua proximidade nos faz muito bem. Pois, assim como cheiro da assa-fétida⁴ ou do almíscar, algo ruim vem do ruim e algo bom vem do bem daqueles que estão próximos, e às vezes continua por muito tempo.

Ora, portanto, se as paixões supracitadas têm um poder tão grande na fantasia, certamente têm poder maior ainda na razão, uma vez que esta é mais excelente que a fantasia; e, por fim, seu poder é maior ainda na mente; pois esta, quando fixa em Deus para produzir um bem com toda a sua intenção, costuma afetar o corpo de outra pessoa tanto quanto o próprio com alguma graça divina. Por meio disso, vemos que muitos milagres foram realizados por *Apolônio*, *Pitágoras*, *Empédocles*, *Filolau*, e muitos profetas e homens santos de nossa religião.

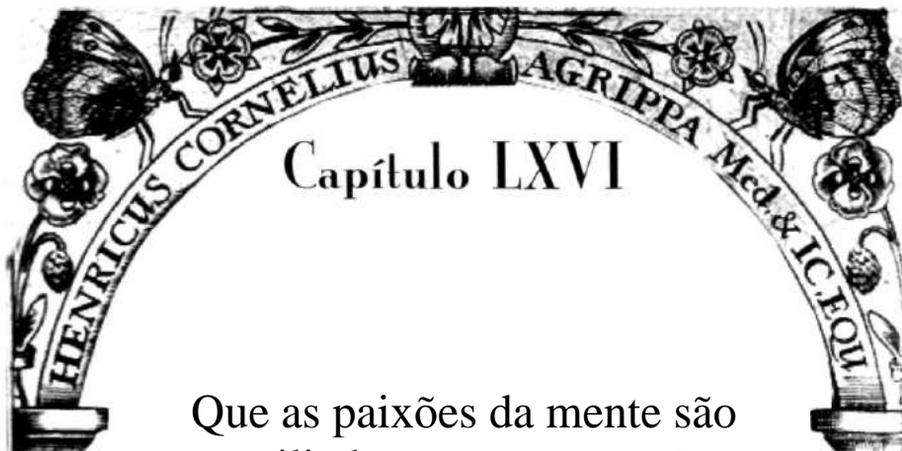
Notas - Capítulo LXV

1. Gênesis 30: 37-9.

2. Pavões brancos puros, nos quais as marcas em forma de olho na cauda são claras, consideradas raras curiosidades.

3. “E há bruxas que conseguem enfeitiçar seus juízes só com o olhar, ainda que breve” (Kramer e Sprenger, *Malleus Maleficarum* 2.12 [Summers, 139]). Ver também 3.15 (Summers, 228).

4. Goma-resina extraída da raiz cortada da *Narhex ferula*, uma planta umbelífera que cresce no Afeganistão e no Irã. Ela seca em tiras, mas é mais vendida na forma de caroço, e tinha uso medicinal, sendo antiespasmódica e estimulante. Seu cheiro é forte e desagradável, permeando todo o corpo e ocorrendo no hálito, na saliva e na urina. Por ser muito parecida com o alho, era usada para dar sabor à comida. Alguns acham que é o suco mencionado por Discórides e altamente apreciado pelos médicos gregos.



Que as paixões da mente são auxiliadas por uma estação celestial, e como a constância da mente é necessária em toda obra



s paixões têm muita ajuda, e também se auxiliam e se tornam poderosíssimas por virtude do céu, pois são com o céu compatíveis, ou por uma simpatia natural ou escolha voluntária. Pois, como dizia *Ptolomeu*, aquele que escolhe o que é melhor, parece em nada divergir daquele que tem essa natureza. Recebemos, portanto, o benefício dos céus se, em alguma obra, nós nos tornarmos pelo próprio céu receptivos a ele em nossos pensamentos, afeições, imaginações, escolhas, deliberações, contemplações e coisas assim.

Pois essas paixões agitam de forma marcante nosso espírito, incitando-o à sua semelhança, e subitamente expõem a nós e aos nossos os significadores superiores dessas espécies de paixões; e também por razão de sua dignidade e da proximidade ao que é superior, participam muito mais das coisas celestiais que das materiais. Pois nossa mente pode, a partir da

imaginação, ou da razão, por meio de um tipo de imitação, estar em tal conformidade com um astro, que é capaz de se encher com as virtudes do mesmo astro, como se fosse um receptáculo apropriado de sua influência.

Ora, a mente contemplativa, quando se afasta de todo sentido, imaginação, natureza e deliberação e se recolhe de volta às coisas individuais, a menos que se exponha a Saturno,¹ não é o nosso tema por enquanto. Pois nossa mente afeta diversas coisas por meio da fé, que é uma firme adesão, uma intenção fixa e uma aplicação veemente do operador ou receptor, àquele que coopera com alguma coisa, e dá poder à obra que pretendemos fazer. De modo que ela é feita à imagem da virtude a ser recebida e à coisa a ser feita em nós ou por nós.

Devemos, então, em toda obra e aplicação das coisas, imprimir com veemência a afetação, imaginando, esperando e acreditando com força, pois será uma grande ajuda. E se

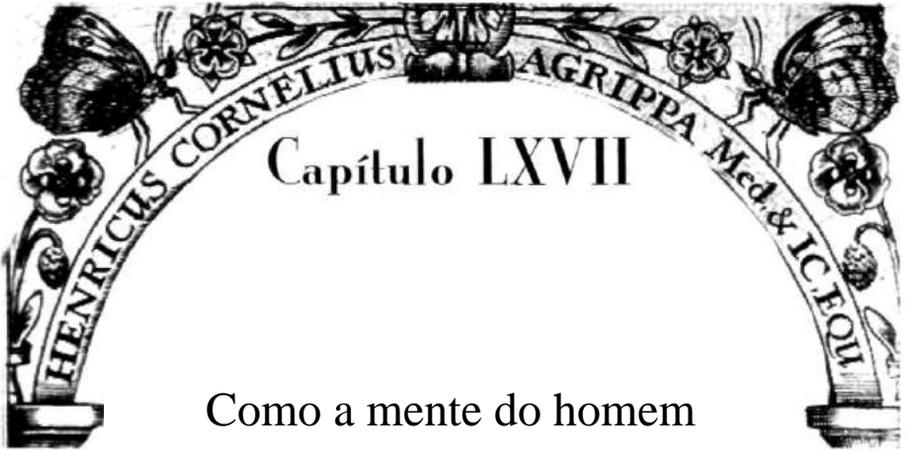
Verifica entre os médicos que uma crença forte,² uma esperança indubitável, um amor pelo próprio médico e pelo remédio induzem à saúde, às vezes com mais eficácia que o remédio em si. Pois assim como a eficácia e a virtude do remédio funcionam, o mesmo faz a imaginação do médico, sendo capaz de mudar as qualidades no corpo do doente, principalmente quando o paciente deposita muita confiança no médico, colocando-se assim predisposto a receber a virtude dele.

Portanto, aquele que trabalha com magia, deve ter uma crença constante, ser crédulo e não duvidar de que pode obter o efeito. Pois uma crença firme e forte pode fazer coisas maravilhosas, ainda que seja em obras falsas; a desconfiança e a dúvida dissipam e quebram a virtude da mente do operador, que é o meio entre os dois extremos, fazendo com que fique frustrado da influência desejada dos superiores, que não pode se unir às nossas obras sem uma virtude firme, sólida, de nossa mente.

Notas - Capítulo LXVI

1. A mente contemplativa seria o estado apropriado para atrair a influência de Saturno, mas inapropriado para os outros planetas. Saturno rege um estado mental profundo e meditativo. “Se Saturno estiver em ascensão em sua natividade e causar melancolia no temperamento, tal indivíduo será muito austero, reservado, rude, negro de cor, profundo em suas cogitações, cheio de preocupações, amarguras e descontentamentos, triste e temeroso, sempre quieto, solitário...” (Burton, *Anatomy of Melancholy* 1.3.1.3, 1:397).

2. ... embora a imaginação de outro homem tenha força sobre mim, a minha altera o corpo e impede ou melhora o funcionamento de um remédio. Isso é claro em muitas doenças, particularmente na Melancolia Hipocondríaca, chamada de a vergonha dos médicos, porque quase nunca é curada; de fato, a ineficácia da cura depende da imaginação preconceituosa do paciente, que não acredita mais em ajuda... (Michael Maier, *Laws of Fraternity of the Rosie Crosse* [1618, tradução 1656] [Los Angeles: Philosophical Research Society, 1976], 55).



Como a mente do homem
pode se juntar à mente e à
inteligência dos celestiais, e com
eles imbuir certas virtudes
maravilhosas em coisas inferiores

s filósofos, particularmente os árabes,¹ dizem que a mente do homem, empenhada em algo, por meio da paixão e de seus efeitos, junta-se à mente dos astros e inteligências, e nessa condição, é a causa de virtudes maravilhosas, infundidas em nossas obras e coisas; todas as coisas possuem uma apreensão e um poder, porque devem à mente uma obediência natural, e necessariamente adquirem eficácia.

Nesse sentido, verifica-se a arte de caracteres, imagens, encantamentos, certas faias² e muitas outras experiências fantásticas com tudo o que é afetado pela mente. Por meio disso, tudo o que for afetado pela mente daquele que ama com veemência tem a eficácia de causar amor e daquele que odeia, de ferir e destruir. O mesmo acontece em outras coisas que são afetadas pela mente com um forte desejo.

Pois todas as coisas sobre as quais a mente atua, e tudo o que ela dita por meio de caracteres, figuras, palavras, falas, gestos e coisas do gênero, ajudam o apetite da alma³ e adquirem certas virtudes fantásticas, oriundas da alma do operador, naquele momento em que tal apetite a invade, da oportunidade e da influência celestial, mexendo com a mente dessa maneira. Pois nossa mente, quando dominada pelo grande excesso de qualquer paixão ou virtude, costuma se servir da melhor e mais conveniente hora ou oportunidade. O que *Tomás de Aquino*,⁴ em seu terceiro livro *Contra os Gênios*, confessa. Tantas virtudes maravilhosas causam e se seguem a certas operações admiráveis geradas por grandes afetações, naquelas coisas que a mente lhes dita em tal hora.

Que se saiba, porém, que essas coisas⁵ conferem nada ou muito

pouco, exceto ao autor delas e àquele que se inclina a elas, como se fosse o autor. E é assim que se verifica sua eficácia. Uma regra geral é que toda mente é mais excelente de acordo com seu desejo e afetação e torna as coisas mais aprazíveis para si, bem como mais efi-

caz em relação àquilo que deseja. Portanto, todo aquele que esteja disposto a trabalhar com magia, deve conhecer a virtude, medida, ordem e grau de sua alma, no poder do Universo.

Notas - Capítulo LXVII

1. Devemos observar, contudo, que Avicena também (Metaf. X) afirma que os movimentos dos corpos celestes são as causas de nossa escolha não apenas pela ocasião, mas inclusive por uma causa *per se*. Pois ele afirma que os corpos celestes são animados e, como o movimento do céu procede de sua alma e é o movimento de um corpo, também um movimento do corpo, deve ter o poder de transformar corpos; pois, assim como vem de uma alma, deve ter o poder de deixar impressões na alma. Por isso, o movimento celeste é a causa de nossos atos de vontade e escolha. A posição de Abumasar parece ser a mesma, conforme exposto no Primeiro Livro de seu *Introductorium* (Tomás de Aquino, *Summa contra gentiles* 3.87 [Londres: Burns, Oats and Washbourne, 1928], 3:2:16).

Após afirmar a posição árabe de que a alma dos céus atua sobre a alma do homem por meio do movimento dos céus, Tomás de Aquino levanta a polêmica, argumentando que a alma dos céus, se existe, agindo por meio do corpo dos céus, só tem poder de agir no corpo humano despertando paixões, mas a vontade do homem é livre para aceitar ou rejeitar essas paixões. No entanto, ele admite que aqueles que são capazes de controlar suas paixões são a minoria:

É evidente, contudo, e nós sabemos por experiência, que tais ocasiões, exteriores ou interiores, não são necessariamente causa de escolha: uma vez que o homem pode usar sua razão para rejeitá-las ou a elas obedecer. Mas aqueles que seguem sua inclinação natural são a maioria, e poucos são os sábios que evitam as ocasiões de praticar o mal e não seguir o impulso da natureza. Nesse sentido, diz Ptolomeu (Centiloq. 8, 7) que a alma do homem sábio ajuda na obra das estrelas ...” (*Ibid.*, 3.85, p. 11).

2. Encantamentos.

3. A vontade.

Ora, de todas as partes do homem, o intelecto é a torre mais alta; pois o intelecto atíça o apetite, sugerindo-lhe o objeto; e o apetite intelectual ou vontade incita os apetites sensitivos, isto é, o irascível e concupiscível, de modo que só obedecemos à concupiscência se a vontade assim mandar; e o apetite sensitivo, sob o consentimento da vontade, move o corpo. Portanto, o fim do intelecto é o fim de todas as ações humanas (*Ibid.* 3.25, 3:1:59).

4. Desde então, o homem, em seu corpo, é subordinado aos corpos celestes e, no

intelecto, aos anjos; já na vontade, subordina-se a Deus: é possível que algo aconteça fora da intenção do homem, que no entanto está de acordo com a ordem dos corpos celestes, ou sob a influência dos anjos ou até de Deus. E embora só a ação de Deus tenha um impacto direto na escolha do homem, a ação do anjo tem um certo impacto nessa escolha por meio de persuasão; e também a ação de um corpo celeste, por persuasão; e a ação de um corpo celeste por disposição, uma vez que as impressões corpóreas dos corpos celestes deixadas em nossos corpos nos dispõem a fazer determinadas escolhas. Sob a influência das causas superiores supracitadas, um indivíduo acaba escolhendo coisas que se revertem em um bem para ele, sem estar ciente de sua utilidade pela própria razão; e, além disso, sua compreensão é

iluminada sob a luz das substâncias intelectuais, tendo o efeito de fazer essas mesmas coisas; e, por meio da operação divina, sua vontade é inclinada para a escolha que é mais benéfica para o indivíduo, sem que este saiba disso; e daí se diz que tal homem é afortunado...” (*Ibid.* 3.92, 3:2:26-7)

5. Talismãs, selos, amuletos, e assim por diante.



Como nossa mente pode mudar e amarrar coisas inferiores ao que ela deseja

Má também uma certa virtude na mente dos homens de mudar, atrair, obstruir e amarrar aquilo que eles desejam, e todas as coisas lhes obedecem, quando movidas por uma paixão ou virtude excessiva, capaz de dominar a coisa que se pretende amarrar. Pois o superior amarra o inferior e o converte para si, e o inferior pela mesma razão, é convertido ao superior ou de alguma outra maneira afetado ou manipulado. Nesse sentido, as coisas que recebem um grau superior de algum astro amarram ou atraem ou obstruem coisas de grau inferior, de acordo com a compatibilidade ou incompatibilidade.¹

O leão, por exemplo, tem medo de um galo, porque a presença da virtude solar é mais aprazível ao galo que ao leão;² do mesmo modo, a magnetita atrai o ferro, pois na ordem ela tem um grau superior da Ursa Celestial. O diamante, por sua vez, obstrui a magnetita, pois na ordem de Marte ele é superior a ela.

De maneira igual, qualquer homem que esteja exposto às influências celestiais pelas afeições de sua mente ou pela devida aplicação de coisas naturais, caso se torne mais forte na virtude solar, amarra e atrai o inferior, levando a admirá-lo e a lhe obedecer. Já na ordem da Lua, ele conduz à servidão ou à tristeza; na ordem de Júpiter, à veneração; na ordem de Marte, ao medo e à discórdia; na ordem de Vênus, ao amor e à alegria; na ordem mercurial, à persuasão e à obsequiosidade, e coisas do gênero.

Bem, a base dessa espécie de amarração é a afetação veemente e ilimitada das almas, com o assentimento da ordem celestial. Mas as dissoluções ou os empecilhos desse tipo de amarração são feitos por um efeito contrário e, quanto mais eficaz ou melhor ou maior for o poder de amarrar, também mais facilmente ela liberta e obstrui. E, por fim, se você teme Vênus, antagonize-o com Saturno; se teme Saturno, antagonize-o com Vênus ou Júpiter: pois os astrólogos

Dizem que estes são adversários e coisas são regidas com amor, não opostos, causando efeitos contrários pode de maneira alguma haver ódio nesses corpos inferiores; pois no céu, ou inimizade. quando nada falta, quando todas as

Notas - Capítulo LVIII

1. Tudo isso se baseia no fragmento de Proclo chamado *De sacrificio et magia* (ver nota 1, cap. XXII, l. 1). Agrippa baseia-se muito nesse fragmento para sua teoria mágica.
2. Novamente Proclo. Ver nota 25, cap. XVIII, l. 1.



Da fala e da virtude das palavras

Uma vez demonstrado que há grande poder nas afeições da alma, saiba agora, também, que não há menos virtude nas palavras e nos nomes das coisas, mas a maior virtude de todas nas falas e nos movimentos por meio dos quais nos diferenciamos dos animais, e somos chamados de racionais, não pela razão, que é considerada aquela parte da alma que contém as afeições e que *Galeno* dizia ser comum também nos animais, embora em um grau menor; mas nós somos chamados racionais por causa da voz compreendida nas palavras e na fala, a forma de razão chamada declarativa,¹ o que nos eleva acima de todos os outros animais. Pois λόγος, em grego, significa razão, fala e uma palavra.

Ora, uma palavra tem dupla natureza: interna e pronunciada. Uma palavra interna é um conceito da mente e movimento da alma e é feita sem uma voz. Como nos sonhos, temos a impressão de falar e conversar com nós mesmos e, enquanto estamos despertos, mantemos uma conversa inteira em silêncio. Mas uma palavra pronunciada tem um certo ato na voz e propriedades de locução e é dita com

o fôlego de uma pessoa abrindo a boca e com a fala de sua língua, em cuja natureza se juntam a voz corpórea e a fala à mente, além do entendimento, possibilitando a declaração e a interpretação do conceito de nosso intelecto aos ouvintes. E é disso que falaremos agora.

As palavras, portanto, formam o meio mais apropriado para o orador e o ouvinte, levando com elas não apenas o conceito da mente, mas também a virtude do orador, com uma certa eficácia, até os ouvintes, e isso geralmente com um poder tão grande que muda não só os ouvintes, mas também outros corpos² e coisas inanimadas. Ora, são palavras de maior eficácia que aquelas que representam coisas mais grandiosas, do tipo intelectual, celestial e sobrenatural, sendo mais expressivas e, portanto, mais misteriosas. Também aquelas que vêm de uma língua mais nobre ou de uma ordem mais sagrada;³ pois estas, como se fossem sinais e representações, recebem um poder de coisas celestiais e supercelestiais, como da virtude de coisas explicadas, das quais elas são veículos⁴ de um poder que lhes é conferido pela virtude do orador.

Notas - Capítulo LXIX

1. Se o pensamento perceptivo e prático são idênticos, isso não é um fato óbvio; pois o primeiro é universal no mundo animal e o segundo só se encontra em uma pequena divisão dele. Além disso, o pensamento especulativo também é distinto do perceptivo - refiro-me ao modo como vemos o certo e o errado -; o certo em prudência, conhecimento, opinião verdadeira e errado no oposto de tudo isso; pois a percepção dos objetos especiais do sentido é sempre livre de erros e existe em todos os animais, embora seja possível pensar o falso tanto quanto o verdadeiro; e o pensamento é encontrado apenas onde existe discurso da razão, bem como sensibilidade (Aristóteles, *De anima* 3.3 [McKeon, 586-7]).

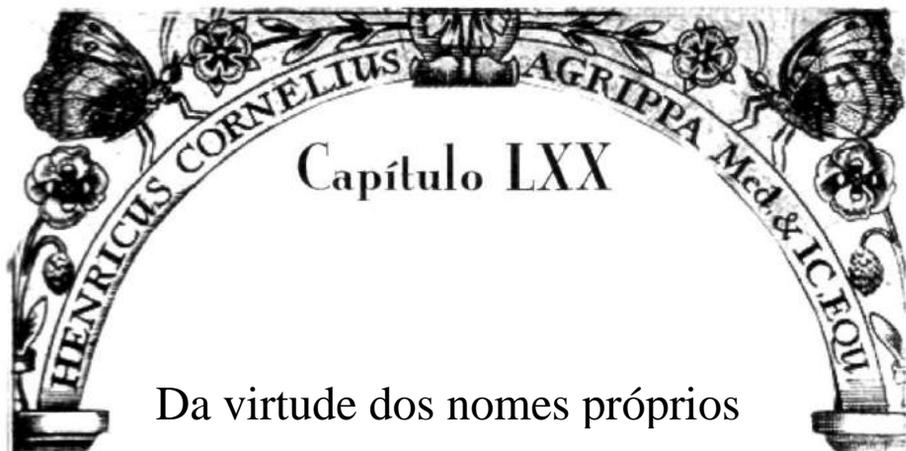
2. Quanto à questão do poder oculto das palavras, Plínio escreve:

Há uma crença comum de que sem uma determinada forma de oração seria inútil imolar uma vítima, e que diante de tal informalidade, a consulta aos deuses não teria propósito. Há, contudo, diferentes formas de se dirigir às divindades, uma para implorar, outra para evitar a ira deles, e outra para louvar... Em nossos dias, também, existe uma crença comum de que nossas virgens Vestais têm o poder, ao recitar determinada oração, de deter o caminho de escravos em fuga e trazê-los de volta, desde que ainda se encontrem nos limites da cidade. Se tais opiniões forem aceitas como verdadeiras, e se for admitido que os deuses escutam certas orações ou são influenciados por formas fixas de palavras, somos obrigados a concluir afirmativamente toda a questão. Sem dúvida, nossos ancestrais sempre creram nisso e nos asseguravam, inclusive, coisa das mais difíceis, que é possível por esses meios atrair relâmpagos do céu, como já mencionamos [2.54] em ocasião mais propícia (Plínio 28.3 [Bostock e Riley, 5:279-80]).

3. Pois os deuses nos mostraram que o dialeto inteiro das nações sagradas, como Egito e Assíria, é adaptado aos interesses sagrados; por esse motivo, então, devemos achar necessário que nossa conferência com os deuses seja feita em uma linguagem que lhes convenha. Pois, de fato, tal modo de falar é o primeiro e mais antigo. E particularmente aqueles que primeiro aprenderam os nomes dos Deuses, tendo-os inserido em sua língua nativa, no-los passaram para que pudéssemos sempre preservar imutável a sagrada lei da tradição, em uma língua peculiar e adaptada a eles. Pois, se alguma coisa pertence aos deuses, é evidente que o eterno e imutável deve convir a eles (Jamblichus, *On the Mysteries* 6.4 [Taylor, 293-4]).

Pois, se os nomes de alguma forma subsistiram, não haveria consequência alguma se alguns fossem usados no lugar de outros. Mas, se forem suprimidos da natureza das coisas, aqueles nomes que mais se adaptam serão também os favoritos dos deuses. Com isso, portanto, fica evidente que a língua das nações sagradas é, com razão, preferível à dos outros homens (*Ibid.* 6.5 [Taylor, 294]).

4. Palavra usada aqui no sentido de meio de expressão e também da forma na qual algo espiritual se incorpora ou se manifesta.



Da virtude dos nomes próprios



Quase todos os homens concordam que os nomes próprios das coisas são muito necessários nas operações mágicas, pois o poder natural das coisas procede, em primeiro lugar, dos objetos para os sentidos, destes para a imaginação e da imaginação para a mente, na qual é primeiro concebido e depois exprimido por meio da voz e das palavras. Por isso os platônicos¹ dizem que nessa mesma voz, ou palavra, ou nome estruturado, com seus artigos, o poder da coisa adquire uma espécie de vida, subjacente à forma do significado. É concebido primeiro na mente, como sementes das coisas, e depois exprimido por vozes ou palavras e, por fim, registrado por escrito.

Por isso, os magos dizem que os nomes próprios são certos raios emanados das coisas, presentes em todo lugar e todos os momentos, guardando o poder dessas mesmas coisas, uma vez que a essência de cada coisa a domina e é nela determinada; e é pelo nome que as coisas são conhecidas, e o nome tem a função da própria coisa, como uma imagem viva dela. Assim como o grande Operador produziu as diversas espécies e coisas específicas

sob a influência dos céus, por meio dos elementos, junto às virtudes dos planetas, também de acordo com as propriedades das influências, os nomes próprios resultam em coisas, e são nelas colocados por aquele que enumera a miríade de astros, chamando-os pelos nomes;² os quais Cristo cita, dizendo que estão escritos no céu.³

Adão, portanto, o primeiro a dar nome às coisas, sabendo das influências dos céus e das propriedades de todas as coisas, escolheu os nomes de acordo com a natureza de cada uma, como se lê em *Gênesis*,⁴ quando Deus coloca todas as coisas criadas diante de *Adão*, para que a elas ele dê nome; e o nome por ele escolhido assim ficava, e todos os nomes até hoje contêm, então, os poderes maravilhosos das coisas a que representam.

Toda voz, portanto, que é significativa, dá o significado primeiramente por meio da harmonia celestial; em segundo lugar, pela imposição do homem, embora, com frequência, em ordem contrária. Mas quando ambos os significados se encontram em alguma voz ou nome, neles inseridos pela dita harmonia ou pelos homens, então esse nome tem uma virtude dupla,⁵ ou seja, natural e

ARbitrária, de atuação mais eficaz, sendo pronunciado no devido lugar e tempo, com séria intenção exercida sobre a matéria devidamente disposta e passível de natural influência.

Lemos em *Filóstrato* que uma donzela em Roma morreu no mesmo dia em que se casou e foi apresentada a *Apolônio*; este perguntou o nome dela e, uma vez ciente do nome, pronunciou alguma operação oculta, por meio da qual a moça reviveu. Em seus ritos sagrados, antes de sitiá-la uma cidade, os romanos se asseguravam em saber o nome exato da cidade e o nome do deus que a protegia e, de posse de tal conhecimento, com alguns versos eles

invocavam os deuses protetores da cidade e amaldiçoavam seus habitantes, até que por fim, sem a presença de seus deuses, a cidade era tomada por eles, como canta *Virgílio*.⁶

— que mantinham este reino,
nossos deuses
Seus altares e abençoadas moradas
abandonaram.

O verso com o qual os deuses eram invocado e os inimigos amaldiçoados, quando a cidade era atacada e dominada, pode ser encontrado em *Tito Lívio*⁷ *Macróbio*;” *Serenus Samonicus*, em seu livro de coisas secretas, também o menciona.

Notas - Capítulo LXX

1. O diálogo de Platão, *Crátilo*, trata exclusivamente da natureza dos nomes. Nele, Sócrates (o alter ego de Platão) apresenta a noção de que um nome pode personificar uma coisa:

Sócrates: E, ainda, não há uma essência de cada coisa, assim como uma cor ou som? E não existe não-essência de cor e som, assim como de qualquer outra coisa?

Hermógenes: Penso que sim.

Sócrates: Bem, se alguém pode expressar a essência de cada coisa em letras e sílabas, não expressaria, por acaso, a natureza dessa coisa?

(Platão, *Crátilo* 423e [Hamilton and Cairns, 458])

Entretanto, ele estende o argumento de que, na falível linguagem humana, os nomes e as essências nem sempre são compatíveis.

2. Essa é a visão que Platão expressa pelos lábios de Crátilo, que é rebatida por Sócrates:

Crátilo: Penso, Sócrates, que o ponto mais importante da questão é que um poder superior ao humano deu às coisas seus primeiros nomes, e que portanto devem ser os nomes verdadeiros (*Ibid.* 438c [Hamilton and Cairns, 472]).

3. Lucas 10:20.

4. Gênesis 2:19.

5. Proclo, em seu Comentário sobre *Timaeus*, de Platão, faz distinção entre dois tipos de nome, aqueles dados pelos deuses e os inventados pelos homens. “Pois, assim como o conhecimento dos deuses é diferente do conhecimento das almas parciais, também os nomes de um divergem dos de outro; os nomes divinos fazem brotar toda a essência da coisa nomeada, enquanto os dos homens têm apenas um contato parcial com elas” (Jamblichus) *On the Mysteries* [Taylor 290-2n]. A respeito desse tema, ver Homero, *Iliada* 14, linha 291, e 20, linha 74, linhas que são discutidas por Platão em *Crátilo*, 392 a.C.

6. “Guerreiros, corações, em vão, tão valentes, se tiverdes o desejo de seguir alguém de grande ousadia, vede o estado de nossa fortuna; os deuses por quem este reino se mantém, todos daqui partiram, deixando seus santuários e sacrários; apressai-vos em socorrer uma cidade em chamas; que morramos, então, mas no calor da luta. Desespero em se salvar, por um meio ou por outro, é a única segurança para os derrotados” (Virgílio, *Eneida* 2, c. linha 350 [Lonsdale e Lee, 104]).

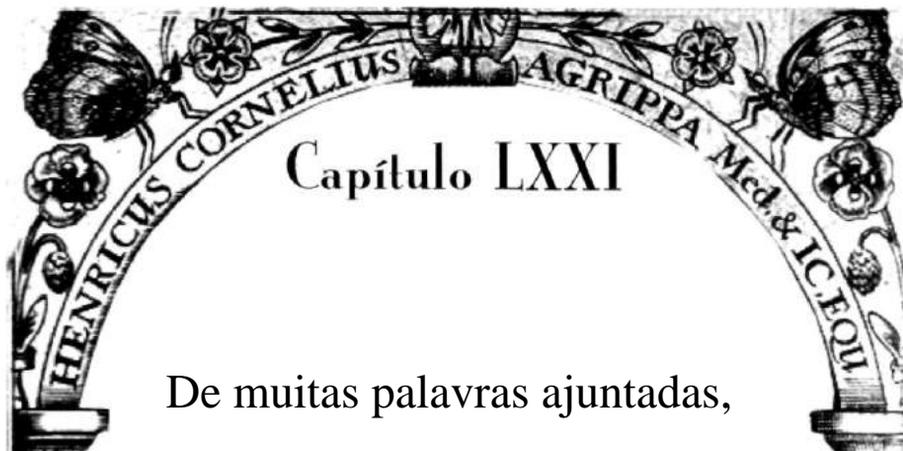
7. O ditador romano Camilo (396 a.C.) no acampamento sob as muralhas de Veii sitiada, pouco antes do ataque romano àquela cidade:

“Apolo Píton”, ele rogou, “guiado por você e inspirado por seu sopro divino, eu parto para a destruição de Veii e prometo lhe dar uma décima parte dos espólios. Rainha Juno, para você também eu rezo, para que saia dessa cidade onde hoje mora e siga seus exércitos vitoriosos à cidade de Roma, seu futuro lar, que a receberá em um templo digno de sua grandeza”(Tito Lívio, *Early History of Rome* 5.20 [Selincourt, 364]).

8. Nicolas Remy cita a maldição detalhada feita pelos romanos contra seus inimigos, que consta na *Saturnalia*, de Macróbio, 3.9:

“Ó Pai Dis, Sombra de Júpiter, ou qualquer outro nome, eu lhe imploro, encha de pânico, medo e terror toda a cidade e o exército que tenho em minha mente; e que todos os que se armarem contra nossas legiões e nosso exército, que você os confunda, confunda esses inimigos, seus homens e suas cidades e terras, e todos os que vivem nas terras e cidades desse lugar e distrito; tire deles a luz do céu; amaldiçoe e dizime o exército do inimigo, suas cidades e terras com a mais forte maldição já pronunciada contra um inimigo. Pela fé de meu ofício, eu os dou e consagro a você em nome do povo de Roma e nossos exércitos e legiões. Se realizar meus desejos, minha intenção e entendimento, que eu cumpra a minha parte. Como essas ovelhas negras, eu lhe imploro, Ó Júpiter.”

Quando invoca a Terra, ele toca o chão com as mãos. Quando invoca Júpiter, ergue as mãos para o Céu. E quando faz seu juramento, ele coloca as mãos sobre o peito (*Remy Demonolatry* 2.9, traduzido para o inglês por E. A. Ashwin [Londres: John Rodker, 1930 (1595)], 124).



De muitas palavras ajuntadas,
como em orações e versos, e das
virtudes e usos dos encantamentos



Além das virtudes das palavras e dos nomes, há também uma virtude maior encontrada nas frases, da verdade nelas contida, que tem um poder muito grande de imprimir, mudar, amarrar e estabelecer; de modo que, ao ser usada, brilha mais, e, ao ser resistida, é ainda mais confirmada e consolidada; virtude esta que não se encontra em meras palavras, mas em frases, pelas quais qualquer coisa é afirmada ou negada, como em versos, encantamentos,¹ imprecações,² deprecações,³ orações,⁴ invocações,⁵ obstestações,⁶ adjurações,⁷ conjurações⁸ e coisas do gênero.

Portanto, ao compor versos e orações para atrair a virtude de algum astro, ou divindade, considere diligentemente que virtudes tal astro contém, bem como que efeitos e quais operações, antes de inferi-las em versos, louvando-as, exaltando-as, ampliando-as, e considere também as coisas que tal astro tende a provocar com sua influência, vilificando e evitando

aquelas coisas que o mesmo astro tende a destruir obstruir, suplicando e implorando aquilo que você deseja obter, condenando e detestando o que gostaria de ver destruído e obstruído, e, do mesmo modo, pode-se fazer uma elegante oração, devidamente distinta por artigos, com competentes números e proporções.

Além disso, magos determinam que invoquemos e rezemos usando os nomes do mesmo astro, ou citando aquele a quem o verso pertence, por suas coisas maravilhosas, ou milagres, por seus percursos e caminhos em sua esfera, por sua luz, pela dignidade de seu reino, pela beleza e brilho nele presentes, por suas fortes e poderosas virtudes, e por outras coisas assim. Como *Psique* em *Apuleio*⁹ roga a *Ceres*, dizendo, Eu te suplico, por tua próspera mão direita, imploro-te pelas deliciosas cerimônias das colheitas, pelo plácido silêncio de teu peito, pelos carros alados dos dragões, teus servos, pelas rugas da terra siciliana, o coche devorador, a terra úmida, pelo lugar onde se desce aos porões nas

núpcias de luz de *Prosérpina* e retorna sob as maquinações de sua filha, e outras coisas que se ocultam em seu templo na cidade de Elêusis, em Ática.

Além disso, com os diversos nomes dos astros, eles nos recomendam invocá-los também pelos nomes das inteligências que regem os próprios astros, de que falaremos mais depois. Quem desejar mais exemplos, pode procurar nos hinos de Orfeu, pois nada é mais eficaz em magia natural, desde que dentro das circunstâncias conhecidas pelos homens sábios, desde que seja tudo usado de acordo com a devida harmonia, com toda atenção.

Mas voltando agora ao nosso propósito. Esses versos, se usados com aptidão e feitos de acordo com a regência dos astros, sendo eles cheios de significados e pronunciados com veemente afeição, de acordo com o número e a proporção de seus artigos, bem como com a forma resultando dos artigos, pela violência da imaginação, conferem um grande poder ao encantador e, às vezes, o transferem para a coisa encantada, com a finalidade de amarrá-la e dirigi-la para o mesmo fim para o qual as afeições e as falas do encantador são pretendidas.

Ora, o instrumento¹⁰ dos encantadores é um espírito harmônico puro, caloroso, vivente, vivo, trazendo consigo: movimento, afeição e significado, composto de suas partes, dotado de sentido e concebido pela razão. Assim, pela qualidade desse espírito e por sua semelhança celestial, além daquelas já mencionadas, os versos, também no tempo oportuno, recebem do alto as mais excelentes virtudes, de fato mais sublimes e eficazes que os espíritos, e vapores, exalando da vida vegetal, de ervas, raízes, gomas, coisas aromáticas e fumaças, e coisas assim. Por isso, quando os magos encantam as coisas são propensos a soprar e respirar¹¹ sobre elas as palavras do verso, ou inalar a virtude com o espírito, para que toda a virtude da alma seja dirigida para a coisa encantada, disposta a receber a referida virtude.

Observemos aqui que toda oração, toda escrita e toda palavra, induzindo movimentos costumeiros por seus costumeiros números, proporções e formas, também pronunciadas fora de sua ordem usual, ou escritas de trás para diante,¹² produzem efeitos incomuns.

Notas - Capítulo LXXI

1. Encantações; fórmulas de palavras ditas ou cantadas para um efeito mágico.
2. Preces para invocar uma divindade ou espírito.
3. Preces para evitar o mal.
4. Preces de súplica a Deus.
5. Apelos chamando a presença ou o poder de divindades ou espíritos.
6. Súplicas ou rogos por meio de nomes sagrados, chamando Deus ou outros agentes espirituais para testemunhar.
7. Renúncias ou cancelamentos de juramentos ou pactos.
8. Constringir ou impelir espíritos por juramentos.
9. Ó grande e sagrada Deusa, a ti imploro por tua abundante e liberal mão direita, pelas deliciosas cerimônias de tua colheita, pelos segredos de teu Sacrifício, pelos carros alados de teus dragões,

pela lavoura do solo de Sicília, que tu Criaste, pelo casamento de Prosérpina, pela diligente inquirição de tua filha e pelos outros segredos que se encerram no templo de Elêusis na terra de Atenas...” (Apuleio, *O asno de ouro* cap. 22 [Adlington]).

10. A respiração articulada.

11. Por isso, os jogadores sopram nos dados para dar sorte, e os xamãs cantam bem perto do doente pra que seu hálito toque o paciente.

12. Escrever ou falar palavras mágicas de trás para diante inverte os efeitos.



Do fantástico poder dos encantamentos



izem que o poder dos encantamentos e dos versos é tão grande que se acredita que eles podem subverter quase toda a natureza. E dizia *Apuleio*¹ que, com um sussurro mágico, os rios reverterem seu curso, o mar é agitado, os ventos sopram em harmonia, o Sol para de brilhar, a Lua fica clara, as estrelas são tiradas de lugar, o dia é restringido, a noite é prolongada. De tais coisas, canta *Lucano*:²

O curso de todas as coisas se deteve, a noite

Foi prolongada, e muito demorou para que a luz voltasse; E o impetuoso mundo ficou estupefato, enquanto

Tudo isso acontecia ante a expressão de um verso -

E um pouco antes:³

Versos tessálios penetraram seu coração, Nele atizando o maior calor de amor.

E em outro lugar:⁴

Nenhum veneno tendo ele tomado, Mesmo assim seu juízo se perdeu, encantado -

Também *Virgílio* em *Damon*:⁵

Feitiços podem trazer do céu a Lua, Os feitiços de Circe transformaram os homens de Ulisses. Uma cobra fria encantada irrompeu na grama

E em outro lugar:⁶

Encantamentos são capazes de atrair o milho do milharal vizinho.

E *Ovídio*, em seu livro *sine titulo*,⁷ diz:

Com encantamento, a moribunda

Ceres morre,

E todas as fontes se secam,

E as bolotas dos carvalhos, e as uvas e as maçãs

Encantadas das árvores caem.

Se tais coisas não acontecessem de fato, não haveria estatutos penais rigorosos contra aqueles que enfeitiçam ou encantam frutas. E *Tibullus* fala⁸ de uma certa feiticeira:

Aquela que atraía as estrelas do céu, E revertia o curso dos rios, eu observei,

Ela divide a terra e chama fantasmas dos sepulcros, E dos fogos ela tira ossos

E a bel-prazer espalha as nuvens
no ar,
E faz nevar no calor do verão.

De tudo isso parece gabar a
feiteira em *Ovídio*,⁹ quando diz:

... fazer, à minha vontade, regatos
retornarem às suas nascentes, enquanto
suas margens os assistiam,
assombradas; vocês já me viram
acalmar o mais bravio dos oceanos,

Agitar águas calmas, afastar nuvens
Ou juntá-las, exilar ventos, Chamá-los
de volta; vocês já me viram quebrar as
presas Das serpentes com meus
encantamentos e feitiçarias, Arrancar
rochas do chão, carvalhos, Mover
florestas, sacudir montanhas, fazer a
terra tremer, Chamar espíritos das
tumbas. Eu posso fazer a Lua Ficar
escura

[*Metamorfoses*, p. 138 © Madras
Editora Ltda.].

Além disso, todos os poetas
cantam e os filósofos não negam que por
meio de versos muitas coisas fantásticas
podem ser feitas, como remover milho,
produzir relâmpagos, curar doenças e
outras. Pois o próprio *Cato*, nas *Questões
do Campo*, usou alguns encantamentos
contra as doenças dos animais, ainda
encontrados em seus escritos. Também
Josephus atesta¹⁰ que Salomão era
habilidoso nesse tipo de encantamento.
Também *Celsus Africanus* relata,¹¹
segundo a doutrina egípcia, que o corpo
do homem, de acordo com o número das
faces¹² dos signos do zodíaco, é cuidado
por 36 espíritos, cada um defendendo e
zelando por sua parte, e cujos nomes eles
invocam com uma voz peculiar e, uma
vez invocados, restauram a saúde, por
meio de encantamentos, das partes
doentes do corpo.

Notas - Capítulo LXXII

1. Certamente, essa história é verdadeira quando um homem diz que, por feitiçaria e encantamento, as inundações podem ser desviadas de curso, os mares podem ser aplacados, o vento cessar, o Sol se deter em seu caminho, a Lua ser purgada para iluminar ervas e árvores para servirem a propósitos mágicos: as estrelas atraídas do céu, o dia escurecer, e a noite escura se prolongar. (Apuleio, *O asno de ouro*, cap. 1 [Adlington]) Lucano explica um pouco mais essa prática de purgar a Lua: Lá, também [na Tessália], pela primeira vez as estrelas foram atraídas pelo impetuoso céu; e a serena Febe, abalada pelas nefastas influências de suas palavras, empa lideceu e queimou em chamas fuscas e terrosas, como se a terra a impedisse de refletir seu irmão e impusesse sua sombra entre as chamas celestiais; e, assolada por feitiços, ela passa por labores tão grandes até se aproximar e enviar sua espuma sobre as ervas, lá embaixo (Lucano, *Pharsalia* 6, linha 499 [Riley, 232-3]).

2. “O curso das coisas é detido e retardado pela longa noite, o dia se interrompe. O céu não obedece às leis da natureza; e, ao ouvir os feitiços, o mundo inteiro fica paralisado; Júpiter, também, em seus ímpetos, espanta-se que as hastes do mundo não se movam, impelidas por seus rápidos eixos” (*Ibid.*, linha 461 [Riley, 231]). Quanto à noite longa, Lucano escreve: “...as sombras da noite foram redobradas pela arte dela [de Erichto], como que envoltas ao redor de sua medonha cabeça, enquanto ela caminha em uma nuvem túrbida entre os corpos dos abatidos, expostos, sem sepulcro” (*Ibid.*, linha 624 [Riley, 237]). E mais adiante: “Os céus se mantiveram em luz, até que eles [Erichto e Sexto Pompeu] chegassem sãos e salvos às tendas, quando então a noite foi ordenada a deter o dia, oferecendo sua densa escuridão” (*Ibid.*, linha 828 [Riley, 248]).

3. “Pelos encantamentos das bruxas da Tessália, um amor não induzido pelos Destinos entrou em corações endurecidos; e homens sérios, já velhos, sentem acender em si chamas ilícitas” (Lucano, *Pharsalia* 6, linha 451 [Riley, 230]).

4. “A mente, não poluída pela corrupção de venenos bebidos, perece por força de feitiços” (*Ibid.*, linha 457 [Riley, 230]).

5. “Uma canção tem o poder de atrair a Lua do céu; cantando, Circe transformou a tripulação de Ulisses; por uma canção, a cobra pegajosa explode em meio à grama” (Virgílio, *Éclogas* 8, c. linha 67 [Lonsdale e Lee, 26]). Damon é um pastor cantor mencionado nessa écloga, mas na verdade quem canta essas linhas é o pastor Alphisiboeus.

6. “... com frequência, eu já o vi [Moeris] invocar espíritos do fundo da sepultura e atrair milho semeado em outros campos” (*Ibid.*, c. linha 100).

7. Amores 3.7, linhas 31-4.

8. Eu já a vi atrair as estrelas do céu; ela muda o curso do relâmpago com suas encantações; faz rachar a terra, traz de volta as almas dos sepulcros e invoca os ossos da pilha ainda em brasa. Ora ela faz as hostes infernais voarem ao seu redor com seus gritos mágicos, ora as manda embora, borrifando sobre elas leite. Quando quer, ela afasta as nuvens do céu sombrio; quando quer, chama neve no verão com uma palavra de sua boca. Dizem que possui todas as ervas malignas conhecidas de Medeia e que já submeteu à sua vontade os ferozes cães de Hécate. Essa bruxa compôs para mim cânticos com os quais todos os olhos podem ser enganados (Tibullus “Elegias” 1.2. *Poems of Catullus and Tibullus*, traduzido para o inglês por W. K. Kelly [Londres: George Bell and Sons, 1884], 111).

9. Quem fala aqui é Medeia:

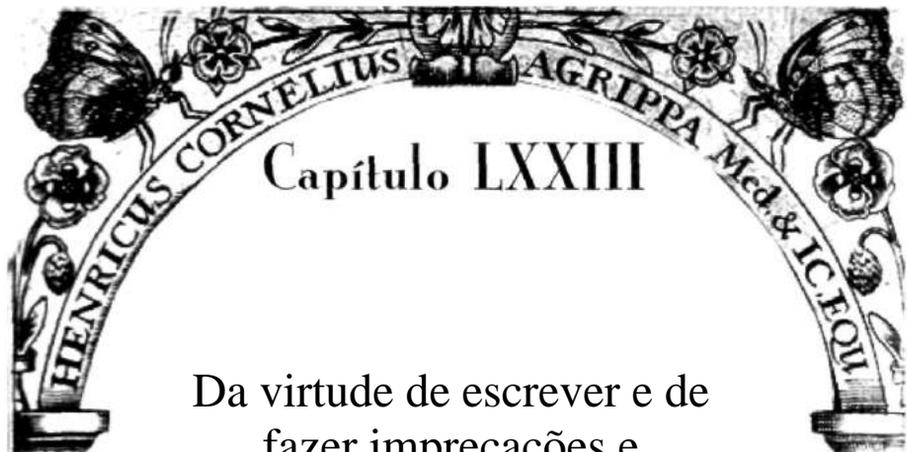
Ó noite, o mais verdadeiro dos mistérios, ó estrelas,
 Cujo ouro, junto com a prata da Lua brilha e segue
 As chamas do dia, ó Hécate, deusa tripla,
 Testemunha e patrocinadora das artes mágicas e dos encantamentos,
 Ó ventos, ó brisas, ó regatos, ó montanhas,
 Ó lagos, ó bosques, ó deuses dos bosques, ó deuses
 Da noite, venham, me ajudem, me ajudem, me ajudem!
 Vocês já me viram
 Fazer, à minha vontade, regatos retornarem às suas nascentes,
 Enquanto suas margens os
 Assistiam, assombradas; vocês já me viram acalmar
 O mais bravo dos oceanos,
 Agitar águas calmas, afastar nuvens
 Ou juntá-las, exilar ventos,
 Chamá-los de volta; vocês já me viram quebrar as presas
 Das serpentes com meus encantamentos e feitiçarias,
 Arrancar rochas do chão, carvalhos,
 Mover florestas, sacudir montanhas, fazer a terra tremer,
 Chamar espíritos das tumbas. Eu posso fazer a Lua
 Ficar escura, tirar o brilho do carro do Sol com meu canto,
 Empalidecer a Madrugada com meus venenos.
 [*Metamorfoses*, p. 138 © Madras Editora Ltda.]

10. Também permitiu que ele [Salomão] aprendesse a técnica de expulsar demônios, que é uma ciência útil e saudável para os homens. Ele compunha encantações também para aliviar indisposições. E nos legou o método de usar o exorcismo, meio pelo qual se afastam demônios para que nunca retornem, e que tem grande força até hoje...” (Josephus, *Antiquities of the Jews* 7.2.5 [Whiston, 194]).

11. Celsus diz ainda: “Qualquer um que pergunte aos egípcios descobrirá que tudo, até mesmo as coisas mais insignificantes, é atribuído aos cuidados de determinado demônio. O corpo do homem é dividido em 36 partes, e o mesmo número de poderes é atribuído a cada uma, embora alguns afirmem que o número é muito maior. Todos esses demônios têm nomes distintos na

língua daquele país; Chnuoumen, Chnachuoumen, Cnat, Sicat, Biou, Erou, Erebiou, Ramanor, Reianoor e outros nomes egípcios. Além disso, eles os invocam e são curados de doenças em partes específicas do corpo” (Orígenes, *Against Celsus* 8.58. In *The Ante-Nicene Fathers* [Buffalo: Christian Literature Publishing Company, 1885], 4:661]).

Ver Budge, 1904, 2:19, sec. 14, em que são mencionados nomes egípcios de decanos, suas imagens e seus nomes gregos equivalentes. Uma descrição dos espíritos dos decanos aparece no grimório *Picatrix*. Por exemplo, os três decanos de Áries são “um enorme homem escuro com olhos vermelhos, segurando uma espada e vestindo um traje branco”, “uma mulher vestida de verde e sem uma perna” e “um homem segurando uma esfera dourada e vestido de vermelho” (McIntosh, 1985, citado em Yate 1964, 53). Agrippa conhecia o *Picatrix*. 12. Decanos.



Da virtude de escrever e de fazer imprecações e inscrições

 uso de palavras e falas deve expressar o íntimo da mente e daí atrair os segredos dos pensamentos e declarar a vontade do orador. Ora, a escrita é a última expressão da mente, a representação da fala e da voz, também a coletânea, o estado, fim, continuação e interação, criando um hábito que não é aperfeiçoado com o ato da voz. E tudo aquilo que se encontra na mente, na voz, na palavra, na oração e na fala, em tudo, também está na escrita. E como tudo o que se concebe na mente é exprimido pela voz, também tudo o que se exprime é escrito.

Assim, portanto, os magos recomendam que em todo trabalho existam imprecações e inscrições, por meio das quais o operador pode expressar sua afeição: se, por exemplo, ele apanhar uma erva ou uma pedra, que declara o uso que terá para ela; se fizer uma gravura, que diga e escreva sua finalidade. Dessas imprecações e

inscrições *Alberto* fala em seu livro *Speculum*,¹ não as reprovando, pois sem elas nossas obras nunca seriam realizadas; uma vez que não é a disposição que causa um efeito, mas sim o ato da disposição.² Também vemos o mesmo tipo de preceito sendo usado pelos antigos, como testifica *Virgílio*,³ quando canta:

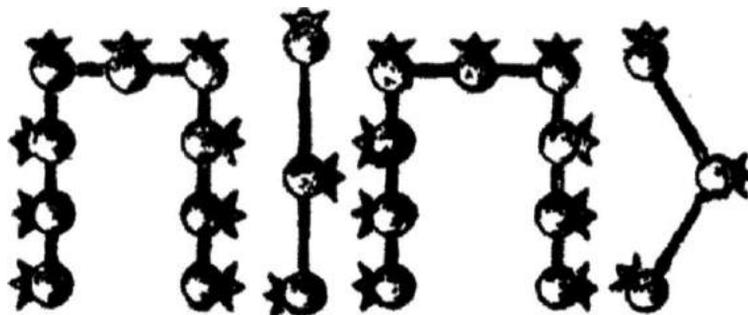
Ando com estes fios,
Que três são, em número,
Em volta dos altares, três vezes,
em torno de tua imagem, passo.
E um pouco mais adiante:⁴
Nós, Amarílis, faze-os! De três cores
E, então, dize, estes nós a Vênus eu
faço.
E no mesmo lugar:⁵
Assim como o fogo endurece esta
argila,
E amolece a cera, o mesmo Dafne
fazia com o amor.

Notas - Capítulo LXXIII

1. *Speculum astronomiae*, uma obra atribuída a Alberto Magno. Quanto à autenticidade da obra, ver o artigo de Lynn Thorndike em *Speculum* 30 (1955), 413-33.

2. Um princípio muito importante na magia prática. Não é a conjunção casual das coisas que libera poder, mas sua junção deliberada por um ato voluntário.

3. Primeiro, passo esses três fios de cores diferentes em torno de ti e três vezes circundo esses altares em torno de tua imagem; em um número desigual, o céu se deleita. Atrai Dafne, canção minha, atrai Dafne. Amarflis, em três nós três cores eu entrelaço; entrelaça-as, Amarflis, eu te rogo, e dize estas palavras: “As faixas de Vênus eu entrelaço”. Atrai Dafne, canção minha, atrai Dafne. Assim como no mesmo fogo endurece essa argila e amolece essa cera, assim também Dafne amolece para mim o amor, enquanto para outro o endurece (*Virgílio, Éclogas* 8, c. linha 70 [Lonsdale e Lee, 26]).

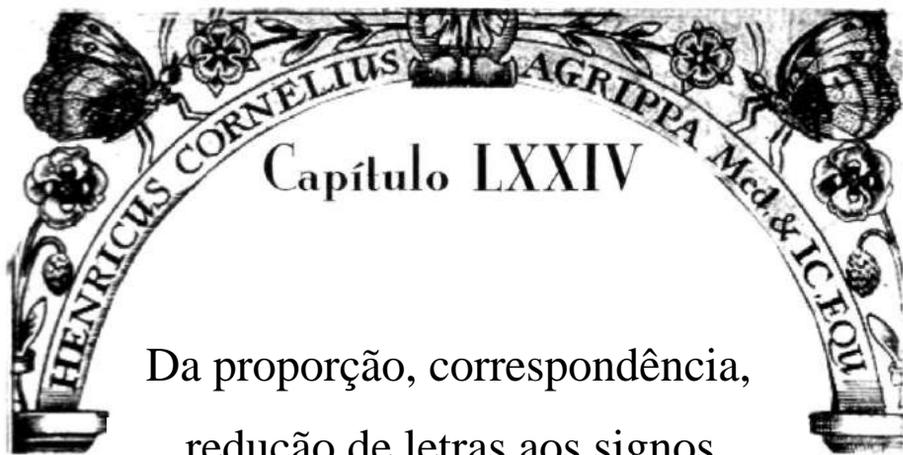


Tetragrammaton escrito nas estrelas

Extraído de Dogme et Rituel de la Haute Magie, de Eliphas Levi (Paris, 1855-6)

4. Ver nota anterior.

5. Ver nota anterior.



Da proporção, correspondência,
redução de letras aos signos
celestiais e planetas, de acordo com
várias línguas,
com uma tabela ilustrativa



Deus deu ao homem uma mente e uma voz, as quais (segundo *Mercúrio Trismegisto*)¹ são consideradas um dom da mesma virtude, poder e imortalidade. O Deus onipotente, por sua providência, dividiu a fala do homem em diferentes línguas; línguas estas que, de acordo com sua diversidade, receberam caracteres próprios para a sua escrita, consistindo em determinada ordem, número e figura, não dispostos por acaso não pelo fraco julgamento do homem, mas por determinação do alto, sendo por isso compatíveis com os corpos celestiais e divinos e suas virtudes. Mas, antes de qualquer outra forma de linguagem, a escrita dos hebreus é a mais sagrada nas figuras de caracteres, pontos de vogais e marcas de acentuação, bem como em conteúdo, forma e espírito.

Sendo a posição das estrelas determinada em primeiro lugar como o trono de Deus, que é o céu, é de

acordo com elas² (como testificam os mestres hebreus) que são formadas as letras dos mistérios celestiais, bem como sua figura, forma e significado, e por números são representadas, também em sua variada harmonia e conjunção. É assim que os mais curiosos entre os hebreus, por meio da figura de suas letras, formas de caracteres e assinatura, simplicidade, composição, separação, curvatura, direção, defeito, proliferação, grandeza, pequenez, abertura e fechamento, ordem, transmutação, junção, revolução de letras e pontos e marcas³ e pela suputação de números, conseguem explicar todas as coisas, como elas procedem da Causa Primeira e são por fim reduzidas novamente a ela.⁴ Além disso, eles dividem as letras do alfabeto hebraico em 12 simples, sete duplas e três mães, que segundo eles significam o caráter das coisas, os 12 signos e os três elementos - Fogo, Água, Terra -, não considerando o Ar um elemento, mas sim

uma espécie de cola e espírito dos elementos.⁵ A estes também eles acrescentam pontos e marcas: sendo que, pelos aspectos dos planetas e signos, aliados aos elementos, o espírito operante e a verdade, nos quais todas as coisas foram e são criadas, seus nomes designados, como determinados signos e veículos das coisas, que são explicadas, levando consigo a todo lugar sua essência e suas virtudes.

Os profundos significados e os signos são inerentes aos caracteres e figuras, bem como aos números, lugar, ordem e revolução; nesse sentido, *Orígenes*⁶ pensava que todos os nomes trazidos para outro idioma não retinha sua virtude essencial. Pois só os nomes originais, devidamente impostos e contendo o significado certo, têm uma atividade natural: o mesmo não se dá com aqueles de significado aleatório, sem atividade, embora tenham algum significado e algumas coisas naturais em si.

Ora, se existe um original, cujas palavras possuem significação natural, este é o idioma hebraico, cuja ordem, aquele que observar com atenção e profundidade e souber identificar proporcionalmente suas letras, terá uma regra exata para discernir qualquer idioma. Há, portanto, 22 letras que são a fundação do mundo e das criaturas nele existentes e nomeadas; toda frase e toda criatura são feitas delas e, por meio de sua revolução, recebem seus nomes, seu ser e sua virtude.

Por isso, aquele que as discernir, deve, a cada junção de letras, examiná-las por tempo suficiente até a própria voz de Deus se manifestar e até a estrutura das letras mais sagradas se abrir e ser descoberta. Daí as vozes e as palavras terem sua eficácia

em trabalhos de magia: pois onde a natureza exerceu sua eficácia mágica pela primeira vez foi na voz de Deus. Mas entramos aí em especulações que não cabem neste livro.

Voltando à divisão das letras, os hebreus consideram três mães,⁷ א, sete duplas,⁸ בגדכפתת, e 12⁹ letras simples אבגדהוזחטיךקש. A mesma regra existe entre os caldeus; e, pela imitação dessas regras, também as letras de outras línguas são distribuídas entre os signos, planetas e elementos, segundo sua ordem.

Pois as vogais da língua grega, ΑΕΗΙΟΥΩ, respondem aos sete planetas, ΒΓΔΖΑΜΝΠΡΣΤ são atribuídas aos 12 signos do zodíaco, as outras cinco, ΘΞΦΧΨ, representam os quatro elementos e o Espírito do Mundo. No latim, existe a mesma significação das letras: pois as cinco vogais A E I O U, e as consoantes J e V, são atribuídas aos setes planetas; mas as consoantes B C D F G L M N P R S T correspondem aos 12 signos. A aspiração de H representa o Espírito do Mundo. Sendo Y uma letra grega, e não latina, que serve apenas para as palavras gregas, segue a natureza de seu idioma.¹⁰

Isso é algo e você não deve ignorar, que é observado por todos os homens sábios: que as letras hebraicas são as mais eficazes de todas, porque possuem a maior semelhança com os celestiais e o mundo, e que as letras das outras línguas não são tão eficazes porque são mais distantes deles. Quanto à disposição delas, a tabela (p. 352) a seguir explicará.¹¹

Todas as letras também têm números duplos, isto é, estendidos, que expressam simplesmente de que número são as letras, de acordo com sua ordem; e coletados, ou seja, coletam

em si os números de todas as letras anteriores.¹² Além disso, elas têm também números integrais,¹³ que resultam dos nomes das letras, de acordo com seus vários modos de numeração. Aquele que compreender a virtude desses números será capaz de desvendar fantásticos mistérios em

todas as línguas, por suas letras, além de poder falar do que aconteceu no passado e prever coisas futuras.

Existem ainda outras junções misteriosas de letras com números, mas discutiremos melhor o tema nos livros seguintes: e agora é o momento de encerrarmos o primeiro livro.

Notas - Capítulo LXXIV

1. São duas as dádivas que Deus concedeu ao homem e a nenhuma outra criatura. São elas a mente e a voz; e o dom da mente e da voz equivale ao da imortalidade. Se um homem usar essas duas dádivas de modo correto, em nada será diferente dos imortais; ou melhor, será diferente deles apenas nisto: ter um corpo na terra; e quando ele abandona o corpo, a mente e a voz serão seus guias, e por elas ele será conduzido ao exército dos deuses e das almas que alcançaram a glória (Poimandres 12(e), 12 [Scott, 1:231]).

2. A forma das letras hebraicas baseia-se nas constelações. Ver nota 2, cap. LI, l. II.

3. O alfabeto hebreu não contém vogais. As letras são acentuadas com pontos e pequenas marcas, para indicar a pronúncia.

4. O significado místico deriva de palavras aparentemente mundanas, aplicando-se certas técnicas da Cabala prática, que são descritas no apêndice VII.

5. Primeiro, o Espírito do Deus dos vivos; abençoados e mais que abençoados pelo Deus Vivente das eras. A Voz, o Espírito e a Palavra, estes são o Espírito Santo. Segundo, do Espírito Ele produziu Ar e nele formou 72 sons - as letras; três são mães, sete são duplas e 12 são simples; mas o Espírito está antes e acima delas. Terceiro, do Ar Ele formou as Águas, do informe e do vazio fez o barro e a argila, e sobre ele criou superfícies, e neles esculpiu recessos e formou a forte fundação material. Quarto, da Água Ele formou o Fogo e fez para Si um Trono de Glória com Aufanim, Serafim e Querubim como seus anjos ministrantes; e com estes três completou sua morada, assim como está escrito: “Que faz de seus anjos espíritos e de seus ministros um fogo ardente” (*Sepher Yetzirah* 1 [Westcott, 16-7]).

Talvez Agrippa tenha confundido a primeira emanção do Espírito com a segunda emanção do Ar. *O Livro da Formação*, citado acima, foi publicado pela primeira vez em latim por William Postei em 1552, e é difícil saber se Agrippa teve acesso a uma cópia manuscrita em hebraico ou latim.

6. E ainda na questão dos nomes, nós temos de mencionar aqueles que são habilidosos no uso de encantações, relatam que a recitação da mesma encantação em sua língua devida pode realizar o que o encantamento alega fazer; mas, quando traduzida em qualquer outra língua, observa-se que ela se torna ineficaz e fraca. Portanto, não são as coisas em si, mas as qualidades e peculiaridades das palavras, que possuem um certo poder para esse ou aquele propósito (*Orígenes, Against Celsus* 1.25. In *The Ante-Nicene Fathers*, 4:406-7).

7. Ver a tabela do alfabeto hebraico no apêndice VII. As três mães citadas por Agrippa não batem com as do *Sepher Yetzirah*:

As três mães são Aleph, Mem e Shin - Ar, Água e Fogo. A Água é silenciosa, o Fogo é sibilante e o Ar derivado do Espírito é como a língua de equilíbrio entre esses opostos que se encontram em equilíbrio, reconciliando e meditando entre ele. (*Sepher Yetzirah* 2.1 [Westcott, 18]).

Ver também cap. 3 de *Sepher Yetzirah*.

8. “As sete letras duplas - Beth, Gimel, Daleth, Kaph, Peh, Resh e Tau - têm, cada uma, dois sons a elas associados. Referem-se a Vida, Paz, Sabedoria, Riqueza, Graça, Fertilidade e Poder. Os dois

| Sinais astroológicos | Letras hebraicas | Sinais quiromânticos | Letras gregas | Letras latinas |
|-------------------------|---------------------|-------------------------|------------------|-------------------|
| ♄ | ב | β | Β | B |
| ♅ | ג | γ | Γ | C |
| ♆ | ד | δ | Δ | D |
| ♇ | ז | ζ | Ζ | F |
| ♈ | ח | η | Η | G |
| ♉ | ט | θ | Θ | L |
| ♊ | י | ι | Ι | M |
| ♋ | כ | κ | Κ | N |
| ♌ | ל | λ | Λ | P |
| ♍ | מ | μ | Μ | R |
| ♎ | נ | ν | Ν | S |
| ♏ | ס | ξ | Ξ | T |
| ♐ | ע | ο | Ο | A |
| ♑ | פ | π | Π | E |
| ♒ | ק | ρ | Ρ | H |
| ♓ | ר | σ | Σ | I |
| ♈ | ש | τ | Τ | O |
| ♉ | ת | υ | Υ | U |
| ♊ | י | φ | Φ | J consoante |
| ♋ | כ | ψ | Ψ | V consoante |
| ♌ | ל | ω | Ω | K |
| Terra | נ | ρ | Θ | K |
| Água | י | ο | Ξ | Q |
| Aer | | | Φ | X |
| Fogo | י | σ | Χ | Z |
| Espírito | | | ψ | H |

sons de cada letra são o grave e o suave - aspirado e suavizado. Elas são chamadas de duplas porque cada letra apresenta um contraste ou permutação; ou seja, Vida e Morte; Paz e Guerra; Sabedoria e Estupidez; Riqueza e Pobreza; Graça e Indignação; Fertilidade e Solitude; Poder e Servidão” (*Sepher Yetzirah* 4.1) [Westcott, 22]).

Há muita controvérsia a respeito da correta concordância entre as sete letras duplas e os planetas. Se partirmos do pressuposto de que a ordem dos planetas mencionada no cap. 4, sec.4 do *Sepher Yetzirah*, é paralela à ordem das letras (do que não temos a menor certeza), temos a seguinte disposição: Beth - Sol; Gimel - Vênus; Daleth - Mercúrio; Kaph - Lua; Peh - Saturno; Resh - Júpiter; Tau - Marte. Essa deve ter sido a linha de raciocínio de Kircher, que usou essa atribuição (ver nota 40 cap. 4, *Sepher Yetzirah* [Westcott, 46]). Deve-se observar que os planetas são apresentados no *Sepher Yetzirah* em sua ordem antiga, de acordo com a velocidade aparente de movimento no céu - Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio, Lua -, mas essa lista é dividida em duas partes para que o Sol fique por cima. Se a ordem original dos planetas fosse restaurada, é possível que surgisse uma atribuição oculta dos planetas às sete letras duplas: Beth - Lua; Gimel - Mercúrio; Daleth - Vênus; Kaph - Sol; Peh - Marte; Resh - Júpiter; Tau - Saturno.

9. As 12 letras simples, ou únicas, de Agrippa não batem com as do *Sepher Yetzirah*:

As 12 letras simples são Heh, Vau, Zain, Cheth, Teth, Yod, Lamed, Nun, Samech, Oin [Ayin], Tzaddi e Qoph; elas são as fundações destas 12 propriedades: Visão, Audição, Olfato, Fala, Paladar, Amor Sexual, Trabalho, Movimento, Raiva, Alegria, Imaginação e Sono. Essas 12 também são atribuídas às direções no espaço: nordeste, sudeste, leste para cima; leste para baixo, norte para cima, norte para baixo, sudoeste, noroeste, oeste para cima, oeste para baixo, sul para cima e sul para baixo; elas divergem ao infinito e são os braços do Universo. (*Sepher Yetzirah* 5.1 [Westcott, 25])

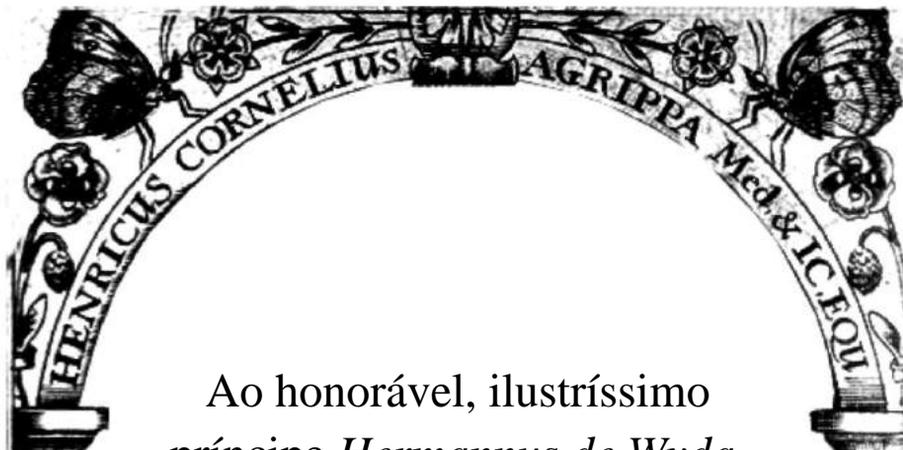
A atribuição das 12 letras simples aos signos do zodíaco não aparece explicitamente no *Sepher Yetzirah*, mas a maioria das fontes usa as letras na ordem natural, começando com Heh para Áries, Vau para Touro, e assim por diante. Essa é a prática moderna.

10. A letra Y não está incluída na lista das letras latinas.

11. Eu corrigi os erros na tabela, e para evitar confusão tomei a liberdade de apresentar a última vogal latina, citada por Agrippa como V, na forma moderna de U; e também mudei a primeira consoante I para J.

12. O número estendido parece ser a posição da letra no alfabeto - por exemplo, Daleth teria o número estendido 4; o número coletado parece ser a soma do número estendido daquela letra e das letras precedentes - por exemplo, Daleth teria o número coletado $1 + 2 + 3 + 4 = 10$.

13. Qualquer letra hebraica pode ser escrita por extenso. Yod, que tem um valor de 10, pode ser escrita Yod-Vau-Daleth para um valor numérico de $10 + 6 + 4 = 20$.



Ao honorável, ilustríssimo
príncipe *Hermannus de Wyda*,
príncipe eleitor, duque de Westfália
e Angaria, lorde e arque-prelado de
Colônia e Paderbornia, seu bondoso
mestre *Henrique Cornélio Agrippa*
de Nettes-heyn deseja saúde

Eis então (ilustríssimo príncipe e honorável prelado!) o resto dos livros de Filosofia, ou Magia Oculta, que prometi à sua dignidade quando publiquei o primeiro deles: mas a súbita e quase inesperada morte da santa Margaret da Áustria, minha princesa, impedira-me de apresentá-lo.

E a perversidade de alguns sicofantas do púlpito e de alguns sofistas de escola, vociferando contra mim por uma declamação que fiz a respeito da Futilidade das Coisas¹ e da Excelência da Palavra de Deus e difamando continuamente com ódio, inveja, maldade e toda sorte de calúnia, impediram-me de lançar a obra;

com orgulho e a boca cheia, em alto e bom som, aspergiram-me com impiedade no tempo entre pessoas promíscuas. Outros, sussurrando, matreiros, de casa em casa, rua a rua, enchiam os ouvidos dos ignorantes com infâmia contra mim: outros em assembleias públicas ou privadas instigavam prelados, príncipes e o próprio César² contra mim.

Comecei a me perguntar se deveria apresentar o resto do livro ou não.' Embora duvidasse de que isso me exporia a maiores calúnias, como se pulasse da fumaça para o fogo, um certo medo se apoderou de mim de que, se eu publicasse os livros, minha pessoa pareceria mais ofensiva que oficiosa à Sua Alteza, expondo-o à

inveja dos piadistas maldosos e às línguas dos detratores.

Enquanto tais coisas me perturbavam ao desespero, a vivacidade de seu entendimento, sua discrição exata, sua presteza de julgamento, sua religião sem superstição e outras virtudes, conhecidas em sua pessoa, autoridade, integridade inquestionável, capaz de calar as línguas dos caluniadores, removeram minhas dúvidas e me incentivam à dedicação ao trabalho com mais coragem, o qual eu quase abandonara por desespero.

Portanto (ilustríssimo príncipe), receba boa parte deste segundo livro

de Filosofia Oculta, no qual mostramos os mistérios da magia celestial, todas as coisas reveladas e manifestas, que a experiente Antiguidade relaciona e que me vieram ao conhecimento; que os segredos da magia celestial (até agora negligenciada e não plenamente apreciada pelos homens de épocas posteriores) possam com sua proteção estar comigo, após mostrar as virtudes naturais, propostas àqueles que são estudiosos e curiosos por tais segredos: que aquele que disso se beneficiar dê graças à Sua Alteza, que deu a esta edição a liberdade de ser vista por todos.³

Notas - Hermannus de Wyda

1. *De incertitudine et vanitate scientiarum.*

2. Imperador Carlos V.

3. Hermannus de Wyda rebelara-se contra a autoridade da Igreja e era um reformista protestante, o patrono ideal para defender Agrippa em nome da liberdade de pensamento e protegê-lo da ira do clero conservador. Ver sua nota biográfica.